

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Liliana Fernandes da Conceição

Lisboa, abril de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Liliana Fernandes da Conceição

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, abril de 2012

Agradecimentos

Ao terminar o meu Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, não posso deixar de fazer alguns agradecimentos, pois foram vários os intervenientes que colaboraram, direta ou indiretamente, na elaboração do presente Relatório de Estágio Profissional e que me ajudaram a chegar até aqui, os quais merecem o meu reconhecimento e gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família pela força, ajuda e incentivo dados. Em especial aos meus pais pelo esforço que fizeram para tornarem possível o meu sonho profissional.

Um agradecimento sincero e reconhecido à Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho, minha orientadora. Obrigado pela excelente orientação, disponibilidade, força e aprendizagem que me deu ao longo da elaboração do Relatório Profissional, assim como os seus comentários e sugestões.

À Escola Superior de Educação João de Deus, ao seu corpo docente e em especial ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, pela ajuda e disponibilidade que sempre demonstraram ter, bem como pelo facto de me terem ajudado a crescer como profissional, podendo assim observar certas situações de uma forma mais autocrítica.

Agradeço também a todos os meus amigos, não podendo deixar de fazer um agradecimento especial à minha amiga Inês Torres, pela ajuda, disponibilidade, incentivo e principalmente, por ser a minha “madrinha de curso”.

Por fim, agradeço, a algumas colegas de curso e amigas que apesar de não mencionar os seus nomes, estas sabem a quem me refiro. Pois comigo partilharam muito do seu saber e me apoiaram e ajudaram ao longo destes anos.

A todos vós, o meu sincero agradecimento

ÍNDICE

Índice de Figuras	xii
Índice de Quadros.....	xvi
Introdução	1
1. Identificação do local de estágio	2
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	2
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional.....	3
4. Identificação do grupo de estágio.....	3
5. Metodologia utilizada	4
6. Pertinência do Estágio Profissional	5
7. Cronologia / Duração	6
CAPÍTULO 1 - Relatos Diários.....	11
1.1. 1. ^a Secção – Bibe Azul	12
1.1.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos cinco anos	12
1.1.2. Caracterização da Turma.....	12
1.1.3. Caracterização do Espaço	13
1.1.4. Rotina	14
1.1.5. Relatos Diários.....	18
1.2. 2. ^a Secção – Bibe Amarelo	34
1.2.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos três anos.....	34
1.2.2. Caracterização da Turma.....	35
1.2.3. Caracterização do Espaço	35
1.2.4. Rotina	36
1.2.5. Relatos Diários.....	37
1.3. 3. ^a Secção – Bibe Encarnado	53
1.3.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos quatro anos	53
1.3.2. Caracterização da Turma	54

1.3.3. Caracterização do Espaço	55
1.3.4. Rotina	55
1.3.5. Relatos Diários.....	57
1.4. 4.ª Secção – Seminário de contacto com a Realidade Educativa	73
1.5. 5.ª Secção – Bibe Verde (2.º Ano)	76
1.5.1. Caracterização da Turma.....	76
1.5.2. Caracterização do Espaço	77
1.5.3. Rotina	77
1.5.4. Relatos Diários.....	80
1.6. 6.ª Secção – Bibe Azul Claro (3.º Ano)	99
1.6.1. Caracterização da Turma.....	99
1.6.2. Caracterização do Espaço	99
1.6.3. Rotina	100
1.6.4. Relatos Diários.....	101
1.7. 7ª Secção – Bibe Castanho (1.º Ano)	118
1.7.1. Caracterização da Turma.....	118
1.7.2. Caracterização do Espaço	119
1.7.3. Rotina	119
1.7.4. Relatos Diários.....	121
1.8. 8.ª Secção – Bibe Azul Escuro (4.º Ano).....	139
1.8.1. Caracterização da Turma.....	139
1.8.2. Caracterização do Espaço	139
1.8.3. Rotina	139
1.8.4. Relatos Diários.....	141
CAPÍTULO 2 – Planificações	161
2.1. Descrição do Capítulo.....	162
2.2. Fundamentação Teórica.....	162
2.3. Planificações da Educação Pré-Escolar (Bibe Amarelo A)	166

2.4. Planificações do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º Ano A)	172
2.5. Planificações da Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional.....	178
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação	189
3.1. Descrição do Capítulo.....	190
3.2. Fundamentação Teórica	190
3.3. Primeiro dispositivo de avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	195
3.4. Segundo dispositivo de avaliação: Domínio da Matemática	199
3.5. Terceiro dispositivo de avaliação: Área do Conhecimento do Mundo.....	205
3.6. Quarto dispositivo de avaliação: Área da Língua Portuguesa	210
3.7. Quinto dispositivo de avaliação: Área da Matemática	214
3.8. Sexto dispositivo de avaliação: Área do Estudo do Meio.....	224
Reflexão final	231
1. Considerações Finais.....	232
2. Limitações	234
3. Novas Pesquisas.....	234
Referências Bibliográficas	237
Anexos.....	247
Anexo A – Regulamento Estágio Profissional - Modelo Bolonha	
Anexo B – Proposta de trabalho Bibe Azul	
Anexo C – Proposta de trabalho Bibe Encarnado (Domínio da Matemática)	
Anexo D – Proposta de trabalho Bibe Amarelo (Conhecimento do Mundo)	
Anexo E – Proposta de trabalho de 3.º Ano (Língua Portuguesa)	
Anexo F – Proposta de trabalho de 3.º Ano (Matemática)	
Anexo G – Proposta de trabalho de 4.º Ano (Estudo do Meio)	

Índice de Figuras

Figura 1 – Sala do Bibe Azul	13
Figura 2 – Horário do Bibe Azul.....	17
Figura 3 – Comboios	21
Figura 4 – Jogo	21
Figura 5 – O jogo dos sentimentos.....	22
Figura 6 – Uso de um dos sentidos - Olfato.....	24
Figura 7 – Ouvir informação importante sobre – O Tato.....	26
Figura 8 – Fantocheiro	27
Figura 9 – Realização do Doce de Abóbora	27
Figura 10 – Um menino diferente	28
Figura 11 – Ditado Gráfico	31
Figura 12 – Menina Castanha	32
Figura 13 – Construção da Camioneta com os Dons de Fröebel.....	33
Figura 14 – Horário do Bibe Amarelo	36
Figura 15 – Dez numa cama	39
Figura 16 - Chupas e Rebuçados.....	41
Figura 17 – Sequência com plasticina	42
Figura 18 – Cara com frutos.....	43
Figura 19 – Entrada na Exposição	45
Figura 20 – Experiências dos sentidos	45
Figura 21 – Mobile do Sistema Solar.....	49
Figura 22 – Expressão Plástica	49
Figura 23 – Demonstração do dia e noite	51
Figura 24 – Colega de Estágio a manipular o fantoche	52
Figura 25 – Habitação	52
Figura 26 – Conjuntos; Estruturação Espacial; Sequências; Operações	52

Figura 27 – Horário do Bibe Encarnado	56
Figura 28 – Calculadores Multibásicos	57
Figura 29 – Explicação do Carvão.....	62
Figura 30 – Desenho livre com carvão vegetal.....	62
Figura 31 – Erupção.....	63
Figura 32 – Conjuntos	64
Figura 33 – Expressão Plástica	65
Figura 34 – Concertos dos Flor de Lis.....	65
Figura 35 – Explicação dos tipos de relevo	66
Figura 36 – Construções com 3.º e 4.º Dons de Froebel	66
Figura 37 – Constituintes da Planta.....	67
Figura 38 – Matemática.....	68
Figura 39 – Jogo Salta e Pula até à flor.....	68
Figura 40 – Dramatização Fotossíntese	69
Figura 41 – Teoria de conjuntos com pétalas	70
Figura 42 – Carimbos.....	70
Figura 43 – Continentes e a sua contagem	71
Figura 44 – Jogo do Puzzle.....	71
Figura 45 – O Cuquedo = Bibe Encarnado.....	72
Figura 46 – Fundo do Mar	73
Figura 47 – Horário do 2.º Ano	79
Figura 48 – Carta do Esquilo Voador.....	83
Figura 49 – Banda Desenhada em formato A0.....	84
Figura 50 – Comparação de medidas de capacidade.....	85
Figura 51 – Apresentação da PRMO da divisão	88
Figura 52 – Sombras chinesas da história “Leão e o Rato”	91
Figura 53 – Ordenação do texto partido	93
Figura 54 – Área e perímetros das bandeiras.....	94

Figura 55 – Horário do 3.º Ano	100
Figura 56 – Jogo de tabuleiro sobre a crise de 1383/1385	106
Figura 57 – Plantação de algumas plantas.....	107
Figura 58 – Produção de brigadeiro	111
Figura 59 – Horário do 1.º Ano	120
Figura 60 – Aula sobre a roda dos alimentos	128
Figura 61 – Decoração do dia de <i>Halloween</i>	131
Figura 62 – Abóbora.....	131
Figura 63 – Máscaras.....	131
Figura 64 – Palavra escrita pelo aluno	132
Figura 65 – Correção da palavra através da cartilha	132
Figura 66 – Recordar as características das figuras geométricas.....	133
Figura 67/68 – Ilustração da lenda de S. Martinho	135
Figura 69 – Horário do 4.º Ano	140
Figura 70 – Barco com o 5.º Dom de Froebel.....	147
Figura 71 – Avião com o 5.º Dom de Froebel	147
Figura 72 – Material para trabalhar números complexos	156
Figura 73/74 – Representação de soma de números complexos (no quadro e com material não estruturado)	157
Figura 75 – Gráfico de Barras da avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem á Escrita	198
Figura 76 – Gráfico de Circular da avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem á Escrita	198
Figura 77 – Gráfico de Circular da avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	203
Figura 78 – Gráfico de Barras da avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	203

Figura 79 – Gráfico de Barras da avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	208
Figura 80 – Gráfico de Circular da avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	208
Figura 81 – Gráfico de Circular da avaliação do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa	213
Figura 82 – Gráfico de Barras da avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática	222
Figura 83 – Gráfico de Circular da avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática	223
Figura 84 – Gráfico de Barras da avaliação do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio.....	228
Figura 85 – Gráfico de Circular da avaliação do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio.....	229

Índice de Quadros

Quadro 1 – Duração do Estágio Profissional	7
Quadro 2 – Cronograma do Pré – Escolar (1.º Semestre)	8
Quadro 3 – Cronograma do 1.º Ciclo (2.º Semestre)	8
Quadro 4 – Cronograma do 1.º Ciclo (3.º Semestre)	9
Quadro 5 – Planificação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	166
Quadro 6 – Planificação no Domínio da Matemática	168
Quadro 7 – Planificação de Conhecimento do Mundo	170
Quadro 8 – Planificação de Língua Portuguesa	172
Quadro 9 – Planificação de Matemática	174
Quadro 10 – Planificação de Estudo do Meio	176
Quadro 11 – Organização da Prova Prática da Avaliação da Capacidade Profissional	178
Quadro 12 – Planificação de Estudo do Meio	179
Quadro 13 – Planificação de Língua Portuguesa.....	182
Quadro 14 – Planificação de Matemática	184
Quadro 15 – Planificação de Jogo.....	186
Quadro 16 – Escala de avaliação utilizada no âmbito do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	194
Quadro 17 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	196
Quadro 18 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	197
Quadro 19 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática.....	201
Quadro 20 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio de Matemática.....	202

Quadro 21 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	206
Quadro 22 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo	207
Quadro 23 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa....	211
Quadro 24 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa	212
Quadro 25 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação de Matemática	216
Quadro 26 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática.....	218
Quadro 27 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática.....	219
Quadro 28 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática.....	220
Quadro 29 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Matemática.....	221
Quadro 30 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação de Matemática	222
Quadro 31 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação de Estudo do Meio.....	225
Quadro 32 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio	226
Quadro 33 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio	227
Quadro 34 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação de Estudo do Meio.....	228

Introdução

No âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional, foi-nos proposta a elaboração de um Relatório de Estágio Profissional Modelo Bolonha, que teve início a 11 de outubro de 2010 e terminou a 27 de janeiro de 2012.

Este Relatório de Estágio Profissional é composto maioritariamente por reflexões fundamentadas sobre as práticas observadas, por nós planificadas e as rotinas das crianças que acompanhámos. Este acompanhamento foi realizado durante três dias/semana, sendo estes às segundas, terças e sextas-feiras, das 9h às 13h.

A Prática Pedagógica foi realizada no Jardim-Escola de Alvalade, no Pré-Escolar, na sala do Bibe Azul B (5 anos), Bibe Amarelo B (3 anos) e Bibe Encarnado B (4 anos). Ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico realizou-se na sala do, 2.º Ano A; 3.º Ano A; 4.º Ano A e 1.º Ano A. Esta será a nomenclatura que vou utilizar ao longo do meu relatório e que reflete a que é utilizada nos Jardins-Escola João de Deus.

De seguida, apresento a forma como o Relatório de Estágio Profissional se encontra organizado. Assim sendo, em primeiro lugar é realizada a identificação do local de estágio, depois é referida a estrutura do Relatório de Estágio Profissional, a importância da elaboração do mesmo, identificação do grupo do estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e, por fim, é apresentada a sua cronologia e duração.

1. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola João de Deus localizado em Alvalade, está especificamente situado na Rua Conde Arnosso 3 -1700 – 112 Lisboa. Este Jardim-Escola é um dos centros educativos da Associação de Jardim-Escola João de Deus, o qual, possui duas Diretoras, e tem valência em Creche, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O Jardim-Escola tem uma arquitetura moderna, sendo um edifício que possui quinze salas de aula, um salão, um ginásio, uma sala multiusos, uma biblioteca, uma secretaria, dois recreios, uma cozinha, três zonas de casa de banho para as crianças, uma para adultos e dois espaços exteriores (recreios).

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

No Capítulo 1 – Relatos Diários, estão os relatos de todas as práticas observadas, inferidos e apoiados cientificamente. Por cada dia, são registadas as rotinas da sala e as atividades realizadas, bem como as aulas das Educadoras e das nossas colegas, como também as atividades das crianças.

No Capítulo 2 – Planificações, são apresentados os planos das aulas por mim realizados. Estes encontram-se acompanhados por uma Planificação baseada no

Modelo T de Aprendizagem com as respetivas estratégias, assim como Inferências/Fundamentação Teórica e fundamentação científica sobre as mesmas.

Os dispositivos de avaliação elaborados durante o Estágio Profissional encontram-se no Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação. Estes referem-se ao nível da Educação Pré-Escolar inerentes a duas áreas: Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática. Ao nível do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, estes referem-se a três áreas: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Neste capítulo, também se encontram descritos os instrumentos de avaliação.

Por fim, no Capítulo 4 – Reflexão final, encontra-se a pertinência/importância do estágio profissional para a minha futura formação profissional, bem como as suas limitações.

Estão igualmente presentes as referências bibliográficas, onde me apoiei para efetuar as reflexões.

Este relatório vai ser redigido com o novo acordo ortográfico.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração do Relatório de Estágio Profissional serve como um momento de avaliação para ser possível a concretização do Mestrado e para me aprovar a exercer a profissão de docente no âmbito da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para isso, há que procurar, investigar, ler e estudar vários conteúdos/conceitos, ideias e processos importantes, que se encontram relacionados com interesse académico, de forma, a que mais tarde seja possível usar no nosso futuro profissional.

No entanto, todas as leituras, pesquisas e descobertas fizeram com que arranjasse formas rápidas e eficazes de fazer uma reflexão geral, obtendo assim uma visão mais realista dos acontecimentos.

Serve também de material de apoio, pois neste relatório já se encontram contempladas muitas das coisas que irão ter de ser realizadas enquanto docente, como por exemplo as rotinas, variadas atividades, entre outras. Assim, através deste documento poderei desenraizar soluções para aulas futuras, de modo, a me poderem auxiliar a solucionar problemas e construir novos projetos a nível profissional.

4. Identificação do grupo de estágio

O meu grupo de Estágio é constituído por três elementos. O grupo é formado por duas colegas (Joana Correia e Maria do Céu Lopes) e por mim.

Somos todas alunas do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para Korthagen (2001, citado em Flores e Simão, 2009):

deve-se promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares pois o apoio destes é muitas vezes mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas de formadores de professores, preparando-os para uma aprendizagem profissional contínua com os colegas (p.51).

O período do Estágio Profissional que cumprimos foi à segunda-feira, terça-feira e sexta-feira, entre as 9 e as 13 horas.

5. Metodologia Utilizada

A informação referida nos relatos diários, que serão apresentados no capítulo 1, foi recolhida através da metodologia da observação participante e análise documental.

Observação participante trata-se de uma observação direta, uma vez que foi realizada no próprio local e pelo facto de não terem sido utilizados quaisquer meios artificiais na recolha de dados.

Afonso (2005) define a observação como “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (p.91).

Carmo e Ferreira (1998) sistematiza “como o desempenho dos vários papéis o fez de algum modo participar na vida da população observada, dá-se a esta técnica o nome de observação participante” (p.107).

Na observação participante, o observador procura registar tudo o que ocorre na sala de aula, dando mais importância a determinados assuntos.

Segundo Alarcão (1996), “o objectivo último é obter um registo, o mais exaustivo possível, de modo a explicar o porquê e o para quê através de como” (p.111).

Para Quivy e Campenhoudt (2003) “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste de factos e confrontado com dados observáveis” (p.155). Os mesmos autores reforçam, o facto de a observação ser “uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro” (p.155).

Segundo Carmo e Ferreira (1998), a observação tem vantagens e limitações:

a possibilidade de entender profundamente o estilo de vida de uma população e de adquirir um conhecimento integrado da sua cultura é, sem dúvida, a sua principal vantagem.; como limitações dominantes salientam-se a morosidade que tal técnica exige e as dificuldades que levanta a uma posterior quantificação dos dados (p.108).

Quivy e Campenhoudt (2003) mencionam a existência de dois tipos de observação, a observação direta e a observação indireta. Referem que a observação direta “é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao sentido de observação” (p.164). Quanto à observação indireta, os mesmos autores mencionam que “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida directamente, sendo, portanto, menos objectiva” (p.164).

No entanto, em relação à análise documental, esta baseou-se em documentos fornecidos pelos professores cooperantes, ou seja, caracterização da turma, horários semanais, fotografias, bem como qualquer informação que necessitássemos para colocar ao longo do relatório.

Afonso (2005) refere-se à análise documental como sendo também uma “pesquisa arquivística” (p.88). O mesmo autor intensifica dizendo que “a pesquisa arquivística consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação” (p.88).

A análise documental para Charmier (s.d., citado por Bardin, 1977) “é um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente do original, a fim de facilitar num estudo ulterior, a sua consulta e referência” (p.45).

Segundo Afonso (2005) existem três tipos de documentos: “documentos oficiais, documentos públicos e documentos privados” (p.89).

Metodologicamente, este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2002) de forma a organizar a construção do trabalho que realizei.

6. Pertinência do Estágio Profissional

Como futura profissional em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, considero o Estágio Profissional de extrema importância para a formação de qualquer docente, pois é no estágio que conseguimos adquirir competências que nos permitirão, no futuro, atuar autonomamente.

Alegria, Loureiro, Marques e Martinho (2001) relatam que:

(...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas atividades que tem lugar na escola, pela experiência que adquire no campo da didáctica, reflectindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando”(p.3).

Portanto, apesar de termos estudada a teoria ao longo do curso, é só através da prática supervisionada que conseguimos tomar a devida consciência que envolve a profissão que elegemos para exercer.

De acordo com Alarcão e Tavares (1987, citados por Galveias, 2008), a supervisão é:

(...) o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objectivo: o desenvolvimento profissional do professor. E situa-se no âmbito da orientação de uma acção profissional; daí chamar-se-lhe também orientação da prática pedagógica (p.2).

De acordo com Guimarães e Lopes (2007) “a formação oferecida em sala de aula é fundamental; contudo, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício da profissão docente” (p.3662).

Segundo Day (2001, citado em Flores & Simão, 2009), “os professores não podem ser formados (passivamente), eles formam-se (activamente). É, portanto, vital que participem activamente na tomada de decisões sobre o sentido e os processos da sua própria aprendizagem” (p.7).

Conforme Loureiro (2000) refere, “espera-se que a formação inicial possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional” (p.33).

Assim sendo, considero que em todo o período de Estágio Profissional, incluindo tudo aquilo que ele contempla, concretamente, a orientação dos professores, reuniões de reflexão e avaliação, foram indispensáveis para a minha formação, preparando-me assim para um futuro profissional como docente.

7. Cronologia/ Duração

No Estágio Profissional I,II e III, como já foi referido anteriormente, permaneci em primeiro lugar nas salas que representam o Ensino Pré-Escolar, tendo estado primeiro no Bibe Azul (sala dos 5 anos), de seguida, no Bibe Amarelo (sala dos 3 anos) e

terminando no Bibe Encarnado (sala dos 4 anos). No entanto, existiu no fim deste momento de estágio uma semana de contacto com a Realidade Educativa, que foi realizada no mesmo Bibe Encarnado (sala dos 4 anos).

Seguidamente, passei para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, estando inicialmente na sala do 2.º Ano A (7 anos), seguindo para a sala do 3.º Ano A (8 anos), 1.º Ano A (6 anos), e por fim, 4.º Ano A (9 anos).

Estes diferentes períodos de estágio podem ser observados no Quadro 1. Esta é a nomenclatura utilizada para os três níveis do ensino Pré-Escolar, no universo de todos os Jardins-Escolas e Centros Educativos da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus.

Quadro 1 – Duração do Estágio Profissional

Educação Pré- Escolar	1.ª Secção Bibe Azul 11/10/2010 – 12/11/2010
	2.ª Secção Bibe Amarelo 16/11/2010 – 07/01/2011
	3.ª Secção Bibe Encarnado 10/01/2011 – 18/02/2011
Semana de contacto com a Realidade Educativa	4.ª Secção Bibe Encarnado 28/02/2011 – 4/03/2011
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	5.ª Secção 2.º Ano A 14/03/2011 – 13/05/2011
	6.ª Secção 3.º Ano A 16/05/2011 – 05/07/2011
	7.ª Secção 1.º Ano A 26/09/2011 – 18/11/2011
	8.ª Secção 4.º Ano A 21/11/2011 – 27/01/2012

Em seguida, será apresentado o cronograma (Quadro 2), que contém a minha permanência no Ensino Pré-Escolar.

Assim, podemos observar as várias atividades, tais como: aulas observadas (das Educadoras cooperantes, bem como das minhas colegas de estágio); Aulas programadas, sendo estas planificadas e realizadas por mim em cada um dos Bibe;

Relatório de Estágio Profissional

Aulas Surpresa da equipa de supervisão pedagógica. Todas estas aulas encontram-se assinaladas nos meses/semanas em que foram realizadas com a cor correspondente a cada Bibe, conforme se pode verificar nos quadros 2,3 e 4 (sendo que cada quadro representa um semestre, que no total faz o ano e meio de Mestrado).

Quadro 2 – Cronograma do Pré-Escolar (1.º Semestre)

Meses	outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividades																								
Aulas observadas																								
Aulas Programadas			X	X						X	X				X	X								
Aula Surpresa								X																
Reuniões de Prática Pedagógica	X													X										

Quadro 3 – Cronograma de 1.º Ciclo (2.º Semestre)

	março				abril				maio				junho				julho			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividades																				
Aulas observadas																				
Aulas Programadas				X				X		X	X			X	X					
Aulas Surpresa						X														
Reuniões de Prática Pedagógica	X					X				X					X				X	

Quadro 4 – Cronograma 1.º Ciclo (3.º Semestre)

Meses	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro			
Semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Atividades																				
Aulas observadas																				
Aulas Programadas										X										X
Aula Surpresa								X				X								
Reuniões de Prática Pedagógica		X	X				X				X				X				X	X

Para além das aulas por mim lecionadas ao longo do período de estágio, observei as aulas dadas pela professora cooperante, bem como as realizadas pelas minhas colegas de estágio. Estes momentos foram importantes, pois é com os mais experientes que aprendemos. Segundo Jacinto (2004), “no processo de formação, o orientador é considerado um especialista no domínio das técnicas de ensino”, desta forma, cria “situações de treino com vista à aquisição por parte do estagiário das técnicas e competências consideradas eficazes” (p.40).

Assim, considero que todos os momentos de estágio sejam benéficos para promover a nossa aprendizagem, pois todos os aspetos, positivos ou negativos, são essenciais para nos podermos preparar, afim de nos tornarmos especialistas na atividade profissional que elegemos.

Capítulo 1

Relatos diários

1.1. 1.^a Secção - Bibe Azul

1.1.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos cinco anos

Nesta faixa etária, as crianças são marcadas pelo desenvolvimento psicológico. Assim sendo, Cordeiro (2008) enuncia alguns parâmetros de desenvolvimento presentes nesta idade. Relativamente à motricidade fina, a criança sabe desenhar um triângulo e outras formas geométricas; desenha a pessoa com corpo; veste-se e despe-se.

No que diz respeito à linguagem, a criança sabe recordar partes de histórias; fala com frases de mais de cinco palavras; sabe o nome completo e a morada.

A nível cognitivo, a criança já sabe contar até 10; sabe as cores; sabe distinguir grupos de ações e objetos: dinheiro, comida, brincar, higiene.

No campo social, a criança gosta de agradar; aceita regras; gosta de atuar; dançar e cantar; é muito independente e gosta de fazer as coisas sozinha.

Na área emocional, a criança sabe distinguir a fantasia da realidade; sabe cooperar e partilhar.

As crianças nesta faixa etária, já conseguem ter um grande progresso, bem como, um enorme leque de noções que estão expressos nesta área das expressões, nomeadamente, na expressão musical.

De acordo com Gesell (1946, citado por Sousa, 2003) as crianças “conseguem cantar entoadamente melodias curtas. Reconhece e aprecia um extenso repertório de canções” (p.64). O mesmo autor ainda salienta, que nesta idade a criança “pode sincronizar movimentos dos pés e das mãos com o ritmo de uma música. Brinca, salta e dança ritmicamente ao som de uma música” (p.64).

1.1.2. Caracterização da Turma

A turma B do Bibe Azul é composta por trinta crianças, onde treze são do sexo masculino e dezassete do sexo feminino, estando a maioria na faixa etária dos 5 anos. A responsável por esta sala é a Educadora Maria Emília Tomás.

Neste grupo, podem-se verificar níveis e ritmos de aprendizagens diferentes.

De forma geral, as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas e colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa. Por outro lado, existem dois alunos que manifestam, a todos os níveis, mais dificuldades de concentração, e por consequência da aprendizagem. Igualmente, existe um aluno que gosta de se evidenciar, na tentativa de chamar a atenção da Educadora.

De um modo geral, o relacionamento dos alunos com a Educadora é feito de forma carinhosa, sendo exteriorizado, diariamente, quer com desenhos, palavras, afetos ou atitudes.

1.1.3. Caracterização do Espaço

A sala do Bibe Azul B é um espaço agradável, colorido e acolhedor, onde as crianças têm ao seu dispor vários materiais para realizar as suas atividades. Tem também uma decoração criativa que sofre alterações mediante a temática em estudo. (Figura 1).

Neste sentido, Zabalza (1998) defende que “a sala deve ser ambientada com alguma sensibilidade e que existem alguns critérios a ter em conta, como por exemplo as cores (vivas e atraentes), a criatividade e originalidade” (p.260).

Nesta sala, podemos ver vários trabalhos expostos elaborados pelas crianças, assim como algum material de apoio à sua aprendizagem, como o alfabeto e a Cartilha Maternal, que é utilizada diariamente pelas crianças na aprendizagem da leitura.

A etiquetagem de alguma mobília e objetos está correta e adequada (gaveta, porta, cadeira, mesa, quadro) e constitui, a meu ver, um incentivo à leitura e à escrita.

O material exposto na sala de aula permite perceber um pouco da rotina do Bibe Azul, assim como os trabalhos realizados pela Educadora com as crianças.

De acordo com Zabalza (1998), “quando entramos numa sala e vemos como está organizada, fazemos de imediato uma ideia de como trabalha aquele educador, de como vê e entende o trabalho na escola infantil” (p.124).



Figura 1 – Sala do Bibe Azul

1.1.4. Rotina

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (2002), “o tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade”, aos quais, chamamos rotinas (p.40).

Acolhimento no salão

Todos os dias, às 9h00, é realizada a roda no salão, onde as crianças cantam com as Educadoras e estagiárias presentes. A roda é formada no centro do salão do Bibe Encarnado pelas crianças mais novas Bibe Amarelo, de seguida, encontram-se as crianças do Bibe Encarnado e, por fim, as do Bibe Azul.

As crianças cantam de forma espontânea e natural, isto é, não há um repertório ou normas a seguir. Normalmente, as crianças começam a cantar e depois as outras seguem-nas. A roda dura aproximadamente vinte minutos, depois cada Bibe vai, na sua vez, à casa de banho e, de seguida, para a sala para começarem o seu dia de trabalho.

Esta rotina diária é muito importante para o quotidiano de todas as crianças que frequentam o Jardim-Escola, pois é uma forma alegre e divertida de começar o dia na escola.

Os momentos de roda são também um excelente meio de comunicação, socialização, efetivação, bem como uma forma agradável para um melhor desenvolvimento da linguagem e do vocabulário, uma vez que as canções cantaroladas pela manhã oferecem uma mais-valia para o efeito pretendido.

Relativamente aos momentos de roda, Zabalza (1998) diz que são:

excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave (descrevem comportamentos que as crianças realizam naturalmente) de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc. (...) Ao realizar experiências-chave no domínio sócio-emocional, a criança está a exercitar atitudes como a confiança, a autonomia, a iniciativa, a empatia e a auto-estima (p.194).

No que respeita à aprendizagem das novas canções, Cordeiro (2008) afirma que “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, (...), interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, (...)” (p.373).

Higiene

Os momentos de higiene também são muito importantes no dia-a-dia das crianças. Estes momentos acontecem diariamente, mas sempre supervisionados por um adulto, para que possam ser feitas todas as correções, como por exemplo, depois de fazer “xixi”, puxar o autoclismo e lavar as mãos.

No que diz respeito aos momentos de higiene, Cordeiro (2008) diz-nos que são “«deveras importante».” O mesmo autor afirma que:

o momento de higiene depende muito da criança para criança e de idade para idade, no entanto, há um elo comum, o desenvolvimento da autonomia. Nestes momentos, as crianças sentem o gosto de serem crescidos e sentem responsabilidade ao cuidar do próprio corpo (p.373).

Recreios

Segundo Cordeiro (2008), o recreio “é um espaço de maior importância” (p.377).

O espaço destinado ao recreio (interior ou exterior) é igualmente um espaço de aprendizagens e de diversificadas oportunidades educativas.

A respeito dos recreios no exterior (ao ar livre), de acordo com Zabalza (1998) constituem:

um momento favorável para a incorporação de experiências-chave na área do movimento, do desenvolvimento de grandes músculos, etc”. Zabalza acrescenta, ainda, em relação ao educador que é função deste «animar, apoiar, sugerir alternativas, participar activamente nos jogos e actividades lúdicas das crianças (p.192).

Refeição

A hora da refeição, nomeadamente o almoço, constitui também uma das várias rotinas diárias das crianças.

Cordeiro (2008) defende que o momento da refeição é: “um excelente momento de desenvolvimento da autonomia, das noções de higiene e de saber estar à mesa” (p. 380).

Atividades curriculares

As crianças do Bibe Azul, ao longo do dia, têm várias atividades curriculares, como: Matemática; Conhecimento do Mundo e Linguagem Oral e Abordagem à escrita.

As atividades referentes à aprendizagem da leitura e da escrita incidem na aplicação do Método João de Deus, sendo este caracterizado por algumas linhas de força. Como é referido no Guia Prático da Cartilha Maternal (1997), as linhas de força que caracterizam este método são: o uso correto do ponteiro, regulando desta forma a leitura durante o estudo feito na Cartilha Maternal; deve-se apresentar uma letra por dia; todos os dias as crianças devem ir à Cartilha, onde a Educadora tem que lhes proporcionar uma lição curta com noções bem claras; as crianças devem ser auxiliadas, sempre que necessário, através de regras que satisfaçam o raciocínio e o pensamento lógico; sempre que a criança lê uma palavra, deve inserir a mesma numa frase; este método estimula as capacidades metacognitivas, respeita o ritmo individual de cada criança e fomenta a autocorreção.


Esta aprendizagem é realizada através de um grande livro denominado de Cartilha Maternal, com o intuito de auxiliar na leitura e da escrita.

Atividades curriculares não disciplinares

Durante a manhã, em alguns dias da semana, existem atividades curriculares não disciplinares, como a Educação Musical, Educação Física, Informática, Inglês e Biblioteca.

Devido a não ter presenciado nenhuma destas atividades não disciplinares, acima indicadas, não posso fazer referências nem fazer Inferências/Fundamentação Teórica das mesmas.

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma (Figura 2).



Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Bibe Azul Planificação semanal - Ano lectivo 2010/2011

Setembro	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
9H15 – 10H	Leitura e escrita/ Desenvolvimento verbal	Leitura e escrita	Matemática	Matemática	Leitura e escrita
10H10 – 11H	Matemática	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita /computadores	Leitura e escrita
11H10 – 12H	Ed. Musical	Matemática	Leitura e escrita	Leitura e escrita /computadores	Matemática
12H – 13H	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13H – 14H	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
14H10 – 15H	Conhecimento do Mundo	Inglês (14h15-15h15)	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
15H10 – 16H	Grafismos ou estruturação espaço-temporal	Conhecimento do Mundo	Ed. Física	Exp. Plástica	Exp. Dramática
16H - 16H30	Jogos de interior	Dinamização da leitura/ Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da Motricidade 	Estimulação à leitura (ex: histórias)	Assembleia de turma
16H30 – 17H	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

- Neste item incluem-se as actividades de interior e exterior como por exemplo: picnagem, grafismos, actividades com envolvimento, etc.
- ✚ Uma vez de 3 em três semanas as crianças têm aula de ólaria
- o Os computadores iniciam por grupos às 10H30

Figura 2 – Horário do Bibe Azul

1.1.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 11 de outubro de 2010

Reunião na Escola Superior de Educação João de Deus, que teve início às 11 horas no Museu da Escola.

Esta foi a reunião de abertura do ano letivo 2010/2011, na qual nos entregaram o regulamento do Estágio Profissional – Modelo Bolonha, que se encontra no **Anexo A**.

Foi também, neste dia que tivemos acesso às informações necessárias para a realização do nosso Relatório de Estágio Profissional.

Na reunião, estiveram presentes todos os membros da Supervisão Pedagógica que nos irão acompanhar ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Inferências/Fundamentação Teórica/Fundamentação Teórica

Esta reunião foi extremamente importante para os alunos dos vários Mestrados, pois, neste ano letivo, estamos mais envolvidos na Prática Pedagógica, tendo esta por sua vez, para nós alunos, uma importância mais relevante.

Formosinho (2001, citado por Severino, 2007) define a prática pedagógica como a componente curricular da formação “cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (p.41).

Assim, as práticas realizadas nos Jardins-Escola e a elaboração do Relatório de Estágio Profissional são indispensáveis para nossa realização profissional.

Terça-feira, 12 de outubro de 2010

Sendo hoje o primeiro dia de aulas, procurámos pela sala onde iríamos permanecer neste primeiro momento de estágio. Chegando à sala, cumprimentámos a Educadora e os alunos, dizendo bom dia e o nosso nome.

Feitas as apresentações, a Educadora da sala pediu às minhas colegas e a mim, que ajudássemos alguns dos alunos com dificuldades na Cartilha Maternal, ou seja, na leitura e na escrita. Assim, eu utilizei um quadro para que, através da identificação da letra, a criança a escrevesse no quadro de modo a melhorar a sua caligrafia e percebesse qual o método para a escrever.

Ao permanecer algum tempo com as crianças, apercebi-me que algumas estariam com mais dificuldades, mas rapidamente me deparei que o problema em si, não seria a falta de saber, mas a inexistência de autoconfiança neles próprios, pois a “dificuldade” consistia no medo terrível que tinham em errar, estando sempre a dizer “Não Consigo”, mesmo sem nunca terem tentado.

Enquanto nós estávamos a ajudar as crianças com dificuldades, a Educadora ia chamando os alunos à Cartilha Maternal, para mais uma lição, sendo que o resto da turma estava a terminar as propostas de trabalho que tinham na capa.

Seguidamente ao recreio da manhã, a Educadora deu aula de Matemática com um material manipulável, o Tangram. Começou a trabalhar com o Tangram, contando uma das lendas que contemplam este material.

Através dessa lenda, explorou as formas, lados e tamanhos das peças do material manipulável, de modo a chegar à construção do quadrado, usando todas as peças que este material contempla, sendo que, de seguida, o transformou num barco à vela. Feita a sua transformação (de quadrado a barco), realizaram-se atividades de modo a desenvolver o cálculo mental, como por exemplo: “ No meu barco vai uma dezena de passageiros, saíram dois. Quantos ficaram?”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Penso que a Educadora teve uma atitude correta, quando nos apresentou às crianças.

Igualmente, considero que foi muito importante o facto de a Educadora ter pedido para ajudarmos as crianças com mais dificuldades, ao nível da língua materna. Foi muito benéfico para nós, pois é com as dificuldades das crianças que nós aprendemos a explicar as regras de Cartilha Maternal, já interiorizadas, em modo teórico.

O Método João de Deus, segundo João de Deus, citado em Ruivo (2009):

constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens(p.100).

A aula de matemática foi muito cativante, pois a Educadora utilizou uma lenda para dar início ao trabalho que iria ser realizado com o material manipulável.

Relativamente ao material didático, segundo Santos, citado em Caldeira (2009), refere que:

o tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presentes nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações (p.391).

Após o momento de aprendizagem de conteúdos, seguiu-se o momento de descontração, sendo que este também é deveras importante para o desenvolvimento das crianças.

Sexta-Feira, 15 de outubro de 2010

Hoje, o dia começou, mais uma vez, no salão do Bibe Encarnado a cantar as canções matinais na roda. Quando chegámos à sala, a Educadora ainda não tinha chegado, por isso, a Educadora do Bibe Azul A pediu-nos que contássemos a história “A Viagem da Valentina”. Após lida a história, a minha colega Joana reveu a letra “V”, bem como todas as outras até chegar à letra em que se encontram na Cartilha Maternal, a letra “D”.

Após todas estas revisões, as minhas colegas e eu distribuimos por cada aluno uma folha para que fizessem o desenho da história e, depois, redigissem a letra “V” em letra bicuda.

Chegando a hora do recreio, levámo-los à casa de banho e demos a bolacha da manhã; de seguida, foram brincar.

Chegada a altura de voltar para a sala, a Educadora já tinha regressado e aí, trabalhamos com o material manipulável “Calculadores Multibásicos”. Assim, foram lembradas as regras do material, bem como, qual é a direita e a esquerda. Feitas as revisões, passámos para o jogo da “base do 3”.

Neste jogo, a Educadora utilizou os erros dados pelas crianças, para explicar o porquê de não ser assim, dando em simultâneo, relevância às crianças que souberam diferenciar o correto do errado.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero bastante importante a leitura de histórias que relatem em abundância uma determinada letra, pois permite à criança escutar várias palavras escritas com a letra aprendida.

A elaboração do desenho referente à história, após a mesma ter sido lida, também é deveras essencial para o desenvolvimento das crianças.

O desenho efetuado após a leitura de uma história, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar, ME (2002), refere que “o desenho é uma forma de escrita” e “uma série de desenhos permite «narrar» uma história ou representar os momentos de um acontecimento” (p.69).

No desenrolar da aula de Matemática, apreciei o facto da Educadora, através de pequenos erros efetuados pelas crianças, ter conseguido “dar a volta” de modo a que estas interiorizassem o conceito da forma correta.

A utilização de materiais na área da Matemática são bastante enriquecedores, pois, segundo Alves e Morais (2005) ao “desenvolver as actividades, através de situações problemáticas e utilização de material concreto auxilia os alunos na visualização de ações e, portanto, na compreensão de conceitos matemáticos” (p. 53).

Penso que o facto de as crianças terem que arrumar os materiais após terminada a aula, lhes dá sentido de responsabilidade.

Segunda-feira, 18 de outubro de 2010

Hoje, o dia começou com a área do Domínio da Matemática, onde foi utilizado o material manipulável “Cuisenaire”. Com este material, a Educadora falou dos lados, das faces, da forma, tamanho (maior e menor), etc.. De seguida, jogaram o jogo do “Quim Visual”, que consiste em colocar uma ou mais peças dentro de um saco e que, através do sentido do tato, a criança consiga descobrir qual é a peça e o seu valor. (Figuras 3 e 4).

Após o jogo, estiveram a realizar construções de comboios, sendo que a estação valia 5, ou seja, uma peça amarela. Feitos os comboios, passámos à sua leitura por cores e valores.



Figura 3 – *Comboios*



Figura 4 – *Jogo*

Antes de seguirmos para o recreio, as crianças tiveram um tempo para poderem fazer construções livremente, mas com a regra de que não podiam existir peças ao alto, dando esta atividade origem a construções muito engraçadas.

Terminado esse momento, as crianças arrumaram o material e foram brincar para o recreio.

Após o recreio, chegou a hora da música, onde as crianças cantaram, reveram as notas e aprenderam o seu valor, tendo o professor recorrido à área da Matemática.

Ainda antes da hora de almoço, a Educadora leu a lengalenga “ A velha e a bicharada”, onde criou vários momentos relacionando a letra “V”.

Inferências/Fundamentação Teórica

O Cuisenaire é um material de Matemática fácil de manipular e bastante atrativo, devido ao seu conjunto de cores. É composto por peças de 10 cores, tendo cada uma o seu comprimento. A cada cor está associado um valor. Considero que este material permite à criança, na sua fase de iniciação, a compreensão e representação dos números até 10. Ao manipular, ela interioriza também as noções de maior, menor e

igual. Quando compõe e decompõe, aprende a somar e a subtrair, a calcular o dobro, a metade, etc..

Relativamente ao material manipulável “Cuisenaire”, segundo Alsina (2004, citado em Caldeira, 2009) refere:

“as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva de competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas” (p.126).

Considero também muito importante o recordar da lengalenga, pois originou que as crianças tomassem atenção e apelassem à memória.

Como referem Gunn, Simmons e Kameenui (1998, citado em Lopes, Velásquez, Fernandes & Bártolo, 2004), “atividades de exploração de lengalengas, rimas, cantigas, exploração de regularidades rítmicas de palavras conhecidas e familiares permitem desenvolver consciência sobre regularidades fonológicas” (p.84).

Os momentos de leitura, principalmente nestas idades de descoberta da língua, são muito importantes.

Terça-Feira, 19 de outubro de 2010

Hoje, foi mais um dia de escola, mas a Educadora não estava presente, por isso, as minhas colegas e eu, quando chegámos à sala com as crianças, sentámo-las em frente ao fantocheiro, pois íamos contar a história do “Capuchinho Vermelho” usando fantoches.

Após contada a história, cada criança dirigiu-se para o seu lugar, tendo como tarefa realizar a proposta de trabalho da letra “T”. No fim de realizada, passámos para a área da Matemática, onde realizámos uma proposta de trabalho, apelando à lateralidade, ou seja, construindo um itinerário.

Feito isto, chegou a hora do recreio, por isso, todos comeram a bolacha e foram brincar.

Terminado o tempo de diversão e libertação de energias, voltámos para a sala, onde, já estando a Educadora presente, passámos para a área do Conhecimento do Mundo. Nesta área a Educadora falou sobre sentimentos, tendo falado sobre as suas experiências e também a dos seus alunos. Por fim, jogaram ao jogo dos sentimentos, onde, através de um texto lido pela Educadora, estes teriam de descobrir qual o sentimento falado. (Figura 5).



Figura 5 - *Jogo dos Sentimentos*

Inferências/Fundamentação Teórica

Este dia foi muito importante para as minhas colegas e para mim, pois de certa forma foi uma experiência diferente, semelhante à que vamos ter quando iniciarmos a nossa vida profissional.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) referem que os fantoches, “facilitam a expressão e a comunicação através de «um outro», servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p.60).

As tarefas de realização de itinerários, no meu ver, é bastante importante, pois ajuda as crianças a “memorizarem” o lado direito e esquerdo, ou seja, esta atividade desenvolve imenso o termo lateralidade.

No momento em que foram abordados os sentimentos, a professora utilizou a maleta dos mesmos, realizando algumas dramatizações. Moyles (2002) refere que “Parte da tarefa do professor é proporcionar situações de brincar livre e dirigido que tentem atender às necessidades de aprendizagem das crianças e, neste papel, o professor poderia ser chamado de um indicador e mediador de aprendizagem” (p.37).

Sexta-feira, 22 de outubro de 2010

Após o momento na roda, fomos todos para a sala, onde iniciámos mais uma vez pela Cartilha Maternal, sendo que as crianças, que estavam nos lugares à espera, estiveram a realizar uma proposta de trabalho sobre a letra “T” e “F”, pois a maior parte da turma confunde ambas as letras.

Seguindo-se o momento destinado à língua materna, as minhas colegas e eu estivemos a ajudar os alunos com mais dificuldades.

Na área da Matemática, as crianças trabalharam a pares, tendo uma criança as palhinhas e a outra, uma caixa com números móveis. Na realização das situações problemáticas, havia uma criança que ia ao quadro fazer a indicação e operação com giz. Para que as crianças soubessem que quantidade de palhinhas iam usar, bem como qual o algarismo correto, tinham de prestar atenção aos batimentos que a Educadora dava na sua pandeireta.

Antes da hora de almoço, a Educadora contou a história “A Princesa Corajosa” de Mário Contumélías.

Inferências/Fundamentação Teórica

Reconheço que as propostas de trabalho sobre as letras, aprendidas na Cartilha Maternal, são muito importantes, pois no caso específico acima descrito, irá ajudar as crianças a ultrapassarem as suas dificuldades de identificação e de escrita.

Ao nível da Matemática, verifico ser muito importante a Educadora promover o trabalho a pares, para que assim as crianças, possam começar a ter uma noção de partilha, bem como do trabalho em simultâneo para o mesmo fim.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar, ME (2002) afirmam que:

(...) torna-se contudo importante, que o educador apoie o trabalho entre pares e em pequenos grupos (...). O educador alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperativa em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagens das outras (p.35 e 36).

Considero correta a atitude da Educadora, ao ter lido, para toda a turma, uma história levada por uma criança, atendendo ao gosto que esta tinha em partilhá-la com os seus amigos.

Segunda-Feira, 25 de outubro de 2010

Hoje, o dia começou com as crianças a cantar na roda mas, no Bibe Azul B, o dia de aula ia ser diferente, pois era dia da minha colega Joana ter a responsabilidade em dar as atividades durante toda a manhã. O tema que a Joana desenvolveu foi um dos 5 sentidos – o Olfato (Figura 6).

Para abordar o tema, ela levou um livro e cheiros para as crianças adivinharem. Ao nível da Cartilha Maternal, deu revisão da letra “f”, enquanto os outros alunos realizavam uma proposta de trabalho sobre a mesma letra.

Na Matemática trabalhou com um material não estruturado, “rolhas de cortiça”, bem como com algarismos móveis. Sendo que o trabalho era realizado a pares, ou seja, enquanto uns usavam as rolhas, os outros usavam os algarismos móveis.

Finalizadas todas as atividades, as crianças foram uns momentos ao recreio, para de seguida iniciarem a aula de música.



Figura 6 – *Uso de um dos sentidos – Olfato*

Inferências/Fundamentação Teórica

Pelo que tive oportunidade de verificar, considerei que a aula dada pela Joana foi boa. Mas penso que deveria ter escolhido fragrâncias conhecidas pelas crianças ou, pelo menos, de fácil associação.

Na área da Matemática, ao ter realizado o trabalho a pares com materiais diferentes, deveria ter tido o cuidado de, a meio da atividade, ter feito uma troca, para que assim todas as crianças tivessem tido a oportunidade em trabalhar com todos os materiais usados na aula.

Após a Matemática, as crianças foram para o recreio. Segundo Hohman, Banet e Weikart. (1997) o recreio é um dos momentos mais importantes do dia pois, “permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas que habitualmente não lhe são acessíveis nas brincadeiras de interior” (p.433).

Visto as crianças terem música ao fim da manhã, a minha colega deu as suas atividades antes do recreio, originando, de certo modo, alguma agitação por parte das crianças.

Terça-Feira, 26 de outubro de 2010

Cheguei ao Jardim-Escola mais cedo, a fim de poder ter tempo para organizar a sala de aula, pois hoje ia dar a minha primeira manhã de aula.

O meu tema principal foi o Tato, sendo que usei o tema para abranger as três áreas: Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, Conhecimento do Mundo.

Neste dia, a turma foi “minha”, ou seja, as idas à casa de banho, a hora da bolacha, bem como a ida para o recreio, foi realizado sob a minha responsabilidade.

Iniciei o meu dia, com Estimulação à Leitura, onde iniciei com uma história que tinha muitas vezes palavras com a letra “t”. De seguida, passei para a Cartilha Maternal, onde revi a lição do “t” e, em simultâneo, o resto dos alunos estavam a realizar uma proposta de trabalho.

Após o recreio, passámos para o Conhecimento do Mundo, onde usando as personagens da história (que estavam feitas com várias texturas), falámos do Tato e realizámos algumas atividades, sendo uma delas a realização do desenho da história realizado em folha de lixa, apelando à expressão plástica (Figura 7).

Para finalizar, antes da hora de almoço, foi o momento da Matemática, onde trabalhámos o cálculo mental, as operações, a dezena e a meia dezena. Assim, para trabalhar tudo isto, realizámos várias situações problemáticas, onde cada criança tinha, para ajudar a resolver os problemas, uma dezena de tampas; a realização das situações problemáticas serviam para se conseguir completar a “Lagarta da Dezena”.

Após o almoço, fomos com as crianças para o recreio, onde fizemos jogos, de modo a interagir com estas, nos momentos de brincadeira.



Figura 7 – Ouvir informações importantes sobre - O Tato

Inferências/Fundamentação Teórica

No que se refere á Estimulação á Leitura, deveria ter lido a história mais pausadamente, bem como efetuado mais expressões faciais, de modo a cativar mais a atenção das crianças.

Cury (2004) afirma que “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reacções capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (p.133).

Na área do Conhecimento do Mundo, as crianças realizaram várias atividades sobre o tema abordado, mas o que as deixou mais admiradas, foi o momento do desenho realizado em folha de lixa. Segundo Sousa (2003) “a lixa constitui um suporte que oferece diferentes texturas, desde as mais finas às mais grossas” assim, a criança poderá “desenhar livremente sobre a lixa, usando lápis de cor, lápis de cera” (p.219).

No Domínio da Matemática, não consegui que as crianças concluíssem a construção da “Lagarta da Dezena”, porque as mesmas transmitiam alguma fragilidade ou desconcentração em trabalhar com material alternativo e responder a situações problemáticas, ou seja, o cálculo mental, bem como a associação dos dados do problema, ainda não se encontravam organizados.

Segundo, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002):

os materiais de construção usados na educação pré-escolar permitem a manipulação dos objectos no espaço e uma exploração das suas propriedades e relações em que assentam aprendizagens Matemáticas. A utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, qualitativos e espaciais (p. 75).

Penso que o momento de recreio, organizado com jogos e atividades, é muito importante para as crianças, pois são nestes momentos que elas podem exteriorizar e gastar energias de uma forma mais livre.

Sexta-Feira, 29 de outubro de 2010

Hoje, foi o dia da primeira manhã de aula da minha colega M^a do Céu, tendo como tema o *Halloween*. Durante a aula esteve vestida de esqueleto e a sala estava decorada com enfeites de acordo com o tema (a minha outra colega Joana, eu e a Educadora ajudámos na decoração).

Na Estimulação à Leitura contou uma história, usando o fantocheiro, decorando-o com vários pormenores relacionados com o *Halloween*. No fim da história, colocou várias questões, de forma a perceber se as crianças gostaram ou não da história e se estiveram ou não atentas (Figura 8)

No Conhecimento do Mundo, a minha colega fez doce de abóbora com a ajuda das crianças, questionando as mesmas em simultâneo sobre a abóbora (se é um fruto ou um legume, se era um alimento que cresce das árvores ou é planta rasteira) (Figura 9).

Consoante decorria a elaboração do doce, as restantes crianças tinham uma abóbora pequena, lã, tecidos e cola para a poderem enfeitar a seu gosto.

Após o intervalo, foi o momento da Matemática, onde foram realizadas situações problemáticas com fantasmas e abóboras (usando assim algumas das personagens referidas na história).



Figura 8 – *Fantocheiro*



Figura 9 – *Realização do Doce de Abóbora*

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que a sala de aula estava muito bem decorada e dedicada ao tema a que a mesma se propunha.

Segundo afirma Zabalza (2002) “quando planificamos a utilização dos espaços para a nossa aula, temos que ter em conta uma série de princípios de diversos tipos: psicológicos (as necessidades das crianças); arquitectónicos, estéticos, de segurança, etc. e naturalmente, também de tipo didáctico” (p.126).

No entanto, penso que o facto da história ter sido contada praticamente às escuras, (a pouca iluminação existente era dada por algumas velas), o que privou as crianças de terem uma visão mais nítida das personagens que iam aparecendo.

Em relação à atividade de expressão plástica, julgo que esta não foi bem idealizada, pois os materiais utilizados para a sua elaboração não foram os mais apropriados.

Terça-Feira, 2 de novembro de 2010

Hoje, o dia começou de uma maneira diferente do habitual para os alunos do Bibe Azul B, pois, ao entrarem na sala, verificaram que a mesma estava organizada de uma forma diferente, estando as mesas encostadas à parede, para que as crianças se pudessem sentar no chão.

Esta mudança deu-se, porque era o dia onde eu iria estar uma manhã inteira com as crianças, abrangendo as várias áreas.

O tema a ser falado nesta manhã foi “Todos Diferentes Todos Iguais”. Assim, o desenrolar da minha manhã começou com a Estimulação à Leitura, contando a história “Um menino diferente” de Maria João Lopo de Carvalho (Figura 10).



Figura 10 – *Um menino diferente*

Na área do Conhecimento do Mundo, falei sobre as diferenças que todos nós temos, ou seja, desde as gémeas até ao menino cego, entre outros. Para este efeito, e de modo a que as crianças pudessem participar comigo, realizei um *Powerpoint* onde antes de iniciar, mostrei um *videoclip*.

Para finalizar a manhã, realizei umas operações, de modo a desenvolver o cálculo mental, mas já num modo abstrato, usando as crianças, como por exemplo: este grupo tem quantos elementos? (6) E este? (7) Então quantos elementos têm aquele grupo a mais que o teu?. E após um momento de cálculo mental, realizámos um jogo (que é do género do “Quem é Quem”, mas alterado para trabalhar em sala de aula com mais de 2 crianças), ao qual, dei o nome de “Quem é Quem das Diferenças”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Gostei muito de dar esta aula, penso também que as crianças gostaram muito do tema e de poderem participar com os seus conhecimentos. Tinha um material bastante simples, mas apelativo. Só que, no meio de tudo isto, ainda existem alguns pontos a melhorar, como: Impor regras. Na leitura, conseguir manter sempre o mesmo ritmo e na área da Matemática deveria ter feito cálculos mais concretos.

O jogo realizado no fim da aula teve como objetivo principal, a consolidação de conhecimentos adquiridos ao longo da mesma.

Piaget (s.d.) e Montessori (1949, citados em Peterson & Felton-Collins,1986) salientam fortemente a “importância do jogo no desenvolvimento cognitivo, social e psicomotor da criança” (p.49).

A área do Conhecimento do Mundo segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002):

enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo (p.79).

Considero a área de Conhecimento do Mundo uma área muito importante para o desenvolvimento da criança.

Sexta-Feira, 5 de novembro de 2010

Hoje, o dia começou com mais uma aula dada pela minha colega M^a do Céu, tendo esta, como tema, a Audição.

Ao nível da Estimulação à Leitura, leu a história “O Dragão e os Damascos”, de seguida, foram realizadas algumas questões sobre a história. Após a mesma, mas ainda na área da leitura/escrita, a minha colega distribuiu uma proposta de trabalho sobre a letra “d”. Enquanto a maioria dos alunos realizava a proposta de trabalho, 3 crianças foram à Cartilha Maternal, rever a lição “d”, lendo assim a palavra dói / vida / ajuda.

Ao nível da Matemática a minha colega trabalhou contagens e situações problemáticas, tendo como material, pedras e um tabuleiro. A Matemática foi um continuar da história lida anteriormente.

Por fim, ao nível do Conhecimento do Mundo, falou do sentido da Audição, onde explicou através de uma imagem, o interior e exterior do ouvido, bem como o nome dos ossos que formam o ouvido. Como atividade, colocou vários sons e cada criança tinha de adivinhar o som que estava a ser reproduzido.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na Cartilha Maternal, a minha colega esteve calma e explicou bem os conteúdos da lição, esquecendo-se apenas de rever o acento agudo, na palavra “dói”. Neste momento de revisão, como as crianças já tinham adquirido os conhecimentos necessários relacionados com a lição em que se encontravam, a minha colega pediu que as mesmas realizassem uma frase com a palavra lida. Como refere Ruivo (2009)

se por um lado a criança faz a sua aprendizagem começando por identificar o nome e a leitura das diferentes letras, de imediato lhe é solicitado que elabore um discurso oral sobre a palavra lida, inserindo-a em frases de forma a enriquecer o seu vocabulário, a sua linguagem, a sua expressão oral (p.130).

Ao nível da Matemática, a existência de tabuleiros, unicamente para metade da turma, originou a que as restantes crianças não pudessem realizar o exercício pedido da melhor maneira, pois tinham de o fazer num modo abstrato, enquanto que os outros, faziam-no no concreto. Considero que a manipulação dos materiais manipulativos, nesta idade, têm de ser basicamente realizados no concreto, ainda para mais tratando-se de um material novo para estas crianças. De acordo com Vale (1999) o material manipulativo deve ser para todas as crianças um “material concreto, de uso comum ou educacional, que permita, durante uma situação de aprendizagem, apelar para os vários sentidos dos alunos devendo ser manipulados e que se caracterizam pelo envolvimento activo dos alunos” (p.112). Assim para uma melhor aprendizagem por parte de todas as crianças, estas deviam de ter o mesmo material, para poderem, de forma mais clara, interpretar o que era pedido.

Na área do Conhecimento do Mundo, foi possível, através do “brincar”, as crianças aprenderem a importância da audição, o que de certo modo para crianças desta idade, o aprender/brincando é algo essencial.

Segunda-Feira, 8 de novembro de 2010

Hoje, o dia começou com a realização de propostas de trabalho, sendo uma da letra “D” e outra da letra “L”. Durante a realização destas propostas de trabalho, as minhas colegas e eu íamos passando pelas mesas, de modo a verificar se o trabalho estava a ser realizado da forma correta. Por outro lado, a Educadora estava a dar Cartilha Maternal, como é realizado todos os dias.

No entanto, após o recreio, ao nível da Matemática, estiveram a trabalhar com o Geoplano, onde foram revistos vários conteúdos como: a lateralidade; meia dezena; a dezena, meia dúzia, etc.. Reviram todos estes conteúdos através de uma história contada pela Educadora sobre um rei, uma rainha e a sua filha princesa Maria, pois a história consistia em realizar, no Geoplano, o caminho percorrido pela princesa.

A fim de terminar a área da Matemática, a Educadora pediu aos seus alunos que construíssem uma casa, tendo a mesma que ter: duas janelas; uma porta, um telhado. Mas, para a construir, foram dadas algumas indicações, de modo a que os seus alunos recorressem aos conteúdos aprendidos para realizarem a tarefa com sucesso.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero o Geoplano um material manipulativo, bem desenvolvido para trabalhar vários aspetos na criança, ou seja, a contagem, a lateralidade, etc..

Para Serrazina e Matos (1988) “os Geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos, registando o seu trabalho no papel pontado” (p.13). Estes afirmam também que se trata de um material onde: “(...) a resolução de problemas envolvendo caminhos e labirintos constitui um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora” (p.28).

Considero a atividade final da Educadora bastante pertinente, pois através de várias indicações, as crianças puderam dar aso à criatividade e criarem cada uma a sua própria casa, com os devidos requisitos.

Terça-Feira, 9 de novembro de 2010

Hoje, a minha colega Joana deu aula sobre o S. Martinho, devido a estarmos quase no dia festivo deste Santo. Começou pelo Conhecimento do Mundo, onde elaborou uma fogueira, e enquanto os alunos estavam à volta da fogueira, ela explicou em que consiste a festa do Magusto, deixando também, que explorassem as castanhas, perguntando qual a sua espessura e a sua cor, mostrou ouriços e cantou uma pequena canção. Depois deixou que os alunos comessem castanhas assadas, que saíram de dentro de um assador feito em cartolina.

Depois da aula do Conhecimento do Mundo, continuou com Matemática fazendo o jogo da glória, ao qual chamou a “Castanha Matemática”, que colocou no chão, entre as duas equipas. Ambas responderam com dinamismo às questões de Matemática que lhes foram apresentadas. Entregou a cada aluno dez castanhas de cartolina para que fizessem melhor o cálculo mental.

A seguir ao recreio, realizou um ditado gráfico da lenda do S. Martinho. Mas antes do ditado, fez a explicação e alguns exercícios, para que lhe dissessem qual era o seu lado esquerdo e o seu lado direito em cima, à frente e atrás (Figura 11).



Figura 11 – Ditado Gráfico

Finalmente fizeram uma atividade plástica, que consistiu em fazer senhores e senhoras castanhas, onde utilizaram as castanhas de cartolina que usaram para Matemática, mais algodão, lã, castanhas e jornal (Figura 12).



Figura 12 – *Menina Castanha*

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que a aula da Joana correu muito bem, ela esteve sempre alegre e bem-disposta. Utilizou um material apelativo e dinâmico do qual originou maior envolvimento das crianças na aula. Tentou fazer com que todas as crianças participassem no jogo da glória.

A atividade de expressão plástica foi muito original pois, de um instrumento tradicional (cartuchos de castanhas), realizou uma atividade engraçada.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “as atividades de expressão plástica são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança (...)” (p.61).

Após finalizada a atividade, passámos ao momento das fotografias das “obras de arte”, e as crianças ficaram radiantes.

Sexta-feira, 12 de novembro de 2010

Efetivamente, hoje é o último dia de estágio no Bibe Azul B. O dia correu de uma forma diferente, pois começámos o dia a fazer uma dramatização com fantoches com o conto “Coelhinho Branco”, onde utilizámos o biombo que se costuma usar para estes momentos.

De seguida, foi realizado o primeiro Ditado de Palavras, onde a Educadora explicou como este era realizado através de uma demonstração inicial.

De volta à sala, após o recreio, a Educadora pediu para que as minhas colegas e eu, fossemos buscar o 3.º e 4.º Dons de Fröebel. Feita a distribuição, a Educadora perguntou de que material era feita a caixa e, de seguida, pediu que abrissem a caixa

do 3.º Dom. Feito isso, pegou num cubo e perguntou a uma criança qual era esta forma geométrica, e também qual era o nome dado em relação às suas faces.

Dada esta pequena revisão, a Educadora começou por contar uma pequena história do pescador Manuel, que tinha ido num barco pescar peixe. Assim, ao longo da história, a Educadora mandou construir a camioneta, dando todos os passos para a sua construção e, em simultâneo, fazia algumas operações de modo a verificar se os seus alunos estavam atentos. Feita a construção da camioneta, a Educadora disse que, dentro dela, o pescador levava 3 caixas, e que em cada uma delas estavam 2 peixes. E com estas informações foram realizadas várias situações problemáticas (Figura 13).



Figura 13 – Construção da Camioneta com os Dons de Fröebel

Inferências/Fundamentação Teórica

Em virtude de ser o último dia de estágio no Bibe Azul, as minhas colegas e eu realizámos uma dramatização para as crianças, originando, assim, um início de aulas diferente do habitual, o que considero ser algo igualmente importante para o seu desenvolvimento. Segundo Sousa (2003) “a expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação. A amplitude da sua acção, abrangendo quase todos os aspectos importantes do desenvolvimento da criança” o que a torna por excelência a principal forma de atividade educativa (p.33).

De seguida, foi realizado um Ditado de Palavras que, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), “a abordagem à escrita situa-se numa perspectiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido de interpretação e tratamento da informação que implica a “leitura” da realidade, das “imagens” e de saber para que serve a escrita mesmo sem saber ler formalmente” (p.66).

Considero o 3.º/4.º Dons de Fröebel um material muito importante para desenvolver vários aspetos referentes à motricidade, dando também, a possibilidade ao Educador, de verificar o potencial de cada aluno.

De acordo com Arce (2002, citado em Caldeira 2009), “a utilização de materiais é muito importante, pois esta máxima deve “reger a educação, porque só assim o

professor será capaz de conhecer realmente o seu aluno, entendendo a sua dinâmica interna e descobrindo a sua essência e o seu potencial” (p.242).

No desenrolar da Matemática, aprecio o facto de a Educadora ter utilizado uma história para atrair a atenção dos alunos. Pois todas as áreas disciplinares devem de estar interligadas, de forma a que as crianças consigam mais facilmente alcançar o “conceito” a aprender. Visto nestas idades, através de histórias verídicas ou de fantasia, a Educadora consiga “prender” de uma forma mais generalizada a atenção constante das crianças.

1.2. 2.^a Secção - Bibe Amarelo

1.2.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos três anos

Nesta faixa etária, o principal aspeto a destacar é o desenvolvimento gradual da fala e da linguagem. Assim sendo, Cordeiro (2008) enuncia alguns parâmetros de desenvolvimento presentes nesta idade. Relativamente à motricidade fina, a criança desenha linhas verticais, horizontais e circulares com uma caneta ou lápis; volta as páginas de um livro; pega no lápis corretamente; consegue enroscar e desenroscar.

No que diz respeito à linguagem, a criança reconhece quase todos os objetos e imagens comuns; percebe a maioria das frases; compreende conceitos físicos relacionais como «sobre», «dentro», «debaixo»; usa frases de quatro e cinco palavras; sabe o seu nome, idade e sexo; as pessoas que não a conhecem entendem a maior parte do seu discurso.

A nível cognitivo, a criança brinca facilmente com brinquedos mecânicos; consegue associar um objeto real com a imagem num livro; brinca ao faz-de-conta com bonecos, animais e pessoas; divide os objetos segundo o formato e a cor; faz “puzzle” de 3 e 4 peças.

No campo social, a criança imita os adultos e amigos; tem manifestações afetivas, espontâneas com os familiares e amigos; entende o conceito de «meu» e «dele».

Na área emocional, a criança expressa afetos e sentimentos abertamente; expressa e conhece emoções sabendo até imitá-las e fingi-las; consegue separar-se dos pais sem ansiedade, quando transita para um ambiente que conhece; habitua-se às rotinas.

As crianças nesta faixa etária já conseguem ter um grande progresso nas áreas das expressões, nomeadamente, na expressão musical e expressão plástica. Segundo Souriau (1964, citado por Sousa, 2003) as crianças com três anos conseguem “captar bem uma música e pode praticá-la. Grita nos agudos e canta nos registos graves” (p.61).

Como nos refere Gesell (1940, citado por Sousa, 2003), a criança nesta idade “frequentemente consegue reproduzir canções inteiras simples, ainda que geralmente fora de tom” (p.61).

Segundo Cordeiro (2008), aos três anos, o desenho desta criança começa “a valer por ele, embora faça apenas riscos com algum nexos” ao qual esta atribui nome “«é o pai», «é uma casa»” e começa a desenhar as pessoas com braços e pés longos, mãos grandes, os olhos não são simétricos, e por fim, o cabelo podem ser riscos ou simplesmente não existir (p.36).

1.2.2. Caracterização da Turma

A turma B do Bibe Amarelo é composta por vinte e oito crianças, sendo a maioria de 3 anos. A responsável desta sala é a Educadora Joana Sombreiro.

O grupo, no geral, é calmo e respeitador das regras e orientações dadas pela Educadora. Existem oito crianças que só completam os três anos de idade este ano, evidenciando-se das restantes, que farão os quatro anos no próximo ano. Esta diferença de idade e maturidade é relevante na maioria das crianças mais novas, principalmente ao nível da linguagem e da motricidade fina.

Este grupo não é muito participativo, por iniciativa própria, só interagem se forem chamados para tal. Contudo, existe um menino com um QI bastante elevado, sendo que, apenas com três anos, já sabe ler, escrever e é bastante desenvolvido ao nível da língua portuguesa e inglesa.

1.2.3. Caracterização do Espaço

A sala do Bibe Amarelo, é um local amplo onde se podem observar duas áreas diferentes, ou seja, a área das mesas onde as crianças realizam propostas de trabalho, e a área dos “sofás”, onde estas realizam atividades variadas em grupo.

Para Zabalza (1998), “a organização do espaço na Educação Infantil possui características muito particulares. Estes devem ser amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados (bem como identificados pelas crianças tanto no ponto de vista da sua função como das atividades que se realizam nos mesmos)” (p.50).

Na sala do Bibe Amarelo podem ainda ser identificados dois cantinhos, o da Biblioteca e o das brincadeiras.

Este espaço ainda tem, armários e cabides devidamente identificados com os nomes das crianças, de modo a criar já uma ligação com a leitura.

1.2.3. Rotina

No Bibe Amarelo também se notou a presença de algumas práticas já descritas no Bibe Azul, sendo que o acolhimento no salão e o tempo em roda são maiores. O acolhimento é maior, pois as crianças do Bibe Amarelo, ainda são pequenas, o que faz com que estas não tenham uma atividade de aprendizagem tão “extensa” como o Bibe Azul. Estes momentos também são benéficos para desenvolver a linguagem e perder de certo modo a “vergonha” de estar em convívio com outras crianças.


Sesta após o almoço

A hora da sesta, de acordo com o pré-escolar, é uma característica própria do Bibe Amarelo, onde as crianças dormem da 13 às 15 horas. Neste momento de descanso, as crianças tem possibilidade de usar alguns dos seus objetos pessoais, como a chucha, a fralda, o peluche, etc.

Cordeiro (2008) salienta que a sesta “é um direito da criança, nesta idade” e “deve ser feita num ambiente calmo”. (p.373)

Já Leitão (2009) refere que “uma criança «bem dormida» é uma criança bem-disposta, sociável, mais tolerante e cooperante, com maior capacidade de atenção, maior predisposição para a aprendizagem e mais orgulhosa das suas aquisições”.

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma (Figura 14).



Jardim-Escola João de Deus – Alvalade
Horário letivo 2010/11

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h	Acolhimento e canções no Salão				
1º Tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h45h/10h45)	Iniciação à Matemática/ Cerâmica**	Iniciação à Matemática
	Educação Musical (10h20/11h50)	Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal		Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal	Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal
10h30	Suplemento alimentar – Recreio/ Cantinhos (10h30/11h)				
2º Tempo da manhã	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Informática/ Biblioteca
12h	Almoço e higiene				
13h	Sesta				
1º Tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho*/ Jogos	Realização de propostas de trabalho*/ Plástica e Jogos	Realização de propostas de trabalho*/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho*/ Entrelaçamentos e Enfiamentos	Realização de propostas de trabalho*/ Plástica e Jogos
16h	Lanche/Saída				

Atendimento aos Encarregados de Educação - 4ª feira das 9h45 às 10h45.
 * As propostas de trabalho visam: trabalhar diversas expressões plásticas, exercitar a grafomotricidade, desenvolver o raciocínio Lógico-Matemático e consolidar temas da área do Conhecimento do Mundo.
 ** Aula que decorre de 3 em 3 semanas.


Educadora: Joana Sombreiro 

Figura 14 – Horário Bibe Amarelo

1.2.4. Relatos Diários

Segunda-Feira, 15 de novembro de 2010

Hoje, não houve estágio no Jardim-Escola. Este dia foi reservado para a reunião de Prática Pedagógica no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, que teve início às 9:30 horas. Nesta reunião, foram abordados vários assuntos, entre os quais, a entrega da grelha de avaliação feita pela Professora Cooperante, no meu caso a Educadora do Bibe Azul B.

Estiveram presentes nesta reunião alguns dos professores Orientadores da Prática Pedagógica.

Inferências/Fundamentação Teórica

De acordo com Formosinho (2001, citado por Severino, 2007) a essência da Prática Pedagógica é a de possuir uma visão abrangente, que inclua “as aprendizagens e os processos de socialização com as aprendizagens resultantes dos processos estruturados de ensino e aprendizagem” (p.41).

Considero estas reuniões úteis para que possamos colocar as nossas dúvidas, bem como situações das quais discordamos, para que assim se possa chegar a algum consenso. Para além disso, servem para nos orientar em relação ao estágio realizado no Jardim-Escola, dando-nos a possibilidade de através das avaliações realizadas, podermos ter uma breve noção do “grau” de competências já adquiridas. Perrenoud (1993, citado por Severino, 2007) salienta que não podemos considerar a nossa formação prática como “uma vaga familiarização com o meio escolar” adicionando, que a “prática é a pedra-de-toque das competências, o lugar da sua integração e da sua avaliação formativa” (p.41).

Assim sendo, como os autores referem em cima, a Prática Pedagógica é um instrumento essencial para o nosso desenvolvimento enquanto futuros docentes, pois é através desta experiência que conseguimos começar a perceber o quanto “multifuncionais” temos de ser.

Terça-Feira, 16 de novembro de 2010

Sendo hoje o primeiro dia no Bibe Amarelo A, quando cheguei ao Jardim-Escola, dirigi-me à sala de aula, para colocar os meus pertences e, de seguida, dirigi-me para o salão onde é realizada a roda.

Após o momento da roda a cantar, fomos em comboio para a sala de aula onde, sentados nos “sofás”, a Educadora nos apresentou, e de seguida, começou a falar da

roda dos alimentos. Foram aprendendo estes conhecimentos através da construção de um “puzzle” (a roda dos alimentos).

Ao desenrolar o tema do Conhecimento do Mundo, a Educadora utilizou um fantoche, enquanto falava dos conceitos e fez interdisciplinaridade, ou seja, consoante falava de cada divisão da roda, questionava-os sobre quais eram os alimentos, como por exemplo, se a parte era grande ou pequena.

Para finalizar esta tarefa, as crianças realizaram um jogo, que consistia em recolher alimentos e colocá-los no local certo da roda, sendo que os doces ficaram fora da roda, pois são indispensáveis na alimentação; por outro lado, insistiu que beber água é muito importante.

Depois do recreio, foram todos para os seus lugares nas mesas da sala, para realizarem uma proposta de trabalho de picotagem.

Antes da hora de almoço, após terminarem a proposta de trabalho, dançaram ao som da música do Panda, fazendo o que a música pedia.

Inferências/Fundamentação Teórica

No desenrolar da área do Conhecimento do Mundo, a Educadora utilizou um fantoche, de modo a cativar a atenção dos alunos, método que considero bastante engraçado, e imprescindível de utilizar nos jardins-de-infância.

Para tal, Costa e Baganha (1989) referem que “o fantoche aparece como um amigo, como um conhecido, como alguém que gostaria de conhecer aqueles meninos, etc” (p.60).

Apreiei também o facto de, após realizados vários momentos de trabalho, a Educadora ter proporcionado um momento de descontração, onde as crianças, através da dança, desenvolvem vários eixos fundamentais, ou seja, o escutar, o cantar, o dançar, bem como a coordenação motora.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “o ritmo, os sons produzidos através do corpo e o acompanhamento da música ligam a expressão motora à dança e também à expressão musical. Identificar as partes do corpo, bem como a sua nomeação, ligam a expressão motora à linguagem” (p.59).

Sexta-Feira, 19 de novembro de 2010

Hoje, o dia foi mais calmo, pois muitos meninos faltaram; assim sendo, a Educadora pediu às minhas colegas e a mim, se em vez de ficarmos na roda, podíamos ir para a sala terminar os pais Natal, para que fossem entregues na Festa de Natal, e nós assim o fizemos.

Na altura de irem para a sala, as crianças sentaram-se como sempre nos “sofás”, onde hoje a Educadora esteve a desenvolver a área da Matemática, trabalhando

sequências, cores, tamanhos, lateralidade, bem como algumas situações problemáticas onde, por exemplo, abordou o conceito divisão de uma forma simples, igualdade de quantidades.

Terminado o momento do recreio, a Educadora dividiu a turma nos grupos de informática e a Joana e eu levámo-los à sala; os restantes, foram para a sala realizar uma proposta de trabalho. Passados trinta minutos, trocaram-se os grupos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante a existência de atividades curriculares não disciplinares como a informática, presentes neste Bibe. Pois, para além da Estimulação à Leitura, Matemática, Conhecimento do Mundo e expressões, esta (informática) também é considerada um meio de aprendizagem útil do dia-a-dia das crianças

Assim, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) referem que “a utilização dos meios informáticos a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código (...)”, ou seja, o código informático (p.72).

Segunda-Feira, 22 de novembro de 2010

Hoje, o dia começou tão bem como todos os outros, nomeadamente, na roda no salão do Bibe Encarnado. Mas, na sala de aula, tudo começou de uma maneira diferente, ou seja, a Educadora começou a falar com as crianças sobre o que fizeram no fim-de-semana, e de seguida, contou a história do “Leão e Rato”.

Terminado o momento de leitura, a Professora Teresa Botelho entrou na sala do Bibe Amarelo de surpresa, dando à minha colega Joana o livro “Dez numa cama” de Penny Dale. Com esta história, a Joana fez contagem dos animais que iam saindo e fez jogo de mímica (Figura 15).

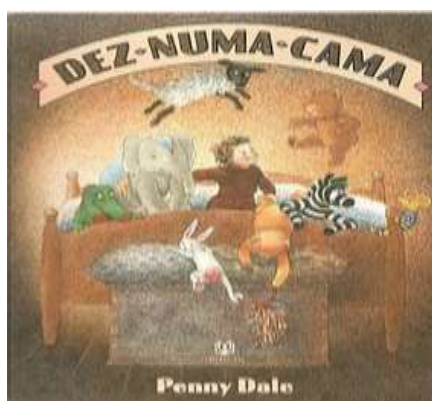


Figura 15 – Dez numa cama

No fim de todas as aulas surpresas, todos os estagiários do Jardim-Escola se dirigiram para a sala dos computadores para uma reunião, onde é feito o *feedback* de cada aula realizada.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na minha “avaliação”, a Joana podia ter dramatizado a história, utilizando as almofadas da sala, para criar uma cama e colocar lá em cima dez crianças, de modo a recrear a história, sendo que cada criança corresponderia a um dos animais que o livro referia.

Sendo que se trata do Bibe Amarelo, penso que as contagens realizadas não foram próprias para a idade, pois as crianças ainda não têm a capacidade de abstração, para saberem que, por exemplo, 10 menos 3 são 7.

Considero as aulas surpresa, um momento de grande aprendizagem, pois trata-se de uma aula que não foi preparada, o que faz com que tenhamos de aplicar conteúdos e estratégias variadas para conseguir alcançar da melhor forma o solicitado pela Orientadora de Supervisão da Prática Pedagógica. Assim, segundo Severino (2007)

a supervisão da prática pedagógica deverá, assim, constituir-se como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes, de uma comunicação efectiva e problematizante, de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para auto-dirigirem as suas aprendizagens (p.44).

Os momentos em que existem Orientadoras no Jardim-Escola a avaliar, as aulas das alunas estagiárias em ação é de extrema importância na formação de um futuro docente.

Alegria *et al.* (2001) afirmam que “o acompanhamento das actividades dos estagiários em contexto real proporciona, por isso, oportunidades únicas para serem evidenciadas algumas das deficiências da formação científica e pedagógica anteriormente adquirida (...). As escolas são imprescindíveis comunidades de aprendizagem e motores de mudança (...)”.

Esta é uma profissão prática, por conseguinte, não adianta sermos só avaliados teoricamente.

Terça-Feira, 23 de novembro de 2010

O dia de hoje começou com o Domínio da Matemática, onde a Educadora utilizou um material alternativo – chupas e rebuçados coloridos. Com este material, realizou várias situações matemáticas, tendo até desenhado uma menina e um menino onde

usou a divisão feita irmanamente, ou seja, cada criança ficava com a mesma quantidade de doces (Figura 16).



Figura 16 - *Chupas e Rebuçados*

Em virtude de estarmos perto do Natal, os ensaios para a festa estão a começar a ser realizados com maior intensidade, por isso, após o recreio da manhã dirigimo-nos para o ginásio, onde juntamente com a outra turma do Bibe Amarelo, se ensaiou com alguns alunos, com música e objetos que irão ser usados na festa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que esta aula foi interessante, pois a Educadora utilizou imagens apelativas de doces que as crianças conhecem bem, para realizar várias operações matemáticas, bem como introduzir alguns conceitos novos. Segundo Serrazina (1991) os materiais manipuláveis são “objectos, instrumentos que podem ajudar os alunos a descobrir, a entender ou a consolidar conceitos fundamentais nas diversas fases da aprendizagem” (p.37). Reys (1982, citado por Botas, 2008) refere ainda que os materiais manipuláveis “são objectos ou coisas que o aluno seja capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais que tem aplicação nos afazeres do dia-a-dia, ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia” (p.5).

Desta forma, é fácil perceber que os materiais, sendo eles estruturados ou não, são uteis para criar aprendizagens variadas e desenvolver, assim, a mente das crianças de uma forma mais lúdica e real, podendo estas, através da manipulação, entender e criar conceitos matemáticos.

Sexta-Feira, 26 de novembro de 2010

Hoje, é dia de informática após o recreio da manhã. Mas antes da iniciação da atividade extra aulas, a Educadora deu Matemática, usando o material - blocos lógicos a toda a turma. Com este material referiu o que é um conjunto universal, conjunto vazio e o nome que se dá à linha que delimita o “dentro de” e o “fora de”, dando-lhe o nome de linha de fronteira. Consoante trabalhava com o material falou da cor, do tamanho, das formas, espessura, realizando também sequências de várias formas, ou seja, referindo o tamanho ou a forma ou a cor e, para terminar, realizou o jogo “Quim Visual”.

Foi possível neste dia, a Educadora trabalhar com grupo de alunos mais pequeno, pois estes foram divididos em dois grupos para irem à informática. Nesse momento, a Educadora distribuiu uma proposta de trabalho de sequências, realizando-as com bolinhas de plasticina colorida (Figura 17).



Figura 17 - Sequência com plasticina

Depois de cada criança terminar o seu trabalho, podiam ir brincar, tendo à sua disposição livros, jogos e a área da cozinha.

Após terem ido os dois turnos à informática, chegou a hora de colocar os babetes e deslocaram-se para o refeitório para irem almoçar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que a manipulação dos materiais é muito importante para desenvolver vários aspetos na aprendizagem da criança.

Segundo Piaget (1896-1980, citado por Caldeira, 2009) refere que “a aprendizagem da matemática envolve o conhecimento físico e o lógico-matemático” (p.369).

No entanto, Caldeira (2009) afirma que “o conhecimento físico ocorre quando a criança pega, observa e identifica os atributos de cada peça” (p.369).

No momento em que a turma estava dividida, a Educadora distribuiu uma proposta de trabalho, que tinha como finalidade desenvolver vários objetivos, tais como: seriação, coordenação motora e associação da cor.

Segunda-Feira, 29 de novembro de 2010

O dia de hoje começou de uma forma diferente, pois eu e a minha colega M^a do Céu tivemos aula surpresa de Estimulação à Leitura. Visto ser surpresa, eu li a história da “Galinha Ruiva” e a M^a do Céu o poema “Panelas com asas”.

Iniciei o meu momento de aula, começando por ler a história; de seguida, pedi que imitassem os sons dos animais. No decorrer da aula realizei, também, atividade em grupo, sendo que cada grupo representava um animal e, consoante eu dizia (ex: galinhas), esse grupo tinha de fazer o som.

A minha colega, no seu momento de aula, realizou uma panela e cadeiras humanas, retratando o que era falado no poema. Depois explorou o tema, fazendo contagens, bem como sopa de algarismos, associando a cor a vegetais. Também usou fantasia quando pediu que mexessem, soprassem e provassem a sopa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia dei a minha 1.^a aula surpresa, tendo ficado um pouco nervosa e principalmente por ser o primeiro contacto como uma turma do Bibe Amarelo. Durante o meu tempo de preparação de leitura da história atribuída, idealizei fazer variadíssimas situações, no entanto, quando tive de aplicá-las, acabei por não fazer nada do anteriormente planeado.

Assim, considero que a minha aula podia ter sido mais animada e mais organizada, criando de certo modo algum “suspense” com o desenrolar da história. Pois, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), para se construir um ambiente educativo é necessário “despertar a curiosidade e o espírito crítico” nas crianças. (p.20)

Em relação à aula da minha colega, apesar de estar também um pouco nervosa, penso que correu bem, conseguiu fazer interdisciplinaridade e criar vários momentos imaginários, utilizando objetos diferenciados apelando ao faz de conta.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) existem materiais que “oferecem diferentes possibilidades de «fazer de conta», permitindo à criança recrear experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objectos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos”. (p.60)

Terça-Feira, 30 de novembro de 2010

Hoje, o dia começou da mesma maneira, no salão, a cantar. Mas hoje as crianças foram levadas para a sala pela minha colega Joana, pois era o dia de dar a sua manhã inteira. Assim, a manhã começou com uma história de fantoches, de modo a dar início ao seu tema “ Alimentação - frutos”.

De seguida, passou para o Conhecimento do Mundo, onde falou de variados frutos, e fez um jogo com frutas e música. Realizou também, uma cara com os frutos falados (Figura 18).



Figura 18 – Cara com frutos

Após o intervalo, foi a área da Matemática onde a minha outra colega e eu, não assistimos, pois estávamos a realizar cenários para a festa de Natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta atividade, foi a meu ver, bastante colorida e real, estando o cenário da história pequeno em relação aos fantoches. Considero este ponto importante de referir, pois devido ao tamanho do fantoche, este facto limitou a visualização do cenário elaborado para a história, privando assim, as crianças de através da visão perceberem em que parte se situava a história (se na sala ou na cozinha). Mas, no entanto, a utilização de fantoches no ambiente de sala de aula é bastante educativo, pois como refere Pereira e Lopes (2007) “os fantoches aplicados na sala de aula podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão” (p.44).

Ao nível da informação transmitida, simplesmente confundiu alguns vocábulos, penso que devido aos nervos do momento. Ex. A laranjeira vem da laranjeira.

Sexta-Feira, 3 de dezembro de 2010

Hoje, o dia começou como sempre no salão do Bibe Encarnado. Chegando à sala, a Educadora pediu às minhas colegas e a mim, para efetuarmos variados objetos e cenários para a festa de Natal. Assim, não observámos a manhã das crianças, ajudando só na hora do almoço e depois deitar as crianças para a sesta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Visto não ter observado a rotina diária do Bibe Amarelo, só posso referir a importância que um ato tão simples com o de “comer” tem na vida destas crianças, adquirindo assim, alguma independência.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), o momento das refeições é um momento de “adquirir maior independência”, ou seja, é na “educação pré-escolar que se vão dominando determinados saber-fazer – vestir-se, despir-se, lavar-se, comer utilizando adequadamente os talheres, etc.” (p.53).

Segunda-Feira, 6 de dezembro de 2010

Hoje, a manhã do Bibe Amarelo foi diferente, pois iam na sua primeira visita de estudo. A visita de estudo foi ao Museu da Criança, dentro do Jardim Zoológico, onde viram e experimentaram a exposição dos 5 Sentidos (Figuras 19 e 20).

Foi uma manhã muito divertida, pois as crianças, só pelo facto de andarem de camioneta, já ficaram felizes.



Figura 19 – *Entrada na Exposição*



Figura 20 – *Experiências dos sentidos*

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta foi a primeira visita de estudo que realizei ao longo do estágio. O conceito de visita de estudo, de acordo com Krepel (1981, citado por Almeida, 1998) “uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objectivos de estudo nos seus locais funcionais” (p.51).

As visitas de estudo constituem uma ótima estratégia pedagógica no que diz respeito à aquisição de conhecimentos e no contato com o mundo que os rodeia. A visita de estudo realizada permitiu, igualmente, que as crianças estivessem em contato com vários objetos, de modo a desenvolver mais os seus 5 sentidos. Cordeiro (2008) refere “que é a partir dos três anos é desejável visitar, de quando em quando, um museu”. (p.426)

Mesmo que, de uma forma leve, saltando eventualmente por entre algumas salas e tendo a atenção de estar mais tempo a apreciar várias situações relacionadas com o tema, é uma mais-valia para enriquecer o conhecimento destas.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) salientam o espaço exterior como “fonte de aprendizagens” (p.79). A melhor forma de contactar com o exterior poderá ser, segundo o mesmo documento, “através de deslocações ao exterior”, como a observada na presente manhã de estágio.

Terça-Feira, 7 de dezembro de 2010

Hoje, a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã de aula, tendo esta como tema, - os estados da água. A aula começou com Estimulação à Leitura, onde contou uma história, utilizando sombras chinesas e, no fim, completou o livro com as imagens da história, tendo a ajuda das crianças.

Ao nível do Conhecimento do Mundo, falou dos estados da água, tendo-os mostrado todos no concreto. Falou também, dos diversos animais que se encontram no gelo, ou seja, no seu “habitat” natural (ex. foca / urso / ...).

Por fim, na área da Matemática, desenvolveu estruturação espacial, contagens/ operações e sequências, utilizando flocos de neve de várias cores.

Inferências/Fundamentação Teórica

Penso que a minha colega devia ter solicitado a colaboração dos alunos, bem como ser mais expressiva. No entanto, fez muito bem em aproveitar as vivências de cada aluno, bem como em ter utilizado sombras chinesas na Estimulação à Leitura.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “as «sombras chinesas» constituem outro suporte para atividades de dramatização”. No meu ver, um suporte muito apelativo, cativando com maior intensidade a atenção das crianças, mas por vezes pouco utilizado devido à sua complexa criação. O mesmo autor refere que estas “podem ser realizadas pelas crianças” existindo “o apoio do Educador para construir silhuetas que as crianças poderão utilizar” (p.61).

Sexta-Feira, 10 de dezembro de 2010

Hoje, o dia começou igualmente no salão do Bibe Encarnado. Chegando à sala, a Educadora pediu às crianças para se sentarem no sofá, pois era o momento de uma história de Natal. Consoante a Educadora contava a história, alguns meninos coloriam um desenho.

As minhas colegas e eu, fazíamos e terminávamos o resto dos objetos necessários para o Natal. Nesse dia, por nossa livre e espontânea vontade, ficámos até mais tarde para terminar as tarefas que nos tínhamos proposto a realizar (coletes/ cartolas/ ...).

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta época festiva, é essencial a contextualização do momento em si, através de várias atividades. Considero a atividade da professora bastante simples e ao mesmo tempo complexa, pois através de um conto de Natal, a Educadora conseguiu entre gestos e entoações, transmitir o que na realidade é a Época Natalícia.

Segundo Agüera (2008) “o acto de contar ou ler é de maior importância. Nem todos os pais e nem todos os educadores têm habilidade para ler histórias” (p.35). A mesma autora ainda refere que as histórias são “um bom recurso para que o educador acompanhe a narração são os gestos, as encenações, as entoações diante das crianças durante a narração” (p.35).

Estas épocas de estágio, só demonstram o trabalho que é necessário executar com uma certa antecedência, para que no dia, as coisas corram da melhor forma. Para isso, considero que sem a ajuda dos estagiários, tudo seria mais complicado para os Educadores, pois estes têm à mesma as suas crianças para acompanhar.

Segunda-Feira, 13 de dezembro de 2010

Hoje, o começo do dia foi idêntico aos anteriores. Depois da habitual roda, as crianças do Bibe Amarelo, dirigiram-se todas para a sala da turma B, para o ensaio geral de Natal pois, no dia seguinte, era a tão aguardada festa de Natal.

Enquanto decorriam os ensaios, os meus colegas e eu, estávamos na sala ao lado a terminar com as crianças algumas das prendas que iam ser dadas aos pais, bem como a colocar os presentes dentro de caixas com a devida avaliação de cada criança.

Nesse dia saí um pouco mais tarde, pois quis deixar tudo terminado para ser entregue no dia da festa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia as crianças com quem estivemos a trabalhar estavam muito contentes, pois estavam a construir/ criar prendas para dar aos pais, estas, relacionadas com o Natal.

Segundo Agüera (2008) “é maravilhoso que as crianças pequenas gostem de criar. É a melhor forma de contribuir para o desenvolvimento do pensamento, ao mesmo tempo que lhe incentiva a auto-estima e, obviamente, se aumentam destrezas e habilidades” (p.103).

Estes momentos finais, como todos os outros, são bastante importantes para os Educadores e para os pais das crianças, pois é nesse percurso que ambos vêm a evolução, para tal é necessário a existencia de uma boa relação por ambas as partes. Assim, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (p.43).

Para nós adultos (Educadores e estagiários) a organização do evento em si, é bastante trabalhosa, mas para as crianças ainda se torna mais trabalhoso, pois estes querem ser os melhores, conseguir fazer tudo à primeira, pois sabem que as pessoas que mais gostam, os seus pais, irão estar lá para os ver brilhar. No entanto, apesar de trabalhoso, no final tudo é gratificante, simplesmente com o olhar de felicidade que eles transmitem.

Terça-Feira, 14 de dezembro de 2010

Hoje, foi o dia da Festa de Natal do Jardim-Escola de Alvalade, que decorreu na Igreja São João de Brito. Chegámos à hora habitual, mas dirigimo-nos logo para o local onde se ia realizar a festa.

Visto o Bibe Amarelo ser logo o primeiro a representar, ajudámos as crianças a vestir os fatos e a entrarem nas alturas pretendidas.

No final, apesar do “stress”, correu tudo muito bem. Nesse dia para além de ajudar a minha Educadora cooperante, ajudei muitas outras Educadoras. Neste sentido, saí da festa às 19 horas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na festa de Natal do Bibe Amarelo as crianças representaram o Circo, onde fizeram a dramatização do espetáculo em si. Segundo Sousa (2003) “o teatro com crianças também chamado de *teatro infantil*, refere-se a uma forma de teatro (com palco e plateia), com peça escrita e com público, em que os actores são as crianças” (p.85).O mesmo autor ainda refere que este tipo de teatro “para as crianças mais pequenas é constituído apenas por pequenas improvisações que vão efectuar num palco” (p.85).

De acordo com Agüera (2008) “as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e integração das crianças” (p.73). A mesma autora ainda salienta que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados por acções nas quais as crianças podem e devem participar” (p.73).

Neste dia, a festa foi de todo o Jardim-Escola de Alvalade, como tal, apesar de estar no Bibe Amarelo, após a sua apresentação, fui ajudar as Educadores dos outros Bibes, pois o dia é de grande agitação e entusiasmo, assim, quantos mais “olhares” existirem perante aquelas crianças melhor é para que, no fim, tudo corra como o desejado

Sexta-Feira, 17 de dezembro de 201

Hoje, dei a minha 1.^a manhã de aula ao Bibe Amarelo, tendo como tema o Ciclo da Água.

Iniciei a minha aula pelo Domínio da linguagem oral, onde contei a história da “gotinha de água” e, ao longo do desenrolar da mesma, os alunos iam ordenando as imagens alusivas à história.

De seguida, na área do Conhecimento do Mundo, apresentei a minha amiga gotinha e, através de um placard e de uma breve dramatização apelando à ajuda das crianças, expliquei o ciclo da água.

A seguir ao intervalo, na área da Matemática abordei a estruturação espacial e conjuntos, com um material não estruturado (gotas de várias cores).

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao longo da aula, fui apelando sempre à colaboração das crianças. Na leitura da história fiz inflexões de vozes, diferenciando as várias personagens existentes nela, fiz retorno à calma, fazendo gestos e cantarolando uma canção.

Teberosky e Colomer (2003) afirmam:

que para se obter uma leitura interactiva, o professor não precisa transformar a leitura monologa (...) deve tentar fazer com que as crianças «entrem» no mundo do texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais, imitando e escutando anteriormente, (...) (p.127).

Na Matemática, no âmbito da estruturação espacial, as crianças divertiram-se muito.

Como em todas as aulas, existem sempre aspetos a melhorar. Assim sendo, no Conhecimento do Mundo, quando revi os estados de água, deveria ter realizado mais uma vez o processo do ciclo da água, de modo a referir que, quando ela evapora, está em estado gasoso, etc.. Na Matemática, visto ter utilizado as crianças como linha de fronteira, esquecendo-me de rever esse conceito, acabei por fazer grupos e não conjuntos. Mas, de um modo geral, penso que tenha corrido bem.

Segunda-Feira, 3 de janeiro de 2011

Hoje, foi o dia de regresso ao Jardim-Escola após as férias de Natal. Neste dia dei a minha segunda aula ao Bibe Amarelo, cujo tema foi o Sistema Solar.

Comecei a minha aula com a área da Matemática onde realizei situações problemáticas e sequências, utilizando estrelas e planetas. De seguida, iniciei com a área do Conhecimento do Mundo, onde abordei o sistema solar, tendo no fim, como método de consolidação, um jogo da memória. Para terminar, realizei uma proposta de trabalho que consistiu em colorir um planeta terra com tinta, usando assim o dedo indicador (Figuras 21 e 22).



Figura 21 - *Mobile do Sistema Sola*

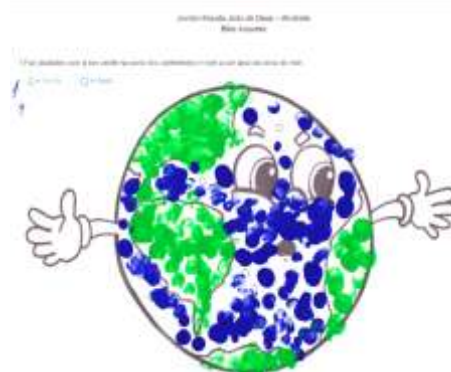


Figura 22 - *Expressão Plástica*

Inferências/Fundamentação Teórica

No meu ponto de vista, a minha aula correu bem, pois os materiais utilizados eram apelativos e visíveis, estabeleci uma boa relação, coloquei perguntas dirigidas, estive sempre atenta às dúvidas que iam aparecendo e circulei na sala.

No entanto, existem alguns aspetos a melhorar como: visto na área da Matemática ter utilizado dois astronautas, devia ter referido o que é um astronauta e o que é que ele faz. Na área do Conhecimento do Mundo, tive alguma dificuldade em saber que informação transmitir às crianças, devido à idade das mesmas mas, após ouvir o *feedback* da Educadora, apercebi-me que podia ter exposto outro tipo de informação.

Segundo Alarcão (1982, citado por Severino, 2007):

é necessário ajudar o aluno/supervisando a tomar as suas próprias decisões a respeito da sua actuação, o que exige um esforço conjunto do supervisor e do supervisando. Para haver progressão do formando, este necessita de ter consciência dos pontos menos bons da sua acção, carecendo, para tal, de observar, de diagnosticar, e de tomar posições, num movimento dialéctico de acção-reflexão (p.42).

Contudo, Severino (2007) refere que “este trabalho deverá ocorrer primeiramente com o supervisor para que, um dia (conseguida a autonomia), o formando possa realizar sozinho, de acordo com as suas capacidades e opções” (p.42).

Na Expressão Plástica, podia ter usado a informação sobre o planeta Terra para explicar o porquê daquela atividade. Mas de qualquer forma, a técnica aplicada na elaboração da proposta de trabalho “Desenho com o Dedo” fez com que de certo modo se pudesse verificar a ligação que as crianças têm com a pintura. Gonçalves (1991, citado por Sousa, 2003) “a espontaneidade da pintura infantil manifesta-se antes da aquisição de uma técnica, ou, por outras palavras, conduz à necessidade de descobrir a técnica que melhor se adapte ao desenvolvimento desse tipo de expressão imediata” (p.228).

Terça-Feira, 4 de janeiro de 2011

Hoje, houve mais uma aula de manhã inteira no Bibe Amarelo, dada pela minha colega M^a do Céu. O tema da aula foi - o Dia e a Noite.

Iniciou a aula com o Conhecimento do Mundo, onde mostrou o sol, o planeta Terra e a lua. Demonstrou como é o movimento de rotação e translação através de uma maquete de ciências e, de seguida, realizou o mesmo, mas com as crianças, ou seja, algumas formaram o sol, outra era o planeta Terra e por fim a lua.

Para explicar o dia e a noite, usou um boneco que colocou no planeta Terra e depois projetou a luz do “sol” e questionou onde era o dia e a noite (Figura 23).



Figura 23 – *Demonstração do dia e noite.*

Na área da matemática fez estruturação espacial, conjuntos e sequências, com imagens do planeta Terra, sol e da lua.

Após o intervalo, realizou a expressão plástica, que teve como atividade uma proposta de trabalho de ligação imagem – sombra.

Inferências/Fundamentação Teórica

No meu ponto de vista, a parte em que mostrou o dia e a noite, devia ter utilizado uma luz mais fraca, pois mal ligou a luz, ela espalhou-se por todo o globo, dando a noção de que era dia no mundo inteiro. Na área da Matemática devia ter tido mais atenção ao tamanho das imagens, bem como as suas cores, pois a lua e o planeta Terra, confundiam-se um pouco. Neste momento, devia ter realizado um retorno à calma, pois as crianças estavam bastante agitadas. Para que isso não tivesse acontecido, a minha colega devia ter idealizado alguma mudança de espaço.

Teberosky e Colomer (2003) aconselham a planificar as transições pois estas “são momentos que devem ser vistos como uma série de passos que se quer que os alunos sigam, de modo a facilitar estes momentos” (p.194), ou seja, diminuindo assim a existência de momentos de agitação.

Ao nível da Expressão Plástica, penso que deveria ter explicado melhor a proposta de trabalho, pois as crianças não entenderam o que era para fazer, bem como devia ter referido para colorirem as imagens de acordo com as cores reais.

Segundo Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009) “as crianças devem ser esclarecidas quanto ao propósito da actividade a desenvolver e ao que é esperado delas, de modo a potenciar as suas aprendizagens” (p.19).

Sexta-Feira, 7 de janeiro de 2011

Hoje, foi o último dia em que as minhas colegas e eu estivemos no Bibe Amarelo, mas mesmo assim, a Joana tinha a sua manhã de aula para dar, cujo tema era a Habitação.

A minha colega iniciou a sua manhã com a área do Conhecimento do Mundo onde, com a ajuda de um fantoche e de um exemplo de habitação, falou das várias divisões que esta tem, e quais as funções que cada um de nós poderá desempenhar em cada uma das divisões (Figuras 24 e 25).



Figura 24 – Colega de Estágio a manipular o fantoche



Figura 25 - Habitação

De seguida, passou para a Expressão Plástica, onde cada criança construiu a sua casa, para que, no fim, pudesse ser construído o Bairro das Casas do Bibe Amarelo.

Após o recreio, as crianças voltaram para a sala. Nesse momento, a minha colega abordou a área da Matemática, realizando vários conteúdos matemáticos ao longo das várias divisões da casa. A sala foi dividida em quatro divisões: a casa de banho, onde foram realizadas operações aritméticas; o quarto, onde foram realizados conjuntos; a sala, onde foram realizadas sequências e, por fim, a cozinha onde se realizou a estruturação espacial (Figura 26).



Figura 26 - Conjuntos, Estruturação Espacial; Sequências; Operações

Inferências/Fundamentação Teórica

A ideia de realizar uma casa a “imitar” a realidade, foi muito bem conseguida, a meu ver só falhou o facto de que as crianças não poderem mexer, apenas ouviram a minha colega a transmitir a informação, pelo que, começaram a dispersar.

Na Expressão Plástica, penso que a minha colega deveria ter construído uma casa igual à que deu às crianças, num tamanho maior, para quando fosse o momento de colar as janelas e a porta, não tivessem existido casos como o de algumas crianças que colocaram tudo no telhado. Nesta atividade, as crianças desenvolveram a motricidade fina. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “o desenvolvimento da motricidade fina inscreve-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos. Exige também ocasiões em que as crianças possam receber e projectar objectos” como por exemplo na atividade em que tinham de manusear o tubo de cola e colar as partes da casa nos devidos lugares (p.59).

Ao nível da Matemática, penso que a minha colega teve uma boa ideia, ao recrear a sala de aula de forma mais lúdica, ao aplicar a revisão de conceitos Matemáticos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “a diversidade de materiais para desenvolver as mesmas noções através de diferentes meios e processos, constitui um estímulo para a aprendizagem da matemática” (p.76). Mas esta atividade Matemática foi só trabalhada com quatro crianças, estando as outras vinte sentadas a ver. Neste caso, penso que a minha colega podia ter proporcionado algumas interações a toda a turma, como fazer gestos de várias situações, como o momento de tomar banho, por exemplo.

1.3. 3.ª Secção - Bibe Encarnado

1.3.1. Caracterização das crianças na faixa etária dos quatro anos

Nesta faixa etária, as crianças começam a desenvolver aspetos básicos. São crianças muito ativas em geral.

Assim sendo, Cordeiro (2008) enuncia alguns parâmetros de desenvolvimento presentes nesta idade. Relativamente à motricidade fina, desenha formas quadradas ou retangulares; desenha uma pessoa com duas a quatro partes do corpo; usa uma tesoura; consegue começar a copiar algumas letras.

No que diz respeito à linguagem, a criança entende o conceito «igual» ou «diferente»; sabe usar as regras principais da gramática; fala com frases de 5 a 6 palavras; fala suficiente bem para ser entendido por estranhos; conta histórias;

A nível cognitivo, a criança sabe as cores; entende o conceito de contar e sabe alguns números; dá a sua opinião e tem a sua razão; começa a ter uma noção do tempo e suas referências; cumpre ordens com três etapas; lembra-se de partes de histórias; gosta do faz-de-conta.

No campo social, a criança gosta de desafios e experiências novas; coopera com outras crianças; brinca «aos pais e às mães»; adiciona pormenores criativos às histórias; sabe fantasiar; veste e despe roupas simples; ganha independência.

Na área emocional, a criança vê-se como uma pessoa com corpo, mente e manifesta sentimentos e distingue a realidade da fantasia na maior parte das situações.

As crianças, nesta faixa etária, já conseguem ter um grande progresso, bem como, um enorme leque de noções que estão expressos nestas áreas das expressões, nomeadamente, na expressão musical e expressão plástica.

Em relação à música, as crianças de quatro anos, de acordo com Piaget (1975, citado por Sousa, 2003) “não têm ainda a noção consciente da simultaneidade sonora” (p.63). No entanto, a criança desta idade, segundo Gesell (1940, citado por Sousa, 2003) “gosta de explorar objectos sonoros. Consegue cantar algumas canções em comum. Identifica melodias simples. Gosta de dramatizar canções simples. Aumento progressivo do controlo da voz. (...)” (p.64).

De acordo com Cordeiro (2008), nesta idade a criação de um desenho “é definido primeiro na mente, e o que a mão faz é previamente construído, ou seja, começa a desenvolver a criatividade” não tendo limites de expressão, a cor corresponde à realidade e os tamanhos relativamente reais (p.36).

1.3.2. Caracterização da Turma

A turma do Bibe Encarnado B do Jardim – Escola é composta por vinte e seis alunos, sendo quinze do sexo masculino e onze do sexo feminino.

Os elementos da turma apresentam algumas disparidades, não só em termos de aprendizagem, como de comportamento. Quanto à aprendizagem, há algumas crianças que revelam mais dificuldades, não mostrando interesse pelos temas apresentados, nem pelos trabalhos propostos. À questão da falta de interesse, junta-se o comportamento menos próprio e as observações descontextualizadas

No geral, são crianças extrovertidas, sempre bem-dispostas e bastante comunicativas. Destacam-se quatro crianças mais inibidas, que só falam se forem solicitadas. Esta diferença de personalidades faz com que se criem grupos de interesse.

De acordo com Gesell (1998), “a maior parte das crianças desta idade são sociáveis e já estão preparadas para as actividades de grupo” (p.338).

A relação das crianças com a educadora é bastante positiva, sendo que estes demonstram o seu afeto diariamente.

1.3.3. Caracterização do Espaço

As crianças do Bibe Encarnado desenvolvem as suas aprendizagens maioritariamente no salão, que é um espaço amplo e bem iluminado.

Segundo Hohmann *et al.* (1997) “o espaço é fundamental para a aprendizagem activa” (p.51).

Este espaço encontra-se dividido em duas partes, sendo que uma delas é ocupada pelo Bibe Encarnado A.

O Salão é também utilizado como ponto de passagem para vários locais, tanto por crianças dos vários bibes, como pelos professores, educadores e funcionários.

De acordo com Zabalza (2001) a sala deve ser um espaço aberto, que “ se amplia funcionalmente para as outras dependências em que se desenvolve a vida e os rituais da jornada escolar, (...). Todas estas realidades desempenham claras funções experienciais para as crianças” (p.133).

O facto das crianças de quatro anos trabalharem num local tão amplo, como o salão, serve, de certo modo, para o educador promover o desenvolvimento da concentração e atenção das crianças.

1.3.4. Rotina

No que respeita às rotinas observadas durante o período de estágio no Bibe Encarnado, estas mantêm-se as mesmas relatadas anteriormente no Bibe Azul, no entanto, realizadas em horário diferente, evitando-se assim repetições, remetendo esta leitura sobre o que se disse anteriormente sobre as mesmas.

Segundo Zabalza (1998) “a rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização Espaço-Temporal” (p.169).

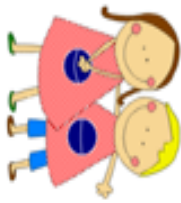
O Bibe Encarnado, ao longo da semana, tem várias actividades curriculares, não disciplinares, mas eu, nos nossos momentos de estágio, referentes aos três dias de Prática Pedagógica, só observei algumas, como: Expressão Musical; ginástica e informática.

De acordo com Gesell (1998), “as crianças dos quatro anos estão profundamente integradas às rotinas e são mais independentes e autónomas do que as crianças dos três anos, quer seja nas idas à casa de banho ou no lavar das mãos, embora surjam algumas excepções” (p.333).

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma (Figura 27).

Jardim-Escola João de Deus
Alvalade
Bibe Encarnado B

Horário Semanal 2010/2011



	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
1º Tempo (manhã)	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
	Hora do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar				
	Recreio orientado e livre				
	Informática (11h/12h)	Educação Musical (11h30m/12h)	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h50m/11h50m)
	Biblioteca*			Cerâmica** (10h30m/11h30m)	
	Higiene pessoal/Almoço				
	Recreio orientado e livre				
2º Tempo (tarde)	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Rasgar/recortar Colagem	Atividades Plásticas	Experiências
	Grafismo	Picotagem/dobragem			
	Modelagem com Terraçota e outros materiais	Enfriamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre/orientado	Puzzles e jogos de mesa
16.00	Lanche				

Atendimento aos Encarregados: de Educação - 6ª feira das 10h50m às 11h50m.
* Estimulação à Leitura na biblioteca que decorre de 2 em 2 semanas. ** Aula que decorre de 3 em 3 semanas.
Educadora: Ana Lopes
Observação: Este horário está sujeito a alterações mediante as necessidades das crianças.

Figura 27 – Horário do Bibe Encarnado

1.3.5. Relatos Diários

Segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

Hoje, foi o primeiro dia de aulas no Bibe Encarnado, pelo que o início da manhã é sempre igual, estando todos os bibes no salão a cantar.

Neste primeiro dia, a Educadora, apresentou aos seus alunos, um material novo: os “Calculadores Multibásicos”. Inicialmente a Educadora explicou as regras, pediu às crianças que dissessem quais as cores das peças e, como era a primeira vez que trabalhavam com este material, deixou que estas o explorassem livremente (Figura 28).



Figura 28- *Calculadores Multibásicos*

De seguida, pediu às crianças para colocarem algumas peças com as devidas cores nos furos específicos, o que originou alguma atrapalhação, pois estes ainda não tinham interiorizado os vários conceitos/regras para trabalhar com este material.

Após o intervalo, metade da turma dirigiu-se para a informática, enquanto que o restante da mesma se dirigia para o salão onde decoraram a capa referente ao 2.º período.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nabais (s.d., citado por Caldeira, 2009) defendeu “abertamente que a verdade matemática deve saltar dos dedos dos alunos através de múltiplas e variadas experiências” (p.188).

Assim sendo, considero que a iniciação de cada material é muito importante, para que as crianças tenham experiências com variados materiais, com os quais, irão desenvolver/ aprender conceitos matemáticos.

A iniciação deste material foi muito colorida, pois as crianças, através da cor das peças e das placas com que este material é constituído, tiveram a possibilidade de manusear o material livremente, acabando por fazer as suas próprias descobertas. Após terminado esse momento, a Educadora iniciou o jogo, para que estas lhes dissessem o que tinham representado na placa.

Segundo Caldeira (2009), “este jogo pode ser explorado durante o tempo que a professora achar conveniente e sempre que considere necessário. Tem como finalidade os alunos adquirirem determinadas noções, nomeadamente a de saber o furo a que corresponde cada cor e quantos elementos tem cada torre” (p.190).

No momento em que as crianças estavam divididas em dois grupos, um deles desenvolveu uma atividade de expressão plástica, pelo que, a meu ver, foi deveras importante, pois desenvolveu o sentido criativo de cada criança através dos recortes.

Segundo Sousa (2003), “os recortes são uma técnica extremamente simples, mas muito do agrado das crianças, podendo dar livre vazão às suas capacidades criativas, usando diferentes tipos de papel, de diferentes cores” (p.283).

Assim, através dos vários recortes, e com variados papéis, é possível proporcionar às crianças a realização de vários momentos, onde estes desenvolvam a criatividade.

Terça-feira, 11 de janeiro de 2011

O dia de hoje iniciou-se de modo semelhante, mas o tempo da manhã foi passado no ginásio, uma vez que era o dia da Educadora do outro Bibe Encarnado receber os pais dos seus alunos. Assim, a Educadora deu Conhecimento do Mundo no ginásio, onde abordou o Ciclo da Água, através de uma história em *Powerpoint*.

Após o recreio, foi a aula de música, tendo as crianças permanecendo à mesma no ginásio, pois a rotina é ter esta atividade no referido espaço. Assim, a Educadora aproveitou este momento para falar, com as minhas colegas e comigo, sobre as manhãs de aulas que ambas temos que dar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Penso que dias como o de hoje são muito importantes, pois começamos por criar alguma relação com a Educadora, deixando-nos à vontade com a escolha dos temas, bem como disponível para qualquer dúvida que tenhamos.

Segundo Pacheco e Flores (1999), “são estes avaliadores, sobretudo os orientadores da escola, que os «socializam», transmitindo-lhes as primeiras «regras» e funções da profissão” (p.54).

Neste dia, a professora apresentou o tema de Conhecimento do Mundo através de um *Powerpoint*, dando assim uma aula diferente às suas crianças. Segundo Mena, Marcos, Mena (1996, citado por Silveira-Botelho, 2009) “as novas tecnologias são meios electrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos” (p.114). Os mesmos autores ainda referem que as Tecnologias de Informação e Comunicação “são um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois vai desenvolver uma nova linguagem e um novo ambiente social” (p.114).

Assim, através da interação criada com a Educadora e as crianças, começamos a entender melhor a dinâmica que as crianças de 4 anos têm ao longo do dia.

Sexta-feira, 14 de janeiro de 2011

Hoje, a nossa Educadora faltou e, devido a esse facto, a Educadora do outro Bibe teve de ficar com os seus alunos. Assim, no início da manhã, estivemos a realizar um jogo com toda a turma e, chegado o momento da ginástica, as minhas colegas e eu, levámo-las ao ginásio. Nesse dia participámos na aula, pois tratava-se de uma aula de circuito, tendo a professora solicitado a nossa colaboração/participação em alguns exercícios.

Após a aula de ginástica, era hora de almoço, por isso levámos as crianças à casa de banho para estas lavarem as mãos e seguimos para o refeitório.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nestas idades, as crianças têm, maioritariamente, um adulto que lhes ensina os conhecimentos diários, ou seja, o/a Educador/a.

Também considero, que estas também devem ter outros Educadores, como neste caso de expressão motora, ou seja, ginástica.

Sanchis (2007) afirma que o Educador no decorrer das aulas de expressão motora deve:

falar com voz audível e inteligível para dar indicações claras, favorecendo a compreensão imediata da situação. Empregar um vocabulário preciso, que permita à criança situar-se no espaço (à frente, atrás, debaixo, ...) e no tempo (antes, depois, ...) para enumerar acções, nomear as noções (p.35).

Neste dia tivemos a possibilidade de verificar como é que estas crianças se comportam com outro docente que não seja a sua Educadora. O que é algo de diferente, uma vez ser uma turma com crianças “especiais/reguilas”, mas com outros docentes, são bem piores, ninguém lhes consegue impor disciplina, à exceção do professor de música.

Segunda-feira, 17 de janeiro de 2011

Hoje não houve estágio, pelo que tivemos reunião na Escola Superior João de Deus. Esta reunião teve como objetivo, proceder à entrega das avaliações referentes ao meu grupo de estágio, sendo esta alusiva ao momento realizado no Bibe Amarelo da Educadora Joana Sombreiro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero estas reuniões muito importantes, pois ainda somos educadores/alunos em processo de aprendizagem. Assim, estas reuniões são um meio de conseguirmos evoluir, tendo como base, os nossos “erros” e a avaliação realizada por alguém que já se encontra no meio do ensino, ajuda-nos a aprender e a realizar melhor os nossos afazeres.

Segundo Pacheco e Flores (1999):

aprender a ensinar implica um percurso de sobrevivência profissional, não se afastando muito dos alunos e dos orientadores, evoluindo no sentido de concepções mais práticas e úteis de ensino. Entre dois mundos completamente diferentes entre si, o estagiário (professor e aluno simultaneamente) encontra-se numa situação precária, provisória, dependente dos alunos, que lhe garantem o sucesso, e dos orientadores, que o acompanham e tutelam na entrada para o mundo profissional. (p.54)

Assim, com ajuda das crianças e dos nossos Orientadores, conseguimos formarmos-nos, Educadores com capacidades de entrar no mundo profissional, obtendo de certa forma, estratégias e conhecimentos.

Terça-feira, 18 de janeiro de 2011

A manhã de hoje foi direcionada à área da Matemática, tendo a Educadora trabalhado o 3.º Dom de Fröebel.

Com esse material, a Educadora, através de uma pequena história, pediu às crianças que fizessem a construção das duas colunas e de seguida, da cama. Ao longo da história, com a ajuda de pequenos bonecos, a Educadora fez estruturação espacial e situações problemáticas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao longo desta aula, apercebi-me que existiram crianças dispersas. Assim, venho a considerar que estas crianças precisam de ter algum incentivo especial, e que lhe sejam feitas algumas alterações para que estejam mais interessadas em aprender novos conteúdos.

Segundo Chalita (2002, citado por Brito & Bertoso, 2009), “interação professor-aluno só é positiva quando a necessidade de ambos é atendida, quando há uma cumplicidade, quando os interlocutores são parceiros de um jogo; o jogo da linguagem, do diálogo, que é algo fundamental. É casar interação com conversação”.

Sexta-feira, 21 de janeiro de 2011

Hoje a minha colega e eu, começámos por realizar o jogo de mímica com as crianças, pois ambas as Educadoras do Bibe Encarnado estavam a resolver alguns assuntos. Assim, fomos pedindo às crianças que, através da mímica, representassem animais.

De seguida, quando a Educadora voltou para a “sala”, esta realizou algumas construções com o 4.º Dom de Froebel, efetuando algumas situações problemáticas.

Enquanto decorria a aula, a minha colega e eu, estivemos a fazer molduras em cartão, como prenda de fim de ano.

Após a aula de matemática, as crianças foram para a aula de ginástica e, no fim desta, almoçar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Penso que este género de jogo é muito importante para crianças desta idade, que ainda estão a desenvolver o seu vocabulário.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, ME (2002) o jogo simbólico, “é uma actividade espontânea que terá lugar no jardim-de-infância, em interacção com os outros e apoiada por recursos existentes. Materiais que oferecem diferentes possibilidades de «fazer de conta» (...)” (p.60).

O manuseamento de materiais como os Dons de Fröebel é muito importante, pois é através destes que as crianças começam a melhorar a motricidade fina, e de certo modo, estes também permitem atividades com variedade de raciocínios matemáticos.

De acordo com Caldeira (2009) “no 4.º Dom as construções são diferentes e obviamente são maiores as possibilidades de exploração. Estas construções requerem da criança, maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior «ginástica» mental.” (p.260).

A Educadora explora este material, através de pequenas histórias, o que faz com que as crianças prestem a sua atenção.

Segunda-feira, 24 de janeiro de 2011

O dia de hoje iniciou-se como todos os outros. Após a ida para as mesas, a fim de iniciar mais um dia de trabalho, a Educadora pediu a algumas crianças que distribuíssem o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Nesse dia, através de uma história, construíram a mobília do quarto, a sala e uma camioneta.

Sendo dia de informática, e por estar muito frio no exterior, formámos uma roda no salão, onde as crianças jogaram o jogo da “barquinha carregadinha de...” até que a professora as viesse buscar para a aula. Devido à aula de informática ser só com

metade da turma, os restantes terminaram propostas de trabalho que tinham na gaveta.

Inferências/Fundamentação Teórica

É muito importante realizar o jogo da Barquinha com crianças desta idade, pois desenvolvem nelas, através do brincar, vários conceitos linguísticos.

Como refere Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), “os jogos que trabalham a consciência fonológica são geralmente bastante apreciados pelas crianças, exactamente pelo seu carácter lúdico” (p.55).

Nestas idades, a utilização de propostas de trabalho são úteis, pois é através delas que a Educadora consegue perceber de uma forma mais individual, os conceitos aprendidos nas diversas áreas, bem como outros aspetos, nomeadamente, a escrita do seu nome.

Terça-feira, 25 de janeiro de 2011

Hoje, foi o dia da minha primeira manhã no Bibe Encarnado, bem como, a primeira aula com material estruturado, o Cuisenaire.

Assim, iniciei a minha aula pela área da Matemática, realizando várias operações de adição e subtração.

De seguida, passei para o Conhecimento do Mundo, onde realmente abrangiu o tema da minha aula “o carvão”. Nessa parte, através de um *Powerpoint*, bem como os vários utensílios (carvão, capacete, picareta, lanterna, etc.), realizei as minhas explicações. Para dar consistência a estas explicações, utilizei como base a história da Branca de Neve, referindo-me à profissão dos 7 anões (Figura 29)

Após o intervalo, realizaram uma atividade de Expressão Plástica, que consistiu em desenhar com carvão vegetal (Figura 30).



Figura 29- Explicação do “Carvão”



Figura 30 - Desenho livre com carvão vegetal

Inferências/Fundamentação Teórica

Penso que a aula correu bem, mas esta turma é bastante agitada, tendo-me obrigado, por diversas vezes, a levantar o tom de voz.

Ao nível da Matemática, correu bem, mas após uma atenta observação, posso considerar que estes alunos não se identificam com o material, pois estes, de um momento para o outro, dispersavam brincando e realizando construções. Penso que não o encaram como um material matemático, só o fizeram no momento de arrumar a caixa.

Segundo Caldeira (2009), quando se trabalha com o Cuisenaire “arrumar o conteúdo da caixa, poderá ser uma atividade (...). As crianças podem ordenar e atender a aspectos como a propriedade cor, tamanho. Podem assim fazer a correspondência cor/numero, gradualmente” (p.129).

Também demorei algum tempo a fazer uma explicação a um aluno que não estava a acompanhar. No desenrolar da aula solicitei a intervenção das crianças, de modo a perceber quais os seus conhecimentos neste tema, bem como, a repetição e aquisição de novos vocábulos.

Sobre a repetição e aquisição de novos vocábulos, Sim-Sim *et al.* (2008) sistematiza:

é interagindo verbalmente, que as crianças aprendem sobre o mundo físico, social e afectivo, ao mesmo tempo que adquirem e desenvolvem os vários domínios da língua”, ou seja, “ os ambientes em que as crianças se encontram desempenham um papel marcante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar (...) (p.34).

Com estas aulas, é bom verificar a capacidade que estas crianças têm em interiorizar vários aspetos referentes ao domínio da língua, estando esta interligada com a aprendizagem de conteúdos através do lúdico. Adoraram a atividade de Expressão Plástica.

Sexta-feira, 28 de janeiro de 2011

Hoje, foi o dia em que a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã de aula, tendo esta como tema: os Vulcões.

Depois das habituais canções na roda, a minha colega começou a sua manhã pela área do Conhecimento do Mundo, onde falou das características do vulcão, e fez uma experiência, para que assim as crianças vissem uma erupção vulcânica (Figura 31).



Figura 31- Erupção

De seguida, na área da Matemática trabalharam-se conjuntos com blocos lógicos, onde utilizou a simbologia maior (>); menor (<); igual (=); cardinal (#) (Figura 32).



Figura 32- Conjuntos

Após as crianças chegarem da ginástica, a minha colega iniciou a sua atividade de Expressão Plástica, que teve como objetivo, colarem as várias partes do vulcão numa folha, ou seja, câmara magmática, chaminé e lava.

Inferências/Fundamentação Teórica

No Conhecimento do Mundo, as crianças gostaram muito da atividade da experiência que a minha colega fez com o vulcão, foi uma ideia muito apelativa e interessante, podia era ter deixado as crianças a colocarem os “ingredientes” para se realizar a erupção, uma vez os mesmos não serem nocivos.

Neste aspeto, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002):

a área do Conhecimento do Mundo deverá fomentar nas crianças um espírito experimental. Também importa depois verificar as «hipóteses» construídas através da observação e/ou experiência, de forma a organizar e sistematizar os conhecimentos recolhidos (p.87).

Na aula dos conjuntos, penso que a minha colega podia ter realizado mais conjuntos, pegando assim em mais atributos das peças, pois a maioria da turma esteve só a visualizar e não a executar. O que originou a que se tenha centrado mais na criança que estava a fazer o conjunto, esquecendo-se, assim, de integrar o resto da turma na atividade, o que originou alguma agitação.

A atividade de Expressão Plástica correu bem, tendo todas as crianças, através das instruções dadas, realizado a atividade.

Segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

O dia de hoje iniciou-se com as aulas surpresa das minhas colegas de estágio.

Iniciou a manhã a minha colega Joana, dando o 3.º Dom de Fröebel, com o qual, realizou a construção da sala e o comboio mas, em simultâneo, ia fazendo algumas situações problemáticas.

De seguida, a outra aula foi relacionada com a mesma área, trabalhando a teoria de conjuntos com a utilização de material não estruturado (peixes coloridos), linhas de fronteira, etc.

No entanto, devido às aulas e à reunião, não estivemos mais tempo com as crianças nessa manhã.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Joana não fez a passagem de uma construção para a outra como deve ser feita, pois pediu às crianças que colocassem os cubos como se fossem arrumar a caixa, o que confundiu algumas delas, originando que muitas arrumassem mesmo as peças na caixa. Aqui ela deveria ter tido em mente as regras do material, pois segundo Caldeira (2009):

Nas construções todos os cubos tem que ser utilizados. (...) Um factor importante a considerar é a forma como o material deve ser utilizado, nomeadamente no que concerne à postura da criança: costas direitas; uso das duas mãos em simultâneo; utilização dos dedos, indicador e polegar em forma de pinça; não destruir (p.280).

Penso que as minhas colegas se deviam ter organizado melhor na passagem, pois visto ser uma turma bastante agitada, e pelo facto de serem dadas duas aulas de Matemática seguidas, devia ter sido realizado um retorno à calma, “entusiasmado” de modo a que as crianças libertassem todas as energias.

Visto não ter sido realizado retorno à calma, a minha colega M^a do Céu, na sua aula, teve as crianças muito agitadas e dispersas, o que penso ter originado algum nervosismo nas mesmas. Ao longo da sua aula de conjuntos, colocou uma questão ao contrário, confundindo a criança, pelo que obter a resposta correta foi difícil.

Terça-feira, 1 de fevereiro de 2011

Recentemente, à terça-feira, temos junto a nós duas meninas do 2.º Ano. Sendo assim, no dia de hoje a Marta deu aula de Conhecimento do Mundo, tendo como tema: o Big Bang / Via Láctea (Figura 33).

Após a sua aula, dirigimo-nos para o ginásio para assistir ao concerto do grupo Flor de Lis (Figura 34).



Figura 33- *Expressão Plástica*



Figura 34 - *Concerto Flor de Lis*

Inferências/Fundamentação Teórica

Em relação à aula da Marta, os conteúdos transmitidos foram feitos de uma forma muito rápida e direta, esquecendo-se por vezes que estava com crianças, pois não utilizou as suas “mentes brilhantes” ao longo da aula, recorrendo aos seus conhecimentos, e nem aplicou o seu tom de voz, da melhor forma, sendo este por vezes baixo.

O concerto realizado no ginásio foi um momento muito importante para a aquisição de novas experiências. Segundo Sousa (2003) “a música é vista como um fenómeno socio-cultural. As pessoas ouvem música como entretenimento necessário à vida” (p.16).

No entanto, as crianças com 4 anos, de acordo com Piaget (1975) “não têm ainda noção consciente da simultaneidade sonora” (p.63).

O que significa que, no momento de identificarem os instrumentos musicais através da audição, as crianças tiveram algumas dificuldades em alcançar a resposta, sendo normal nessa idade, pois estes ainda se encontram em processo de aprendizagem inicial.

Sexta-feira, 4 de fevereiro de 2011

Hoje foi o dia da minha colega Joana dar a sua primeira manhã de aula no Bibe Encarnado, tendo a mesma como tema os Tipos de Relevo (Figura 35).

Começou a sua aula com o Conhecimento do Mundo com várias experiências e um placard, para explicar os vários tipos de relevo. De seguida, na área da Matemática, deu o 3.º e 4.º Dom de Froebel, dando como construções a camioneta e a ponte alta (Figura 36).

Por fim, e após o recreio, executou a atividade de Expressão Plástica, que consistia em construir um “puzzle” relacionado com o tema da aula.



Figura 35- *Explicação dos Tipos de Relevo*



Figura 36 - *3.º e 4.º Dons de Froebel*

Inferências/Fundamentação Teórica

Penso que na aula do Conhecimento do Mundo, a minha colega podia ter disposto os materiais de outra forma, para que todas as crianças pudessem melhor visualizar; igualmente, podia ter criado algo onde as crianças pudessem interagir.

Ao nível da Matemática, esqueceu-se de lembrar às crianças que temos de segurar as peças com dedos em pinça, referindo que ela não podia fazer, pois as suas peças eram muito grandes (ver figura 35). A falta de indicações originou que a construção da ponte estivesse sempre a cair. Por fim, a construção do *puzzle*, para crianças de 4 anos, foi muito complexa, pois tinha muitas peças e pelo facto de, após a sua montagem, para as crianças o colarem na folha, acabavam por desmanchar o trabalho feito, criando agitação e mais tempo despendido para terminar a atividade.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), os puzzles são, “um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens (...)” a vários níveis (p.76).

Níveis esses como: a matemática, a exploração do jogo didático, desenvolvimento do raciocínio através da tentativa e erro, entre outros. O que prova que, nestas idades, este género de jogos são muito úteis, mas realizados com menos peças e que estas tenham um tamanho mais apropriado à idade.

Segunda-feira, 7 de fevereiro de 2011

Hoje foi o dia em que dei a minha manhã de aula, que teve como tema: os Constituintes da Planta.

Depois das habituais canções na roda, iniciei a minha aula com o Conhecimento do Mundo, onde através de um pequeno *puzzle*, questionei as crianças sobre qual seria o tema da aula. De seguida, falámos da importância de cada parte da planta para a sua sobrevivência. Consoante íamos falando, pedia a um aluno que fosse colocar a parte da planta que tinha referido. Para esta aula levei um exemplar de planta – flor e planta – árvore, para que pudessem ver as semelhanças e diferenças entre ambas. Ao terminar, passámos para o toque de uma raiz de planta e da copa de uma árvore e, nesse mesmo momento, fiz uma espécie de revisão dos conhecimentos aprendidos na aula (Figura 37).



Figura 37 - Constituintes da Planta

Na área da Matemática, trabalhei com um material não estruturado (flores), para realizar operações de adição e subtração, no concreto e no abstrato (Figura 38). Por fim, e após o recreio, dirigimo-nos para o ginásio, onde realizámos o jogo “ Salta e pula até à flor” (Figura 39). O jogo foi realizado em dois turnos, pois hoje eles tinham informática.



Figura 38 - Matemática



Figura 39 - Jogo Salta e Pula até à Flor

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta aula correu bem. Foi uma aula em que estava bastante receosa, pois encontrava-me doente, mas eles superaram as minhas expectativas e demonstraram que conseguem portar-se bem e serem interessados e participativos. Pedi a colaboração dos alunos ao longo da aula, realizei perguntas dirigidas, penso que tinha um material bastante apelativo.

Nesta aula, ao nível da Matemática esteve sempre presente a adição e subtração de flores, de forma a que as crianças através da experiência de contagem de elementos aprendam que é possível atribuir mais à parte em si pedida bem com retirar. Assim, Escalona (2004, citado por Caldeira, 2009):

as operações de somar e subtrair comportam algo mais que a simples recontagem de uma colecção de objectos. Sob as acções de acrescentar e tirar, está subjacente o esquema de transformações de quantidades discretas; quando se realiza uma destas acções tem que se recordar e pensar simultaneamente: no estado inicial (o que se tinha), na transformação (acção de tirar ou acrescentar) e no estado final (o que se tem agora) em que as três sequências de transformação não se dão ao mesmo tempo, por isso na soma e na subtracção a criança tem que fazer algo mais do que contar (p.86).

O jogo foi um momento de grande animação, pois os alunos divertiram-se, mas com propósitos, ou seja, apesar de ser um jogo, eles cumpriram as regras até ao fim.

Diekmeyer (1999) refere que “os jogos de agilidade e movimento também são jogos de atenção e que é tão importante a concentração física como a concentração psíquica para o desenvolvimento da criança” (p.76).

Terça-feira, 8 de fevereiro de 2011

Como já foi referido anteriormente, à terça-feira temos junto a nós, duas meninas do 2.º Ano. Assim sendo, hoje foi o dia que a Catarina deu a sua aula de Conhecimento do Mundo, tendo como tema: o Sistema Solar.

Após a sua aula, foi o momento de recreio, e seguindo-se o momento da aula de música.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Catarina, ao longo da sua aula, demonstrou algum nervosismo, visível no seu tom de voz. Contudo, penso que a Catarina poderia ter explorado mais os conhecimentos das crianças, pois este já era um tema anteriormente abordado pela Educadora, pois no desenrolar da aula, não aproveitou a sua maquete, privando assim, algumas crianças de a visualizarem na sua melhor perspetiva, ou seja, de acordo com a sequência que os planetas têm.

Segundo Sim-Sim *et al.* (2008) as crianças devem utilizar a linguagem oral:

com propósitos e finalidades diversas, partindo delas a iniciativa da interação, ou tomando a vez nas interações iniciadas por outrem, não só em contexto de jogo e brincadeira, mas, também, para resolver problemas decorrentes da sua participação em actividades do dia-a-dia, em casa e no jardim-de-infância (p.30).

Nesse sentido, considero que a Catarina tenha alguns aspetos a melhorar como: o tom de voz; a capacidade de ter a perceção de que todas as crianças estão a ter a melhor imagem do que está a ser observado, bem como, colocar perguntas dirigidas e orientar melhor a atividade de Expressão Plástica.

Sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011

Hoje, foi o dia em a minha colega Joana deu a sua manhã de aula, que teve como tema: a Fotossíntese.

Depois das usuais canções na roda, a minha colega iniciou sua aula, tendo começado pela área do Conhecimento do Mundo, realizando, através de um *Powerpoint*, a explicação do seu tema e finalizando com uma pequena dramatização do processo abordado (Figura 40).



Figura 40 - Dramatização fotossíntese

De seguida, abordou a Teoria de Conjuntos com pétalas e linhas de fronteira, formando uma flor na mesa, dando a cada criança forma de interagir na aula (Figura 41).

Por fim, a seguir à aula de ginástica, voltámos para a sala, onde a Joana continuou a sua aula com a atividade de expressão plástica, que consistiu em construir uma flor com carimbos (Figura 42).



Figura 41 - Teoria de conjuntos com pétalas



Figura 42 - Carimbos

Inferências/Fundamentação Teórica

A minha colega, ao longo da sua aula referente à Fotossíntese, podia ter feito a “dramatização” do processo, utilizando as crianças como sendo os componentes que esta precisa, visto ter uma pétala gigante representada no chão do salão.

Segundo Figueiredo (2004):

a expressão e a comunicação através do próprio corpo a que chamamos jogo simbólico é uma actividade espontânea que terá lugar no Jardim de Infância, em interacção com os outros e apoiada pelos recursos existentes. Materiais que oferecem diferentes possibilidades de «fazer de conta», permitindo à criança recrearmos experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objectos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos (p.66).

Ao nível da área da Matemática, podia ter “puxado” mais pelas crianças, de modo a que estas recorressem a conteúdos já apreendidos, de modo a não dar logo as respostas. Pois devia ter utilizado uma história, algo que os motivasse de modo a que, através do imaginário, pudesse ter criado situações mais concretas, de forma a que as crianças pudessem trabalhar a teoria de conjuntos.

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Hoje, foi o dia em que a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã de aula, que teve como tema: Continentes.

Depois das usuais canções na roda, a minha colega iniciou sua aula, tendo começado pela área do Conhecimento do Mundo, identificando num planisfério com palavras móveis, os continentes. De seguida, centrou-se num só continente, o

Africano, onde as crianças visualizaram o vestuário, alimentação, e o “habitat” nessa parte do mundo (Figura 43).

Na área da Matemática, trabalhou as medidas de comprimento, utilizando pegadas para que as crianças descobrissem quanto media cada continente e, fazer a analogia de qual é o maior, etc.

Por fim, realizou um jogo no ginásio, que consistia em construir um *puzzle* dos animais de África, recorrendo à expressão Físico-Motora (Figura 44).



Figura 43- Continentes e sua contagem



Figura 44- Jogo do Puzzle

Inferências/Fundamentação Teórica

A minha colega podia ter pedido mais a colaboração das crianças na aula. Como por exemplo, no momento da identificação dos países, podiam ter sido as crianças as fazê-lo, através de várias indicações, pois estas ainda não sabem ler.

Na área da Matemática, podia ter colocado os países na mesma perspetiva que estava no planisfério, pois muitas crianças estavam a guiar-se pelo mesmo, para descobrir qual o continente a destacar.

De acordo com Baroody e Wilkins (s.d., citado por Moreira & Oliveira, 2004), “o jogo é um dos mais importantes meios através do qual as crianças aprendem sobre o mundo e como cooperar com ele. Os jogos são uma forma particular de brincar que ajudam a desenvolver o raciocínio e os conceitos matemáticos.” (p.86)

No jogo, este foi muito engraçado, mas não houve bem o espírito de jogo, ou seja, ver qual a equipa mais rápida, o que, a meu ver, foi o que falhou.

Terça-feira, 15 de fevereiro de 2011

O dia de hoje foi distribuído por duas atividades realizadas pelas minhas colegas e por mim. Visto a Joana ter realizado duas expressões plásticas e nenhum jogo, teve o momento de o realizar. Assim sendo, realizou o “Jogo da Glória” no ginásio, tendo exercícios de mímica, sons, memória e Matemática.

.De seguida, juntou-se à minha colega e a mim, onde juntas, realizámos com a turma toda, a dramatização da história “ O Cuquedo” (Figura 45).



Figura 45 - O Cuquedo = Bibe Encarnado

Inferências/Fundamentação Teórica

Este dia foi muito animado, tendo os alunos divertindo-se muito. Segundo Moreira e Oliveira (2004) os jogos tipo Glória “têm como objectivo fazer avançar uma peça até um determinado local, jogam-se utilizando um dado que determina o número de casas a andar. Com várias regras que determinam «castigo» e «recompensa» para os jogadores, são maneiras informais de iniciar as crianças no número, contagem, escrita, comparação entre números pequenos ou mesmo nas operações aritméticas”. (p.86)

Gostaram imenso da história, pois quando a dramatizaram já sabiam de cor as falas dos animais.

Figueiredo (2004) diz que a “dramatização poderá ser realizada logo após a narração da história ou ser preparada para uma apresentação especial. É muito importante a participação de todos (...)” (p.110).

Este tipo de atividades ajuda muito no desenvolvimento da audição, da linguagem, da memória, bem como do trabalho em equipa.

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 2011

Hoje foi o último dia no Bibe Encarnado, mas ainda existiram aulas surpresas. Assim sendo, as minhas colegas e eu fomos assistir à aula da nossa colega Margarida. Ela utilizou o 3.º e 4.º Dons de Froebel, uma pequena história e um fantoche para introduzir a aula, antes de realizar as construções. Pediu às crianças que realizassem a mobília de quarto e, de seguida, a da sala. Em cada uma das “divisões” realizou situações problemáticas.

Após a aula, as minhas colegas e eu, dirigimo-nos para a nossa “sala”, pois a minha colega Mª do Céu e eu, tínhamos planeado fazer uma expressão plástica, que

consistiu em: 1.º pintar; 2.º picotar; 3.º colar no placard alusivo ao fundo do mar (Figura 46).



Figura 46 - *Fundo do Mar*

Inferências/Fundamentação Teórica

A minha colega Margarida, sentiu-se um pouco nervosa, pela aula e pelo facto de esta ter sido dada na sala do 2.º ano, onde a maioria das crianças ficou de pé, para assim poder chegar ao tampo da mesa.

Quanto à atividade de expressão plástica, as crianças gostaram muito de a executar, tendo no fim ficado um “Fundo do Mar” bastante colorido.

Nesta atividade, como em todas as outras, as crianças trabalharam ao seu ritmo, pois cada criança tem o seu tempo para realizar a proposta dada.

Assim, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) referem que:

as crianças exploram espontaneamente diversos materiais e instrumentos de expressão plástica, mas há que ter em conta que, se algumas crianças chegam à educação pré-escolar com uma grande experiência na sua utilização, outras não tiveram essa oportunidade. Todas terão de progredir a partir da situação em que se encontram (p.61).

Visto ter sido uma atividade tão animada e, por ser o último dia com aquelas crianças, colocámos o placard na parede, para que estas ficassem com uma recordação nossa.

1.4. 4.ª Secção – Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

Esta semana foi realizada no Bibe Encarnado da Educadora Ana Sofia Lopes. Dada a escolha deste Bibe, não irei referir, a caracterização da turma, a caracterização do espaço de sala de aula, bem como as rotinas, pois isso já foi referido anteriormente, na 3.ª secção.

No entanto irei referir o porquê da escolha deste Bibe para a realização do Seminário de Contacto com a Realidade Educativa. Esta escolha foi efetuada, pois já

era uma turma à qual estava habituada, e uma vez que é uma turma muito “rebelde”, achei por bem perceber como é o dia-a-dia destas crianças em ambiente escolar com a Educadora, pois devido ao número de aulas que temos de dar, durante este momento, foi-nos impossibilitada a visualização das aulas dadas pela Educadora, ou seja, numa rotina normal de um Bibe Encarnado.

Semana de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011

O primeiro dia de estágio foi reservado para a observação da aula programada da nossa colega Lília. Esta aula foi avaliada por orientadoras da equipa de supervisão, tendo a duração de uma hora.

O tema global da aula foi a profissão de Florista, abordando o seu dia-a-dia na área de Conhecimento do Mundo. Na área de Estimulação à Leitura, foi lida uma carta deixada pela florista, aplicando assim as regras da Cartilha Maternal. Ao nível da Matemática, recorrendo às quantidades de flores, foram realizados cálculos mentais. Da parte da tarde as minhas colegas e eu demos início à pintura de placardes.

O segundo dia começou no salão com as canções de roda (acolhimento). De seguida, continuámos com as pinturas dos placardes para embelezar o salão do Bibe Encarnado. Visto estarmos na semana intensiva, as minhas colegas e eu pedimos à Educadora da sala se podíamos dar uma aula de Matemática com materiais. A minha colega Joana deu subtração com o material manipulável Cuisenaire. No resto do dia continuamos com as pinturas dos placardes enquanto as crianças terminavam em sala de aula as propostas de trabalho que tinham por finalizar ou faziam desenhos sobre o Carnaval, para decorar o salão.

O terceiro dia foi o meu dia. A aula foi dada com o material manipulável - 4.º Dom de Fröebel, em que realizei duas construções, a escada e a escada em caracol. No fim, juntei-me novamente às minhas colegas na pintura dos placardes.

Visto a Semana de Contato com a Realidade Educativa, ser na semana em que se festeja o Carnaval, as minhas colegas e eu estivemos a iniciar os preparativos para a Festa de Carnaval que se iria realizar no dia seguinte no Jardim-Escola. Depois disso, terminámos os placardes e reunimo-nos com todas as nossas colegas que estavam também a estagiar e organizamos uma teatro/circo para animar as nossas crianças. O resto do dia foi utilizado para realizar as surpresas e a ensaiar para que tudo saísse na perfeição.

O dia de festejar o Carnaval em todo o Jardim-Escola foi o último dia da nossa semana intensiva. Neste dia todas as crianças foram mascaradas e passaram o dia a brincar. Para alegrar mais este dia, as minhas colegas, eu e o resto das estagiárias

presentes no Jardim-Escola, realizámos uma espécie de circo, e apresentámos alguns truques às crianças. Foi um momento de grandes risos e alegria.

Inferências/Fundamentação Teórica

A importância de existirem aulas programadas observadas por supervisores qualificados deve-se ao facto de, desta maneira, as pessoas a serem avaliadas aprenderem e desenvolverem novas competências com os seus “superiores”.

De acordo com Formosinho (2009) o estágio “é a fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho global em contexto real” permitindo assim “desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz” (p.105).

Considero que a aula da minha colega ao nível da Estimulação à Leitura foi bem estruturada, pois nestas idades a aprendizagem da leitura é um elemento muito complexo de adquirir, sendo por isso compreendidos exercícios interativos sempre que possível. Assim, a sua atividade foi, a meu ver, dinâmica apelando sempre ao desenvolvimento do raciocínio e memória facilitando o aperfeiçoamento da leitura realizada pela criança. Ruivo (2006) refere que “o exercício de leitura é dinâmico, interactivo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança, dando a noção de que a palavra é o elemento principal do discurso” (p.4). De acordo com o mesmo autor “há a salientar que o uso do raciocínio e da memória facilitam a aprendizagem da leitura” (p.5).

A sala estava bastante bem decorada, cheia de flores, parecia mesmo que estávamos no interior de uma florista, mas a decoração não deixou de ter essa mesma função, ou seja, as crianças não puderam tocar nem cheirar as flores, o que fez com que algumas das crianças se desmotivassem. Segundo Moreira (2008) “um professor é uma espécie de mágico que tem o poder de transformar os pequenos acontecimentos e experiências das crianças em alicerces de felicidade!” (p.15). Este acontecimento poderia ter sido mágico, se a minha colega tivesse feito algo de real, ou seja, poder por exemplo dar a oportunidade a cada criança de vir escolher e cheirar uma flor a seu gosto. Pois quando vamos a uma florista é o que fazemos, apurarmos os nossos sentidos, e nesta aula foi só o sentido da visão que foi usado. No entanto, deve sempre existir a percepção por parte do docente de que cada criança tem as suas características, como a existência de possíveis alergias. O mesmo autor acima referido salienta que o professor deve saber “como lidar com cada um dos alunos e que trace para cada um deles estratégias que promovam o seu ajustamento psicossocial” (p.16).

Enquanto estagiárias, o momento que estivemos em contato com as crianças foi de modo individual nos minutos em que aplicámos os materiais manipulativos por nós solicitados, não tendo assim possibilidade de ter uma maior interação com os alunos, não observando a sua rotina diária. Também as aulas realizadas pela Educadora não foram possíveis de observar, visto a semana ter sido ocupada com pinturas de placardes e preparativos para o Carnaval fora da sala de aula.

No fim, a Festa de Carnaval foi o momento de maior interação com todas as crianças. Este dia todos tiveram a possibilidade de se mascarar e de fazer travessuras que, habitualmente, não são permitidas pelos educadores. O momento do nosso espetáculo trouxe uma enorme alegria, pois só o fato de observarmos as caras de alegria das crianças tornou o nosso esforço e trabalho compensatórios.

Esta semana de estágio intensivo foi muito importante, (apesar de todo o trabalho por nós realizado ao longo da semana fora de ambiente de sala, tenha dado origem a que o tempo passado com as crianças fosse reduzido) pois foi uma forma de observar e conhecer o dia-a-dia das crianças, momentos que em fase de desempenho, segundo docentes, iremos passar. No qual é possível considerar que, da parte da manhã, são trabalhadas as áreas que requerem uma maior capacidade de concentração da atenção mais centrada e, da parte da tarde, as atividades mais simples de realizar, como por exemplo Expressão Plástica.

1.5. 5.ª Secção – 2.º Ano Bibe Verde

1.5.1. Caracterização da Turma

A turma do 2.º Ano é composta por vinte e três crianças, onde dezasseis são do sexo feminino e sete do sexo masculino. A responsável por esta sala é a professora Rute Costa.

Este grupo de crianças está muito bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e revela ter motivação e interesse pelas várias aprendizagens.

Segundo as informações transmitidas pela professora do 2.º Ano, entre os vinte e três elementos, existem duas crianças sinalizadas com Necessidades Educativas Especiais, um aluno com dificuldade de aprendizagem, outro com problemas comportamentais e por ultimo, um aluno com problemas de linguagem.

De um modo geral, esta turma mantém um relacionamento entre pares muito coeso, ou seja, aluno-aluno. Pois apesar da pouca idade, sabem ajudar o outro. No entanto, a relação estabelecida entre professor-aluno e aluno-professor também é de glorificar.

1.5.2. Caracterização do Espaço

A sala do 2.º Ano A tem variadíssimas passagens. Existe passagem para a sala do 2.º Ano B, bem como, para as salas do 3.º Ano e do 4.º Ano que se situam em locais opostos do Jardim-Escola.

Esta sala está organizada de acordo com um esquema, realizada no início do ano, que no fundo da mesma, contempla a área da professora, ao lado, tem uma área de minibiblioteca, e local de cabides, onde são arrumadas as mochilas, e por fim, as secretárias dos alunos colocadas em filas perpendiculares ou paralelas para o quadro.

De acordo com, Lina Inglesias Forneiro referida em Zabalza (1998) a disposição da sala do 2.º Ano, está organizada de acordo com o modelo de *Territórios Pessoais*, isto é, “o espaço central da sala de aula está ocupado por mesas e cadeiras organizadas por “territórios pessoais”, ou seja, espaços nos quais cada criança possui o seu lugar (...) no qual é realizada a maior parte das actividades (...)” (p.272).

1.5.3. Rotina

As rotinas diárias realizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico são mais complexas que as da Educação Pré-Escolar, nomeadamente, as idas à casa de banho. Os recreios e as refeições (almoço e lanche), são relativamente idênticas, só altera a hora das mesmas.

De acordo com o plano curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a Língua Portuguesa, a Matemática e o Estudo do Meio são áreas curriculares disciplinares de carácter obrigatório.

Língua Portuguesa

Segundo o Programa do Português do Ensino Básico, ME (2009), esta área é deveras essencial “pelo seu carácter transversal, constitui um saber fundador, que valida as aprendizagens em todas as áreas curriculares e contribui de modo decisivo para o sucesso escolar dos alunos” (p.21).

O mesmo autor (2009) reconhece a nossa língua materna como “o elemento mediador que permite a nossa identificação, comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia” (p.133).

Esta área tem de ser muito trabalhada em vários aspetos, para ajudar as crianças a construir um conjunto de saberes linguísticos.

Matemática

Como refere a Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º Ciclo, ME (2004) “a principal tarefa que se impõe aos professores é conseguir que as crianças, desde cedo, aprendam a gostar de Matemática” (p.163).

Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999):

a matemática faz parte dos currículos, ao longo de todos os anos de escolaridade obrigatória, por razões de natureza cultural, prática e cívica, que tem a ver, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento dos alunos enquanto indivíduos e membros da sociedade e progresso desta no seu conjunto (p.17).

É essencial que o professor ajude os seus alunos a pensar como matemáticos que são, de modo a criarem a ligação do concreto para o abstrato. Mas para isso, é necessário desenvolver certas capacidades, como menciona a Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º Ciclo, ME (2004) “desenvolver o raciocínio, a comunicação e resolução de problemas” (p.163).

Estudo do Meio

Como menciona o Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º Ciclo, ME (2004) “todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia” (p.101).

As ciências são uma área que desenvolve e prepara a criança para viver em sociedade.

De acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2007) existem várias razões para a educação em ciências, de forma a:

responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência; ser uma via para a construção de uma imagem positiva e refletida sobre a Ciência; promover capacidades de pensamento criativo, crítico, metacognitivo, uteis noutras áreas e contextos e por fim promover a construção de conhecimento científico útil que permita às crianças e jovens melhorar a qualidade de interação com a realidade natural (p.17).

No entanto, no dia-a-dia destas crianças, também existem atividades curriculares não disciplinares como: Música, Educação Física, Informática e Expressão plástica. O Inglês, apesar de ser uma atividade extra curricular, só quem está inscrito é que frequenta esta disciplina, ao contrário das outras que estão inseridas em horário escolar.

Porém, não vou inferir sobre estas atividades, pois não observei nenhuma das atrás referidas.

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma (Figura 47).



Jardim-Escola, João de Deus - Anápolis

HORÁRIO 2º A

PROFESSORA RUTE COSTA



HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
09:00					
09:30			Leitura		
09:30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00	Recreio/Higiene				
11:40	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12:50	Higiene/Almoço				
13:30	Recreio/Higiene				
14:30	Estudo do Meio	Informática/Biblioteca	Estudo do Meio	Educação Física	Estudo do Meio
15:30	15h20m-16h10m Música	Estudo do Meio	Inglês	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16:30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio
17:00	Higiene/Lanche / Saída				
17:15					

Notas:

- Este horário é susceptível de alterações ao serviço da interdisciplinaridade e/ou situações imprevistas.
- Atendimento de Pais - 4ª-feira das 15h30m às 16h30m
- Programação conjunta - 3ª-feira das 14h30m às 15h30m

Figura 47 – Horário do 2.º Ano

1.5.4. Relatos Diários

Segunda-feira, 14 de março de 2011

Hoje iniciámos o nosso estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no 2.º Ano. Quando chegámos à sala, fomos apresentadas às crianças e foram-nos feitas todo o género de perguntas, perguntas aliás curiosas. Após o momento de apresentação, continuaram com a rotina diária, onde a professora revelou a avaliação de comportamento da semana anterior, para que estes, bem como os encarregados de educação tenham conhecimento.

De seguida, iniciámos com a Língua Portuguesa, onde as crianças leram o texto “A princesa e a ervilha”, tendo realizado de seguida um exercício ortográfico, um ditado de palavras e de funcionamento da língua, procura de determinantes e pronomes no texto.

Após o intervalo, iniciaram a Matemática, onde a professora apresentou o perímetro com o material manipulável – Cuisenaire, o que os ajudou de certo modo, a desenvolver o cálculo mental.

Inferências/Fundamentação Teórica

Aprecei o facto de termos sido apresentadas à turma, bem como a possibilidade das crianças poderem realizar algumas questões, de modo a nos poderem conhecer minimamente. Segundo Vieira (2000) “nos primeiros encontros os alunos procuram descobrir que tipo de pessoa é o professor, (...)”, ou seja, neste caso os novos elementos que irão permanecer na sala(p.20).

Considero a existência de avaliação do comportamento, muito importante. Como refere Ferreira (2007) “a avaliação das aprendizagens permite a verificação do que se passa nos processos de ensino e de aprendizagem com vista à sua regulação” (p.15). Méndez (2001, citado por Ferreira, 2007) menciona que a “avaliação assume predominantemente, uma função de regulação do processo de ensino-aprendizagem, pela intervenção face às dificuldades dos alunos e pela análise feita pelo professor das estratégias de ensino utilizadas” (p.15).

Este género de avaliação, possibilita à criança fazer uma autoavaliação do seu comportamento, e de certo modo, melhorá-lo.

Terça-feira, 15 de março de 2011

O dia de hoje foi de auxílio à professora cooperante da sala, pois o dia do pai estava quase a chegar e existia a prenda para ser realizada. Assim sendo, as minhas colegas e eu, dirigimo-nos para a sala ao lado e ajudámos cada criança a executar a

prenda para o pai, sendo a mesma, a seu gosto. Este trabalho também foi muito benéfico, pois tratando-se do segundo dia de contacto com estas crianças, deu para as podermos começar a conhecer um pouco melhor, concretamente, na sua formação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os trabalhos efetuados deram para perceber o gosto que as crianças têm pela plástica. No entanto, por ser a prenda do dia do pai, estas aplicaram-se muito mais na sua elaboração. Como menciona Silva Santos (2000) “a expressão tem valor apenas enquanto dura a sua acção e apenas para quem se expressa” (p.83).

O mesmo autor refere que a criança “expressa-se pelo prazer que isso lhe dá e pela necessidade que tem de expressar” o que sente. O que se verificou nesta atividade, pois existiu a necessidade de colocar e elaborar algo que o pai gostasse, como por exemplo, a cor do papel que usaram, ser a preferida do pai, etc., o que torna a prenda, um elemento criativo que confeccionada e destinada àquela pessoa tão especial.

Sexta-feira, 18 de março de 2011

Este dia foi reservado para os pais virem à escola. A professora recebeu os mesmos e, com auxílio dos alunos, explicou como iria decorrer a manhã.

Iniciou a manhã, com a apresentação de cada um dos pais, podendo só responder a três perguntas efetuadas pelas crianças. Aqui os pais sentiram-se muito acarinhados, foi um momento de muita alegria e orgulho.

Após feitas as apresentações, passámos para a tarefa que iria ser realizada ao longo da manhã, que era o “Bingo” das três áreas (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio). Este jogo incluía todo o tipo de atividades realizadas ao longo das aulas.

No final da manhã, os pais foram convidados a intervir na atividade, tendo de realizar um exercício proposto pelos filhos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A manhã deste dia, foi diferente tanto para os pais como para as crianças. A professora explorou, através de um jogo, as várias áreas trabalhadas ao longo do dia, para que os pais pudessem observar o grau de aprendizagem das mesmas.

De acordo com Spodek e Saracho (1998), “em qualquer programa educacional, a informação deve ser compartilhada entre pais e professores”, assim, “os pais podem conhecer o programa e os progressos dos seus filhos, além de obterem informações sobre os princípios do crescimento e do desenvolvimento” (p.170).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), “a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem” (p.45).

Reis (2008) refere que “o educador/professor deve ter: vocação para o exercício desta profissão, ser criativo, e por último, um mestre na relação que consegue estabelecer com os seus alunos e respectivas famílias” (p.271). Este tipo de dias aberto aos pais acontece ao longo do ano letivo, com dias específicos para a sua realização/contato com a realidade educativa.

Segunda-feira, 21 de março de 2011

Hoje, não houve estágio no Jardim-Escola. Este dia foi reservado para a reunião de Prática Pedagógica no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, que teve início às 9:30 horas. Nesta reunião, foram abordados vários assuntos, entre os quais, a entrega da grelha de avaliação feita pela Professora Cooperante, no meu caso, a Educadora do Bibe Encarnado.

Estiveram presentes nesta reunião, alguns dos professores Orientadores da Prática Pedagógica.

Inferências/ Fundamentação Teórica

A utilidade destas reuniões serve para através da averiguação dos “erros” e estratégias utilizadas pelas nossas colegas, conseguirmos progredir, de modo, a nos tornarmos mais ativos e dinâmicos. Segundo Alarcão (1982, citado por Severino, 2007) “para haver progressão do formando, este necessita de ter consciência dos pontos menos bons da sua acção, carecendo, para tal, de observar, de diagnosticar e de tomar posições num movimento dialéctico de acção-reflexão” (p.42). No entanto, este trabalho segundo Severino (2007) “deverá ocorrer primeiramente com o superior para que, um dia (conseguida a autonomia), o formando possa realizar sozinho, de acordo cm as suas capacidades e opções” (p.42).

Assim, o interesse destas reuniões é exclusivamente útil para o nosso futuro, pois é nestes momentos que observamos e criamos conclusões sobre o nosso desempenho enquanto futuros docentes.

Terça-feira, 22 de março de 2011

Neste dia a professora realizou uns exercícios na área da Matemática, de leitura de números com o material manipulativo – Calculadores Multibásicos. Esta atividade

serviu para manter as crianças ocupadas até que a minha colega Joana, pudesse iniciar a sua aula, que estava já programada.

A aula teve como tema principal o “Esquilo Voador”. Desta forma, a minha colega deu a cada criança um pequeno papel em forma de esquilo, que continha escrito uma carta (Figura 48).



Figura 48 - Carta do Esquilo Voador

Com essa mesma carta, as crianças fizeram a sua leitura e a aplicaram conhecimentos gramaticais.

Após desenvolvida a área de Língua Portuguesa, passámos para o Estudo do Meio, onde a minha colega, apresentou o Esquilo, falando das suas características gerais. Por fim, falou das medidas de massa, recorrendo à informação previamente adquirida pelas crianças. Após realizada a revisão, passou-se para o momento da pesagem de vários instrumentos, como também, dos produtos que faziam parte da alimentação do esquilo, para assim se efetuarem algumas reduções.

Inferências/Fundamentação Teórica

A aula programada da minha colega estava organizada, existindo interligação para as várias áreas. No momento em que falou do esquilo voador, penso que devia ter trazido um vídeo que mostrasse o animal a voar/planar, pois deixou as crianças só com a imaginação do acontecimento, sem terem a possibilidade de visualizar o real.

No entanto, esta aula, pelo facto de ser programada, ou seja, supervisionada pelo professor cooperante e por um Orientador da Prática Pedagógica, causa desde logo alguns nervos, que por vezes não ajudam ao longo da aula. Mas este género de aulas mais tarde será benéfico, pois servem de treino para o que irá ser o nosso dia-a-dia futuramente.

Segundo Alarcão (1996)

a observação de aulas, das próprias aulas formando ou das aulas dos colegas e/ou de outros professores (incluindo o supervisor), surge naturalmente, uma vez que a prática de ensino em situação de sala de aula constitui o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor, procurando-se que ele tenha

mais controlo sobre os seus próprios processos instrucionais, através da compreensão do que faz, do que vê fazer (pp.109-110).

Assim, é possível concluir que este género de aulas são benéficas para quem as dá e para quem as assiste, pois é através dos nossos erros ou os erros dos outros, que conseguimos aprender, e evoluir enquanto docentes.

Sexta-feira, 25 de março de 2011

Hoje foi o dia em que a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã inteira de aula. Iniciou com a área de Língua Portuguesa, com o conteúdo do discurso direto e indireto. Para tal, distribuiu por cada aluno uma folha com banda desenhada e colocou a mesma no quadro, em tamanho relativamente grande, para que todos a conseguissem ver (Figura 49).



Figura 49 - Banda desenhada em formato A0

Para cada aluno indicou uma personagem e seguidamente passou-se à leitura. O objetivo principal, foi as crianças perceberem que existiam falas que se apresentavam no discurso direto.

Posteriormente identificámos os sinais que nos elucidavam de que realmente se tratava de discurso direto e passámos então a banda desenhada para o discurso indireto, identificando também as características desse tipo de discurso. Nesta parte, a organização do quadro foi realmente o que falhou, uma vez que pediu aos alunos que viessem escrever no quadro, e a dada altura, não era perceptível o que estava lá escrito. Algo que corrigiu, enquanto os alunos foram para o recreio.

Quando regressaram, fizeram uma síntese das características inerentes a ambos os discursos, e de forma subtil, passaram para a matemática.

O conteúdo a desenvolver na área de Matemática foi a comparação das medidas de capacidade. Para tal, usou dois recipientes, visivelmente com formas diferentes, e três garrafas de água com distintos corantes (Figura 50). Antes de mais, as crianças

tiveram que preencher uma tabela, para que ao olhar para ambos os recipientes, pudessem dizer qual pensavam que levava mais água (o que tinha maior capacidade), e o que levava menos (o que tinha menor capacidade), ou ainda se ambos levavam a mesma quantidade (capacidades iguais). Assinalaram a resposta que achavam mais evidente para cada um, e de seguida, passámos então à verificação. A minha colega chamou dois alunos para a ajudarem a colocar a água nos recipientes, e desta forma, puderam constatar que a maioria da turma errou na opção. Pois o recipiente que pensavam ter maior capacidade, foi, na verdade, o que levava menos água.



Figura 50 - *Comparação de medidas*

Para “complicar” um pouco mais, apresentou outro recipiente, mas já com água. E usou um dos anteriores para fazer a comparação. Desta vez, teriam de dizer se a quantidade de água que cada recipiente tinha, era superior, inferior ou igual à capacidade de uma garrafa de litro e meio. Novamente assinalaram o que achavam, que poderia ser a resposta certa e quando foi comparado, com a ajuda de um funil, ao despejar para cada garrafa o conteúdo dos recipientes, observaram que ambos os tinham a mesma capacidade, e que a água coube dentro de cada garrafa de litro e meio, sem sobrar espaço, nem transbordar a garrafa.

Para finalizar, na área de Estudo do Meio, falou dos animais ovíparos. Começou por perguntar se alguém sabia o que era um animal ovíparo, e um aluno acabou por responder acertadamente. Seguidamente, mostrou um vídeo em que mostrava a evolução de um ovíparo até nascer. Depois, trouxe três tipos de ovos: um de galinha, um de codorniz e outro de avestruz. Fez circular os ovos por todos os alunos e pediu que fossem apontando as principais características que podiam constatar. Referiram o tamanho, a cor e a espessura. Depois exibiu uma apresentação de diversos tipos de animais ovíparos. Mas fê-lo mostrando um ovo e perguntando, se sabiam a que animais achavam a que o mesmo pertencia. Para certos animais, eles respondiam acertadamente, mas para outros, foi bem mais complicado. Tal como o ovo da cobra, do crocodilo, de um peixe, etc. Por fim, foram lançadas algumas curiosidades, tais

como, se sabiam o que distingue a avestruz fêmea do macho e por que razão existe essa diferença, entre outros.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero importante o fato da minha colega, na área da Matemática e na área do Estudo do Meio ter utilizado os conhecimentos/ideias/pensamentos adquiridos que as crianças já tinham sobre o tema falado em ambas as áreas, ou seja, pegando nas concepções alternativas das crianças. Martins, *et al.* (2007) refere que “a identificação das concepções alternativas das crianças é um passo crucial no desenvolvimento de actividades que lhes permitam reestruturá-las de acordo com visões cientificamente aceites para aquele nível etário” (p.31).

O educador/professor deve tirar partido daquilo que as crianças já sabem de modo a fazer uma exploração mais contextualizada. Conforme é referido pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar” (p.80).

Cabe ao educador sensibilizar as crianças, aproveitando o que elas já sabem, indo de encontro com os seus interesses e despertar a sua curiosidade e desejo de saber mais.

Segunda-feira, 28 de março de 2011

Hoje foi o dia em que a minha colega Joana iria dar a sua manhã de aula. Nesta aula, foram abordadas as três áreas mais trabalhadas, ou seja, Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Ao nível da Língua Portuguesa, a minha colega fez leitura e interpretação de uma fábula “A lebre e a tartaruga”, onde também, falou da importância das fábulas e realizou algumas questões de funcionamento da língua.

Seguidamente, passou para a área da Matemática, onde com o auxílio do material manipulável – Cuisenaire e umas imagens de animais, realizou exercícios para calcular a área de várias figuras.

Após o intervalo, a minha colega abordou ao nível do Estudo do Meio, o fenómeno “vivíparo”, ou seja, através de um vídeo e imagens, explicou quais as características que um animal possui para ser considerado “vivíparo”. Finalizou a sua aula, com um jogo “ovíparos versus vivíparos”, de forma a verificar se a informação transmitida ficou assimilada.

Inferências/Fundamentação Teórica

O uso de materiais manipuláveis é fundamental para que as crianças assimilem alguns dos vários conteúdos matemáticos em modo concreto, para que mais tarde, seja mais fácil a passagem para o modo abstrato.

De acordo com Palhares e Gomes (2006):

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam fazer e desfazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas em papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais, estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação e comparar «partes de» e resolver problemas (p.171).

Segundo Caldeira (2009), com a utilização de materiais como Cuisenaire, desenvolvem “as capacidades dos alunos para pensar, raciocinar e resolver problemas” (p.168).

Ao nível do Estudo do Meio, penso que a minha colega devia ter tido mais cuidado no vídeo que escolheu, pois as imagens deste não eram claras, originando alguma confusão no entendimento/compreensão do termo usado na aula.

Terça-feira, 29 de março de 2011

Este dia foi reservado para a Prova de Língua Portuguesa. Após todas as crianças terem chegado e estarem sentadas no seu lugar, a professora, até que chegasse a hora de iniciar a prova, fez uma breve revisão dos conteúdos aprendidos. Chegada a hora marcada, foi distribuída a prova. A professora fez a primeira leitura de toda a prova, para que não existissem dúvidas, e as crianças deram início à sua elaboração.

Nesta sala, existe uma menina que possuiu uma prova diferente, pois tem algumas dificuldades, o que requer algumas ajudas, estando incluída na turma com um Plano Educativo Individual (PEI).

Posteriormente, após o momento de descanso, fomos para a reunião, onde ouvimos o *feedback* das aulas realizadas na semana passada.

Inferências/Fundamentação Teórica

Este género de avaliação, serve de modelo para o professor e também para os alunos conseguirem verificar qual o nível em que se encontram. É através destas provas que o professor consegue averiguar se o processo ensino-aprendizagem se encontra em crescimento, ou seja, se os conhecimentos já foram adquiridos, podendo assim, existir uma evolução por parte dos conhecimentos das crianças.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990),

a avaliação é, assim uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que se seguem (p.338).

As reuniões com as Orientadoras são um momento muito importante, pois é o momento onde são ouvidos os vários *feedback* sobre as aulas, sendo estes um bom momento de reflexão e aprendizagem. Segundo Alarcão e Roldão (2008) “o feedback está presente como elemento orientador, estimulador e regulador, sob a forma de comentários interactivos” (p.31).

Assim sendo, estes momentos de “discussão” de estratégias são bastante benéficos para nós, estagiários, que estamos a “aprender” a ser um bom docente, o que faz com que nestas reuniões se consiga aprender com os mais experientes, algumas técnicas válidas a que possamos vir a utilizar no nosso futuro.

Sexta-feira, 1 de abril de 2011

Este dia foi reservado para a minha manhã de aula. Nesta aula, foram abordadas as três áreas mais trabalhadas, ou seja, Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Inicialmente, revi, com as crianças, as regras de comportamento em sala de aula. De seguida, passei para a área de Língua Portuguesa, onde realizei em conjunto com os alunos, leitura/interpretação e funcionamento da língua do texto “*A pouca sorte do cavalo-marinho*”.

Ao nível da Matemática, dei matéria nova, que se depreendia na forma de como se realiza a prova real pela mesma operação (PRMO) da divisão (Figura 51). Para esta aula, usei uma apresentação em *Powerpoint* animado, onde lhes mostrava todas as alterações que a operação inicial, ou seja, a divisão, ia sofrer para se poder realizar a PRMO. Após adquirida a informação, passamos à prática, realizando situações problemáticas com algarismos móveis, tendo inicialmente de resolver a divisão, para depois realizar a PRMO da divisão.



Figura 51 - Apresentação da PRMO da divisão

Ainda no tempo da manhã, mas após o intervalo, dei a minha última área, o Estudo do Meio, onde falei das características dos animais ovovivíparos, ou seja, animais que se desenvolvem dentro de um ovo, mas dentro do ventre materno. Para esta, realizei uma apresentação de *Powerpoint*, com imagens de animais com este tipo de reprodução, constando também dois vídeos (cavalo marinho e peixe Guppy), que mostra mesmo o nascimento destes animais.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero a comprovação das regras de sala de aula importantes para, de certo modo, as crianças perceberem que as normas mantidas com a professora da sala têm que ser as mesmas, quando as minhas colegas ou eu damos a aula.

No entanto, o que de mais realce teve a minha aula foi a explicação, pela primeira vez, da PRMO da divisão, com um suporte animado em *Powerpoint*. O facto de a apresentação ter sido realizada de forma animada, captou a atenção e interesse das crianças. Segundo Campos (1994), “os computadores e a tecnologia educativa podem ser catalisadores de motivação, participação e interação dos estudantes. Estes são intrinsecamente motivados a prestar atenção, a explorar e experimentar, através de uma certa variedade de estímulos” (p.13).

É importante a utilização de algarismos móveis, pois as crianças estão automatizadas a trabalhar com o papel e lápis, ficando porém sem saber que também é possível realizar operações de outras formas mais lúdicas, sem o uso do material tradicional (lápis/papel).

Ao longo desta aula, tive especial atenção à linguagem que utilizei. Pois é fundamental fazer com que as crianças consigam, através de uma linguagem simples, entender e interiorizar novos conhecimentos. Como refere Vieira (2000) “é, fundamental que o professor utilize com alguma regularidade esta técnica de comunicação e que promova nos seus alunos a capacidade para se questionarem a si mesmos, no sentido de saber se perceberam aquilo que lhes foi transmitido” (p.18).

Para isso, criei sempre vários momentos, em que as crianças tinham de decodificar e explicar os conteúdos, com a sua linguagem.

Segunda-feira, 4 de abril de 2011

Hoje o dia começou com mais uma aula da minha colega M^a do Céu. Nesta aula, foram abordadas as três áreas mais trabalhadas, ou seja, Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

A primeira área a ser abordada foi Matemática, onde explicou a Prova Real pela Mesma Operação da Multiplicação. Como forma de consolidação, a minha colega

distribuiu uma proposta de trabalho, com o intuito de verificar se o conceito ficou bem assimilado.

De seguida, apresentou um texto “Os caracóis Portugueses”, onde efetuou leitura/interpretação e exercícios de funcionamento da língua.

Para terminar de um modo mais divertido, a minha colega realizou um jogo, em forma de “Buzz”, dividindo a turma em quatro equipas, cada uma com o seu comando de jogo. Com este jogo, a minha colega reviu os vários tipos de locomoção existentes de uma forma animada.

Inferências/Fundamentação teórica

A utilização do jogo como forma de lecionar conteúdos, estimula a atenção dos alunos, facilitando assim a sua aprendizagem. Segundo Duarte (2009), “o jogo pode ser considerado um auxiliar educativo e uma forma de motivar os alunos para a aprendizagem. Nesse prisma, não se deve considerar apenas como um divertimento ou um prazer” (p.1).

As crianças ficaram muito animadas com o jogo realizado e trabalharam todas em equipa, e nunca ficaram desmotivados.

Como refere Ferreira e Santos (1994)

o trabalho de grupo pode criar um ambiente mais descontraído, mais fácil de suportar em conjunto do que individualmente [...]. Também em grupo a responsabilidade individual pelos resultados das tarefas é mais repartido, o que em si faz diminuir o medo do fracasso (p.79).

No entanto, o trabalho realizado com esta turma foi bastante “comovente”, pois quando um colega bloqueava ou não sabia responder, existiu sempre o espírito de ajuda e incentivo, o que para crianças desta idade é de louvar.

Terça-feira, 5 de abril de 2011

Hoje foi o dia em que decorreu a minha aula surpresa. Nesta aula, tive que explicar a operação de subtrair com o material manipulável – Calculadores Multibásicos, solicitado por uma professora da equipa de supervisão.

Inicialmente, revi as regras do material e a cor das peças. De seguida, ditei o valor que queria que colocassem em cada uma das placas, e as crianças realizaram a operação. Após todos terem finalizado a operação, pedi que realizassem a prova dos nove. Nesta operação, as crianças fizeram-no, aplicando o cálculo mental, pois já é algo que estes conseguem fazer bem, não tendo nenhuma das crianças utilizado o material para chegar à resposta.

Ao longo da manhã, ainda existiram mais aulas surpresa. Assim, as minhas colegas e eu, após a minha aula ter terminado, dirigimo-nos para a sala do 4.º Ano, para

assistir à aula da Mariana. O tema que lhe foi atribuído, foi realizar uma situação problemática, onde aplique a divisão com três algarismos no divisor, e quatro algarismos no dividendo.

Após todas as aulas finalizadas, dirigimo-nos para a sala de informática para mais uma reunião, a fim de conhecermos qual o *feedback* das professoras.

Inferências/Fundamentação Teórica

As aulas surpresa são muito importantes para nós, enquanto “estudantes a professores”, pois nestes momentos, são testados vários acontecimentos (estratégias, nervosismo,...). Isto só faz com que possamos ter consciência daquilo que somos capazes, pois o tempo dado é pouco, para existir uma interiorização de tudo o que devemos aplicar. No entanto, devemos sempre ser capazes de fazer uma reflexão da nossa prestação, de questionar as nossas práticas, para assim, podermos crescer enquanto docentes.

De acordo com Alarcão e Roldão (2008) “a reflexão é considerada como promotora do conhecimento profissional, porque radica numa «atitude de questionamento permanente – de si mesmo e das suas práticas – em que a reflexão vai surgindo como instrumento de auto-avaliação reguladora do desempenho” (p.30).

Mas o mais importante é a reunião que se segue, onde podemos ouvir a reflexão/*feedback* dos professores mais experientes, possibilitando por vezes, a mudança da nossa maneira de ver ou lidar com certos acontecimentos.

Sexta-feira, 8 de abril de 2011

O dia de hoje foi reservado para mais uma aula da minha colega Joana. A aula começou com uma pequena dramatização da história “Leão e o Rato”, com sombras chinesas (Figura 52).

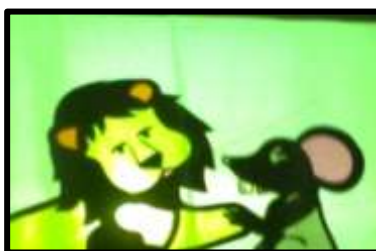


Figura 52 - Sombras chinesas da história “Leão e o Rato”

Após apresentada a história às crianças, estas fizeram um jogo de gramática, onde tinham cartões coloridos, que correspondiam a determinadas matérias dadas, ou seja, verbos, nomes, adjetivos, etc..

De seguida, passou para a área da Matemática, onde reveru a Prova Real pela Operação Inversa da divisão, e realizou situações problemáticas aplicando a matéria.

Por fim, na área de Estudo do Meio, a minha colega falou das cadeias alimentares, representando algumas das existentes, com imagens alusivas passadas no quadro da sala. Para que as crianças tivessem uma perceção mais real da sobrevivência na vida animal, distribuiu, pelos alunos, máscaras desses mesmos animais, para que estes pudessem dramatizar o ciclo, que sofre uma cadeia alimentar.

Inferências/Fundamentação Teórica

As dramatizações com sombras chinesas, levam a que as crianças se envolvam na história. Pois apesar de não estarem a ser elas a realizá-la, conseguem de certo modo, criar algo que as interioriza, o que origina uma melhor compreensão do conteúdo abordado na história.

Segundo Pereira e Lopes (2007) “as sombras estimulam a fantasia, desenvolvem o conhecimento de um mundo irreal e são a representação desse mundo. São um veículo comunicativo, um meio de animação com potencialidades educativas e uma eficiente forma de contar histórias” (p.60).

Assim, é possível trabalhar a leitura e interpretação de um texto, de uma forma mais lúdica, não desprezando a aprendizagem que deverá ser efetuada. Pois se as aulas forem animadas e que seja precisa a interação das crianças, estas ficam muito mais interessadas, e a sua captação dos vários conteúdos é muito mais rápida ou até mesmo mais eficaz, deixando assim tanto o docente como as crianças mais integradas e com uma sensação de que através do “lúdico” também é possível aprender.

Semana de *Roulement* (11/04/2011 a 15/04/2011)

Nesta semana, estivemos na sala da professora Anabela, que leciona o 2.º Ano B, porque nos encontrávamos no período de *Roulement*, ou seja, período esse em que não existem aulas, e no qual, também se nota a diferença na quantidade de crianças que vem ao Jardim-Escola.

Assim, ao longo desta semana, as minhas colegas e eu ajudámos a organizar os dossiês individuais dos alunos, a arquivar as avaliações referentes ao 2.º período e também realizámos algarismos móveis em papel musgami, para as crianças poderem realizar operações matemáticas. Enquanto nós fazíamos todas estas tarefas, as crianças brincavam com as suas novas tecnologias e conviviam umas com as outras.

Inferências/Fundamentação Teórica

Visto estarmos numa semana sem atividades curriculares, as crianças aproveitam para explorarem outros conhecimentos, nomeadamente as Tecnologias de Informação e Comunicação (*TIC*).

Segundo Campos (1994),

a tecnologia informática pode ser um catalisador que aumenta a motivação, o envolvimento e a interação dos alunos. Os estudantes são intrinsecamente motivados a prestar atenção, a explorar e experimentar a partir de uma variedade de estímulos e a envolverem-se activamente no processo de aprendizagem, quando utilizam o computador (p.14).

Sendo o quadro interativo um instrumento usado em sala de aula, as crianças sentem necessidade de a explorar, para verificarem no ato da sua exploração os seus conhecimentos sobre as *TIC*. No entanto, as crianças também puderam levar os seus brinquedos, existindo, porém, crianças que ao brincarem (às lojas) estavam a utilizar conteúdos aprendidos em momento de aulas, como por exemplo as operações.

Segunda-feira, 2 de maio de 2011

Hoje, foi o dia reservado para a minha manhã de aula. O tema principal foi a “Segurança na Praia”.

Na área de Língua Portuguesa, após ter feito a leitura modelo do texto “Uma ida à praia de Carcavelos”, de Alexandra do Carmo, entreguei uma folha e um envelope, que continha o texto lido, dividido em várias partes (Figura 53), para que as crianças conseguissem ordená-lo, através do que ouviram da minha leitura. Após todos ordenarem o texto, passámos para a correção do mesmo, utilizando peças em tamanho grande, para ser de fácil leitura desde os lugares das crianças. Com este texto, ainda realizámos questões de funcionamento da língua.



Figura 53 - Ordenação do texto partido

Seguidamente, passei para a área da Matemática, onde através do material manipulável – Cuisenaire, dei os conceitos área e perímetro. Com este material, construí três bandeiras da praia (encarnada, amarela e verde), sobre as quais, as

crianças tiveram de descobrir, individualmente, qual o valor de área e perímetro de cada uma (Figura 54). No fim, por todas terem a mesma área, ainda dei o conceito da equivalência.



Figura 54 - Área e Perímetro das Bandeiras

Na área de Estudo do Meio, realizei uma apresentação em *Powerpoint* com imagens alusivas ao tema principal da aula, onde através da sua visualização, as crianças falavam aplicando os seus conhecimentos. Para terminar, fizemos um trabalho de grupo, que consistia num “placard” sobre o que devemos fazer na praia e quais os cuidados a ter.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta aula, utilizei sempre materiais que possibilitassem a aprendizagem das crianças, através de materiais manipulativos, para os desprender um pouco do lápis e papel. Nesse sentido, ao nível da Matemática, para abordar a área e o perímetro, usei o material manipulativo - Cuisenaire. Como refere Alsina (2004) é “um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas” (p.34).

Seguidamente, na aula de Estudo do Meio, após abordarmos o tema, foi realizado um trabalho de grupo sobre o mesmo. Dinis (s.d) define trabalho de grupo como sendo “uma metodologia de trabalho que coloca cada aluno em relação dinâmica com outros saberes outras técnicas, outros modos de pensar, de agir e de reagir e requer a colaboração de todos os elementos do grupo” (p.21). Esta estratégia, na minha forma de ver, é uma componente indispensável no desenvolvimento pessoal e social das crianças. Pois o trabalho de grupo ajuda a que estas consigam estar/lidar com as pessoas, bem como, conseguir exprimir as suas ideias, como também, aceitar a crítica ou possíveis opiniões diferentes das suas. Neste caso, o trabalho correu muito bem, todos os grupos cooperaram, ajudando-se sempre na realização do pedido, bem como na apresentação oral do mesmo.

Terça-feira, 3 de maio de 2011

Esta manhã de estágio foi reservada para as alunas do 2.º Ano de Licenciatura darem a aula de 20 minutos, abrangendo a área de Estudo do Meio. O tema escolhido pela professora da sala foram as experiências. Assim, as experiências realizadas nesta manhã foram: dissolução em líquidos, experiência do ar e flutua ou não flutua.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Considero que esta aula teve aspetos positivos, bem como aspetos menos eficazes. Ao observar esta aula, recuei um pouco no tempo (no momento em que eu era estagiária de 2.º Ano), o que originou a que tivesse uma observação mais crítica. Isto deve-se ao facto de, agora conseguir analisar as estratégias e atitudes, de uma forma diferente. Assim, no que se refere ao trabalho realizado entre elementos do grupo de estágio, não foi o mais correto, pois não existiu uma concordância entre eles, tendo sido por vezes difícil manter o controlo dos alunos, bem como a organização do tempo, que passou de 20 minutos cada, a uma manhã inteira.

Em relação às experiências, penso que foram bem escolhidas, pois como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menos complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador” (p.83). Nós, como professores, devemos tirar partido daquilo que as crianças já sabem, de modo a fazer uma exploração mais contextualizada. Conforme é referido pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta” e não deverão ser ignorados (p.80).

Neste modo, as experiências efetuadas não foram muito ao encontro daquilo que as crianças sabiam ou achavam, pois nas suas realizações, não foram recolhidos registos do que tinha sido observado, sendo isto deveras importante, para ser possível criar uma comparação entre as conceções alternativas e os conhecimentos adquiridos.

Sexta-feira, 6 de maio de 2011

O dia de hoje foi reservado para a aula programada da minha colega M^o do Céu. Começou por Língua Portuguesa, com a dramatização de uma história intitulada de “Caixa Oca”, em que as falas das personagens se referiam às regras utilizadas na Cartilha Maternal, de modo a conseguir formar a palavra “Volume”, que iria ser o seguimento do resto da sua aula.

Ao nível da matemática, através também de caixas, aplicou a matéria volume, utilizando cubos de esferovite e caixas confeccionadas em cartolina. Esta atividade foi realizada em grupos, onde cada grupo verificou o volume das caixas, sendo depois, realizada no quadro, a tabela dos volumes, tendo sido seguidamente, retiradas algumas conclusões, como: “Qual a caixa com maior volume?”.

Para terminar, a minha colega, em conjunto com a turma, realizou uma experiência sobre o volume, onde utilizou recipientes e vários frutos, como: kiwi, maçã, banana, etc.

Inferências/Fundamentação Teórica

A minha colega utilizou fantoches, como introdução à aula, bem como dar a conhecer o tema da mesma. Esta estratégia, fez com que as crianças estivessem concentradas, para conseguirem desvendar o segredo, que aqueles fantoches continham. Segundo Pereira e Lopes (2007) “os fantoches aplicados na sala de aula podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão” (p.44).

Na parte referente ao Estudo do Meio, que consistiu numa experiência, aplicou estratégias em redor das conceções alternativas, ou seja, primeiro falaram do que poderia acontecer, depois visualizaram e, no fim, tiraram as suas conclusões. Para isso, o educador/professor deve fornecer às crianças momentos onde estas possam contactar com novas situações de aprendizagem. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) indicam que a curiosidade das crianças é “fomentada e alargada através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (p.79).

Ao longo da aula, existiu sempre cooperação, o que num trabalho de sala de aula é muito importante. Mais importante ainda, é na área das experiências, pois o professor deve auxiliar o trabalho desenvolvido pelo aluno, para que este, possa adquirir conhecimentos corretos e verdadeiros com a sua pesquisa e experimentação, visto as ciências serem uma área em que nem tudo é concreto/linear.

Segunda-feira, 9 de maio de 2011

O dia de hoje iniciou-se com a arrumação de propostas de trabalho em atraso nos dossiês. De seguida, a professora distribuiu por cada aluno, o texto “A vida de Sabonete” de António Torrado, com o qual realizou várias atividades relacionadas com a Língua Portuguesa, como por exemplo: ditado de palavras.

No momento após o recreio, a professora levou de novo, as crianças para o mesmo, para que estes assistissem ao espetáculo “Max Adventure”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Hoje, ao nível da Língua Portuguesa, a professora realizou com os alunos uma atividade, que, a meu ver, é muito importante, que foi um ditado de palavras. Pois é útil, tanto para o professor conseguir perceber as dificuldades das crianças, como é útil, para as crianças, que faz com que desenvolvam vários aspetos, tais como: a escrita, audição, concentração da atenção, entre outros.

De acordo com Condemarin e Chadwick (1987) existem vários passos aconselháveis à realização de um ditado de palavras. No entanto, quando se faz um ditado, segundo os mesmos autores deve-se:

ler o parágrafo completo lentamente em frases sintáticas, fazendo pausas que permitam ao aluno escrever cada frase. Não efetuar repetições, mas a extensão e espaço das frases devem ser adaptados ao nível de escrita dos alunos. Os pontos, vírgulas, etc., podem ser dados nas primeiras etapas de desenvolvimento do ditado e o mesmo serve para os sinais de entonação e as letras maiúsculas (p.185).

Depois do recreio os alunos do 1.º Ciclo foram assistir a um espetáculo de dança sobre um desenho animado. Penso que esta atividade, para crianças do 2.º Ano até ao 4.º Ano, não foi bem acolhida, pois as crianças estiveram sempre dispersas daquilo que estava a ser mostrado. O que serve para concluir que nem todo o género de espetáculos são adequados para um leque de idades, que vai desde os 3 anos aos 10 anos.

Terça-feira, 10 de maio de 2011

A professora iniciou o dia com o material manipulável – Cuisenaire, onde efetuou exercícios de área e perímetro, em conjunto com os alunos. Pois após distribuir o material por cada criança, permitiu que estas criassem figuras e que, através delas, calculassem o referido anteriormente. Assim, através da brincadeira com as peças, conseguimos verificar a compreensão do solicitado, o desenvolvimento do cálculo mental e da criatividade.

Ainda ao longo da manhã, as minhas colegas e eu realizámos jogos tradicionais no recreio, pois estava a chegar o último dia em que íamos estar na sala do 2.º Ano. Após o recreio, já na sala, falámos sobre as aulas das nossas colegas do 2.º Ano de Licenciatura.

Após todas as atividades, as crianças terminaram a manhã de aulas, a realizar a planta da sala de aula, em conjunto com a professora. Tendo por isso, aprendido como se constrói uma planta, e que existem vários tipos de escala, sendo a deles de 1:100.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os jogos tradicionais são jogos que superam qualquer idade. Isto, confirma-se ao observar a alegria e boa disposição com que as crianças tiveram para jogar e conviver, mostrando também, uma enorme resiliência, pois apesar dos obstáculos existentes, levaram o desafio sempre até ao fim sem desistir.

Segundo Neto (1998, citado por Duarte, 2009) “o jogo é uma das formas mais importantes do comportamento humano, desde o nascimento até à morte, sendo essencial na formação da sobrevivência e no processo de desenvolvimento do homem” (p.4).

No entanto, o jogo não é simplesmente uma atividade lúdica, carrega consigo também a faceta da aprendizagem, ou seja, serve também como mediador para desenvolver algumas componentes, como por exemplo: as regras, a disciplina, etc.

Sexta-feira, 13 de maio de 2011

Hoje foi o último dia no 2.º Ano, mas não estivemos em contacto com as crianças, pois foi mais um dia de aulas programadas e surpresa. Assim sendo, as minhas colegas e eu fomos assistir à aula programada da nossa colega Margarida, que se realizou no 3.º Ano B, e à aula programada da nossa colega Ana Dias, realizada no 3.º Ano B. A minha colega Margarida, na parte da aula em que assisti, abordou os pontos cardiais, fez um jogo de direções com pistas e deu o volume com cubos de esferovite e caixas feitas em cartolina, de modo a que as crianças descobrissem qual o volume em cubos de cada uma das caixas. Em relação à outra colega, também tinha o mesmo tema referente ao Estudo do Meio, mas a Matemática deu o 5.º Dom de Froebel, onde realizou a construção do Poço e fez situações problemáticas com o litro.

Após finalizadas as aulas, reunimo-nos na sala de Informática para serem dados os *feedbacks* das aulas existentes nesta manhã de estágio.

Inferências/Fundamentação Teórica

O dia de hoje, não foi em contacto com as crianças, mas também existiu uma aprendizagem. Pois ao observarmos as nossas colegas a dar aulas e depois ouvir o *feedback* sobre o que presenciámos, faz com que reflitamos sobre o que queremos, ou não fazer, numa situação semelhante, dando-nos assim, alguma “bagagem”, para o futuro que nos espera. Segundo Alarcão e Roldão (2008) “o feedback está presente como elemento orientador, estimulador e regulador” (p.31).

Para existir um *feedback* plausível, é necessário estarmos perante elementos mais experientes, mas também, trabalhar em cooperação com os mesmos, pois estamos todos em aprendizagem.

De acordo com Alarcão e Roldão (2008) “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional” (p.54). Hoy (1986, citado por Severino, 2007) define supervisão como “trabalhar em cooperação com o supervisando, e não o fazer julgamentos ou contestar o seu trabalho. Com efeito, o supervisor deverá ser um mediador entre o supervisando e o seu ambiente.” (p.45).

Em suma, as aulas supervisionadas são deveras importantes, pois cria de certo modo, uma forma de aumentarmos o nosso conhecimento, bem como analisarmos determinados factos, com um olhar mais autocrítico.

1.6. 6.ª Secção – 3.º Ano Bibe Azul Claro

1.6.1. Caracterização da Turma

Esta turma frequenta o 3.º Ano no Jardim-Escola João de Deus – Alvalade, é composta por dezassete alunos, dos quais oito são rapazes e nove são raparigas. Ambos têm oito anos, feitos em dezembro.

Maioritariamente, todos estes alunos frequentaram o pré-escolar, porque as regras da instituição assim o exigem, salvo determinadas exceções.

A turma não manifesta grandes dificuldades de aprendizagem, à exceção de três alunos que, por esse motivo, têm o apoio regular de uma professora de ensino especial, e de uma professora de apoio.

Todas as áreas curriculares despertam interesse nos alunos. Embora existam alguns conteúdos, tais como, a leitura, a ortografia e o cálculo, em que têm alguma dificuldade.

1.6.2. Caracterização do Espaço

A sala de aula da turma do 3.º Ano, é uma sala ampla, com imensa luz natural. Existem dezassete carteiras e muito espaço entre estas, para que os alunos consigam movimentar-se.

A secretária do professor fica no fundo da sala, junto do móvel da impressora e do móvel que contém material escolar. Perto da porta da entrada, existe ainda o móvel dos dossiês. A sala tem um quadro interativo e um quadro de giz. É uma sala que tem passagem para a sala de Informática e para a Biblioteca.

1.6.3. Rotina

As rotinas do 3.º Ano são iguais às do 2.º Ano, porém, existe a exceção do Clube de Ciências.

Clube de Ciências

Esta atividade é muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois apesar de aprenderem a conhecer melhor a área da Ciência, começam a perceber o que é trabalhar em grupo, terem o sentido de responsabilidade. Na apresentação de certas experiências à turma, etc.

De acordo com Fumagalli (1998, citado por Martins *et al*, 2007) a Educação em Ciências desde cedo tem uma grande importância social, pois:

todas as crianças tem o direito de aprender; a educação básica tem um papel social na distribuição do conhecimento científico e, por fim, o conhecimento científico é um valor social que permite aos indivíduos melhorar a qualidade da sua interação com a realidade natural (p. 14).

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma (Figura 55).



		Horário				
		3º ano A 2010/2011				
		2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00m	10h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h00m	11h00m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h00m	11h30m	----- Tempo de jogos -----				
11h30m	13h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h00m	14h30m	----- Almoço/Recreio -----				
14h30m	15h30m	Educação Física	Estudo do Meio	História de Portugal	Inglês	Informática/ Biblioteca
15h30m	16h30m	Expressão Plástica	Música (15h20/16h10)	Estudo do Meio	Estudo do Meio	História de Portugal
16h30m	17h00m	Expressão Plástica	Hora do conto	Clube de Ciências (16h10/17h)	Área de Projeto	Assembleia de Turma
17h00m		----- Lanche -----				

II Programação com a Professora Margarida – 5ª feira, das 14h30m às 15h30m
 II Atendimento aos Encarregados de Educação – 6ª feira das 14h30m às 15h20m
 II O Estudo Acompanhado e a Formação Cívica são dadas sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

Figura 55 – Horário do 3.º Ano

1.6.4. Relatos Diários

Segunda-feira, 16 de maio de 2011

Hoje foi o primeiro dia na sala do 3.º Ano. Este dia teve início com revisões sobre o volume do cubo. Os alunos solucionaram exercícios com graus de dificuldade crescentes: no primeiro exercício, o professor dava a aresta, no segundo, dizia que a aresta media o triplo de quatro e no terceiro, dava o perímetro dos lados de uma face tendo as crianças, a missão de calcular o volume do cubo.

Seguidamente, houve uma paragem na aula, porque iria decorrer uma aula surpresa de uma colega nossa. A aula foi sobre o tema de Língua Portuguesa, assim, a nossa colega teve de fazer leitura e interpretação de um texto “Os transportes e a poluição”, bem como a análise sintática e morfológica.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Considero a existência de aulas em que vão existindo exercícios com grau de dificuldade crescentes, verdadeiramente importantes, pois faz com que a criança desenvolva várias componentes, tais como: raciocínio, organização mental, cálculo, etc., tornando-se de certo modo, um meio para o professor perceber qual o “grau” em que cada aluno se encontra.

Segundo Perrenoud, Paquay, Altet e Charlier (2001) os professores e formadores adquirem o seu saber profissional, “com a experiência e a prática em sala de aula, mas também com a ajuda de um mediador que facilita a tomada de consciência e de conhecimento, participando da análise das práticas, em uma estratégia de co - formação” (p.32).

Este género de aulas é indispensável, no que se refere ao âmbito do nosso trabalho, pois o mesmo será assente na prática. Assim, estas aulas ajudam muito a criar um fio condutor correto e aplicável no dia-a-dia, para que num futuro próximo, possa ser posto em prática, numa turma que estará à nossa responsabilidade.

Terça-feira, 17 de maio de 2011

Neste dia foram trabalhadas as unidades de volume. Os alunos tiveram que fazer corresponder a palavra à sua representação (simbologia Matemática): ex. quilómetro = km. Depois tiveram de colocar por ordem crescente as ordens de grandeza (km^2 , km, km^3).

Foram realizadas questões da área da Língua Portuguesa, tais como, quanto à acentuação, ao número de sílabas, como se classifica a palavra “cúbico” e como se escreve determinadas palavras apresentando, duas formas, de modo a que as

crianças pudessem reconhecer o erro. A dada altura foram colocados no quadro alguns algoritmos com unidades de medida e pedido que fizessem as respetivas conversões.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Considero o erro um importante instrumento no processo ensino-aprendizagem. Como refere Nierenberg (1997) “a capacidade de aprender com o erro é característica do comportamento inteligente” (p.29). Nesta aula, as crianças exploraram a causa do erro, de modo a conseguirem criar uma resposta aceitável, conduzindo o pensamento para a forma correta de escrever a palavra. Assim, como defende Nierenberg (1997), se os alunos se mantiverem abertos ao erro, este pode conduzi-los a uma inesperada visão ou descoberta.

Encaro assim, este género de exercícios benéficos para uma aprendizagem individual sobre a consciência dos erros, para que a escrita possa ser aperfeiçoada corretamente.

Sexta-feira, 20 de maio de 2011

A aula teve início com o professor titular da turma a fazer o jogo da caça ao erro entre a palavra “triangular” e a palavra “triangular”.

Este dia foi marcado por ter sido o dia da minha aula programada. Esta começou com a minha entrada na sala, com uma mala de viagem. Questionei os alunos sobre que objeto tinha na mão, ao qual responderam acertadamente.

Seguidamente, distribuí um panfleto informativo a cada aluno com informações sobre as Ilhas de Cabo Verde. Os alunos depois de o lerem, teriam que me aconselhar sobre que cuidados a ter antes de viajar, assim como quais os locais que deveria visitar, por serem mais emblemáticos.

Na Língua Portuguesa distribuí uma proposta de trabalho a cada criança. Era um poema, no qual faltavam verbos. Os alunos tiveram de usar o verbo sinalizado, mas no Modo Condicional. Ao terminarem, tiveram de escrever uma frase com o verbo no Modo Condicional e acabaram todos por a ler em voz alta.

Na área da Matemática, calcularam o volume da mala de viagem, usando as medidas dadas, as quais estavam numa apresentação no quadro. Para tal, as crianças contaram com a ajuda de algoritmos móveis.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Neste género de aulas, que englobam todas as áreas lecionadas, não podem existir quebras de pensamento entre cada área, sendo que o tema principal (Turismo), se

tornou no elo de ligação entre todas as disciplinas, de maneira a que os alunos, não sentissem tão vincada, a troca realizada de área para área.

De acordo com Brasil (1999)

a interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou factores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (p.89).

Para além da interdisciplinaridade, foi também a comunicação um fator importante para que a aula conseguisse manter o seu fio condutor.

De acordo com Carvalho (2002), “a comunicação (tomada em sentido amplo) é o instrumento que possibilita a emissão e recepção de informação, a expressão de sentimentos e opiniões, a concretização de atitudes, atravessando, assim, toda a actividade” (p.173).

Este género de aula (existência de um tema possível de interligar entre todas as áreas) possibilita uma evolução entre a relação professor/aluno, sendo assim gerada uma maior confiança e por sua vez uma aula mais dinâmica.

Segunda-feira, 23 de maio de 2011

Hoje, não houve estágio no Jardim-Escola. Este dia foi reservado para a reunião de Prática Pedagógica no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, que teve início às 9h30min. Nesta reunião, foram abordados vários assuntos, entre os quais, a entrega da grelha de avaliação feita pela Professora Cooperante, no meu caso, a Professora do 2.º Ano, e qual irá ser o funcionamento das aulas finais de curso, que estariam para breve.

Foram lidas todas as avaliações das pessoas presentes, do Mestrado de Educação Pré-Escolar, Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Laboral e Pós-Laboral) e Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Após todas as avaliações lidas, a reunião foi dada por encerrada.

Estiveram presentes nesta reunião alguns dos professores Orientadores da Prática Pedagógica.

Terça-feira, 24 de maio de 2011

O dia teve início com a correção do trabalho de casa (TPC). Os conteúdos tratados foram o perímetro e as medidas de comprimento. O professor fez a correção no quadro interativo com a ajuda dos alunos.

Seguidamente, resolveram operações com números complexos. Antes disso, questionou os alunos sobre o que é um número complexo, ao qual o aluno a quem o professor deu a palavra respondeu acertadamente.

Na área da Língua Portuguesa, foi trabalhado o funcionamento da língua. Os alunos foram questionados sobre o que é uma quadra, quais os diferentes determinantes possessivos e pronomes. Numa frase, fizeram a classificação morfológica e identificaram os determinantes.

Para finalizar, o professor escreveu no quadro algumas palavras e com os alunos fez o jogo da caça ao erro.

Inferências/Fundamentação Teórica:

O dia-a-dia em sala acaba sempre por ser mais desgastante para os alunos, assim sendo, quando as aulas são dadas em conjunto com as crianças, a aula torna-se sempre mais enérgica, de maneira a que as aulas não se tornem rotineiras.

Marujo, Neto e Perloiro (2002) são de opinião que os TPC's existem diariamente com o propósito "de levar os alunos a praticar, fortalecer e reforçar conteúdos e competências escolares e auxiliar os professores a avaliarem quão bem está o aluno a compreender uma determinada temática" (p.113).

Quando os TPC são corrigidos em conjunto, o aluno consegue sempre perceber onde errou, de maneira a aprender com o seu erro podendo auto ajudar-se futuramente e aos seus demais.

Sexta-feira, 27 de maio de 2011

Este foi o dia reservado para a minha colega Joana dar a sua manhã de aula. Os conteúdos propostos na área de Língua Portuguesa, foram a leitura e interpretação de um poema e análise gramatical do mesmo.

Na área da Matemática, usando o material manipulável - Blocos Lógicos trabalharam a teoria de conjuntos e respetivas simbologias.

E por fim, em História de Portugal, teve de falar da crise de 1383/1385. Para tal, criou uma dramatização com a ajuda dos alunos. Distribuiu coroas, espadas e definiu os papéis que entravam na dramatização. Esta foi realizada ao mesmo tempo que a minha colega contava a história, e os factos desta iam sendo apresentados pelos alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Considero que dar aula com Blocos Lógicos, sem qualquer tipo base lúdica, se torna um pouco enfadonho, tanto para o professor como para o aluno. Apesar de tudo,

é um tipo de atividade que desenvolve bastantes capacidades motoras na criança, o que a faz evoluir em várias componentes.

Segundo Damas (2005, citado por Botas, 2008), o material Blocos Lógicos concebido pelo matemático Zoltan P. Dienes:

foi imaginado de modo a exercitar a lógica e desenvolver o raciocínio matemático. Este material estimula o pensamento da criança, através de actividades e jogos, que possibilitam um desenvolvimento integral, que é muito mais além do que uma formação básica em Matemática (p.31).

A atividade criada sobre o tema de história foi benéfica para a compreensão, pois através da dramatização, as crianças conseguiram perceber e vivenciar o que aconteceu na crise de 1383/1385.

Visto ser útil criar uma programação das atividades realizadas em aula, é a interdisciplinaridade, um fator importante para captar melhor e mais rapidamente a atenção da criança, aconselharia a que na área da Matemática, o tema geral (crise de 1383/1385) fosse integrado.

Segunda-feira, 30 de maio de 2011

Este foi o dia em que a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã inteira de aula. Nomeadamente, a Língua Portuguesa. O conteúdo a trabalhar foi a expressão escrita coletiva. Para esta aula, distribuiu por cada aluno uma proposta de trabalho.

Seguidamente, distribuiu a cada um dos rapazes uma folha de cor laranja, na qual teriam que escrever uma pergunta sobre as novas tecnologias. Às raparigas distribuiu folhas verdes, nas quais teriam que escrever uma resposta a uma pergunta imaginária sobre animais. Nem os rapazes, nem as raparigas, sabiam o que era pedido ao grupo oposto.

Posto isto, aleatoriamente, um rapaz veio ao quadro escrever a sua pergunta e, logo a seguir, veio uma rapariga escrever uma das respostas. Após todos os alunos terem ido ao quadro, foi lido o texto (claro que não fazia sentido) e foi atribuído um título pelos alunos. Para tal, foram sugeridos três títulos e, a votos, ganhou um.

Na área da Matemática, o conteúdo proposto foram as expressões numéricas. Para este conteúdo, distribuiu uma proposta de trabalho e fê-la em conjunto com os alunos, pelo menos os primeiros exercícios. O grau de dificuldade foi aumentando a cada situação problemática, tal como, foi sempre inserida uma nova regra de resolução das expressões numéricas. No final, fizeram um quadro síntese, onde foram colocadas as regras pela ordem.

Para História de Portugal, como teria de falar da crise de 1383/1385, fez um tabuleiro com a forma de um castelo e peões, sendo a turma dividida em duas

equipas. Por cada resposta certa, conquistavam território e por cada resposta errada perdiam território (Figura 56).



Figura 56 - *Jogo de tabuleiro sobre crise de 1383/1385*

Se nenhum dos elementos do grupo soubesse a resposta a determinada questão, dois elementos poderiam ainda pesquisar, no manual, a informação que lhe elucidasse para a resposta.

Inferências/Fundamentação Teórica:

A pesquisa ao longo da manhã de aula foi constante, ajudando assim, a criar um entendimento eficaz sobre determinado assunto.

De acordo com Gatti (2002) o conceito

pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre um certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos... (pp. 9-10).

O jogo, apesar de ter sido interessante, pois foi uma forma de criar meios de compreensão acerca do tema, além de animador, veio a criar também momentos de alguma agitação.

Estanqueiro (2010) afirma que “a competição entre os alunos pode funcionar como estímulo, na medida em que satisfaz o desejo de auto-afirmação e o desejo de ser superior aos outros em algum aspecto” (p.19).

Nesta aula, existiram momentos de competição e, por vezes, de mau perder, pois apesar de serem grupos e cooperarem, existiam sempre algumas crianças que desejavam ser sempre superiores, o que nestas idades são aspetos difíceis de compreender pois não têm noção de como lutar para ganhar (neste caso os pontos do jogo de uma forma saudável), ou seja, ainda não conseguem interligar o termo competição e cooperação.

Terça-feira, 31 de maio de 2011

Esta manhã de aulas foi lecionada por mim. Na área da Língua Portuguesa, trabalhei com os alunos, os diferentes tipos de rima. Numa apresentação apelativa em *Powerpoint*, exibi vários poemas, e em conjunto, foram assinalando os tipos de rima no quadro interativo, com o auxílio dos alunos.

Na área da Matemática, realizei situações problemáticas com o volume. Cada aluno tinha uma proposta de trabalho, onde ia resolvendo as situações, as quais eram corrigidas em conjunto no quadro interativo.

Por fim, para Estudo do Meio, construí um jogo da glória, para o qual dividi a turma em quatro equipas, ganhava a que chegasse primeiro à final. As questões eram todas relacionadas com a 1ª Dinastia, pois era esse o conteúdo que tinha de lecionar.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Lopes (2006) refere que “a sensibilidade à rima desenvolve-se relativamente cedo, que muitas crianças de 3 anos revelam já particulares competências nesta área” (p.33).

Assim como Lopes menciona que é desde cedo, que as crianças começam a ter perceção de que duas palavras rimam no fim das mesmas. As crianças de 3.º Ano que tiveram de dar este tema em aula já conseguem perceber que existe uma evolução no tema. O que significa que deixa de ser meros falantes que rimam e passam a ser falantes que rimam com um propósito, podendo até escrever poemas concretos, pois já sabem aplicar os vários componentes que se encontram implícitos numa simples rima.

Tenho também a referir que, nestas idades, os jogos são fatores que ajudam muito na compreensão de determinadas matérias, nomeadamente, nas de que é necessário adquirir vários conteúdos. Assim, para que isso se tornasse mais dinâmico, criei o jogo da glória da 1.ª Dinastia, de modo, a que através do “brincar” se conseguisse desenvolver o pensamento nesta área tão trabalhosa.

Sexta-feira, 3 de junho de 2011

Este foi o dia atribuído à minha colega Joana para dar a aula. Começou com Estudo do Meio. Veio vestida de agricultor e ensinou às crianças a plantar, assim como o nome de alguns instrumentos que se usa (Figura 57).



Figura 57 - Plantação de alguma plantas

Seguidamente, distribuiu a cada aluno um copo de chá de uma das plantas que as crianças tinham plantado (hortelã).

Na Língua Portuguesa, fez uma leitura modelo (leitura em voz alta) do texto “A fala das árvores”. Após a leitura, realizou um jogo chamado “Quem quer saber mais de Língua Portuguesa”, onde foram abordados vários conteúdos da língua.

Para a Matemática, tinha de trabalhar o cálculo mental, usando o 5.º Dom de Froebel. Para ajudar, usou uma história para criar um contexto e com o auxílio de uma apresentação em *Powerpoint* foram construindo o armazém e a viola.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Jean (2000) refere que “há muito que descobri que este tipo de leitura em voz alta «impessoal» é no plano escolar, um excelente exercício de vocalização na aprendizagem desta «leitura da leitura»” (p.143).

Penso que na área da Matemática, nomeadamente na construção do armazém, a minha colega podia ter solicitado a ajuda das crianças, pois estas, já a sabiam fazer. O facto de não o ter feito, criou uma certa agitação, pois quase todos já a tinham construído. Assim, poderia ter realizado alguma ligação com a turma, bem como, perceber se existiam dúvidas no processo de construção.

De acordo com Reys (1974, citado por Pires, 1994), os materiais manipuláveis:

...convenientemente seleccionados e utilizados permitem, entre outros aspectos: (a) diversificar as actividades de ensino; (b) realizar experiências em torno de situações problemáticas; (c) representar concretamente as ideias abstractas; (d) dar oportunidade aos alunos de descobrir relações e formular generalizações; e (e) envolver os alunos activamente na aprendizagem (p.289).

O uso de vários materiais ao longo da aula, fez com esta não caísse em monotonia.

Segunda-feira, 6 de junho de 2011

O dia de hoje começou com a correção do TPC. De seguida, o professor distribuiu um texto com algumas perguntas de interpretação. No fim de tudo realizado, fez um ditado de um excerto do texto analisado anteriormente, para efetuar a correção ortográfica e caligráfica.

Após o intervalo, como as crianças estavam perto do dia da prova de Matemática, o professor distribuiu uma proposta de trabalho com a maioria da matéria que possivelmente iria sair na prova, em forma de revisão.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Os TPC's, de acordo com Perrenoud (1995), tem como finalidade “estimular a compreensão, a memorização, a consolidação, a generalização de certas noções, métodos ou conhecimentos” (p.21). Sendo por isso, um método bastante importante para que as crianças consigam consolidar melhor a matéria aplicando vários exercícios e resolve-los individualmente, com meio de aprender bem como para que seja possível na sua elaboração verificar se existem algumas dificuldades não antes observadas.

As revisões antes de uma prova de avaliação são importantes, tanto para o professor como para o aluno. Para o professor é possível verificar quais as falhas mais regulares dentro da turma, para o aluno é mais fácil perceber qual a parte da matéria em que estes têm de fazer um maior esforço para conseguir finalmente interiorizar a matéria relevante para teste. A revisão é um teste, tanto para o professor quanto para o aluno, no que diz respeito ao grau de aproveitamento das aulas.

Terça-feira, 7 de junho de 2011

O dia de hoje foi reservado para a minha manhã de aulas. Iniciei a aula de Língua Portuguesa, com a revisão dos graus dos adjetivos através de frases projetadas em *Powerpoint*. Apresentei as exceções do grau superlativo absoluto sintético, através de um *Powerpoint*. Como consolidação, realizei um jogo “A adjetivomania”, onde apliquei as exceções dos adjetivos.

Na área da Matemática, distribuí por cada criança uma caixa do material: Tangram e proposta de trabalho. Revi os conceitos de área e perímetro, as fórmulas de cálculo do triângulo, quadrado e paralelogramo. No fim, realizámos a correção no quadro interativo, para que todos percebessem.

Na área de Estudo do Meio, através de uma apresentação em *Powerpoint* expliquei: O que é a silvicultura?/Quais as principais espécies florestais em Portugal Continental?/O que se pode extrair das espécies florestais?/Porque é importante preservar esta atividade?. Por fim, realizei uma atividade em grupo, que consiste em criar um jornal com a informação aprendida ao longo da aula.

Inferências/Fundamentação Teórica:

O Tangram também é considerado um material com bastantes finalidades, para o ensino da Matemática. Como refere Caldeira (2009),

o seu valor educativo, entre outros aspectos, reside no exercício da concentração e no estímulo à investigação e à criação. Permite actividades que envolvem a manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições,

transformações e rotações das peças, permitindo «ver partes» num «todo» complexo (p.398).

O trabalho de grupo promove um melhor relacionamento entre os alunos, ajudando a desenvolver o seu “Eu”, podendo também, ser uma via para estimular o seu espírito crítico. De acordo com Freitas e Freitas (2002), o trabalhar em grupo neste género de trabalhos faz com que as crianças sintam que são capazes, o que “os une e os torna «únicos»” (p.37). Nesse aspeto, a atividade de elaborar um jornal, segundo Condemarín e Chadwick (1987) “dá possibilidade, ao educador criativo, de proporcionar aos seus alunos uma grande quantidade de oportunidades para escrever e integrar aspectos de método de estudo, compreensão de leitura, diagramação, gramática e ortografia” (p.222).

Assim, tenho a referir que a atividade proposta em sala de aula foi bem desenvolvida, pois todos nós, conseguimos adquirir “algo” através desta realização, bem como, observar o desempenho criado nos vários grupos.

Terça-feira, 14 de junho de 2011

Hoje o dia foi reservado para a realização da Prova Global de Língua Portuguesa. Assim, o dia iniciou-se de uma forma diferente, carteiras todas separadas, silêncio total, bem como, o tempo limite para a sua realização. Visto existir uma criança com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E), uma das minhas colegas sentou-se perto da mesma para a auxiliar apenas na interpretação.

Terminada a prova, e realizado o momento de descontração, voltámos para a sala, onde a pedido do professor, dei aula de Matemática. Nesta aula, fiz a leitura de números, identificação do maior e menor algarismo de valor relativo e absoluto, assim como, a execução de uma divisão. Neste momento de aula, após realizados os exercícios na proposta de trabalho, os mesmos eram corrigidos em conjunto no quadro.

Inferências/Fundamentação Teórica:

As provas de avaliação são muito mais do que instrumentos para “aprovar” ou “reprovar”. Torna-se fulcral identificar num diagnóstico, as capacidades ou deficiências do aluno, bem como, a sua quantificação. As provas ainda hoje são o melhor instrumento que existe para uma avaliação pedagógica e psicológica. No entanto, devido à existência de crianças com necessidades educativas especiais, hoje em dia, no ensino regular, já é possível realizar provas de avaliação “diferentes”, sem retirar o grau de exigência a este tipo de alunos.

De acordo com Educação Especial – Manual de Apoio à Prática, ME (2008):

o processo e avaliação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente, à excepção dos que têm um currículo específico individual, segue as normas de avaliação definidas para os diferentes níveis e anos de escolaridade, podendo, no entanto, proceder-se a adequações que, entre outras, consistem em alterações: (a) do tipo de provas; (b) dos instrumentos de avaliação e certificação; (c) das condições de avaliação (p.36).

Apesar das provas de avaliação terem a possibilidade de serem “diferentes”, o grau de exigência vai gradualmente aumentando ou diminuindo, dependendo da progressão do aluno em questão. O aluno, apesar das dificuldades que possa ter, é sempre integrado na turma, como sendo um dos demais, realizando todas as atividades em sala de aula.

Sexta-feira, 17 de junho de 2011

Este foi o dia em que a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã de aula. Iniciou com a área de Língua Portuguesa, em que teve de fazer a revisão dos verbos no Modo Indicativo. Para tal, construiu três dados (um com os tempos verbais, outro com a pessoa e outro com exemplos de verbos) e dividiu a turma em grupos de quatro elementos e as crianças vinham à frente dizer o que lhes tinha sido solicitado. Três das crianças lançavam os dados e a outra escrevia uma frase usando a informação que saía nos dados.

Na área da Matemática, fez a leitura de números com o auxílio do material manipulável – Cuisenaire. Contudo, usou uma história para contextualizar, onde teriam de contabilizar a quantidade de chocolates de morango, branco e de leite que eram produzidos por determinada fábrica.

Para finalizar, na área de Estudo do Meio, como o tema era a Indústria, mostrou dois vídeos, um de uma fábrica de bolas de futebol e outro de uma fábrica de bombons. Após o visionamento dos vídeos, criou uma linha de montagem com toda a turma e fizeram brigadeiros (Figura 58). Cada secção tinha uma tarefa e todos tinham que cumprir o mesmo ritmo. No final, foram distribuir brigadeiros a todas as salas do Jardim-Escola.



Figura 58 - Produção de Brigadeiros

Tendo a minha colega realizado uma aula tão variável, esta aplicou bem as regras a cumprir, bem como os espaços utilizados nas várias áreas bem organizados, de forma a garantir o sucesso da sua aula.

Inferências/Fundamentação Teórica:

A existência de regras é algo fundamental no dia-a-dia das crianças. Como refere Moreira (2008) “são fundamentais para criar um ambiente de ordem e previsibilidade” (p.62). Sendo a aula da minha colega, muito variável em estratégias a existência de regras era fundamental. Foram poucas regras, mas a sua quantidade não é o importante, mas sim se estas são realmente funcionais e acima de tudo cumpridas.

A disciplina é um pilar muito importante numa sala de aula, pois existindo disciplina e respeito tudo se torna mais fácil para ambos os lados, ou seja, para o professor e para o aluno. De acordo com Moreira (2008) “uma sala de aula onde exista ordem beneficia ambas as partes: para o professor significa bem-estar e facilita o processo de instrução; para o aluno fica aprendizagem mais eficaz e a socialização de regras e normas sociais” (p.60).

De maneira a desenvolver a capacidade intelectual dos alunos na área de Estudo do Meio, a minha colega apresentou dois vídeos sobre o processo desenvolvido na Indústria. Este facto parece ser algo de comum, mas o seu visionamento e produção contribuem de certa forma para o desenvolvimento das crianças enquanto pessoas.

Assim Roldão (1995) afirma que a área de Estudo do Meio “permite não só a promoção de um conjunto de aprendizagens relevantes, mas a mobilização dessas aprendizagens para o desenvolvimento integral da personalidade do aluno, contribuindo para o seu enriquecimento enquanto pessoa” (p.32).

Sobre esta aula é possível concluir que a mesma se encontrava bem estruturada e que, com as diversas estratégias aplicadas, a concentração e atenção dos alunos foram mais fáceis de captar. Pode assim dizer-se que através do lúdico, com disciplina e regras, a aprendizagem é muito mais fácil para ambas as partes.

Segunda-feira, 20 de junho de 2011

Hoje, o meu dia de estágio foi passado no Jardim-Escola da Estrela, devido ao facto de ter ido assistir às Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP) do 1.º Ciclo das minhas colegas.

Assim, neste dia assisti a duas aulas finais, uma realizada no 2.º Ano pela Vânia O. e outra pela Sandra C. no 1.º Ano.

A primeira aula foi sobre a erosão. Nesta aula, a minha colega explicou o conceito através de um texto informativo, e depois mostrou uma reportagem por ela elaborada. Na área da Matemática, utilizou o 5.º Dom de Fröebel, realizando uma construção

nova, efetuando assim, situações problemáticas. Para terminar, realizou um pequeno jogo no exterior do Jardim-Escola.

Na segunda aula, a minha colega Sandra tinha como tema principal o “Gel de Banho”, tendo interligado a aula em seu redor. Por isso, ao nível da Língua Portuguesa, distribuiu um texto chamado de “A vida de um gel de banho”, com o qual, fez leitura/interpretação e algumas questões de funcionamento da língua. Na área da Matemática deu o pictograma, também com figuras relacionadas com o tema. De seguida, realizou uma experiência, que consistia em produzir gel de banho. Para terminar a sua aula, realizou no recreio um jogo, que consistia em montar um puzzle com uma imagem de um gel de banho.

No fim da manhã, após todas as provas terem terminado, as professoras Orientadoras de Prática Pedagógica deram o seu *feedback* individual a cada aluna. Terminando a manhã, com uma mini-reunião, onde foram atribuídas as classificações finais dadas a cada uma das alunas.

Inferências/Fundamentação Teórica:

As provas finais são momentos de grande tensão. Este género de provas serve, de certo modo, para que os professores de Prática Pedagógica possam retirar informações mais profundas da prestação de determinado aluno, existindo assim, variantes de notas. Neste caso, é considerável a diferença de aulas em algumas vertentes, tais como: a colaboração dos alunos, a variedade de materiais e estratégias, etc.

Assim, tenho a destacar, a coragem da minha colega Sandra, por ter realizado um trabalho experimental numa aula como esta, ou seja, a aula final. Pois as experiências são acontecimentos impossíveis de se prever o resultado.

Como refere Martins *et al.* (2007):

o currículo do ensino básico (2001) apresenta orientações que apontam para o desenvolvimento de competências das crianças «observação da multiplicidade de formas, características e transformações que ocorrem nos materiais», «explicação de alguns fenómenos com base nas propriedades dos materiais» e «realização de actividades experimentais simples, para identificação de algumas propriedades dos materiais, relacionando-os com as suas aplicações» (p.10).

Esta manhã, foi importante, pois deu-me para ter alguma perceção do que fazer e como fazer, quando chegar o meu momento. Pois essa hora e quinze minutos tem de ser bem planeada, baseada na interdisciplinaridade, criatividade e não menos importante, o tempo para que as crianças possam exteriorizar os seus conhecimentos acerca do tema abordado.

Terça-feira, 21 de junho de 2011

O dia hoje iniciou-se com a minha colega Joana, onde lhe foi dada uma 2.^a oportunidade para repetir a aula que deu com o material manipulável - Blocos Lógicos. Para isso, voltou a mostrar uma apresentação em *Powerpoint*, mas bem mais organizada. Fez uma revisão das características dos atributos das peças e começou por pedir que fizessem determinados conjuntos. No decorrer da aula, o grau de dificuldade foi aumentando.

Seguidamente, o professor surpreendeu-a e pediu-lhe que, através do texto “Poluição Industrial” de José Jorge Letria, fizesse a leitura e interpretação, bem como, análise sintática e morfológica do mesmo.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Considero a atitude da minha colega muito positiva. Devido ao facto da aula anterior ter sido dada com o mesmo material, e esta ter-lhe corrido mal, ela, não desistindo, voltou a dar o mesmo mas de um modo mais aperfeiçoado apelando mais à parte lúdica. Assim, fica estabelecido para o que serve o Estágio, ou seja, serve para aplicarmos várias estratégias de modo a descobrir qual será a melhor, e nunca desistir por inicialmente não nos ter corrido da melhor maneira, desta forma vamos aperfeiçoando as nossas técnicas de ensinamento.

As aulas, em formato surpresa, são benéficas para que exista uma percepção do nível em que o estagiário se encontra, podendo futuramente evoluir nessa área. Na visão do estagiário, também se torna saudável que este género de aulas exista de maneira a nos tornarmos mais confiantes das nossas capacidades perante uma turma.

Reis e Adragão (1992) “sendo a língua materna o sistema primário através do qual a criança modela o mundo, não seria correcto que o seu conhecimento e a compreensão do seu funcionamento não estivessem incluídos no sistema educativo” (p.80).

Como tal, a exploração gramatical, permite colocar em prática as várias especialidades da língua materna, de modo a criar um seguimento concreto de conceitos/competências necessárias para a realização de um discurso correto e claro.

Sexta-feira, 24 de junho de 2011

Neste dia estivemos na sala da professora Margarida, que também leciona o 3.^o Ano, pois tratava-se de um dia de *Roulement*.

Ao longo da manhã, um dos alunos da professora esteve a realizar uma das Provas, pois tinha faltado no dia anterior, e os restantes alunos já a tinham realizado. No entanto, os alunos que neste dia vieram ao Jardim-Escola, estiveram a realizar

vários jogos e brincadeiras, tais como: jogaram *Playstation*, brincaram às lojas, pintaram e outros, exploraram o quadro interativo.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Estes dias, porém são muito importantes para eles, pois através das suas brincadeiras, põem, em modo não concreto, alguns dos conhecimentos ensinados em sala de aula, como por exemplo: as operações efetuadas (para dar o troco da compra realizada na loja). Maluf (s.d.) refere que “todo o ser humano pode beneficiar-se de atividades lúdicas, tanto pelo aspecto de diversão e prazer, quanto pelo aspecto da aprendizagem. Através das atividades lúdicas desenvolvemos várias capacidades, exploramos e refletimos sobre a realidade [...]”.

No entanto, também é de valorizar, pois muitos deles não têm com quem brincar, assim, nestes dias sentem-se mais enérgicos e passam das brincadeiras individuais habituais, para as brincadeiras em grupo, criando de certo modo, inúmeras aprendizagens.

Segunda-feira, 27 de junho de 2011

Este dia foi o dia em que a minha colega M^a do Céu pediu para dar uma aula com o 5.º Dom de Fröebel, pois queria apresentar uma construção que tinha criado. A construção era, uma fonte e três cavalos. Fê-lo em apresentação *Powerpoint* e os alunos foram fazendo à medida que ela ia dando as indicações e aparecendo as instruções no quadro.

Depois o professor da sala leu um texto e fez a interpretação do mesmo, bem como a análise sintática e morfológica.

Seguidamente, os alunos desceram para o salão, para o ensaio de música da festa de fim de ano. Durante este ensaio, em que estavam todos os alunos do 1.º Ciclo, o professor de música chamou diversas vezes a atenção de um determinado aluno do 4.º Ano, até que o colocou perto dos alunos do 1.º Ano.

Inferências/Fundamentação Teórica:

As aulas de Música na escola são a meu ver, muito construtivas. Segundo a Organização Curricular e Programas do Ensino Básico do 1.º Ciclo, ME (2004) “as situações musicais vivenciadas pela criança na escola são a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspectos essenciais da voz, a par com o seu desenvolvimento global” (p.68).

De acordo com Vieira (2000) “a comunicação é o principal pilar no estabelecimento de uma boa relação pedagógica” (p.9).

O mesmo autor reforça que “a relação pedagógica é tanto ou mais eficaz quanto mais aberta, positiva e construtiva for a comunicação professor/aluno” (p.9).

Apesar da aula de Música ser uma aula mais lúdica, não deixa de ser importante a comunicação. É importante as crianças perceberem que as aulas de música são aulas tão importantes como as de uma outra qualquer área, tendo porém de existir uma boa relação professor/aluno, e acima de tudo, força de vontade e educação.

Terça-feira, 28 de junho de 2011

Hoje a minha colega Joana, iniciou a manhã de aulas, com a área de Língua Portuguesa. Distribuiu uma proposta de trabalho com um texto chamado “O livro fechado”. Após realizar a leitura modelo, fez perguntas de interpretação e análise gramatical do texto.

Por estarmos quase a terminar os nossos dias na sala do 3.º Ano, e não terem existido quaisquer dias para que o professor titular da sala pudesse dar aula com materiais, este decidiu dar uma aula com material manipulável - Calculadores Multibásicos, de forma a trabalhar o cálculo mental (tal como existem 10+10-18 peças verdes, quantas peças verdes vão colocar?). Fez a leitura de números por ordens e por classes.

Inferências/Fundamentação Teórica:

Morgado (1999) defende que “a participação dos alunos nas aulas é algo fortemente valorizado e que importa potenciar em termos pedagógicos” (p.42). Sendo assim, a minha colega não devia ter ficado tão presa ao quadro, mas sim, pedir a colaboração das crianças em vários aspetos, através da resposta oral, bem como, através da escrita no quadro, podendo assim, avaliar vários níveis, como por exemplo, construção frásica e ortografia.

Taton (1969, citado por Carvalho, 2011) salienta que,

o calculo mental desenvolve nas crianças qualidades de ordem, de lógica, de reflexão e de memória contribuindo para a sua formação intelectual e fornecendo-lhes ferramentas para efectuarem cálculos simples sem recurso a ajuda escrita e, deste modo, preparando-as para o dia-a-dia. A criança trabalha simultaneamente a memória e a concentração, desenvolvendo a memória dos números, o que a obriga a tomar um contacto mais próximo com a individualidade de cada número levando-a progressivamente a empregar, em numerosos casos, simplificações operatórias (p.2).

Os materiais, como neste caso os Calculadores Multibásicos, podem ser trabalhados em todos os anos, aplicando assim, conteúdos mais complexos. Deste modo, considereei esta aula como sendo bastante benéfica pois, para trabalhar a leitura

de números, foi criada a junção de várias competências a desenvolver num 3.º Ano, tais como, memória, cálculo mental, bem como o uso da tabuada.

Sexta-feira, 1 de julho de 2011

Esta foi a nossa última semana de estágio no Jardim-Escola. Assim, visto já não existir matéria para dar, estivemos com o nosso professor cooperante e os alunos que estavam presentes na sala da professora Margarida. Enquanto os professores trabalhavam nas avaliações finais, os alunos puderam fazer jogos. Enquanto isso, nós ajudámos a professora a arrumar os dossiês, e depois fomos arrumar os da sala do nosso professor.

Segunda-feira, 4 de julho de 2011

Hoje o dia continuou na sala da professora Margarida, onde continuámos a ajudar a arrumar os dossiês, enquanto as crianças realizavam diversos jogos. Quando terminámos, fomos jogar com as crianças os diversos jogos que estavam a fazer.

Terça-feira, 5 de julho de 2011

Hoje foi dia de festa de final de ano. A parte da manhã foi reservada para o Pré-Escolar, assim, a pedido da professora do Bibe Amarelo, e com a autorização do nosso professor titular, fomos auxiliar na festa do Bibe Amarelo, uma vez que era o dia do final de ano e os pais estavam na escola. As educadoras prepararam em conjunto uma gincana, e nós fomos ajudar nos diversos postos, entre outras tarefas.

Foi uma manhã bastante animada, no Pré-Escolar, onde “matámos” as saudades das nossas crianças pequeninas.

Visto termos assistido à manhã do Bibe Amarelo, as minhas colegas e eu, decidimos ficar à tarde no Jardim-Escola, para podermos assistir à pequena festa dos nossos meninos do 3.º Ano.

Inferências/Fundamentação Teórica:

O momento passado na festa final do Bibe Amarelo, foi essencial para que as crianças pudessem ver que, apesar das idades, os adultos conseguem realizar tantas ou mais atividades infantis, regressando assim ao passado. Esta gincana deixou os filhos bastante orgulhosos dos seus pais.

De acordo com Estanqueiro (2010) “a família e a escola são parceiros na educação” (p.111). O mesmo autor (2010) refere ainda que “os bons professores ajudam os pais a participar activamente na vida escolar dos filhos” (p.111).

No 3.º Ano a festa foi mais formal, sendo as atividades lúdicas do dia a visualização de um vídeo, que mostrava as atividades realizadas pelos seus filhos ao longo do ano letivo. Para o fim, foi deixado um momento em que o professor pôde estar em contato com os pais de cada criança, de modo a poder esclarecer algum tipo de dúvidas, bem como falar da prestação de cada criança, entregando assim, as avaliações finais.

Sexta-feira, 8 de julho de 2011

Hoje foi o último dia no Jardim-Escola. Visto as aulas já terem terminado e a festa de fim de ano já ter sido realizada, já quase nenhuma criança vem ao Jardim-Escola. Nesse sentido, o dia de hoje foi passado com poucas crianças na sala, servindo como dia de arrumações de material do professores, ou seja, deixar as paredes “nuas” de trabalhos ou simples informação auxiliadora.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero que a fase de arrumação é a fase mais desgostosa, tanto para as crianças como para os professores/estagiários, é quando nos apercebemos que a turma com que se trabalhou durante um ano inteiro, cresceu, tudo irá mudar, voltando assim à fase inicial: uma nova turma, um novo professor, uma nova sala pronta a ser novamente decorada; novas rotinas irão ser implementadas.

Esta etapa é também bastante importante, pois é altura de retirar os trabalhos, relatórios de visitas de estudo, jornais de parede, textos, fotografias e material de auxílio à aprendizagem, deixando assim as paredes “nuas” dando-lhes um aspeto mais formal e organizado, estando estas preparadas para um novo ano letivo.

1.7. 7.ª Secção – 1.º Ano Bibe Castanho

1.7.1. Caracterização da Turma

A turma do 1.º Ano A do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, é constituída por vinte e quatro crianças, doze crianças do sexo masculino e doze do sexo feminino. A responsável por esta sala é a professora Sara Sepúlveda.

Nesta turma, não existe qualquer relatório psicológico sobre algum aluno, no entanto há uma criança do sexo masculino que frequenta sessões de terapia às terças-feiras.

Esta turma é um pouco grande, mas torna-se fácil trabalhar com estas crianças, pois é uma turma organizada e que consegue trabalhar em conjunto sendo estes bastante autónomos. Esse facto possibilita a existência de um maior auxílio da professora perante os alunos com mais dificuldades.

1.7.2. Caracterização do Espaço

A sala do 1.º Ano A é uma sala com pequenas dimensões para o número de alunos que nela se encontram.

Encontra-se no piso diferente dos outros anos referentes ao 1.º Ciclo, estando assim, situado no salão, perto das salas do Bibe Azul.

Nesta sala, existem vinte e quatro mesas individuais direcionadas para dois quadros pretos, que no seu cimo contém o alfabeto com letras maiúsculas e minúsculas. É uma sala com bastante claridade, pois tem janelas de grandes dimensões, abrangendo um dos lados da sala. Na parte de trás da sala, encontram-se os móveis com os dossiês e material de matemática, bem como a secretária da professora.

Perto do quadro existe uma mesa, onde se encontra sempre a Cartilha Maternal e o ponteiro, dois objetos muito importantes na rotina diária do 1.º Ano.

As paredes da sala estão repletas de placardes onde são colocados os trabalhos realizados pelas crianças nas várias áreas.

1.7.3. Rotina

As rotinas do 1.º Ano são iguais às do 2.º Ano. No entanto, existe uma pequena diferença em relação à atividade curricular disciplinar de Língua Portuguesa. Esta alteração refere-se à aprendizagem da leitura e da escrita, pois no 1.º Ano é dado um enorme uso à **Cartilha Maternal**, sendo esta usada como meio de aprendizagem da língua.

Para João de Deus, como refere Viana e Teixeira (2002) “eram evidentes as relações estreitas entre o domínio da linguagem e o da leitura/escrita” (p.111). As mesmas autoras transcrevem algumas das suas palavras (João de Deus) de seguida:

...a verdadeira palavra do homem é a palavra escrita, porque só ela é imortal. Mas enquanto o ensino da palavra falada é o encanto de mães e filhos, o ensino da escrita é o tormento de mestres e discípulos. Estranha diversidade em coisas tão irmãs!... Há-de haver meio fácilimo, grato, universalmente acessível, de espalhar essa arte, ou antes faculdade sem a qual o homem não passa de um selvagem...Esse meio ou esse método não pode ser essencialmente diferente do método encantador pelo qual as mães nos ensinam a falar, que é falando, ensinando-os palavras vivas, que entretêm o espirito, e não letras e syllabas mortas, como fazem os mestres...(C.M) (p.111).

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma (Figura 59).

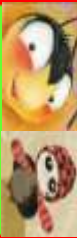
	2 ^o	3 ^o	4 ^o	5 ^o	6 ^o
 9h:00m - 10h Matemática	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10:10h - 11h Matemática	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h - Recreio / Higiene	Recreio / Higiene				
11h:30m - 12h:10m Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h:20m - 13h Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Música	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h - Almoço e recreio	Almoço e recreio				
14h30m - 15h30m Estudo do Meio	Matemática	Biblioteca	Educação Física	Inglês	
15h30m - 16h30m Expressão Plástica	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio
16h30m - 17h Expressão Plástica	Expressão Plástica	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto

Figura 59 – Horário do 1.º Ano

1.7.4. Relatos Diários

Segunda-feira, 26 de setembro de 2011

Hoje foi o primeiro dia, deste novo ano letivo, tendo começado com uma reunião no museu da Escola Superior de Educação João de Deus.

Nesta reunião estiveram presentes os Mestrados já existentes, ou seja, o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos, bem como as alunas que vão integrar o Mestrado este ano.

Assim, o assunto base desta reunião foi informar os novos alunos sobre o que realmente é a Prática Pedagógica, e algumas informações sobre o Relatório de Estágio Profissional. Porém, no fim da reunião, recebemos a avaliação do último momento de estágio.

Inferências/Fundamentação Teórica

As reuniões de Prática Pedagógica, com as Professoras Orientadoras são essenciais para o nosso “desenvolvimento”, pois proporcionam-nos sempre momentos de reflexão.

Assim, Vieira (1993) fortalece dizendo que a supervisão, “no contexto da formação do professor é como uma actuação de monitorização sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação” (p.28). Conforme Alarcão (1996), “o supervisor surge como alguém que deve ajudar, monitorizar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor” (p.93).

Nestas reuniões, ouvimos acontecimentos que nos irão ajudar a fortalecer novas capacidades enquanto professoras, pois nós aprendemos com os nossos e com os erros dos outros, e é aqui que, com a ajuda da equipa de supervisão, esse erro se torna algo de muito grandioso para a nossa vida futura.

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Hoje foi o primeiro dia de estágio deste último semestre, as minhas colegas e eu, dirigimo-nos à secretaria, para sabermos qual a sala em que iríamos permanecer neste primeiro momento de estágio. A sala é a do 1.º Ano, da professora Sara Sepúlveda.

Assim, iniciámos a nossa manhã, com as apresentações. De seguida, as crianças começaram a realizar os trabalhos de Língua Portuguesa, e as minhas colegas e eu fomos ajudá-las nas dúvidas que estas iam tendo ao longo da realização das

atividades. As propostas consistiam na área de Língua Portuguesa: a de copiar frases; ao nível da Matemática: colocar um conjunto de algarismos por ordem crescente.

Após o intervalo, estivemos a fazer um jogo até chegar o momento da aula de música.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia senti que as crianças estavam muito “esquecidas” das letras bem como dos números, o que me criou alguma confusão, porque há um mês que as aulas tinham recomeçado. Por as regras da cartilha estarem muito esquecidas, devido ao período de férias, a leitura tornou-se mais demorada fazendo com que a aula se tornasse menos dinâmica. A maioria dos alunos demoraram demasiado tempo a resolver determinados exercícios escritos pois, ao estarem já desabitutados ao ritmo escolar, escreviam as letras à máquina e não em modo cursivo (como é pedido). De acordo com Condemarín e Chadwick (1987) a cópia de frases “permite praticar as caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção da regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação” (p.182), permitindo assim, a verificação da legibilidade da escrita.

A atitude da professora foi bastante calorosa, sendo mais fácil existir uma relação pedagógica entre mim e a respetiva professora da sala. Morgado (1999) salienta que “a relação pedagógica [...] torna imprescindível uma atitude de cooperação” (p.82). A professora desde logo que nos colocou à vontade para nos integrarmos no ambiente de sala de aula, podendo assim, ajudar as crianças bem como esclarecer de imediato quaisquer dúvidas que pudessem existir.

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

O dia de hoje começou com o momento das crianças a contarem como foi o fim de semana. De seguida, a professora distribuiu propostas de trabalho das quais não fez a devida explicação e as minhas colegas e eu estivemos a auxiliar. Enquanto eram realizadas as propostas, a professora ia pedindo no lugar, individualmente, que a criança lesse o texto levado para treinar em casa. A leitura só é feita/ouvida pela professora.

Inferências/Fundamentação Teórica

Vendo as dúvidas das crianças, circulei pela sala, tentando ajudá-las. Sim-Sim (2006) referem que “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê, a qual tem que ser objectivo de uma aprendizagem formal” (p.141).

No entanto, o dia foi bastante monótono, não existindo quase trabalho realizado em turma, simplesmente desencadeou-se numa aplicação de várias propostas de trabalho.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

O dia iniciou-se pela área da Matemática, onde a professora deu adição com o material manipulável – Cuisenaire. De seguida, passou para a atividade de decomposição de números, sendo que as crianças ficaram radiantes, pois não tinham a perceção de quantas variantes podemos decompor um número.

Após a aula de materiais, passamos para o momento de terminar as propostas de trabalho ainda deixadas em atraso. Visto hoje ser dia de música, à chegada do professor Paulo, tudo foi arrumado, e deu-se início a uma aula cheia de sons e aprendizagens novas.

Inferências/Fundamentação Teórica

A exploração de conceitos matemáticos devem ser realizados pelas crianças de diversas maneiras, nomeadamente, a utilização de materiais manipulativos é uma grande referência. O Cuisenaire baseia-se num material preparado para desenvolver a compreensão das quantidades, do cálculo e das operações. De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010), “o manuseamento das barras dá, aos alunos, a possibilidade de descobrirem, eles próprios, os números e as suas relações podendo observar, manipular, calcular e compreender” (p.65).

Caldeira (2009) por sua vez defende que “o interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspetos de: iniciação à matemática; desenvolvimento da criatividade; compreensão da noção de número; decomposição de números; noção de par e ímpar;”, entre outros (p.126).

A música no ambiente de escola é considerada um instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem. A música não é somente uma associação de sons e palavras, mas sim, um rico instrumento que pode fazer a diferença, pois esta desperta o indivíduo para um mundo alegre e aceitável para a mente e para o corpo facilitando assim a aprendizagem e também a socialização do mesmo.

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

O dia hoje foi dedicado à elaboração de propostas de trabalho sobre os temas aprendidos em sala de aula, de modo, a poder-se ficar com um registo escrito das aprendizagens dos alunos.

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Esta manhã foi possível ensinar a manipular num material ao qual damos o nome de 5.º Dom de Fröebel. Foram feitas várias explicações, pois o 1.º Ano antes já tinha trabalhado com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel, por isso existe uma necessidade de mostrar as semelhanças e as diferenças entre eles.

Desta forma, a professora explicou como é que a caixa se encontrava dividida, atribuindo nomes às peças divididas em partes e depois passou a exercícios, para que estes interiorizassem os nomes dados às mesmas (ex. levanta com a mão direita $\frac{1}{2}$ e com a mão esquerda $\frac{1}{4}$). Por fim, realizaram a construção das colmeias, onde se verificou alguma dificuldade no manuseamento das peças, devido ao seu tamanho reduzido, comparado com as peças dos outros Dons.

Inferências/Fundamentação Teórica

É no Pré-Escolar que o aluno começa por desenvolver a Motricidade Fina, bem como alguns conceitos matemáticos. Este desenvolvimento acontece através do manuseamento do material manipulativo 3.º e 4.º Dons de Fröebel.

Caldeira (2009) expõe vários conceitos possíveis de trabalhar com o material 5.º Dom de Fröebel “lateralidade, equilíbrio, noção espacial, contagem, raciocínio lógico, cálculo mental, criatividade, construções”, frações ($\frac{1}{2}$ – $\frac{1}{4}$) entre outros (p.302). É no 1.º Ano que é introduzido o 5.º Dom com um intuito de continuar o aperfeiçoamento da Motricidade Fina e, posteriormente, a aprendizagem de novos conteúdos matemáticos, nomeadamente novas construções, as frações, etc.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Visto estarmos no início do ano, as revisões são o principal objetivo. Assim, hoje o dia iniciou-se com a revisão do “s”, seguida da leitura de várias palavras. Após a revisão foi feito um exercício ortográfico, onde a maioria das palavras continham “s”.

No fim da manhã, realizou-se mais uma aula de música, onde as crianças aperfeiçoaram as técnicas de utilização do instrumento: flauta.

Inferências/Fundamentação Teórica

O método usado na instituição João de Deus para desenvolver a leitura é a Cartilha Maternal. Este é iniciado aos cinco anos, mas aos seis anos existe sempre uma enorme necessidade de rever todas as regras que este método implica.

Segundo Deus (1997) “um método de leitura não pode ser apenas uma obra de tese pedagógica e de teoria, terá que ter o apoio duma experiência longa e elaborada que vá caldeando e acertando estratégias e processos. Terá de ser fruto duma experimentação esclarecida” (p.13). Assim, após estas revisões as crianças

conseguem ter uma melhor percepção das regras, ajudando assim a que a leitura seja mais rápida e realizada de uma forma mais fluente.

Mais um dia de aprendizagem no que remete ao som e técnicas novas, na aula de música. Segundo Faria (2001), a música “sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação” (p.24).

A música, quando bem trabalhada, desenvolve vários dons e aptidões como: o raciocínio, a criatividade, entre outros. Assim, deve ser aproveitada esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

O dia no que refere à área de Língua Portuguesa, andou em volta de exercícios em que a base se centrava numa variante de palavras. Os exercícios executados foram: ligação imagem-palavra, criar frases através de palavras e exercício caligráfico.

No que se refere à área de Matemática, a aula foi em volta de variados exercícios com números. Os exercícios realizados basearam-se na leitura de números, na identificação de números pares e ímpares com diferentes cores e na revisão dos tipos de linhas (abertas e fechadas).

Assim sendo, pode dizer-se que foi uma manhã bastante variada em metodologia, pois apesar da base ser em redor de exercícios (propostas de trabalho), estes foram bastante díspares.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nestas idades, a leitura e a escrita são um fator a ter em grande atenção, pois é nesta altura que as crianças começam a adquirir a base do “verdadeiro” vocabulário que irão usar ao longo da sua vida. Assim, estes dois conteúdos devem ser trabalhados ao longo de vários anos escolares e devendo ser ajustados através de vários métodos de ensino. De acordo com Deus (1997) “a leitura de imagens é diferente da leitura de textos, é outra leitura, pode ser uma boa propedêutica, mas não deve condicionar o aluno na leitura da palavra” (p.15). O mesmo autor refere ainda que “a imagem só representa com clareza substantivos concretos” (p.15). Por sua vez, o exercício caligráfico contém um rigor de interesse pedagógico, pois permite “trabalhar” as palavras de um modo individual e lúdico.

Como refere Mata (2006):

o desenvolvimento da literacia começa antes de a criança iniciar uma instrução mental. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura, em contextos informais, tais como a sua casa e a comunidade. As crianças desenvolvem um trabalho crítico e cognitivo sobre a literacia desde muito cedo e não somente aos 6 anos (p.18).

Conclui-se, assim, que é nestas idades que é criado um desenvolvimento da literacia, pois é a partir da aquisição das regras de leitura e escrita, que a criança pode percorrer o mundo das letras sozinha, de modo a ajudar-se na construção e desenvolvimento do seu vocabulário.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

Nesta manhã a professora deu aula de Matemática e de Língua Portuguesa. Nestas duas aulas, não foram apresentadas propostas de trabalho, sendo usado material alternativo para aplicar conteúdos a aprender.

Assim, ao nível da Matemática, as crianças realizaram exercícios de adição e subtração com palhinhas, desenvolvendo também em alguns momentos o cálculo mental. Na área de Língua Portuguesa, foi realizada uma revisão de cartilha através de uma apresentação em *Powerpoint*. Durante esta aula, foram revistas várias letras e as suas regras de leitura, bem como a leitura de pequenos textos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora, ao longo da apresentação em *Powerpoint*, foi corrigindo as crianças revendo de certo modo as regras da cartilha maternal. Segundo Ruivo (2006) “a criança, que em todo o processo de aprendizagem é estimulada a ser analista da linguagem, consegue, através da explicação das regras aprendidas, autocorrigir-se” (p.4).

Por vezes os alunos ainda não têm a noção de quantidade, assim o uso de palhinhas, ajuda ao desenvolvimento dessa fragilidade. Como refere Caldeira (2009) “as palhinhas funcionam como suporte à contagem” (p.317).

Assim, podemos verificar que através de um material novo (apresentação em *Powerpoint*) e a utilização de palhinhas, é possível, de uma forma simples, transmitir à criança segurança, de modo a que esta avance e progrida.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

A manhã de estágio foi dedicada à área da Matemática, tendo sido trabalhada a adição, leitura de números, identificação de quantas dezenas tem o número, qual o

algarismo das dezenas, entre outros. Todos estes conteúdos matemáticos foram trabalhados através do material manipulável – Calculadores Multibásicos.

Após tamanha quantidade de cálculo e manuseamento do material, chegou a hora da música, onde mais uma vez a flauta foi o instrumento a utilizar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A utilização deste material no dia-a-dia escolar será muito benéfico para as crianças, pois vai de certo modo ajudá-las a desenvolver o cálculo mental. Este material tem determinadas características específicas que fazem com que a mente da criança se desenvolva em vários níveis. Segundo Damas *et al.* (2010) os Calculadores Multibásicos são um material composto por “placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor, que resultam dos agrupamentos efectuados, atendendo ao código de cores negociado entre o Professor/Educador e os alunos” (p.40).

Após o momento destinado à matemática, chegou o momento de relaxamento do pensamento, ou seja, momento de aprendizagem mas de uma forma mais serena, pois estiveram rodeados de sons e instrumentos, o que faz com que as crianças retenham um comportamento magnífico, na aula de música.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Este foi o dia em a minha colega M^a do Céu deu a sua manhã de aula. Iniciou a manhã com a área de Estudo do Meio, onde abordou o conteúdo: a higiene do corpo. Realizou um jogo com imagens, onde tinha um saco com algarismos, tendo cada uma correspondência a determinada imagem. Seguidamente, através da mímica, representava a imagem para os colegas e estes tinham de adivinhar. Depois de reveladas as imagens, era feita uma pequena explicação sobre as mesmas, relacionando-as com as experiências das crianças.

De seguida, iniciou a área da Matemática, onde trabalhou diversos conteúdos: a adição, as quantidades de dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia e um quarteirão, a divisão e a leitura de números por ordens e por classes. Para todos, mas à exceção do último, trabalhou com o material manipulável “Calculadores Multibásicos”. O último conteúdo surgiu, porque as crianças começaram a ficar agitadas e a minha colega decidiu mandar arrumar o material e conversar com as crianças sobre o comportamento. Depois, desenhou no quadro dois aquários e alguns peixinhos e pediu-lhes para colocarem a mesma quantidade em cada aquário.

Outra estratégia utilizada para manter a disciplina foi fazê-los passarem-se por professores, nesse tempo uma criança ia para o quadro e escrevia um número

pedindo aos colegas que o lessem por ordens, por classes e identificasse o algarismo de ordem 0,1,2,3,4.

Após o recreio deu início á aula de Língua Portuguesa, em que o conteúdo lecionado foi a frase e a não frase. Colocou algumas frases móveis e não frases no quadro e os alunos tiveram que recriá-las de modo a tornarem-se em frases.

Inferências/Fundamentação Teórica

A meu ver, a atividade proposta pela minha colega, de utilização de imagens, tornou a aula mais interessante para os alunos, devido ao facto de estes aprenderem melhor visualizando um acontecimento em imagem do que em símbolos escritos. Segundo Tiba (2005) “os alunos aprendem muito mais por meio de imagens do que de símbolos” (p.133).

A aula de matemática foi o momento que gerou mais agitação, tendo sido uma boa opção o facto de a minha colega ter pedido para arrumar o material e conversado com as crianças sobre a disciplina em sala de aula. No entanto, continuou a falar sobre o tema que lhe tinha sido proposto de um modo mais dinâmico e disciplinado, pois acima de tudo a aprendizagem das crianças são o nosso maior objetivo.

Alarcão (2009) descreve a linguagem como sendo um:

instrumento de pensamento, reconhecendo que o fornecimento às crianças de um vocabulário relevante que lhes permita formular ideias, questionar, expor e argumentar. É um elemento vital no desenvolvimento da flexibilidade cognitiva e na construção do seu próprio conhecimento sobre o mundo (p.36).

O momento em que as crianças foram para o quadro representar o papel de professor e a atividade de Língua Portuguesa, foram bastante proveitosas pois estas desenvolvem de certo modo várias capacidades que as crianças têm intrinsecamente dentro delas, ampliando assim mais facilmente a sua flexibilidade cognitiva bem como outros conhecimentos gerais.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Neste dia a minha colega Joana deu a sua manhã de aula. Começou por dar a área de Estudo do Meio. Realizou uma dramatização: disfarçou-se de chefe de cozinha (chapéu de cozinheiro e avental) de maneira a integrar o tema com a matéria “Roda dos Alimentos” mostrada no quadro (Figura 60).



Figura 60 - Aula sobre a roda dos alimentos

Desta maneira conseguiu explicar: o que é a roda dos alimentos, a sua importância, para que serve e a importância da alimentação equilibrada, variada e completa. De seguida, realizou um jogo a pares onde entregou uma roda dos alimentos a cada grupo e os seus variados setores de maneira a ser realizada a combinação dos mesmos. Por fim, a minha colega, com a ajuda de alguns alunos, realizou refeições saudáveis com os alimentos referidos na roda dos alimentos.

Na área da Matemática, através de uma apresentação em *Powerpoint*, foram explicadas as definições de linha reta, linha quebrada aberta, linha quebrada fechada, linha curva aberta e linha curva fechada, sendo este o seu tema base. Seguidamente, realizou um jogo de duas equipas. Cada equipa teve de retirar cartões de dentro de um frigorífico de maneira a responder a variadas questões sobre os conteúdos lecionados. Para concluir a aula, aplicou uma proposta de trabalho onde os alunos tiveram de representar, com o auxílio de palitos ou lã, uma linha à sua escolha e identificá-la corretamente.

Após o intervalo, foi a área de Língua Portuguesa a ser instruída. Nesta aula, a minha colega baseou-se na revisão da 22.^a lição da Cartilha Maternal, o “m”. Para rever a letra, a minha colega usou um avental com letras móveis. Depois entregou uma ementa a cada um dos alunos e colocou a mesma no quadro, em tamanho maior, para que todos pudessem visualizar os respetivos grafemas (mi, mu, mo, ma, me, im, um, om, am, em) que estavam em falta em algumas palavras. Deste modo os alunos teriam que preencher e completar a ementa de forma correta.

Inferências/Fundamentação Teórica

A minha colega gosta imenso de utilizar a arte da Dramatização para quase todas as suas aulas, pois penso ser a forma mais “fácil” de ela conseguir transmitir os conteúdos, o que nesta situação ajudou muito, pois as crianças do 1.^o Ano ainda gostam de brincar no mundo da fantasia e do imaginário. No entanto, o trabalho de grupo por ela solicitado deu para verificar se o tema abordado tinha sido adquirido. Macedo (1995, citado por David, 2001) refere que o trabalho de grupo “pode ser considerado uma experiência fundamental para o indivíduo, pois, possibilita maior intimidade com o conhecimento, permitindo a construção de respostas por meio de um trabalho lúdico, simbólico e operatório” (p. 12).

Um dos momentos que também achei benéfico foi através da atividade de Matemática, a minha colega ter introduzindo técnicas de Expressão Plástica, deixando assim um pouco de lado o papel e o lápis. Esta atividade deu, de certa forma, para verificar quais as crianças que têm a motricidade fina bem desenvolvida.

Segundo Sanches (2001) “exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspeto mais importante das estratégias de aprendizagem” (p. 45).

Ao longo de toda a aula existiu envolvimento da criança, por vezes nem sempre de forma mais disciplinar, o que gerou alguma agitação. Mas o pilar do desenvolvimento de uma criança é esta poder estar envolvida em várias estratégias, de modo a desenvolver-se mais rapidamente e de uma forma mais dinâmica.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

O dia foi iniciado com a conclusão de propostas de trabalho das várias áreas existentes.

Após o intervalo, a professora cooperante solicitou que desse Matemática aplicando o 5.º Dom de Fröebel. Nesta aula executei a construção das Colmeias e situações problemáticas de cálculo mental.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

O dia começou com a presença das Professoras Supervisoras de Prática Pedagógica, o que significou aula surpresa. Sendo assim, a minha colega Joana e eu tivemos aula. A Joana deu Língua Portuguesa, aplicando leitura e revisão do “s” e, eu dei Matemática – situações problemáticas com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel.

Após quase todo o Jardim-Escola ter tido aula surpresa, chegou o momento da reunião, onde foram relatadas as aulas, bem como as críticas construtivas/*feedback* sobre as mesmas.

Inferências/Fundamentação Teórica

A utilização deste material na idade dos seis anos criou alguns momentos de descontentamento, pois algumas crianças referiram que este material era de bebés, pois já há dois anos que trabalham com o mesmo. No entanto, com o decorrer da aula, aperceberam-se que afinal não é assim tão fácil manusear o material, ficando assim rendidos às construções efetuadas, bem como às problemáticas existentes de cálculo mental.

Segundo Moreira e Oliveira (2003), o 3.º e 4.º Dons de Fröebel eram conjuntos complexos de blocos geométricos, que através de atividades específicas “pretendia-se que as crianças explorassem as propriedades de objectos a três e a duas dimensões, bem como a linha e o ponto, fazendo assim uma progressão na sua aprendizagem matemática” (p.33). Assim, para este tipo de aulas, que contém trabalho com este material, este deve ser realizado com gosto, sendo necessário o Educador/Professor criar um ambiente estimulante e criar elos de sustentabilidade para que a informação seja interiorizada.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Este dia foi diferente, pois festejou-se o *Halloween* em todas as salas do Jardim-Escola. Na sala do 1.º Ano, as minhas colegas e eu, após enfeitarmos a sala a rigor e termos falado sobre o que é o *Halloween* com as crianças, fizemos doce de abóbora (Figura 61 e 62).



Figura 61- Decoração do dia de Halloween



Figura 62 - Abóbora

Para realizar o doce tivemos a colaboração das crianças. De maneira a abrir a abóbora tivemos de a “escavar” de maneira a conseguirmos retirar o “miolo” da mesma. Após o processo da limpeza da abóbora, o doce estava ao lume. Cada criança coloriu uma máscara de abóbora para no final ser realizado o concurso da melhor máscara (Figura 63).

Antes de irem para o recreio chegou o momento de provar o doce. No fim de brincarem, voltámos para a sala e escrevemos a receita do doce no quadro, para que estes a pudessem levar para casa podendo, em conjunto com os pais, prepará-la.



Figura 63- Máscaras

Inferências/Fundamentação Teórica

O dia foi de festa. Mas mesmo assim, as minhas colegas e eu realizámos uma festa de *Halloween* para que as crianças estivessem entretidas e ao mesmo tempo animadas. Assim, realizámos um trabalho de grupo, na elaboração do doce, o que fez com que estes percebessem que, com a cooperação de todos, o produto final sairia muito melhor. Assim, Bartolomeis (1999) fortifica dizendo que o trabalho de grupo “é uma outra preciosa fonte de obtenção de dados para uma mais completa avaliação dos alunos. Existem muitos professores que consideram o trabalho de grupo um dos principais meios para renovar os métodos de ensino e de aprendizagem” (p.75).

No entanto, também existiu um momento de trabalhar a escrita através da elaboração de uma cópia, pois nestas idades há que escrever todos os dias, nem que seja só um bocadinho, para que a letra e a memorização de como certas palavras se escrevem sejam lembradas.

De acordo com Condemarín e Chadwick (1987) a cópia “favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações. A linguagem escrita possui uma sintaxe que lhe é própria e que nem sempre reproduz a fala (...)”, por sua vez esta também “favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo” (p.182).

Assim, se passou um dia muito lúdico, mas com uma “pitada” de trabalho, para que o cérebro pudesse ser um pouco exercitado. Eles gostaram e nós também adorámos ter preparado todas estas atividades.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Nesta manhã, a forma como foi apresentada a área de Língua Portuguesa foi diferente, pois em vez de se realizarem fichas como habitualmente, a proposta de trabalho foi realizada com letras móveis (Figura 64 e 65). Cada fila de alunos tinha de escrever uma só palavra ditada pela professora, esta conseguia perceber quais os erros mais comuns; um aluno à escolha tinha que perceber quais os erros em cada uma das palavras e com a ajuda da professora tinha de corrigi-los.

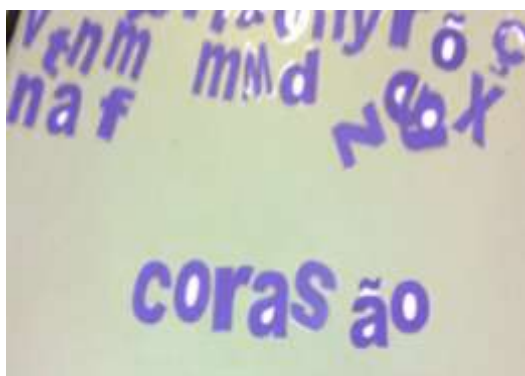


Figura 64 – Palavra escrita pelo aluno.



Figura 65 – Correção da palavra através da cartilha

A seguir ao intervalo, a minha colega Joana deu aula surpresa por parte da professora. A área a estudar era Matemática, dando o conteúdo adição com o material manipulável – Calculadores Multibásicos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Errar é uma das componentes fundamentais no processo de construção do conhecimento. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1991, citado por Azevedo, 2000) os erros “poderiam mesmo construir pré-requisitos necessários à obtenção de respostas correctas, sendo necessário que na prática pedagógica se permitisse o sujeito passar por períodos de erro construtivo” (p.65).

O erro é uma variável que deve acompanhar o processo educativo. Nestas idades, detetar que errámos, é algo bastante importante. Neste momento, o professor tem um papel muito importante, que consiste em ajudar de uma forma natural as crianças a procurarem alternativas para ultrapassar o erro. O ato de errar permite uma aprendizagem, sendo permitido ao aluno exercitar a mente e a criatividade.

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Este foi o dia em que dei a minha manhã de aula. A aula foi iniciada com a área da Matemática. Foram colocadas várias figuras geométricas no quadro de maneira a que as crianças descobrissem qual o tema da aula, de modo a recordar os nomes e as características de cada figura geométrica (Figura 66).



Figura 66 – *Recordar as características das figuras geométricas*

Após a descoberta do tema (figuras geométricas) foi realizada a atividade “Vamos à procura das figuras geométricas”. Esta consistiu em descobrir quais as figuras que faltavam nas imagens inscritas no livro. Depois dos alunos descobrirem cada uma das figuras, tinham que fazer a sua leitura dizendo o nome e as suas várias características.

No âmbito da Língua Portuguesa a aula foi iniciada com a questão “O que é uma frase?”. Com base no tema, expliquei e exemplifiquei, através de frases móveis, o que é uma frase aceitável e uma frase não aceitável. De maneira a perceber se o conteúdo foi bem interiorizado, coloquei várias frases no quadro: primeiramente os alunos tiveram de ler as frases, seguidamente fazer a sua identificação, posteriormente pedi aos alunos que transformassem algumas frases não aceitáveis em frases aceitáveis, finalmente essas frases foram corrigidas com toda a turma, dando assim o desafio como finalizado.

Após o intervalo, a aula reiniciou-se com a área de Estudo do Meio. Esta começou com uma imagem projetada na tela de modo a os alunos interpretarem qual o tema a

ser falado. De seguida expliquei oralmente a diferença entre Seres vivos e Seres não vivos. A aula finalizou-se com um jogo que ilustrava o conteúdo da aula. O jogo chama-se “Dominó dos Seres”.

Inferências/Fundamentação Teórica

A existência de interdisciplinaridade é algo fulcral numa aula, pois faz com que a atenção das crianças esteja sempre direcionada no tema proposto em aula e o seu pensamento estará sempre mais direcionado para o assunto abordado ao longo de todo o período de aula.

De acordo com Moreira e Oliveira (2003) “a geometria é um meio para a criança conhecer o espaço no qual se movimenta, sendo muito importante que a aprendizagem se faça partindo do seu conhecimento informal, com base na manipulação e na experimentação” (p.77). Desta forma, através de várias figuras geométricas pude trabalhar todas as suas características, bem como relacioná-las umas com as outras, dando também a possibilidade das crianças verificarem as semelhanças e diferenças entre elas.

Na área de Estudo do Meio, realizei um jogo. Segundo Damas *et al.* (2010), “o jogo é um tipo de actividade que implica raciocínios, estratégias e reflexões constantes” (p.37). Os mesmos autores referem ainda que “a prática de jogos que envolvam conteúdos programáticos, poderá ser desenvolvida como prova de avaliação de conhecimentos adquiridos e consolidação dos mesmos” (p.38). O intuito do jogo, foi através do lúdico mostrar vários exemplos de Seres Vivos e Seres não Vivos, do que simplesmente ficar pelo conceito em si.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Neste dia a minha colega M^a do Céu teve aula surpresa. Esta teve como tema principal a letra “m”. Foi-lhe atribuído um texto de maneira a ter uma base de auxílio. O texto foi lido e com a utilização do quadro arranhou várias palavras com a letra pretendida.

Ao longo deste exercício a minha colega notou que as crianças tinham dificuldades em identificar o antes e o depois, ou seja, o “m” antes da vogal e o “m” depois da vogal, de modo a perceberem se ele servia de letra ou de til em determinada palavra.

De seguida, na área da Matemática, a professora realizou cálculo mental com material utilizado no dia-a-dia – Palhinhas.

Por fim, estivemos presentes na reunião final referente às aulas surpresa realizadas neste dia, para ser concluído o dia com o *feedback* de cada aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

A estratégia que a minha colega aplicou no quadro, não foi a melhor opção porque, em termos de leitura, o quadro tornou-se muito confuso. Conforme o exercício ia decorrendo, dever-se-ia ir apagando o que já tinha sido abordado de modo a que as crianças pudessem ter uma perceção mais direta em relação à palavra de momento trabalhada; ao invés desta opção poder-se-ia ter colocado a palavra a ser trabalhada no momento, numa cor diferente das já existentes.

No decorrer desta atividade de Matemática reparei que algumas crianças tinham dificuldades em contar as quantidades pedidas pela professora e, por vezes, devido à quantidade das mesmas, a criança não conseguia agarrar com uma mão a quantidade no seu total. Caldeira (2009) salienta que as palhinhas são um material alternativo industrializado. A mesma autora sustenta, dizendo que “é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça” (p.317).

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Sendo hoje um dia especial, dia de S. Martinho, foi visualizado um filme a explicar o porquê da existência do dia de hoje e que não é o facto de se comerem castanhas que o celebra.

Após o visionamento do filme, foram realizadas algumas questões sobre a lenda e a história foi recontada. Os alunos tiveram de ilustrar algumas partes da lenda, tendo de seguidamente de fazer uma leitura em voz alta (Figura 67 e 68). Enquanto a proposta de trabalho de ilustração era realizada, a professora colocou músicas alusivas ao tema “castanhas”.



Figura 67 e 68 – Ilustração da lenda de S. Martinho.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os programas de computador, nomeadamente o uso do *Powerpoint* podem proporcionar aulas diferentes. Segundo Correia, Andrade e Alves (2001) “administrar as lições já programadas com animação e som, permitem o controlo da aprendizagem do aluno” (p.21).

Segundo Giasson (1993) “o reconto (retelling) consiste em pedir a um aluno que leia uma história e conte por palavras suas” (p.150. No que diz respeito à leitura, Jolibert (1989) afirma que “não se ensina uma criança a ler, é ela que aprende a ler com a nossa ajuda, a dos colegas e a de diversos materiais da aula” (p.18).

Estas aulas desenvolvem o dialeto do aluno e enriquecem o seu vocabulário. Ao lerem em voz alta retêm no seu “dicionário mental” novas palavras, enquanto que ao recontarem a mesma história, lida anteriormente, veem-se “obrigados” a utilizar um discurso mais simples e resumido, indo buscar palavras que até então foram memorizando/adquirindo.

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

Visto ser segunda-feira, os alunos começaram por falar sobre o seu fim de semana: o que fizeram, onde passearam, tudo o que acharam pertinente de ser comentado.

Seguidamente, a professora começou por dar importância ao numeral do dia em que se encontravam. Implementou uma nova estratégia matemática. O número a ser falado era o número catorze; por automatismo os alunos identificaram os números antes e depois, que catorze é maior que dez ($14 > 10$), que dez dezenas mais quatro unidades é igual a catorze, entre outros aspetos os alunos foram dizendo tudo o que sabiam acerca do número (número par, a sua leitura, etc.).

Após a Matemática, a proposta de trabalho seguinte referia-se à área da Língua Portuguesa. As crianças realizaram exercícios gramaticais (frase aceitável e não aceitável) e foi ensinado um novo conteúdo: divisão silábica.

Inferências/Fundamentação Teórica

O pensamento matemático é, por sua vez, construído de forma lúdica. Apesar disso, não são todos os materiais manipuláveis possíveis de utilizar em determinados exercícios. Cada material é adequado à tarefa ou conteúdo a estudar. Nem todo o material é o mais indicado para exemplificar a matéria em estudo. Caldeira (2009) refere que:

nestas circunstâncias, é fundamental não esquecer que a utilização de materiais, por si só, não traduz uma aprendizagem eficaz e significativa da matemática, que deve ser um processo activo, vivenciado pela criança, onde pode explorar,

desenvolver, testar, discutir, aplicar ideias, reflectir, de modo a serem um meio, e não um fim (p.12).

O facto de a aula ter sido iniciada com o desenvolvimento/leitura do numeral do dia em que estão, tornou-se possível demonstrar à criança o quanto qualquer número se torna importante para a área da Matemática. Não é só na área da Língua Portuguesa que ler e interpretar se torna necessário, no âmbito da Matemática torna-se fulcral perceber/entender o numeral (saber que género de número é, que operações possíveis fazer com este, o que nos faz lembrar, entre muitas outras possíveis opções também importantes) visto o aluno estar em constante contacto com o mesmo.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

A manhã começou com a entrega de um livro dos erros explicando que este iria servir para se corrigirem os erros que são dados nas propostas de trabalho realizadas ao longo do ano letivo.

Sendo este o dia em que se celebra o aniversário de João de Deus, a professora fez uma breve explicação sobre a sua importância e entregou um texto sobre o tema.

Este foi o único dia onde as minhas colegas e eu pudemos assistir às aulas da parte da tarde. Neste dia os alunos tiveram aula de ginástica e, após isso, já na sala de aula a professora apresentou mais um material usado na área da Matemática – Calculadoras Papy.

Antes da hora do lanche, para que as crianças relaxassem um pouco, a professora colocou música ambiente. Com isto foram realizadas pequenas atividades de relaxamento: conforme a ordem da professora os alunos iam realizando simples massagens aos parceiros mais próximos.

Inferências/Fundamentação Teórica

O dia de hoje centrou-se numa data muito especial para a instituição onde permanecemos: o seu aniversário. Deste modo, é bastante relevante a transmissão da importância que este senhor “João de Deus” tem nas nossas vidas, pois foi graças a ele que existem os Jardins-Escola bem como a Cartilha Maternal, que é o método que ainda nos dias de hoje ensina muitos meninos a ler.

Considero uma mais-valia que os alunos pratiquem atividade de Educação Física no Jardim-Escola. Jesus (2002) salienta que a Educação Física tem o fim de:

desenvolver a mente, conviver e colaborar com os amigos, conhecer os pontos fortes e fracos, ter iniciativa e responsabilidade, saber enfrentar dificuldades, criar hábitos e cuidados higiénicos e cumprir regras, serve para facilitar a educação corporal, desenvolver os músculos, desenvolver as articulações, melhorar o

funcionamento do coração, melhorar a atitude corporal, desenvolver o ritmo e expressão corporal e ensinar as técnicas de base (p.12).

Quanto ao material manipulável – Calculadoras Papy - Caldeira (2009) descreve o mesmo como sendo um material que “consiste numa série de placas ou painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente do material Cuisenaire e representa um valor numérico” (p.345), ou seja, a cor branca vale uma unidade, a cor azul vale duas unidades, a cor rosa vale quatro unidades e a cor verde vale oito unidades.

Este material proporciona à criança desenvolver várias questões, como por exemplo, a motricidade fina (manuseamento das peças), desenvolver a abstração em relação a alguns conceitos matemáticos, entre outros aspetos. Assim, nestas idades de “iniciação”, é necessário mostrar e explicar várias formas e modelos de desenvolver conceitos matemáticos de uma forma lúdica, para que esta não seja vista como algo de mau.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Hoje foi o último dia no 1.º Ano e, por isso, as minhas colegas e eu decidimos realizar um jogo em formato *BUZZ*, mas com perguntas relacionadas com a Cartilha. O intuito do jogo foi: através do lúdico poder fazer-se uma revisão dos variados conceitos presentes na Cartilha Maternal.

Após a conclusão do jogo, a professora solicitou que começássemos a realizar os placardes que iram ser utilizados na festa de Natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

O processo de ensino/aprendizagem está constantemente a aperfeiçoar os métodos de ensino, para que haja uma melhoria da educação. Assim, pode dizer-se que o jogo lúdico é um desses métodos que está a ser posto em prática na Prática Pedagógica. Segundo Kishimoto (1994, citado por Caldeira, 2009) “o jogo vincula-se ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao símbolo, sendo uma proposta para a educação de crianças” (p. 40).

Assim, a implementação do jogo vai contribuir para que a criança interaja mais em sala de aula, pois aumenta assim a vontade de aprender, o interesse e dessa maneira as crianças aprendem o que é pretendido e estimulam a mente. Desta forma, é possível sentir que através da manipulação do jogo a criança encontra-se mais dinâmica, atenta e participativa.

1.8. 8.ª Secção – 4.º Ano Bibe Azul Escuro

1.8.1. Caracterização da Turma

A turma do 4.º Ano A é constituída por dezassete, alunos nove elementos do sexo feminino e oito elementos do sexo masculino. A responsável por esta sala é a professora Ana Sofia Caldas.

É uma turma interessada e, na sua maior parte, são estimulados pelos familiares. Em termos de comportamento em sala de aula é uma turma conversadora, o que por vezes dificulta o decorrer das aulas.

Por outro lado, o facto de alguns elementos da turma demonstrarem dificuldades na área da Matemática, conduz por vezes a situações pontuais de desinteresse e falta de atenção.

Na turma há uma criança que beneficia de apoio individualizado fora da sala de aula, com uma psicóloga. Este aluno faz medicação para o Défice de Atenção e há, ainda, outra aluna medicada para a Hiperatividade.

1.8.2. Caracterização do Espaço

A sala de aula do 4.º Ano A encontra-se no piso superior do Jardim-Escola, perto da sala do 2.º Ano e da Biblioteca.

A sala é bastante iluminada. A organização das mesas dos alunos está sempre em constante alteração, bem como os lugares ocupados pelos mesmos. O quadro preto de giz já só é utilizado para marcar os comportamentos e é onde se encontra escrita a data do dia em questão, pois esta sala possuiu quadro interativo. Ao pé do quadro existe um computador ligado ao mesmo e uma estante onde estão arrumados os dossiês.

Ao longo da parede oposta ao quadro de giz, encontram-se os cabides, onde as crianças penduram os casacos. Por cima dos mesmos, situam-se os placards divididos por áreas curriculares que contêm trabalhos realizados pelos alunos.

A mesa da professora situa-se no fundo da sala ao pé de um móvel. Estes contêm material como canetas, lápis e folhas, que podem ser utilizados pelos alunos.

1.8.3. Rotina


As rotinas do 4.º Ano são idênticas às anteriormente observadas, sendo que as atividades curriculares disciplinares são as mesmas que as do 3.º Ano, ou seja, Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, História de Portugal, bem como outra

atividade ligada à ciência - Clube de Ciências. No entanto, o grau de exigência é superior.

Em relação à rotina diária, como idas à casa de banho e lanches, esta é realizada do mesmo modo que a do 3.º Ano, existindo simplesmente uma maior autonomia.

Em seguida, apresento a figura com o horário semanal da turma, cedido pela professora (Figura 69).

Horário da Turma						
	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	
9h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	
10h00m	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	
11h00m	-----Tempo de Jogos-----					
11h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	
13h00m	-----Almoço/Recreio-----					
14h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	
15h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	
16h30m	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	
17h00m	-----Lanche-----					



* Programação com a Professora Filipa - 3ª feira, das 15h20m às 16h00m
 * Atendimento aos Encarregados de Educação - 2ª feira das 14h30m às 15h20m
 * O Estudo Acompanhado é dado sempre que necessário, durante as diferentes áreas curriculares.

Figura 69 – Horário do 4.º Ano

1.7.4. Relatos Diários

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

O dia foi reservado maioritariamente para a área da Matemática. Assim, foram realizadas resoluções de exercícios e operações de divisão com números decimais. Na parte referente à divisão, foi realizado um momento de explicação (explicação passo a passo) sobre a sua elaboração.

Após terminado o momento de Matemática, passámos para a área de Língua Portuguesa, onde foi realizada a correção dos erros efetuados num exercício caligráfico.

Inferências/Fundamentação Teórica

Em tarefas mais complexas, como o tema da divisão, Pinto e Santos (2006) referem que:

o professor tem que aceitar a incompletude das tarefas, pois é possível que o aluno passe de repente de uma representação a outra. Esta perspectiva exige da parte do professor um bom planeamento de todo o trabalho a desenvolver e um conhecimento profundo das matérias a ensinar, o que lhe permitirá compreender o tipo de erros e as melhores palavras a proferir para construir uma interação formativa e levar o aluno a superá-los (p.113).

Numa fase inicial, a explicação de conteúdos por parte de esquemas de resolução são uma maneira do aluno perceber, mais fácil e rapidamente, o processo em si. Contudo, o mesmo deve, quer com a ajuda do docente quer com a ajuda de um familiar (trabalho realizado em casa), ir criando mecanismos próprios que o ajudem de uma forma mais simplificada a resolver os variados exercícios propostos, tornando-se assim, mais autodidata sem precisar de utilizar os mecanismos elaborados pela professora.

De acordo com Ponte e Serrazina (2000) “os erros do aluno podem e devem ser tidos em conta de um modo positivo no processo de aprendizagem; para que ele progrida, é preciso que perceba que a sua resposta está errada” (p.103).

Desta forma, a professora criou um mecanismo que desse a possibilidade de o aluno perceber onde errou e assim, através da sua reformulação, conseguir progredir, para não mais voltar a errar.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Visto o dia anterior ao dia em questão ter sido iniciado com a área de Matemática, hoje começou-se com a área de Língua Portuguesa. Assim, foi feita a leitura e a interpretação do texto “A raposa e a cegonha”. A análise do texto conteve questões

diretas e inferências, como por ex. “Achas que o título do texto é adequado?”. Ao longo da sua análise foi possível a utilização do dicionário, para esclarecer dúvidas acerca de palavras desconhecidas.

Após o momento de interpretação, a professora entregou uma proposta de trabalho, onde se pretendia que os alunos realizassem uma ilustração sobre o texto lido anteriormente e conjugassem os verbos em todos os tempos verbais até então aprendidos.

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto de existir possibilidade na sala de aula para o uso do dicionário é fulcral para que o aluno se enriqueça mentalmente de maneira a deixar crescer o seu vocabulário, tanto em grupo como individualmente. De acordo com Contente (1998) o conceito “dicionário” poder-se-á definir como “uma recolha de palavras, sobretudo de unidades lexicais, apresentadas com uma determinada ordem, permitindo um acesso rápido à informação, sob um dado suporte (papel ou informático), dando informações a um público específico” (p.197).

O momento de pesquisa é tão o mais importante do que o que foi realizado posteriormente, pois ambos desenvolvem a capacidade de desenvolvimento cognitivo da criança.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

O dia começou com a correção de alguns trabalhos realizados em aula. Passado uns minutos, uma professora da equipa de Supervisão de Prática Pedagógica entrou na sala, surpreendendo-nos com aulas surpresa. Neste dia, quem deu aula, foi a minha colega M^a do Céu e eu. À minha colega foi solicitado que desse Língua Portuguesa: leitura e interpretação do texto “O gigante que não queria ser gigante” e análise morfosintática do mesmo. De seguida, foi o meu momento, mas na área de Matemática, tendo sido dado o tema: volume com o material manipulável – Cuisenaire.

Após todas as aulas, reunimo-nos na sala de Informática para mais uma reunião sobre o que tinha sido observado, ou seja, o *feedback* de todas as aulas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Enquanto principiantes, as aulas surpresa tornam-se importantes para o nosso crescimento e desenvolvimento enquanto futuros docentes no âmbito do ensino, pois é vivendo e experienciando que o nosso raciocínio rápido e a nossa capacidade de liderança se expande. O modo como a aula é dada vai melhorando através de todo um processo de treino, desencadeando assim um maior profissionalismo e uma maior/melhor aprendizagem do aluno.

Segundo Palhares (2004, citado por Caldeira, 2009) “o volume de uma figura tridimensional é a quantidade de espaço que ela ocupa” (p.167). No entanto, nesta aula, o conceito em si foi apresentado como tendo a peça branca como unidade de medida, não abordando as medidas de volume, m³.

Ferreira (2007) refere que existem dificuldades na prática da avaliação formativa, desta forma, afirma ter:

verificado que o estágio constitui um período de forte socialização nas estratégias, hábitos e rotinas utilizados na prática da avaliação formativa dos professores mais experientes e, particularmente, dos orientadores de estágio. Rotinas e hábitos que se mantêm e se consolidam à medida que se vai progredindo nas diferentes etapas do desenvolvimento profissional (p.216).

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Visto ser segunda-feira, procedeu-se à correção de TPC de fim-de-semana, que foi grande, mas serviu de revisão para o teste que se iria realizar na quarta-feira. Assim, esta correção serviu para que os alunos verificassem as suas aprendizagens, bem como em caso de alguma dúvida ou exercício mal formulado, ficassem esclarecidos, para no dia da prova não existirem erros.

Inferências/Fundamentação Teórica

A prática dos TPC na rotina das crianças é deveras importante. Rocheta (1992) citado por Simões (2006) refere que “para aprender não basta ouvir, é necessário praticar. Assim, os TPC servem precisamente para reforçar, pela prática individual, aquilo que é aprendido na escola” (p. 85).

Os trabalhos de casa não servem só para ser realizados em casa, deve sempre de existir uma correção do mesmo, bem como a verificação se este foi realizado corretamente. Simões (2006) por sua vez salienta que “é importante verificar como é que os trabalhos de casa foram feitos, e não apenas se foram feitos. Verificar e dar *feedback* aos alunos, será uma forma dos professores lhes comunicarem que têm expectativas elevadas e que demonstraram interesse” (p.87).

O TPC é uma prática fulcral para o desenvolvimento do aluno pois este é um dos modos do mesmo aprender com o seu próprio erro, aprendendo por sua vez a corrigir-se.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011

Visto estarmos perto da festa de natal o dia começou com a pintura dos cenários relativos a esta época festiva.

No decorrer da manhã também foi realizada a correção dos exercícios de Matemática, a ida ao médico para realizar o rastreio visual e auditivo e, por fim, um ditado de quadras. Este ditado foi realizado em duas fases: primeiro ouviram as quadras e posteriormente a professora ditou-as e as crianças escreveram.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nas idades em que os alunos do Jardim-Escola se encontram torna-se importante ir regularmente ao médico e realizar análises de rotina de maneira a saber se se encontra tudo bem com o aluno. É nestas idades que problemas como a visão e audição e a fala são importante de “ explorar” de maneira a perceber se o aluno precisará ou não de uma ajuda especializada, tanto ao nível de medicação, “objetos extra-humanos” (óculos) ou até mesmo de ajuda especializada.

Quanto a este dia só foi possível realizar um rastreio ao nível da visão e audição. Nas escolas, este rastreio é importante, pois deste modo existe uma maior proximidade entre a saúde e o ensino de maneira a fazer com que os alunos não tenham “medo” que o pessoal especializado na área os averigüe.

O ditado apresenta várias vantagens na prática do dia-a-dia das crianças. Segundo Condemarín e Chadwick (1987) este processo:

favorece o aprendizado do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras em um contexto; desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade de atenção da criança; permite exercitar a memorização de palavras, orações e frases, e proporciona treinamento em registar com precisão os termos exatos, etc. (p.184).

Este género de exercícios desenvolvem várias competências. Para além das referidas na citação acima, torna-se também fulcral que o aluno realize uma escrita cada vez mais rápida e, por sua vez, uma reação de pensamento mais eficaz de maneira a dar o menor número de erros possíveis na tarefa em questão.

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Este foi o dia de *Roulement*, visto no dia anterior ter sido feriado. Assim, a manhã foi ocupada a realizar os fatos que as crianças iriam utilizar na festa de natal. No entanto, a meio da manhã, o irmão da professora da sala apareceu com o papagaio, para que os alunos “matassem” a curiosidade que tinham, pois ouviram muitas histórias sobre este animal.

Foi um momento muito engraçado. O papagaio “Tozé” disse olá a todos e até dançou o que deixou as crianças muito contentes.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

A manhã começou com a prova trimestral de Matemática. Encarado ser um momento de silêncio e concentração, as minhas colegas e eu estivemos fora da sala a terminar cenários e a ajustar os fatos para a festa de natal.

Após terminar a prova, visto estarmos em época de provas, a professora solicitou que as crianças abrissem o livro de Estudo do Meio e fizessem um apontamento escrito sobre a matéria. Assim esta atividade serviu de estudo, bem como para a professora poder fazer avaliação de caligrafia e organização da folha.

Inferência/Fundamentação Teórica

Segundo Marujo *et al.* (2002)

os testes, exames ou avaliações finais caracterizam-se por servirem para perceber o que o aluno sabe de uma determinada matéria, o que consegue generalizar a partir das aprendizagens feitas e a capacidade de elaborar e reflectir sobre temas dados. Teoricamente avaliam os esforços e a capacidade de estudo do aluno estando, com frequência, inerente e implícita, a avaliação das suas capacidades de concentração, de atenção, de memorização e de motivação para a disciplina (p.119).

O estudo pode ser realizado em qualquer lugar ou circunstância, o que é realmente importante é que como refere Tiba (2005) que a criança “aprenda e demonstre que aprendeu” (p.100). O estudo na sala de aula torna-se importante a partir do momento em que o aluno estuda, podendo tirar as suas dúvidas diretamente com o seu docente, o que facilita o seu esclarecimento e por sua vez existe uma possibilidade de o estudo progredir mais facilmente.

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

A professora iniciou a manhã a falar das notas de Língua Portuguesa. De seguida, realizou revisões de Estudo do Meio e, por fim, fez avaliação de leitura.

Inferências/Fundamentação Teórica

As revisões são um momento, muito importante para as crianças, pois estas estudam as matérias pretendidas e é nos momentos de revisão que podem esclarecer dúvidas criadas no momento do estudo, bem como o facto de rever, por si só, o já estudado. Assim, Marujo *et al.* (2002) referem várias etapas do estudo/revisão, pois os mesmos dizem que, para uma maior complexidade da atividade, a parte das “questões sobre a matéria e responder-lhes” e “pedir ajuda quando não consegue sozinho” são factos muito importantes para que a prova tenha maior sucesso de realização (p.117).

Segundo Ribeiro (1999) os momentos de avaliação, como o caso da leitura, proporcionam “informações que, em conjunto com outras, possam construir uma base

para a apreciação do trabalho do aluno, para a atribuição de classificações quando tal é necessário e para a tomada de decisões relativas à passagem de ano” (p.123).

Para que o aluno tenha uma boa prestação na avaliação de leitura é importante que em casa, com a supervisão de um adulto, este realize uma leitura calma, eficaz e em voz alta, de maneira a mais rapidamente se dar conta de um possível erro, podendo emendá-lo de imediato.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Este foi mais um dia de *Roulement* mas, desta vez, ficámos na sala da outra professora, pois a professora da nossa sala teve direito ao dia. Assim, durante esta manhã, as crianças estiveram a jogar jogos interativos como: *Scrabel*, puzzles, *Uno*, entre outros. No entanto, algumas crianças também estiveram a jogar com as suas *Playstations*.

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

A manhã começou com os ensaios de natal. Após o ensaio fomos para a sala. Nesse instante, a professora acedeu à internet, mais propriamente à escola virtual, para que as crianças pudessem realizar exercícios de revisão de História de Portugal, pois iam ter teste no dia a seguir.

Antes da hora de almoço, e para que existisse um momento de descontração, a professora distribuiu bonecos de natal para as crianças pintarem, para se puder colocar a sala mais harmoniosa para a época natalícia.

Inferências/Fundamentação Teórica

Considero os momentos reservados para o ensaio de natal bastante importantes, pois deixam as crianças, que neste momento se encontram numa fase de grande agitação por causa dos testes e das falas que por elas serão ditas na festa, mais calmas e confiantes das suas capacidades. Assim, este momento acaba por ser um momento de descontração para um longo dia que ainda se avizinha.

A escola virtual, é um programa da internet. Segundo Correia *et al.* (2001) são:

destinados a rever e a consolidar conteúdos apresentados na aula, explorando as características gráficas e sonoras do computador. Ao responder às questões, o aluno tem uma retroacção (feedback) imediata, facto que lhe possibilita saber se acertou ou não. Estes programas podem ser igualmente úteis como treino, sobretudo, ao nível de conteúdos que exijam memorização e repetição (p.21-22).

A utilização deste material (escola virtual), bem como os seus componentes (jogos e exercícios), reforçam a aprendizagem das crianças, pois devido a estes programas lúdicos é possível deixar a forma tradicional de exercitar conteúdos (lápiz e papel).

Desta forma, também possibilita uma maior e mais rápida maneira de perceber e de interferir na compreensão ou dificuldade despertada por algum aluno, sendo de imediato corrigida. No entanto, este meio gera que a dúvida de uma criança, no momento possa ser a de vários, ficando assim, através da visualização imediata, todos com a dúvida ou a questão esclarecida.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

A manhã começou com a realização do teste de História de Portugal. Após o momento de recreio, a minha colega Joana deu uma aula, onde abordou as áreas de Língua Portuguesa e de Matemática. Na área de Matemática apresentou através do material manipulável – 5.º Dom de Fröebel, duas construções novas por ela inventadas: o barco e o avião (Figuras 70 e 71).



Figura 70- Barco com 5.º Dom de Froebel



Figura 71 - Avião com 5.º Dom de Froebel

Com estas construções fez relação com o texto “O barco de papel” de António Torrado, bem como situações problemáticas alusivas às construções e sobre os temas já abordados.

Inferências/Fundamentação Teórica

A relação que a professora estabelece em sala de aula com a turma faz com que esta, em alturas de avaliação, se sinta preparada, uma vez que os conteúdos aplicados no teste foram desenvolvidos e trabalhados, de modo a que este momento que poderia ser de “stress” se torna num momento tranquilo.

Segundo Ribeiro (1999) os testes de avaliação elaborados por professores “satisfazem as necessidades do processo de ensino-aprendizagem e representam um valioso contributo para o sucesso do mesmo” existindo também “a preocupação de identificar problemas dos alunos e de tomar medidas que lhes permitam adquirir aptidões que ainda não possuem” (p.122). Desta forma, a professora toma consciência

das dificuldades dos alunos e pode assim criar ferramentas para combater essas mesmas dificuldades.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

A manhã foi reservada para a minha colega M^a do Céu e eu voltarmos a dar a aula que nos foi proposta no dia em que fomos surpreendidas pela professora de Prática Pedagógica.

Sendo assim, a minha colega utilizou o texto falado no dia 25 de novembro, mas aplicou a interpretação e a parte referente ao Conhecimento Explícito da Língua de uma forma mais dinâmica, através de um jogo/apresentação em *Powerpoint*. Por sua vez, visto também termos tido tempo para realizar algo de mais apelativo, elaborei um enigma apresentado em *Powerpoint*, de modo a que as crianças chegassem ao tema da aula, tudo usando as características e informações adquiridas sobre o material utilizado (Cuisenaire). Posteriormente, a professora entregou uma folha que tinha como atividade a realização de um exercício ortográfico sobre o texto apresentado na aula da minha colega.

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto de termos possibilidade de rever o modo como a aula/matéria foi dada é importante, porque possibilita uma maior evolução nas estratégias usadas em sala de aula, de modo a criar momentos lúdicos em conformidade com o conteúdo, para que no momento de apresentá-lo, os alunos estejam mais envolvidos.

Barbeiro (1999) refere que “o jogo, devido a elementos como o acaso, a existência de regras específicas, a colaboração em relevo de vertentes com a cooperação ou a competição, pode desencadear a descoberta de relações acessíveis de outro modo” (p.15).

A parte referente à minha aula foi mais lúdica, o que fez com que se verificasse uma maior atenção e cooperação por parte dos alunos, sendo porém muito mais fácil que dificuldades anteriormente apresentadas, não fossem referidas. Desta forma, considero que a existência de material de apoio lúdico faz a diferença numa sala de aula, que contempla diariamente a produção de variados conteúdos e aprendizagens.

O mesmo autor (1999) afirma que “escrever um texto constitui uma das actividades em que se encontra preservada a possibilidade de reinvenção do objecto que se pretende produzir” (p.15). Assim, o exercício de escrita solicitado posteriormente pela professora cria um momento que relaciona várias vertentes, sendo estas: a escrita, a criatividade, bem como a “observação” (caso a criança tenha estado atenta ao conteúdo falado ou não).

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Esta manhã foi o primeiro dia de escola deste novo ano, ou seja, foi novamente dia de *Roulement*. Sendo assim, este começo foi passado na sala da professora do 2.º Ano, onde se juntaram as turmas do 2.º Ano e do 4.º Ano. As crianças estiveram dedicadas à brincadeira, ou seja, jogar e brincar às brincadeiras de crianças daquelas idades.

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Visto no dia anterior ter sido *Roulement* e a professora da sala, bem como a maioria das crianças não terem ido ao Jardim-Escola, não se falou de como foram as férias de natal. Sendo assim, o dia começou a recordar as atividades e prendas recebidas nas férias.

Seguidamente, iniciou-se o momento de trabalho: a correção do TPC de férias. Pois as “cabecinhas” também precisam de ser exercitadas para não ficarem esquecidas dos conceitos e matérias aprendidas até então.

Inferências/Fundamentação Teórica

De acordo com Epstein (1988, citado por Simões, 2006):

os TPC desempenham funções, que actualmente ainda encontramos frequentemente na prática pedagógica de muitas escolas, mas, que se encontram desfasadas relativamente ao pretendido com as atuais práticas pedagógicas, que passam pela renovação e diversificação das mesmas pretendendo-se que os TPC não tenham uma função mecanicista, mas sim apelar à compreensão e motivação dos conteúdos trabalhados nos TPC, de acordo com as capacidades e interesses dos alunos (p.91).

Desta forma podemos destacar algumas das suas funções referidas anteriormente: “a função de prática”, “a função de participação” e “a função de desenvolvimento pessoal e social” (p.91-92). Algumas destas funções incidiram sobre a mente de uma das crianças, pois essa esqueceu-se de realizar o trabalho de férias, ficando muito triste. Mas a professora referiu que não tem de ficar assim, pois o que interessa é que se empenhe agora na correção, de modo a verificar que ainda tem os conteúdos presentes na memória. Assim, é possível incidir também numa das suas funções já referidas “a função de participação” que, como refere Simões (2006), “os TPC constituem o suporte das aprendizagens promovendo uma participação mais efectiva nas aulas” (p.91).

Por sua vez, Corno (1996, citado por Simões, 2006) afirma “que as crianças têm realizações diferentes, dependentes de vários factores como os hábitos de estudo ou

os seus interesses e condições para os realizar, a função de participação atribuída aos TPC, fica em muitos casos relativizada” (p.91-92).

Assim, é possível de verificar que os TPC são deveras importantes, mas a participação nas aulas e a compreensão da matéria é muito mais relativa para a aprendizagem da criança.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

A manhã iniciou-se com a habitual correção do trabalho de casa, sendo este referente à área de Estudo do Meio. Após a sua correção as crianças puseram os sumários das unidades curriculares em dia.

Enquanto decorria o momento dos sumários, fomos interrompidos por uma colega nossa, que nos veio chamar para irmos assistir a uma aula surpresa que estava a decorrer no 3.º Ano. O tema pedido para aplicar foi “áreas” com o material manipulativo – Cuisenaire. Após terminada a aula do 3.º Ano foi o momento da minha colega Joana ser surpreendida também com uma aula, mas na nossa sala, ou seja, 4.º Ano, utilizando o mesmo material, mas dando o “volume”.

Como é sempre cumprida, após as aulas terminarem, foi realizada a reunião onde são escutados os *feedbacks* das professoras supervisoras de Prática Pedagógica. Após a reunião regressámos à sala. As crianças estavam em silêncio a ouvir a professora a contar-lhes uma pequena história.

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto de ser outrem (docente) a realizar a leitura, em voz alta, de um livro à sua escolha cria nas crianças expectativa sempre para o que vêm a seguir, desenvolvendo também a concentração da atenção, a aquisição de novos vocabulários, bem como a vontade de ler.

Segundo Cury (2004) “educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade” (p.132).

A leitura é um fator muito importante, pois através de algo tão simples como ler, a criança consegue evoluir em variados sentidos.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Mais uma semana a iniciar e as revisões sempre presentes através de várias formas como correção de TPC, leitura de livro, propostas de trabalho, entre outros. Estar no 4.º Ano é só rever para não esquecer.

Seguidamente foi realizado um apontamento escrito sobre uma matéria nova, “os adjetivos”, pois de acordo com a nova terminologia, esta classe de palavras sofreu

algumas alterações. Este apontamento serviu também para a execução de mais um momento de avaliação de caligrafia.

Inferências/Fundamentação Teórico

O momento destinado à realização de apontamentos de conteúdos anteriormente falados é deveras importante. De acordo com Condemarin e Chadwick (1987) “o propósito básico desta actividade de escrita é captar o essencial, verbalizá-lo e reformulá-lo por escrito” (p.186).

Este género de exercícios desenvolve várias capacidades nas crianças e também se tornam úteis para utilizar como recurso nos momentos de estudo.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Iniciou-se o dia como habitual, com as crianças sentadas nos seus lugares. Neste dia, em vez de se começar a trabalhar, estivemos à espera que os colegas que estavam atrasados chegassem à escola, pois era dia de escola virtual e a professora queria ter todos os alunos a participar. Após alguma espera, iniciou-se então o dia aplicando revisões sobre o conteúdo – volume, na escola virtual.

Devido a estar um dia muito frio, e a pedido dos alunos, a professora deixou que o recreio se realizasse dentro da sala de aula, onde as crianças fizeram alguns jogos lúdicos, como por exemplo, jogar às cartas.

Logo a seguir ao intervalo, a professora distribuiu uma folha que continha a música “Embeçado” do grupo musical Clã. Esta proposta consistia na realização de um ditado musical, ou seja, primeiro as crianças ouvem a música, seguidamente pára a música, depois completam os espaços que estão em branco e, por fim, pousam a caneta e ouvem outra vez, verificando se está correto e ao mesmo tempo podem ir cantando. Esta música serviu também de passagem para o tema que iria ser abordado de seguida, o retrato físico.

Inferências/Fundamentação Teórica

Macarini e Vieira (2006, citado por Roncuni, 2011) acrescenta que “o ser humano necessita do contato com outras pessoas, pois é através da interação social que se desenvolve a linguagem, são reconhecidas as habilidades e são ampliados os conhecimentos em diferentes áreas. Para a criança, o contato físico, o social e a comunicação são fundamentais no seu desenvolvimento e uma das maneiras mais eficazes para ela estabelecer estes contatos é através da brincadeira” (p.1).

Assim, o recreio é um dos momentos em que as crianças socializam e falam de realidades que não tem nada a ver com a escola. Desta forma, são nestes momentos que as crianças se conhecem, que criam amizades, desenvolvendo-se como seres da

sociedade, deixando um pouco a parte de aluno “de lado”, pois o ser humano, para além da capacidade de adquirir competências de cultura, não é só na sala de aula que isso é possível de fazer, pois o contato com o outro e com o mundo é também bastante essencial num crescer enquanto cidadão.

Sanches (2001) refere que “um bom professor é aquele que me proporciona desafios” (p.77). Pois o mesmo autor refere ainda que as propostas de atividade criadas pelos professores devem “suscitar a curiosidade e a adesão daqueles a quem são propostas, tendo em conta a sua pertinência, oportunidade, necessidade e interesse” (p.77). O momento criando pela utilização da música na área de Língua Portuguesa, despertou um enorme interesse nas crianças, pois estas realizaram o pedido desenvolvendo várias das aprendizagens já adquiridas sem propriamente estarem aperceber-se disso. Estes momentos deixam à professora a possibilidade de verificar a existência de algumas “anomalias”, nomeadamente na escrita, ou seja, se se trata de um caso de desatenção ou mesmo de falta de compreensão.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

A manhã iniciou-se com uma área diferente do habitual, História de Portugal. Nesta área, foram realizadas perguntas de interpretação sobre a Dinastia Filipina, seguidamente foi realizado um exercício ortográfico, bem como correção de erros, na folha criada para o efeito.

Já no fim da manhã, foi realizada uma revisão das “regras” de como realizar uma divisão corretamente. Depois, surgiu o momento da missão divisão, onde os alunos têm a oportunidade de aplicar o que foi revisto anteriormente.

Inferências/Fundamentação Teórica

Com o estudo da História as crianças ganham uma noção de tempo diferente da atual. Ganham gosto por factos antigos, que relacionam com factos da atualidade. Segundo Proença (1989) “a aprendizagem da História leva a admitir a **existência de vários níveis ou formas de compreensão histórica.**” Assim, “o mesmo tipo de observação pode estender-se à assimilação do vocabulário histórico ou ao conceito do tempo” (p.75).

De acordo com Roldão (1987) nas aulas de História “desenvolvem-se capacidades e técnicas de procura de informação, hábitos de leitura e estudo, gosto pela descoberta e pelo saber; os indivíduos e acontecimentos estudados constituem-se, para o adolescente, em categorias, positivas ou negativas, que vão contribuindo para a sua formação” (p.47).

O trabalho desenvolvido na área de História de Portugal alarga o acesso à informação por parte dos alunos. Através da pesquisa o aluno conhece as suas origens e enriquece o seu conhecimento.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

A manhã foi destinada à aula da minha colega Joana. Esta iniciou a sua manhã com a área de Língua Portuguesa com a leitura de texto “O tesouro” em formato narrativo e dramático. Seguidamente, apresentou as diferenças entre os textos e, por fim pediu a duas crianças para realizarem a dramatização do texto entregue.

Após a dramatização passou para a área de Estudo do Meio, onde apresentou através de imagens, os vários tipos de aspetos da costa: Estuário, Praia, Dunas, Cabo, Cabedelo, Promontório, Baía, Golfo, Península, Ilha, Arquipélago, Arriba e Ria. Para terminar a parte referente a esta área, a minha colega distribuiu uma proposta de trabalho sobre o tema.

Após o intervalo, de maneira a finalizar a sua manhã, deu a última área, a Matemática, onde através do material manipulável – 5.º Dom de Froebel e algarismos móveis, deu a adição e a subtração de frações.

Inferências/Fundamentação Teórica

Quando se expõe uma aula devemos sempre ter em conta o momento da descoberta por parte dos alunos e não simplesmente a parte de expor os acontecimentos e factos. Dessa forma Marujo e Neto (2004) referem que “a aprendizagem é uma procura constante do significado das coisas. O tentar perceber «o que é isto» faz-se em cada momento a partir daquilo que cada um já é” porém, após as crianças estarem envolvidas no ambiente de aprendizagem, já é possível “construir, dá bases para a construção dos novos significados”/conhecimentos (p.148).

Desta forma, a minha colega devia ter deixado as crianças, através dos seus conhecimentos, chegar ao pretendido, podendo por vezes ajudar a que esse raciocínio fosse feito, mas não dizendo tudo, pois isso faz com que as crianças se sintam meros receptores de informação, não podendo ajudar nem interferir numa aprendizagem que para eles era benéfico e muito mais entusiasmante.

Tal como refere Sanches (2001) “os alunos querem ser implicados, não querem ser receptores passivos do que os envolve. Daí tudo aquilo em que seja possível pô-los como «construtores de...» os motiva e dinamiza” (p.82).

Visto estes factos, considero que a aula da minha colega podia ter sido muito mais dinâmica, e possivelmente, seria de muito mais fácil compreensão se esta tivesse deixado as crianças participarem ativamente no “construir” do seu próprio conhecimento. Pois para crianças de 4.º Ano, estas matérias são revisões do já

supostamente adquirido em anos anteriores, nomeadamente com um grau de dificuldade superior, mas não deixa de ser algo que já têm algum conhecimento, logo, a sua participação e até explicação são suficientemente necessárias.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

A minha manhã de aula foi reservada para este dia. Sendo assim, iniciei a minha manhã pela área de Língua Portuguesa, apresentando o texto “De olhos no mar” de Matilde Rosa Araújo. Após a sua leitura inferimos sobre o mesmo.

Seguidamente, através da questão: “O que é um Determinante?”, iniciámos a parte referente ao Conhecimento Explícito da Língua. Feita a questão e revistos os determinantes até agora aprendidos, apresentei uma tabela com os Determinantes Indefinidos (conteúdo que introduzi). Após sua introdução e, para que o conteúdo ficasse bem assimilado, realizei alguns exercícios.

A partir de uma imagem, criei uma ligação/interdisciplinaridade para a área de Estudo do Meio onde questionei de uma forma breve, qual a profissão do pai do menino da história lida no início da aula. Através deste facto dei início ao meu tema: a sinalização da Costa onde através de uma apresentação lúdica em *Powerpoint*, bem como a existência de um farol, tudo foi fácil de interiorizar. Para terminar, entreguei uma proposta de trabalho para poder averiguar o grau de aprendizagem acerca do tema. Esta foi concebida individualmente.

Após o intervalo, lecionei a área Matemática. Iniciei uma vez mais, com uma interligação a tudo o que já tinha sido falado anteriormente, de forma a chegar ao tema principal: as medidas agrárias. Visto ser matéria nova, apresentei no quadro interativo as medidas agrárias e, posteriormente, a relação que estas têm com as medidas de área e questionei as crianças sobre a utilidade destas medidas.

Como em todas áreas disciplinares é através da realização de exercícios que os conteúdos ficam mais facilmente compreendidos. Visto isto, apresentei algumas situações problemáticas sobre o tema.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para além da resposta acertada, o docente interessa-se que o aluno explique o modo de pensamento que o levou a chegar a determinada conclusão. Deste modo, o docente perceberá a maneira e a rapidez com que o aluno discorre, compreendendo também o seu raciocínio e perspicácia.

Este modo de apreciação é importante, principalmente quando é dada matéria nova. Assim, o docente consegue perceber o que o aluno conseguiu reter num primeiro olhar sobre o assunto, podendo melhorar onde o aluno obteve mais dificuldades de perceber ou até de decorar.

Brocardo (2009) salienta que “é muito importante que o professor peça aos alunos que justifiquem as suas respostas. Desta forma o professor pode aperceber-se de dificuldades e raciocínios dos alunos” (p.8).

A utilização da escolha do trabalho de grupo na área da Matemática deu-se pelo facto de ser matéria nova, e assim, através do contacto com o grupo, seria mais viável a aprendizagem e realização do exercício de forma mais eficaz. Como refere Rocha (1988, citado por Santos, 2007) “o grupo exerce várias acções sobre os seus membros. Destaque-se (...) o efeito de entreajuda, mediante interações contínuas e continuadas, em ordem a procurar uma melhoria dos participantes e a superação dos problemas” (p.238).

Quando a resolução de exercícios é realizada em grupo, o aluno sentir-se-á mais à vontade, pois existe uma maior cooperação entre os vários elementos (alunos da mesma idade) de maneira a estes aprenderem entre si, tirando possíveis dúvidas ou aprendendo melhor o que até então se encontrava menos claro para o mesmo. Ponte e Serrazina (2000) referem que ao questionar o aluno “o professor pode ter acesso à forma como o aluno está a pensar se lhe pedir para explicar o modo como resolveu o problema, tentando a partir daqui trabalhar com o aluno para alterar aquela concepção” (p.104).

Quando em grupo, os alunos conseguem resolver a situação colocada pelo docente, um elemento desse grupo tem como função ir até ao quadro mostrar a resolução do exercício e explicá-lo passo a passo. Esta explicação é preciosa para o professor, para que este perceba quais as várias fases que o grupo precisou tomar até ao resultado final, para assim ser possível averiguar se o pensamento é lógico e correto e se a forma de execução utilizada pelos alunos terá sido a mais viável.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Esta manhã de aula, ficou reservada para a minha colega M^a do Céu dar a sua manhã de aula obrigatória. A minha colega iniciou a aula com a área de Estudo do Meio, falando sobre as marés. Para isso, trouxe imagens e vídeos que mostravam as diferentes marés durante um dia. Conforme mostrava o que trouxe, ia questionando os alunos, bem como explicando alguns dos fenómenos. Para ser mais fácil a sua explicação, elaborou uma maquete que representava o que acontece com as marés ao longo do dia. Por sua vez esta maquete também permitiu às crianças representarem sozinhas algo solicitado pela minha colega, relativo ao tema.

Visto as marés, ao longo do dia, sofrerem alterações, a minha colega pegou nesse facto para fazer a passagem para a área de Matemática, pois o seu tema era soma e subtração de unidades de medida de tempo. Deste modo, fez uma breve revisão de quais as unidades de medida de tempo, bem como as equivalências existentes entre elas. Para trabalhar este conteúdo utilizou algarismos móveis e um material não estruturado. Assim, teve inicialmente de explicar como funciona e quais as suas regras de utilização (Figura 72). Após as regras, passou para a experimentação do material, resolvendo algumas situações problemáticas.



Figura 72 - Material para trabalhar números complexos

Após o intervalo, a minha colega deu a sua aula de Língua Portuguesa, onde através de duas frases projetadas no quadro (Ex: “Ela conta uma história.” e “A conta está errada.”) questionou as crianças sobre qual a relação que pensam que existe entre as palavras sublinhadas de modo a chegar ao tema da aula. Assim, o tema da sua aula era relações fonéticas, ou seja, qual o nome que se dá a palavras que tem uma relação de igual ou diferente som, grafia e/ou significado entre si. Devido a ser matéria nova, e ser uma relação entre palavras, a minha colega no fim realizou um crucigrama sobre o que foi falado em aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Estudo do Meio a diversidade de estratégias facilitou a aprendizagem do conteúdo.

Brocardo (2009) sugere que:

o professor pode usar outras estratégias para promover um discurso vivo e esclarecedor na aula. Por exemplo, depois de um aluno explicar uma ideia, contrariar a tendência de ser o professor a explicar melhor o que o aluno disse e pedir «quem consegue explicar de outra forma o que o vosso colega disse?» (p.9).

Estas estratégias criaram momentos em que a criança sentia necessidade de utilizar as suas capacidades para se expressar em relação ao tema da aula.

De acordo com Rocha (1988, citado por Santos, 2007) “os grupos proporcionam resultados educativos pois as técnicas de dinâmica de grupo revelaram-se instrumentos úteis para ajudarem os professores a exercerem a sua actividade” (p.238).

Este género de estratégias adequou-se e auxiliou a aprendizagem deste novo conteúdo. Ao trabalhar em grupo, os elementos entreadjudam-se e por vezes conseguem que os seus colegas, usando as suas explicações, entendam melhor o pretendido, bem como a execução do exercício pedido.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Iniciou-se a última semana de estágio no Jardim-Escola. Devido a todas termos dado aulas na semana anterior à semana em questão, este foi o dia em que a professora deu o seu *feedback* sobre as aulas. Enquanto decorria a nossa conversa as crianças estiveram a realizar um exercício caligráfico sobre um tema de Estudo do Meio.

Seguidamente, a professora, a nosso pedido, apresentou um material por ela inventado, para trabalhar vários conteúdos matemáticos, nomeadamente a soma de números complexos, que foi o apresentado neste dia (Figura73 e 74).



Figura 73 e 74 - Representação de soma de números complexos (no quadro e com material não estruturado).

Inferências/Fundamentação Teórica

Os momentos de *feedback*, como referido anteriormente, são imensamente importantes para a nossa evolução enquanto docentes, pois possíveis erros dados ou formas de explicação de conteúdos podem ser modificados de modo a serem mais perceptíveis e úteis tanto para nós, como para a compreensão das crianças.

Seguidamente o momento da apresentação de um material inventado pela professora, demonstra que é possível criar formas de melhorar aprendizagem da Matemática. Segundo Caldeira (2009) “a utilização de materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, integrar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à Matemática” (p.12). Este momento, criou em mim a

expectativa de ser possível, através de algo tão simples como placas coloridas e pedrinhas, criar momentos de aprendizagem de vários conteúdos, deixando assim em aberto a possibilidade de vir a criar, apelando possivelmente às dificuldades das crianças, materiais que possam vir a ser benéficos para uma melhor compreensão do mesmo, ou seja, aplicar o trabalho em modo concreto para posteriormente passar para o abstrato.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

O dia iniciou-se com a correção do TPC. Continuamente, caminhamos para a área da Língua Portuguesa, mais propriamente para a parte referente ao Conhecimento Explícito da Língua, de modo a abordar um novo tema: as preposições complexas. Após introduzido o tema, foram feitos alguns exercícios para consolidar o que tinha sido apresentado.

Deixando a Língua Portuguesa, passámos para a área da Matemática onde voltámos novamente à escola virtual, para fazer mais revisões; desta vez o tema escolhido foram os sólidos geométricos. Para além de matéria nova e revisões, a manhã também teve um momento diferente do habitual, pois era dia de tirar fotografias no Jardim-Escola, tendo assim a turma de tirar fotos individuais na sala de aula e posteriormente no recreio em grupo com a turma e com a professora.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os exercícios de aplicação e/ou consolidação são importantes para uma maior aprendizagem sobre o tema em si. Pois é através desta prática, que se percebem ou encontram possíveis erros ou dúvidas. Assim, estes ajudam a que o professor, através da sua correção, possa ajudar o aluno a progredir, pois possivelmente sem este suporte o professor não tinha como ajudar o aluno, pois não tinha como obter essa informação. Do mesmo modo, temos os endereços lúdicos da internet, pois como refere Santos (2006),

a Internet reúne em si mesma um enorme potencial em termos de ensino e aprendizagem possibilitando a integração e a interligação das tecnologias, conduzindo a uma maior disponibilidade dessas tecnologias e facilidade de comunicação com implicações a nível educacional no que concerne a novas metodologias, novos tipos de formação e novos processos educacionais. A utilização da Internet como suporte ao “ensino tradicional” leva a que alunos e professores assumam novos papéis e que a aprendizagem e o currículo sejam entendidos de uma forma diferente (p.35).

Visto existirem tantos mecanismos para uma melhor compreensão e aprendizagem por parte dos alunos, cabe ao professor ser capaz de dinamizar as suas aulas, de modo a que, com isso, o ambiente de sala de aula não se torne maçador e

desanimador para ambas as partes, pois a aprendizagem deve ser feita com empenho, para que se possa retirar algum proveito do mesmo.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Foi o nosso último dia na sala do 4.º Ano. Devido a isso, solicitámos à professora que nos deixasse dar uma última aula. E assim foi, a minha colega M^a do Céu e eu, fizemos uma atividade que era composta primeiramente pela elaboração de uma receita – “Queques de maçã”. Mas esta atividade envolveu a área de Língua Portuguesa e Matemática, pois estas áreas estão sempre presentes no nosso dia-a-dia. Assim, juntou-se à animação de cozinhar a interdisciplinaridade com as áreas curriculares.

Por fim, após terem comido os queques e terem brincado no intervalo, a minha colega Joana, realizou alguns exercícios no quadro sobre frações, pegando também no tema falado em toda a manhã “Queques”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Este último dia ocasionou mudanças na habitual manhã das crianças. Sendo o nosso último dia enquanto estagiárias e visto termos escolhido a área da Educação para uma nossa vida futura, as minhas colegas e eu não deixámos que este dia fosse simplesmente mais um dia nas nossas vidas. Assim, a minha colega M^a do Céu e eu quisemos juntar o gosto que tivemos em estar naquela sala com a introdução sempre necessária da aprendizagem em algo diferente do habitual. Assim, criámos um momento de colaboração e de experimentação. Revendo assim como Pato (1995) refere, a cooperação/trabalho de grupo “coloca cada aluno em relação dinâmica, com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outro modo de agir e de reagir” (p.10).

Desta forma, este dia proporcionou-me um momento de grande admiração pelo carinho demonstrado pelas crianças, bem como o “friozinho” que contempla o fim de um ciclo e a existência de um outro a começar como Docente.

Capítulo 2

Planificação

Capítulo 2 – Planificações

2.1. Descrição do Capítulo

Este capítulo é formado por duas partes: a fundamentação teórica sobre o que é a planificação, e os planos de aula, elaborados no decorrer do Estágio Profissional. A parte que diz respeito aos planos de aula encontra-se dividida em três fases, ou seja, Ensino Pré-Escolar, 1.º Ciclo do Ensino Básico e Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional, sendo estas, compostas por um plano referente a cada área curricular. Por sua vez, estes são apresentados por ordem cronológica, tendo seguidamente, uma pequena reflexão que compreende inferências e fundamentação teórica em cada procedimento.

No âmbito do Ensino Pré-Escolar, os planos de aula são referentes à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; Domínio da Matemática e Área do Conhecimento do Mundo, realizadas no Bibe Amarelo. Os planos referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico englobam as Áreas Curriculares Disciplinares – Língua Portuguesa; Matemática e Estudo do Meio, realizada no 2.º Ano.

Todos os planos de aula apresentados seguiram o Modelo T de aprendizagem, criado por Martiniano R. Pérez, estes adaptados, em virtude de se tratar de planificação de pequenas unidades de aprendizagem.

2.2. Fundamentação Teórica

Os alunos de hoje vivem numa sociedade dita cognitiva ou sociedade da informação, em que o conhecimento aumenta exponencialmente e assume um significado muito importante. Contudo, nem sempre se consegue processar tal quantidade de informação, surgindo angústias geradas pela incapacidade de responder de forma eficaz às solicitações do mundo que nos rodeia. E isso traduz-se no trabalho dos Professores, nomeadamente, nas planificações.

De acordo com Zabalza (2002):

a escola é a unidade básica de referência para o desenvolvimento do currículo. Para o efeito, esboça as linhas gerais da adaptação do programa às exigências do contexto social, institucional e pessoal, e define as prioridades. Será, porém, o professor a concretizar, com a sua actuação prática, essas previsões. E só ele poderá adoptar as decisões já antes referidas. Ele realiza a síntese do geral (programa), do situacional (programação escolar) e do contexto imediato (o contexto da aula e os conteúdos específicos ou tarefas) (p.46).

O ato de planificar tornou-se uma atividade muito importante para todos os Educadores/Professores. Pois estes dedicam muito do seu tempo nesta atividade, que

irá condicionar a sua ação que é fundamental naquilo que se aprende numa determinada área de estudos.

Em relação à questão, “O que é Planificar?”, não existe uma definição única para esse termo. Pois cada Educador/Professor tem a sua própria maneira de ver, o que reflecte de certa forma, a maneira como encara o processo de ensino/aprendizagem.

Clark e Peterson (1986, citados por Braga, 2001), referem que na planificação estão contidos “os processos de pensamento que o professor leva a cabo antes da interacção com a turma” (p.34). Arends (1995), menciona que “a planificação de qualquer tipo de actividades melhora os seus resultados”, desta forma “o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionados” (p.45).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), é fulcral planificar a sequência e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma a planificação “trata-se de seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos” (p.433).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) referem que “planear o processo educativo é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades” (p.26).

Segundo Zabala (2001, citado por Braga, Vilas-Boas, Alves Freitas & Leite, 2004)

(...) na perspectiva construtivista a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender (p. 27).

Bullough (1989, citado por Braga, 2001), “diz-nos que quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro” (p.34). O mesmo autor defende que “a planificação deve ser realizada com o objectivo de manter os alunos interessados e intelectualmente despertados”, recorrendo a actividades que “exigem muito esforço e outras que o poupem, actividades de grande e pequeno grupo, actividades que convidam ao barulho, ...” (p.35).

Clark e Lampert (1986, citados por Arends, 1995), descrevem que a planificação do professor é “a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas. O currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação

através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase” (p.44).

Os planos de aula que apresentei seguiram o modelo utilizado no Jardim-Escola João de Deus, Modelo T de Aprendizagens, proposto pelo Dr. Martiniano Pérez.

Pérez (2003) refere que o Modelo T “como forma de planeamento pode ser suficiente para os professores, e é o ponto de partida para o desenvolvimento do projecto curricular da sala de aula”.

Neste modelo o mesmo autor (s.d.) completa com os seguintes conceitos:

- **Capacidade – destrezas:** indicam os objetivos fundamentais cognitivos que queremos desenvolver;
- **Valores – atitudes:** mostram os objetivos fundamentais afetivos, que pretendemos desenvolver;
- **Conteúdos (Conhecimentos):** apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende ensinar ao longo do ano escolar. Cada unidade de aprendizagem divide-se em três ou seis distintas;
- **Métodos/procedimentos:** apresentam-se entre nove ou doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer para serem aprendidas no curso escolar. (p.40)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “qualquer plano organizado e sequencial de ensino-aprendizagem deve, em termos genéricos, incluir três passos principais, servindo intenções diferentes”; - estratégias de abertura ou atividades introdutórias; - estratégias e atividades de desenvolvimento ou estudo; - estratégias e atividades de conclusão (p.440).

Segundo Pérez (s.d), “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p.40).

Fisher (2004) realça a existência de três fases de planeamento, onde podemos encontrar: o planeamento a longo-prazo, o planeamento a médio prazo e o planeamento a curto prazo (semanal).

Segundo Fisher (2004), o planeamento a longo prazo é “efectuado semanas ou meses antes de o planeamento ser posto em prática” (p.26). Relativamente ao planeamento a médio prazo, o mesmo autor diz que este “tem a ver com a continuidade e a progressão entre um determinado estágio de cada área de aprendizagem e o estado que se lhe segue” (p. 26). Por fim, no que respeita ao planeamento a curto prazo, Fisher (2004), defende que este é “realizado no próprio dia ou no instante imediatamente anterior àquele em que o planeamento é posto em prática” (p.26).

Este processo de Planificar é muito importante para a organização do processo de ensino-aprendizagem de uma turma, de modo a conseguir organizar o tempo, para que as crianças adquiram a maioria de conteúdos possíveis de uma forma criativa e dinâmica, formando assim várias razões para a realização deste recurso.

Segundo Clark e Yinger (1979, citado por Zabalza, 2002), referem algumas razões que levam os Educadores/Professores a planificar, distinguindo-as em três tipos de categorias:

- os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc. (p.48).
- os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam se aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc (p.49).
- os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc (p.49).

Para além das razões, enunciadas anteriormente, existem aspetos a considerar pelos Professores no ato de planificar. Peterson, Marx e Clark (1978, citado por Zabalza, 2002), constataram que:

- os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar (p.54).
- depois, concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e actividades se vão realizar (p.54).
- finalmente, dedicam uma escassa proporção de tempo aos objectivos (p.54).

Em relação à Planificação, Simões (1996) refere que: “é necessário salientar que o facto de se elaborar um plano, é tão importante que é importante ser-se capaz de o pôr de lado. Uma aula deve «acontecer», ser viva e dinâmica, onde a trama complexa de inter-relações humanas, a diversidade de interesses e características dos alunos não pretendem ser um decalque do que está no papel”.

Devido a este facto referido em cima por Simões (1996), os planos de aula, por nós elaborados, tem sempre uma nota “plano baseado ao modelo T de Aprendizagem” e “o plano pode estar sujeito a alterações”, permitindo a que estes sejam flexíveis, sempre que haja necessidade.

Em suma, a principal função desempenhada pela planificação na escola é, segundo Clark e Peterson (1978, citado por Zabalza, 2002), “transformar e modificar o currículo para adequar às características particulares de cada situação de ensino” (p.21).

2.3. Planificações do Pré-Escolar

De seguida apresento três planificações referentes ao ensino Pré-Escolar. A primeira planificação é referente à Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 5). A segunda planificação insere-se no âmbito da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática (Quadro 6). Por fim, apresento a planificação relativa à Área do Conhecimento do Mundo (Quadro 7).

Quadro 5 – Planificação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Plano de Aula

Ano e turma: Bibe Amarelo B Duração: manhã Professora: Joana Sombreiro Data: 10/12/2010	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo Nº16
--	--

Área:
Expressão e Comunicação
(Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita)

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
Estimulação à Leitura	<ul style="list-style-type: none"> ★ Dispor a turma em "U" sentados no "sofá". ★ Contar a História "A vida da Gotinha". ★ Pedir a colaboração das crianças para organizar as imagens da história, consoante esta é lida. ★ Fazer perguntas sobre o que aconteceu na história.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ⇓ <u>Raciocínio:</u> - Interpretar; - Descodificar ⇓ <u>Classificação:</u> - Observar; - Vocabulário; 	<ul style="list-style-type: none"> ⇓ <u>Respeito:</u> - Saber ouvir; - Saber aceitar; ⇓ <u>Responsabilidade:</u> - Ser interessado; - Respeitador;
Material: História; Imagens alusivas à história;	

Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.

Inferências/Fundamentação teórica

➤ **Dispor a turma em U sentados no “sofá”**

Segundo Cury (2004), sentar as crianças em U (círculo ou semicírculo) tem como principais objetivos “desenvolver a segurança, promover a educação participativa; melhorar a concentração; diminuir conflitos em sala de aula e diminuir conversas paralelas” (p.124).

De acordo com o mesmo autor, “os educadores são escultores da emoção. Eduquem olhando nos olhos, eduquem com gestos: (...). Sentar em forma de U ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto” (p.125).

➤ **Contar a História “A vida da Gotinha” e pedir a colaboração das crianças para organizar as imagens da história, consoante esta é lida**

A história foi contada através de um livro por mim criado, com imagens alusivas, de modo a ajudar as crianças na sua tarefa de organização. O tamanho e as ilustrações utilizadas eram ideais para que todas as crianças pudessem ter uma boa visualização.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), “as histórias lida ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler” (p.70).

Nesta sequência de ideias, Spodek e Saracho (1998) afirmam que “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem” motivando-as para desenvolver o seu próprio vocabulário.

➤ **Fazer perguntas sobre o que aconteceu na história**

O momento final referente às questões colocadas sobre a história foi realizado como estratégia para retificar o que os alunos aprenderam com esta atividade. Nestas idades, as crianças precisam de contar e recontar o que aprenderam, para de certo modo, introduzirem nos seus conhecimentos. Estes momentos são bastantes úteis e produtivos para gerar uma melhor aquisição de conteúdos.

Quadro 6 - Planificação no Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Plano de Aula

Ano e turma: Bibe Amarelo B Duração: manhã Professora: Joana Sombreiro Data: 10/12/2010	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo Nº16
--	--

Área:
Expressão e Comunicação
(Domínio da Matemática)

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
Matemática	★Dispor a turma em "U" sentados no chão. ★Distribuir uma gota de água a cada criança. ★Realizar uma atividade para desenvolver a estruturação espacial (à frente; em cima; em baixo; entre; esquerda; direita) e sequências.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
⇓ <u>Classificação:</u> - Fluidez Mental; - Relacionar; ⇓ <u>Socialização:</u> - Dialogar; - Observar;	⇓ <u>Tolerância:</u> - Interesse; - Bom ouvinte; ⇓ <u>Responsabilidade:</u> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador;
Material: Imagens de gotas de água.	

Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.

Inferências/Fundamentação teórica

➤ **Dispor a turma em “U” sentados no chão**

A aula referente ao Domínio da Matemática, foi realizada no chão de modo, a que as crianças pudessem ter mais espaço para se movimentarem na realização das atividades.

➤ **Distribuir uma gota de água a cada criança**

O intuito de distribuir material por todas as crianças, deve-se ao facto de todas poderem participar nas atividades realizadas. É benéfico também, pois torna-se mais fácil de analisar o grau de aprendizagem de cada criança, quando esta trabalha individualmente.

➤ **Realizar uma atividade para desenvolver a estruturação espacial (à frente; em cima; em baixo; entre; esquerda; direita) e sequências**

Com a utilização de gotas de várias cores, realizei as atividades descritas em cima, com o intuito de através do manipular e de um momento lúdico, as crianças pudessem adquirir conceitos matemáticos, entre outras competências.

Segundo Fagali (1993, citado por Aranão, 1996) “o ensino da Matemática fundir-se-á à aprendizagem natural, espontânea e prazerosa que as crianças experimentam desde o nascer” (p.22).

Guzmán (1990, citado em Caldeira, 2009) “valoriza a utilização de jogos, para o ensino da matemática sobretudo porque eles se divertem e também extraem das actividades material suficiente para gerar conhecimento, interessar e fazer com que as crianças pensem com motivação” (p.153).

Quadro 7 – Planificação de Conhecimento do Mundo

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Plano de Aula

Ano e turma: Bibe Amarelo B Duração: manhã Professora: Joana Sombreiro Data: 10/12/2010	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo Nº16
--	--

Área:
Conhecimento do Mundo

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos
Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> ★ Dispor a turma em "U" sentados no "sofá". ★ Apresentar a gota Mimi às crianças e pedir a colaboração das mesmas, para realizar sons, gestos alusivos à viagem da Mimi. ★ Explicar o <u>Ciclo da água</u>, através de um esquema, tendo uma gota para mostrar o processo pelo qual esta passa; ★ Pedir a colaboração das crianças, para que explicassem oralmente o que aconteceu á gotinha na sua grande viagem.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ⇓ <u>Classificação:</u> - Fluidez Mental - Relacionar ⇓ <u>Socialização:</u> - Dialogar - Observar - Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> ⇓ <u>Tolerância:</u> - Interesse; - Bom ouvinte; ⇓ <u>Responsabilidade:</u> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador;
Material: Placard do ciclo da água; Gotinha de feltro.	

Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.

Inferências/Fundamentação teórica

- **Apresentar a gota Mimi (fantoche) às crianças e pedir a colaboração das mesmas, para realizar sons, gestos alusivos à viagem da Mimi**

Foi através do fantoche, em forma de gota, que consegui cativar a atenção das crianças. Através desta estratégia pude despertar a curiosidade e o interesse das mesmas. Costa e Baganha (1989) referem que “o fantoche aparece como um amigo, como um conhecido, como alguém que gostaria de conhecer aqueles meninos...” (p.60).

- **Explicar o Ciclo da Água através de um esquema, tendo uma gota para mostrar o processo pelo qual esta passa**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), “os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interacção com o mundo que os rodeia” (p.79).

O mesmo autor refere que “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas, (...)” (p.49).

- **Pedir a colaboração das crianças, para que explicassem oralmente o que aconteceu à gotinha na sua grande viagem**

Após transmitida a informação do ciclo da água, pedi às crianças que o explicassem, para de certo modo verificar o vocabulário e a construção frásica por elas utilizada, bem como, se a informação ficou bem consolidada. A aprendizagem cooperada é bastante importante. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “o educador alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras” (p.35).

2.4. Planificações do 1.º Ciclo

De seguida apresento três planificações referentes ao ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A primeira planificação é referente à Área de Língua Portuguesa (Quadro 8). A segunda planificação insere-se no âmbito da Área da Matemática (Quadro 9). Por fim, apresento a planificação relativa à Área do Estudo do Meio (Quadro 10).

Quadro 8 – Planificação de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade									
Plano de Aula									
<table border="1"> <tr> <td>Ano e turma: 2.º A</td> <td>Nome: Lílíana Fernandes da Conceição</td> </tr> <tr> <td>Duração: 50 minutos</td> <td>Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo</td> </tr> <tr> <td>Professora: Rute Costa</td> <td>Nº16</td> </tr> <tr> <td>Data: 2/05/2011</td> <td></td> </tr> </table>		Ano e turma: 2.º A	Nome: Lílíana Fernandes da Conceição	Duração: 50 minutos	Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo	Professora: Rute Costa	Nº16	Data: 2/05/2011	
Ano e turma: 2.º A	Nome: Lílíana Fernandes da Conceição								
Duração: 50 minutos	Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo								
Professora: Rute Costa	Nº16								
Data: 2/05/2011									
Área: Língua Portuguesa									
Conteúdos Conceituais	Procedimentos / Métodos								
<p>Interpretação de texto</p> <p>Funcionamento da língua</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares; • Distribuir um texto de língua portuguesa: <i>Uma ida à praia de Carcavelos</i>, escrito por Alexandra do Carmo (sendo este dividido em partes). • Realizar a leitura modelo do texto. • Ordenar o texto, de modo a ficar igual ao original. • Colar o texto pela ordem numa folha. • Iniciar a leitura realizada pelas crianças. • Fazer oralmente a interpretação do texto e o funcionamento da língua através da interação pergunta-resposta; 								
Competências									
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes								
<p>⇓ <u>Classificação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Fluidez Mental - Relacionar <p>⇓ <u>Socialização:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Dialogar - Observar - Relacionar 	<p>⇓ <u>Tolerância:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Interesse; - Bom ouvinte; <p>⇓ <u>Responsabilidade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador; 								
Material: história em formato A0; proposta de trabalho de leitura.									
Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem.									
O plano pode estar sujeito a alterações.									

Inferências/Fundamentação teórica

➤ Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares

Esta atividade foi realizada nas mesas, por se tratar de um trabalho individual em que as crianças teriam que estar com atenção ao orientador da atividade. A disposição foi feita por filas e/ou colunas sendo esta a mais indicada. De acordo com Arends (1995) esta é “a formação mais tradicional”(p.94). O mesmo autor refere ainda, que “esta formação é mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direção, no professor por exemplo, durante a exposição de um tema”(p.94).

➤ Realizar a leitura modelo do texto, ordenar o texto, de modo a ficar igual ao original e colar o texto pela ordem numa folha

Esta atividade teve como objetivo verificar vários níveis que a leitura contempla. Esses níveis são: o visual, o auditivo, organizativo, bem como a construção de um raciocínio com sentido lógico/português. Mas antes da realização da atividade, existiu uma explicação sobre esta, para que não pudessem vir a existir quaisquer dúvidas. Assim Martins *et al.* (2009), “as crianças devem ser esclarecidas quanto ao propósito da atividade e ao que é esperado delas, de modo a potenciar as suas aprendizagens” (p.19).

➤ Iniciar a leitura realizada pelas crianças

Ler é descodificar, extrair o significado da escrita, daí que a leitura seja vista como um processo interativo entre o leitor e o texto, através do qual o primeiro reconstrói o significado do segundo. (<http://www.junior.te.pt>)

➤ Fazer oralmente a interpretação do texto e o funcionamento da língua através da interação pergunta-resposta

De acordo com Teberosky e Colomer (2003) “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e perguntas sobre o texto lido” (p.119).

Cury (2004) também refere que “através da pergunta, o professor estimula mais ainda o *stress* positivo da dúvida. Ele activa a atenção dos alunos e penetra no território da emoção e no anfiteatro das suas mentes” (p.129).

Quadro 9 – Planificação de Matemática

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade	
Plano de Aula	
Ano e turma: 2.º A Duração: 50 minutos Professora: Rute Costa Data: 2/05/2011	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16
Área: Matemática	
Conteúdos Conceituais	Procedimentos / Métodos
Áreas e Perímetros	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares; • Distribuir por cada criança uma caixa do material: Cuisenaire. • Apresentar no quadro três bandeiras realizadas com o material. • Realizar com a utilização do material, a área e o perímetro de cada uma das figuras representadas. • Apresentar no quadro, uma "toalha de praia", da qual vamos calcular a área e o perímetro. • Terminar com a criação de outra "toalha" com as mesmas medidas através da utilização de outras peças.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
II <u>Classificação:</u> - Fluidez Mental - Relacionar II <u>Socialização:</u> - Dialogar - Observar - Relacionar	II <u>Tolerância:</u> - Interesse; - Bom ouvinte; II <u>Responsabilidade:</u> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador;
Material: cuisenaire; giz colorido; cuisenaire em tamanho grande.	
Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.	

Inferências/Fundamentação teórica

➤ **Distribuir por cada criança uma caixa do material: Cuisenaire**

Nesta atividade foi distribuído por cada criança uma caixa do material: Cuisenaire, para que estas pudessem manipular o mesmo individualmente.

➤ **Apresentar no quadro três bandeiras realizadas com o material**

A apresentação das figuras no quadro foi realizada com o material feito em esferovite, no formato 3D, mas com dimensões maiores às que constituem a caixa do mesmo. Esta estratégia tinha como objetivo a visualização da figura a ser representada, bem como fazer a correção da proposta, para que não permanecessem dúvidas quanto à sua resolução.

➤ **Realizar com a utilização do material, a área e o perímetro de cada uma das figuras representadas**

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) referem que é importante o educador propor a resolução de situações problemáticas, permitindo que sejam as crianças a encontrar as soluções (p.78).

O mesmo livro refere que “a resolução de problemas coloca o aluno em atitude activa de aprendizagem, dando-lhe a possibilidade de construir noções como respostas às interrogações levantadas, quer incitando-o a utilizar as aquisições feitas e a testar a sua eficácia” (p.164).

Quadro 10 – Planificação de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade	
Plano de Aula	
Ano e turma: 2.º A Duração: 50 minutos Professora: Rute Costa Data: 2/05/2011	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16
Área: Estudo do Meio	
Conteúdos Concetuais	Procedimentos / Métodos
Segurança na praia, rios e piscinas	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com as crianças sentadas nos seus lugares; • Explicar as regras de segurança na praia, rios e piscinas através de um power point. • Dialogar com as crianças ao longo da explicação. • Mostrar dois vídeos, de consolidação. • Realizar uma atividade em grupo, que consiste em criar placards com a informação aprendida ao longo da aula.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
≡ <u>Classificação:</u> - Fluidez Mental - Relacionar ≡ <u>Socialização:</u> - Dialogar - Observar - Relacionar	≡ <u>Tolerância:</u> - Interesse; - Bom ouvinte; ≡ <u>Responsabilidade:</u> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador;
Material: Datashow, computador, <i>Powerpoint</i> , videos, pandeireta, imagens alusivas ao tema, cartolinas, cola, bandeiras em tamanho real.	
Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.	

Inferências/Fundamentação teórica

➤ **Explicar as regras de segurança na praia, rios e piscinas através de um Powerpoint**

De forma a “prender” a atenção das crianças no tema a ser tratado, apresentei um “Powerpoint”, com imagens alusivas. Esta estratégia foi realizada de forma, a que as crianças pudessem indicar quais as regras a cumprir através do que visualizavam e das suas experiências/vivências.

➤ **Dialogar com as crianças ao longo da explicação**

➤ **Mostrar dois vídeos, de consolidação**

Segundo Spodek e Saracho (1998) os filmes, slides e audiovisuais contribuem para a compreensão das crianças de diversos fenómenos. Este tipo de exposição permite aos professores fazerem perguntas e discutir conceitos de interesse.

➤ **Realizar uma atividade em grupo, que consiste em criar placards com a informação aprendida ao longo da aula.**

Esta atividade foi realizada com o intuito de ver como crianças do 2.º Ano, já seriam capazes de trabalhar em grupo, pois para além do trabalho individual, o trabalho de grupo também ajuda a desenvolver várias capacidades nas crianças.

De acordo com Aranão (1996), a criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele as informações que lhe são necessárias, sendo da responsabilidade do professor/Educador “proporcionar-lhe o maior número possível de actividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do seu conhecimento” (p.16).

2.5. Planificações da Prova Prática da Avaliação da Capacidade Profissional

De seguida apresento os quatros 11,12,13,14 e 15 planificações referentes à Prova Prática da Avaliação da Capacidade Profissional realizada no 4.º Ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Antes de apresentar as Planificações criei uma página que contempla a organização da aula em si. A primeira planificação é referente à Área de Estudo do Meio. A segunda planificação insere-se no âmbito da Área da Língua Portuguesa. A terceira planificação pertence à área da Matemática. Por fim, apresento a planificação relativa à Área de Jogo.

Quadro 11 – Organização da Prova Prática da Avaliação da Capacidade Profissional

Jardim – Escola João de Deus - Alvalade

Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional

O caleidoscópio



Horas	Área e Conteúdo
11:00	Estudo do Meio - Caleidoscópio
11:20	Língua Portuguesa – Leitura /Interpretação e CEL
11:40	Matemática – Volume do prisma triangular
12:00	Jogo – Em busca da rosácea perdida

Quadro 12 – Planificação de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade			
<table border="1"> <tr> <td> Ano e turma: 4.º A Duração: 20 minutos Professora: Ana Sofia Caldas Data: 14/02/2012 </td> <td> Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16 </td> </tr> </table>		Ano e turma: 4.º A Duração: 20 minutos Professora: Ana Sofia Caldas Data: 14/02/2012	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16
Ano e turma: 4.º A Duração: 20 minutos Professora: Ana Sofia Caldas Data: 14/02/2012	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16		
Plano de Aula Área: Estudo do Meio			
Conteúdos Conceituais	Procedimentos / Métodos		
Como construir um Caleidoscópio	<ul style="list-style-type: none"> • Começar a aula mostrando a existência de uma caixa surpresa. Dentro da mesma, encontra-se uma <i>pen</i> que contém a informação necessária para a aula – enigmas a desvendar. • Iniciar com o 1.º enigma – Como construir um caleidoscópio. • Distribuir protocolo por cada criança. • Construir o caleidoscópio com a ajuda das crianças. • Observar para que serve o caleidoscópio, registando assim, as conclusões. 		
Competências			
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes		
<ul style="list-style-type: none"> II <u>Classificação:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Fluidez Mental - Relacionar II <u>Socialização:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Dialogar - Observar - Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> II <u>Tolerância:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Interesse; - Bom ouvinte; II <u>Responsabilidade:</u> <ul style="list-style-type: none"> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador; 		
Material: Quadro interativo; Protocolo; caleidoscópios.			
Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem.			
O plano pode estar sujeito a alterações.			

Inferências/Fundamentação teórica

Ao planificar a aula tive a atenção de encontrar uma ligação entre as variadas unidades curriculares a trabalhar. Tentei sempre ter um bom fio condutor, de maneira a não ser perceptível a mudança da área curricular. Assim, os alunos não dispersariam tanto, havendo sempre uma dinâmica dentro da sala de aula, algo que deixa os alunos mais “livres” de pensamento e raciocínio.

- **Começar a aula mostrando a existência de uma caixa surpresa. Dentro da mesma encontra-se uma *pen* que contém a informação necessária para a aula – enigmas a desvendar.**

A utilização das tecnologias existentes na sala de aula, como o computador e o quadro interativo, são muito úteis de se utilizar no âmbito de sala de aula. Estes meios possibilitam-nos criar momentos de suspense, bem como momentos de aprendizagens lúdicas e engraçadas, captando mais facilmente a atenção do aluno. Jonassen (2007) salienta que “a utilização de determinadas aplicações informáticas como ferramentas cognitivas” ajudam a “fomentar e promover a qualidade de pensamento diversificado nos alunos” (p.15).

No entanto, estes materiais também são bastante benéficos para o docente, pois possibilita uma melhor gestão dos conteúdos as ser apresentados, bem como possibilidade de avançar ou retroceder consoante o necessário, de modo a ajudar a criança na sua aprendizagem.

- **Distribuir protocolo por cada criança e construir o caleidoscópio com a ajuda das crianças.**

A existência de protocolo é fundamental numa aula deste género, para que as crianças possam acompanhar o que está a ser realizado, bem como ajudar na sua execução. Esta “folha” também possibilita à criança ir idealizando quais as conclusões que depreende do observável.

- **Observar para que serve o caleidoscópio, registando assim, as conclusões.**

De acordo com Cachapuz (1995, citado por Martins *et al.*, 2007) entende-se por conceções alternativas como sendo “as ideias que aparecem com alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos

explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização” (p.28). Como tal, o intuito desta aula, foi a apresentação de um novo material científico de maneira a que o aluno, através da sua única observação, obtivesse as suas próprias conclusões, não podendo existir deste modo qualquer género de resposta errada vinda do mesmo. Independentemente da resposta acertada, o aluno deveria dizer o que observava e o que por sua vez a observação o faria sentir. O facto deste material dar a possibilidade de nenhuma das possíveis respostas estar certa ou errada, torna-se um facto importante, pois dá ao aluno uma sensação de um pensamento livre, quer para o trabalho em questão, quer para os trabalhos futuros realizados em aula.

Quadro 13 – Planificação de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Ano e turma: 4.º A Duração: 20 minutos Professor: Ana Sofia Caldas Data: 14/02/2012	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16
--	---

Plano de Aula
Área: Língua Portuguesa

Conteúdos Conceituais	Procedimentos / Métodos
Leitura e Interpretação Conhecimento Explícito da Língua: Quantificador numeral	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar a aula com a leitura do texto "O caleidoscópio". • Efetuar algumas perguntas de interpretação referentes ao texto. • Pedir que classifiquem morfossintaticamente duas palavras para dar início ao novo conteúdo gramatical - Quantificadores. • Apresentar os três quantificadores numerais. • Aplicar o conteúdo em exercícios. • Corrigir os exercícios propostos.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
⇓ <u>Classificação:</u> - Fluidez Mental - Descodificar ⇓ <u>Expressão oral e escrita:</u> - Compreensão - Interpretação	⇓ <u>Tolerância:</u> - Interesse; - Bom ouvinte; ⇓ <u>Criatividade:</u> - Imaginação - Curiosidade
Material: Quadro interativo, proposta de leitura, computador.	

Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.

Inferências/Fundamentação teórica

➤ Iniciar a aula com a leitura do texto “O caleidoscópio”.

A leitura é um meio fundamental no desenvolvimento linguístico do aluno. De acordo com Jean (2000) “é que a leitura em voz alta bem conduzida pode ser determinante para criar desejos nos leitores e levá-los a penetrar em textos considerados difíceis” (p.21). Pois é deste modo que eles desenvolvem de uma maneira mais rápida e eficaz o seu vocabulário e a sua fluidez verbal, ganhando assim um maior estímulo quanto ao seu desenvolvimento mental.

➤ Efetuar algumas perguntas de interpretação referentes ao texto.

A criação de um espaço que sirva para “debater” o texto lido é importante, pois serve para que os alunos desenvolvam o seu raciocínio, bem como a estruturação de frases completas e correspondendo de forma coerente com a língua materna. Teberosky e Colomer (2003) referem que “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto” (p.118).

➤ Pedir que classifiquem morfossintaticamente duas palavras para dar início ao novo conteúdo gramatical – Quantificadores.

Este conteúdo foi apresentado pela primeira vez, pois trata-se de matéria nova implementada pela Nova Terminologia.

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2012) a palavra “morfossintactica” tem como significado “que é relativo à classe morfológica das palavras e à sua função na frase (ex.: *análise morfossintático.morfossintático*).

De acordo com Azeredo, Pinto e Lopes (2011) o conceito de “quantificador” refere-se a “uma palavra ou locução que especifica o nome a que se refere, dando informações relativamente ao número, à quantidade ou à parte da entidade referida” (p.193).

➤ Aplicar o conteúdo em exercícios e corrigi-los.

Considero a aplicação de conteúdos através de exercícios muito benéfica para os alunos, pois é através destes que as crianças conseguem perceber o intuito do conteúdo em si, no seu dia-a-dia. A sua correção também é essencial, de forma a que o aluno que errou perceba o porquê, podendo futuramente aplicar o conteúdo de uma forma correta.

Quadro 14 – Planificação de Matemática

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Ano e turma: 4.º A Duração: 20 minutos Professor: Ana Sofia Caldas Data: 14/02/2012	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16
--	--

Plano de Aula
Área: Matemática

Conteúdos Conceituais	Procedimentos / Métodos
Volume do Prisma Triangular	<ul style="list-style-type: none"> • Desvendar um enigma para se chegar ao tema da aula. • Distribuir, por cada criança, um prisma triangular; • Rever alguns conceitos matemáticos. • Explicar através da fórmula, como se calcula o volume do Prisma Triangular. • Aplicar o conteúdo da aula, através de situação problemática.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
II <u>Classificação:</u> - Fluidez Mental - Relacionar II <u>Socialização:</u> - Dialogar - Observar - Relacionar	II <u>Tolerância:</u> - Interesse; - Bom ouvinte; II <u>Responsabilidade:</u> - Empenhado; - Cumpridor; - Respeitador;
Material: quadro interativo, computador, prismas, proposta de trabalho.	

Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem. O plano pode estar sujeito a alterações.

Inferências/Fundamentação teórica

➤ **Desvendar um enigma para se chegar ao tema da aula.**

Este enigma serviu para a descoberta do tema em si, bem como servir de ponte para uma breve revisão do Sólido Geométrico falado em aula. Assim, este momento inicial fez com que as crianças ficassem mais envolvidas no que se ia desvendar na aula, reduzindo assim a possibilidade de distrações. De acordo com Freire e Nascimento (2007) “criar um ambiente de aprendizagem ordeiro com vista à maximização de envolvimento dos alunos e à minimização dos comportamentos perturbadores são tarefas que exigem do professor competências específicas que se afiguram prioritárias na gestão da sala de aula” (p.38).

➤ **Distribuir, por cada criança, um prisma triangular.**

Deve dar-se uma grande importância ao facto de cada aluno ter o seu próprio material, para poder manuseá-lo e explorá-lo ao máximo. Tal como descreve Ponte e Serrazina (2000) “o ensino aprendizagem envolve interacções dos alunos entre si e com o professor. Essas interacções assumem um papel fundamental, a comunicação e a negociação dos significados” (p.117).

➤ **Explicar através da fórmula, como se calcula o volume do Prisma Triangular.**

A explicação de conteúdos aplicando fórmulas é benéfico para a realização de exercícios, permitindo à criança, de uma forma mais esquematizada, alcançar o pretendido. Como referem Ponte e Serrazina (2000) “ao promover nos alunos a utilização de métodos próprios para calcular resultados das operações, está-se a ajudar no desenvolvimento do sentido do número e de estratégias próprias de cálculo mental” (p.156).

➤ **Aplicar o conteúdo da aula, através de situação problemática.**

A aplicação de situações problemáticas é uma maneira dos alunos exercitarem os conteúdos aprendidos, de maneira a ser mais fácil a sua memorização e compreensão.

Quadro 15 - Planificação do Jogo

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade	
Ano e turma: 4.º A Duração: 15 minutos Professor: Ana Sofia Caldas Data: 14/02/2012	Nome: Liliana Fernandes da Conceição Turma: Mestrado Pré-Escolar e 1.º Ciclo N.º16
Plano de Aula	
Área: Jogo	
Conteúdos Conceituais	Procedimentos / Métodos
Em busca da rosácea perdida	<ul style="list-style-type: none"> • Levar a turma para o recreio, mais propriamente no recinto reservado para o jogo. • Dividir a turma em 4 equipas. • Distribuir crachás de identificação das equipas. • Explicar regras de jogo. • Executar construção do puzzle. • Concluir o jogo com a atribuição do vencedor para a equipa que conseguir construir o puzzle corretamente no menor espaço de tempo.
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes
⇓ <u>Expressão Corporal:</u> - Coordenação; - Equilíbrio; ⇓ <u>Socialização:</u> - Observar; - Conviver;	⇓ <u>Responsabilidade:</u> - Empenho; - Interesse; - Respeito; ⇓ <u>Solidariedade:</u> - Ajudar; - Colaborar;
Material: Crachás de identificação dos grupos; peças de puzzle.	
Plano baseado ao modelo T de Aprendizagem.	
O plano pode estar sujeito a alterações.	

Inferências/Fundamentação teórica

- **Levar a turma para o recreio, mais propriamente no recinto reservado para o jogo.**

O momento de levar a turma para o recreio é uma ocasião em que o docente tem que se preocupar muito mais com a organização da turma para que estes não dispersem, atuando como se fosse o intervalo. O docente tem ainda que se preocupar com o espaço envolvente, pois não só aquela turma é praticante do mesmo. O aluno tem de perceber, com a ajuda do seu responsável, que o seu comportamento tem de ser tão ou mais consciente do que em sala de aula.

- **Dividir a turma em 4 equipas e entregar crachás de identificação.**

Ferreira e Santos (1994) referem que “o trabalho de grupo pode criar um ambiente menos ansiógeno, mais descontraído, tornando-se mais fácil suportar em conjunto do que individualmente as exigências escolares” (p.78/79).

- **Executar a construção do puzzle.**

De acordo com Jiménez e Escudero, citados por Caldeira (2009), ao organizar-se um jogo/ atividade lúdica para as crianças deve-se:

atender às necessidades de actividades da criança para que nos jogos intervenham diferentes sentidos incluindo o movimento; propiciar a aprendizagem em novas situações e condições, para que se produza a reestruturação e transferência de destrezas, com diversos materiais e recursos; proporcionar oportunidades para desenvolver a aprendizagem criativa, por descoberta e situações que produzam independência nas crianças; potenciar a relação com os adultos e as outras crianças, assim como desenvolver destrezas e valores sociais; propiciar o desenvolvimento do medo de fracassar (p.43).

- **Concluir o jogo com a atribuição do vencedor para a equipa que conseguir construir o puzzle corretamente no menor espaço de tempo.**

De acordo com Ferreira e Santos (1994) “em grupo a responsabilidade individual pelo resultado das tarefas é mais repartido, o que em si faz diminuir o medo” de fracassar (p.79).

Capítulo 3

Avaliação

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em duas partes: a fundamentação teórica, sobre o que é a avaliação e os dispositivos de avaliação que preparei referentes às propostas de trabalho realizadas ao nível do ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, por mim selecionadas.

Os dispositivos de avaliação do ensino Pré-Escolar referem-se às seguintes áreas: Conhecimento do Mundo; Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Iniciação à Matemática. Relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico foram realizadas nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Todos os dispositivos de avaliação correspondem a avaliações formativas e admitem uma ordem de organização pré-estabelecida. Primeiramente, é feita uma breve introdução. Seguidamente, são apresentados os parâmetros, os critérios e as correspondentes cotações criadas para a avaliação da atividade. Sucessivamente, num quadro, é exposta a grelha da avaliação da atividade. Para concluir, são apresentados dois gráficos (barras e circular) com os resultados obtidos, bem como, a análise/interpretação dos mesmos.

3.2. Fundamentação Teórica

De acordo com Bartolomeis (1999), “a actividade de avaliação é uma característica intrínseca do conhecimento e das decisões práticas. Conhecer algo equivale a avaliá-lo, a atribuir-lhe um valor, um significado, a explicá-lo (...)” (p.38). Méndez (2001, citado por Ferreira, 2007), afirma que “a avaliação assume, predominantemente, uma função de regulação do processo de ensino-aprendizagem, pela intervenção face às dificuldades dos alunos e pela análise feita pelo professor das estratégias de ensino utilizadas” (p.15). Ferreira (2007) refere ainda que “a avaliação das aprendizagens permite a verificação do que se passa nos processos de ensino aprendizagem com vista à sua regulação” (p.15).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação “é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem” (p.338).

Como Ferreira (2007) menciona, “o processo de avaliação pressupõe três etapas: a recolha de informação, a análise dessa informação recolhida e a emissão de juízo de valor, exprimido de forma qualitativa ou quantitativa, dependendo da função e das

finalidades da avaliação, que conduz conseqüentemente, à tomada de decisões diferentes” (p.16). Como referem Ribeiro e Ribeiro (1990), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades” (p.337).

O Despacho Normativo n.º 50/2005 do Ministério da Educação, refere que “a avaliação, enquanto parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, permite verificar o cumprimento do currículo, diagnosticar insuficiências e dificuldades ao nível das aprendizagens e (re)orientar o processo educativo”.

Os três tipos fundamentais de avaliação de que o professor se socorre são: diagnóstica, formativa e sumativa. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (p.342). Ferreira (2007) define a avaliação diagnóstica como sendo “aquela que visa recolher informações sobre cada aluno no sentido da tomada de decisões sobre o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem” (p.26).

Ribeiro e Ribeiro (1990), referem que a “avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam” (p.348). Os mesmos autores ainda referem que “a avaliação formativa é, assim, utilizada no decorrer das unidades de ensino, devendo ser praticada sistematicamente, de acordo com o plano de avaliação estabelecido” (p.348).

Alves (2004, citado por Ferreira, 2007), “integra na avaliação formativa uma dimensão diagnóstica. Pois o professor procura detectar as dificuldades, os erros dos alunos e as suas causas, para que possa intervir com estratégias adequadas à sua resolução” (p.28). Sacristán (1993, citado por Ferreira, 2007) afirma ainda que a avaliação formativa “propicia a tomada de consciência e a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, de modo a fazer correcções, a procurar estratégias alternativas e a reforçar os êxitos dos alunos” (p.28).

Ribeiro e Ribeiro (1990) mencionam que “a avaliação somativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado” (p.359). Os mesmos autores referem que a finalidade da avaliação sumativa “não é classificar os alunos

mas sim acrescentar mais um elemento de informação àqueles já recolhidos pelas avaliações diagnóstica e formativa” (p.361).

O Decreto Normativo n.º 6/2001 do Ministério da Educação compreende de forma específica as modalidades da avaliação do 1.º Ciclo, “a avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, devendo articular-se com estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional”; “a avaliação formativa assume carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados à diversidade das aprendizagens e aos contextos em que ocorrem tendo como uma das funções principais a regulação do ensino e da aprendizagem”; “a avaliação sumativa exprime-se de forma descritiva, incidindo sobre as diferentes áreas curriculares”.

Relativo à avaliação sumativa interna no 1.º Ciclo do Ensino Básico o Despacho Normativo n.º 1/2005 do Ministério da Educação, afirma que “ocorre no final de cada período lectivo, de cada ano lectivo e de cada ciclo. O mesmo despacho ainda refere que “ a avaliação sumativa interna é da responsabilidade do professor titular da turma em articulação com o respectivo conselho de docentes, no 1.º Ciclo”.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (p.27). Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 do Ministério da Educação, “a avaliação, enquanto elemento integrante e regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens”. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002), ainda referem que

a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento (p.27).

A Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 refere que a avaliação tem como finalidade:

(i) contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planear a acção; (ii) reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens; (iii) recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual; (iv) promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas

competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma; (v) envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando; (vi) conhecer a criança e o seu contexto, numa perspectiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.

Relativamente aos princípios da avaliação a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007 do Ministério da Educação e a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, defendem que estes são:

(i) coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo definidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; (ii) utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados; (iii) carácter marcadamente formativo da avaliação; (iv) valorização dos progressos da criança; (v) promoção de igualdade de oportunidades e equidade.

Segundo o Despacho Normativo n.º 1/2005, “a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”. De acordo com o mesmo documento a avaliação tem como finalidades:

(i) apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos; (ii) certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa; (iii) contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

O Despacho Normativo n.º 1/2005 refere que “a avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas de cada ciclo, expressas no projecto curricular de escola e no projecto curricular de turma, por ano de escolaridade. O mesmo documento refere que a avaliação das aprendizagens e competências assenta nos seguintes princípios:

(i) consistência entre os processos de avaliação e das aprendizagens e competências pretendidas de acordo com os contextos em que ocorrem; (ii) utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados; (iii) primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de auto-avaliação regulada e a sua articulação com os momentos de avaliação sumativa; (iv) valorização da evolução do aluno; (v) transparência e rigor do processo de avaliação,

nomeadamente através da clarificação e da explicitação os critérios adoptados;
(vi) diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

Segundo o Decreto Normativo n.º 6/2001, “no âmbito da organização curricular do ensino básico, para além das áreas curriculares disciplinares, o ensino determina a criação de três áreas curriculares não disciplinares – área de projecto, estudo acompanhado e formação cívica”. O mesmo documento refere que “a avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico”.

Sendo a avaliação o suporte de classificação, compus grelhas de avaliação com vários parâmetros e critérios, seguindo uma escala de classificação.

Segundo Pais e Monteiro (2002, citado por Gomes, 2010)

as escalas de classificação são registos constituídos por um conjunto de características ou qualidades que têm de ser avaliadas e por uma escala que indica o grau de apresentação de cada atributo. Estas possibilitam um processo sistemático de registar a frequência de um comportamento ou juízo resultante da observação. É um instrumento de avaliação rápido a partir de um aspecto específico de um comportamento, constituindo uma estrutura de referência para comparar alunos em relação à mesma característica” (pp.427- 428).

Assim sendo, para as propostas de trabalho que realizei com os alunos, apliquei uma adaptação da escala de Likert (Quadro 16). A escala de avaliação utilizada vai de 0 a 10 referente ao ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, como os seguintes critérios:

Quadro 16 - Escala de avaliação utilizada no âmbito do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">- Fraco (0 a 2,9 valores)- Insuficiente (3 a 4,9 valores)- Suficiente (5 a 6,9 valores)- Bom (7 a 8,9 valores)- Muito Bom (9 a 10 valores) |
|--|

3.3. Dispositivo de avaliação: Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Este dispositivo de avaliação refere-se a uma atividade realizada no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A atividade foi executada no dia 26 de outubro de 2011, com as crianças do Bibe Azul B.

Enquanto decorria a ida à Cartilha Maternal para a lição, a restante turma realizava a proposta de atividade presente no **Anexo B**. Esta proposta de atividade tinha como principal objetivo, a identificação da letra T, através do desenho de um círculo, uma vez que a maioria das crianças encontrava-se na lição n.º 5 da Cartilha Maternal, sendo esta referente à letra indicada anteriormente. Foi esta proposta que eu escolhi para avaliar.

Neste dia só estiveram presentes, no contexto de sala de aula, vinte e cinco crianças, assim sendo, só cotei os dispositivos de avaliação das mesmas.

3.3.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1- Identificação da letra T.

Pretende-se que a criança identifique na sua proposta de atividade a letra T presente nas várias palavras. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou a letra T em todas as palavras
- Identificou a letra T em algumas palavras;
- Não identificou a letra T;
- Não respondeu.

2- Pintura das imagens.

Pretende-se que a criança pinte as imagens referentes às palavras indicadas. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou todas as imagens;
- Pintou algumas imagens;
- Não pintou nenhuma das imagens;
- Não respondeu.

3- Preenchimento das imagens respeitando o espaço limitado.

Pretende-se que a criança pinte as imagens, referentes às palavras indicadas, preenchendo os espaços delimitados. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Preencheu todas as imagens respeitando o espaço;
- Preencheu algumas imagens respeitando o espaço;

- Não preencheu a totalidade da imagem e ultrapassa o espaço;
- Não responde.

4- Apresentação

Pretende-se verificar se a criança foi cuidada na apresentação do seu trabalho. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Muito cuidada;
- Cuidada;
- Pouco cuidada.

De seguida, no Quadro 17 encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 17 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação da letra "T"	Identificou a letra T em todas as palavras	5	5
	Identificou a letra T algumas palavras	2,5	
	Não identificou a letra T	0	
	Não responde	0	
2. Pintura da imagem	Pintou todas as imagens	2	2
	Pintou algumas imagens	1	
	Não pintou nenhuma imagem	0	
	Não responde	0	
3. Preenchimento da imagem respeitando o espaço limitado	Preenche todas as imagens respeitando o espaço	2	2
	Preenche algumas imagens respeitando o espaço	1	
	Não preenche a totalidade da imagem e ultrapassa o espaço	0,5	
	Não responde	0	
4. Apresentação	Muito cuidada	1	1
	Cuidada	0,5	
	Pouco cuidada	0,2	

Seguidamente, no quadro 18, apresento a tabela/grelha referente à área do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, onde aparecem referidas as cotações dadas a cada criança em cada exercício, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 18 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	1 - Identificação da letra "T"				2- Pintura das imagens			3- Preenchimento da imagem respeitando o espaço limitado			4- Apresentação			Cotações	
	Identificou a letra T em todas as palavras	Identificou a letra T em algumas palavras	Não identificou a letra T	Não responde	Pintou todas as imagens	Pintou algumas imagens	Não pintou nenhuma imagem	Não responde	Preencheu todas as imagens respeitando o espaço	Preencheu algumas imagens respeitando o espaço	Não preenche a totalidade da imagem e ultrapassa o espaço	Muito Cuidada	Cuidada		Pouco Cuidada
Alunos	5	2,5	0	0	2	1	0	0	2	1	0,5	1	0,5	0,2	10
1	5				2				1				0,5		8,5
2	5					1							0,5		7
3	5				2								0,5		8
4	5				2				2			1			10
5	5				2				2			1			10
6	5				2				2	1			0,5		8,5
7	5				2				2			1			10
8	5				2				2		0,5		0,5		8
9	5				2				2	1		1			9
10	5				2				2	1			0,5		8,5
11	5				2				2		0,5		0,5		8
12	5				2				2			1			10
13	5				2				2				0,5		9,5
14	5				2				2	1			0,5		8,5
15	5				2				2					0,2	7,7
16	5				2				2				0,5		8
17	5				2				2			1			10
18	5				2				2			1			10
19	5				2				2					0,2	7,7
20	5				2				2	1			0,5		8,5
21	5				2				2	1					9
22	5				2				2				0,5		8
23	5				2				2					0,2	7,7
24	5				2				2						8
25	5				2				2					0,2	7,7
26	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
27	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
28	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
29	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
30	X	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráfico (Barras e Circular), de modo, a ser possível a visualização de toda a avaliação, a fim de ser mais fácil de realizar uma descrição/análise eficaz e descritiva do mesmo (Figura 75 e 76).

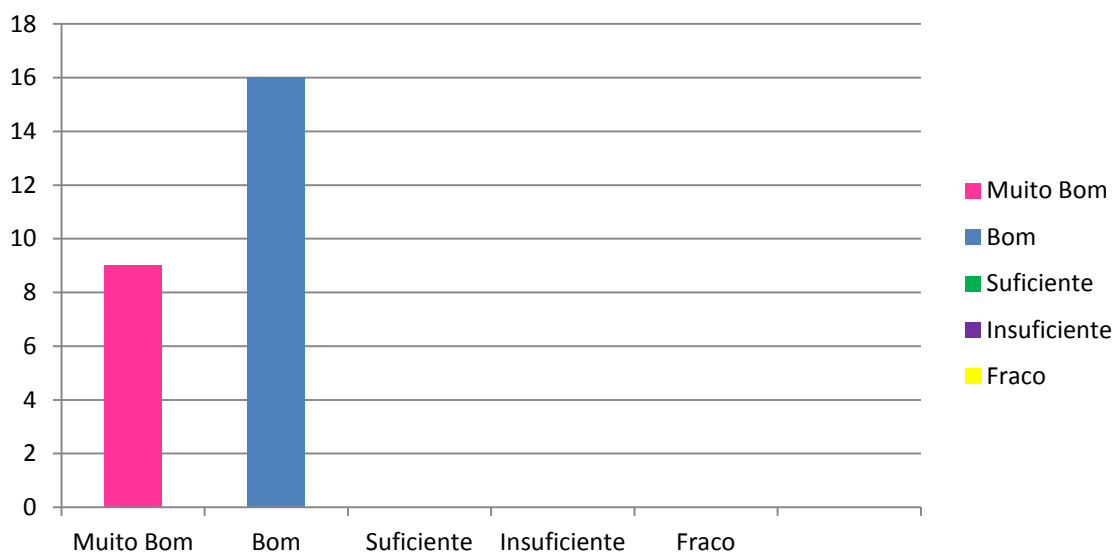


Figura 75 – Gráfico de Barras da Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita.

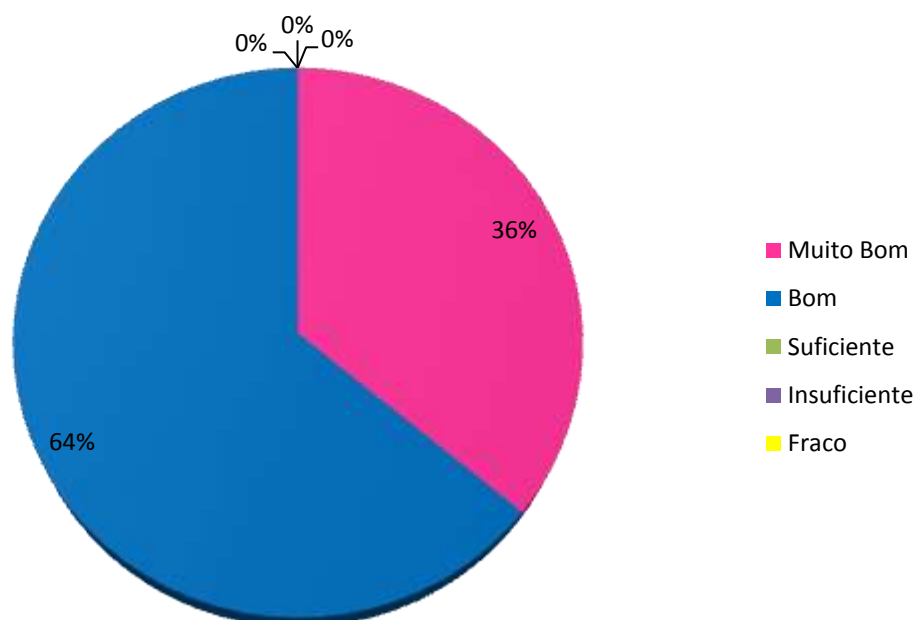


Figura 76 – Gráfico Circular de Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita.

3.3.2. Descrição/ análise dos resultados obtidos na avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No primeiro parâmetro (Identificação da letra T), os resultados foram muito positivos, pois podemos verificar que as vinte e cinco crianças conseguiram identificar corretamente o pretendido.

Os resultados referentes ao segundo parâmetro (Pintura da imagem), vinte e três crianças responderam corretamente. No entanto, duas crianças só realizaram parte do pretendido, tendo sido atribuída metade da cotação.

Relativamente ao terceiro parâmetro (Preenchimento da imagem respeitando o espaço limitado), sete crianças preencheram de forma correta todas as imagens, obtendo a cotação máxima, sete crianças não completaram tudo tendo sido atribuída metade da cotação, por fim, onze crianças como não conseguiram realizar o pretendido na totalidade, só obtiveram classificação de 0,5 valores.

Quanto ao quarto parâmetro (apresentação), oito crianças atingiram a cotação máxima, doze crianças obtiveram metade da cotação e, por fim, cinco crianças tiveram cotação mínima.

Ao longo da proposta avaliada, posso verificar que 36% das crianças obtiveram classificação de Muito Bom, que corresponde a nove crianças. No entanto, só seis crianças atingiram a cotação máxima de 10 valores. Mesmo assim, 64% das crianças alcançaram nota de Bom, que corresponde a 16 crianças. Nesta proposta de atividade, não existiram classificações entre o Suficiente e o Fraco. Referindo assim, que 7,7 valores foi a nota mais baixa.

3.4. Dispositivo de avaliação: Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática.

Este dispositivo de avaliação refere-se a uma atividade realizada no Domínio da Matemática. A atividade foi executada no dia 21 de fevereiro de 2011, com as crianças do Bibe Encarnado A.

Devido ao facto de, no momento que efetuei no Ensino Pré-Escolar não ter realizado nenhum dispositivo de avaliação no Domínio da Matemática, escolhi uma proposta de atividade que observei no meu momento de estágio, realizada pela Educadora da sala.

A proposta de atividade, encontra-se presente no **Anexo C**. Esta proposta tinha como principal objetivo a identificação e preenchimento da cor correspondente às peças do Cuisenaire. Uma vez que são crianças de 4 anos, a Educadora fez uma breve revisão do material, recordando, assim, as cores e valores de cada peça que o material possui.

Neste dia estiveram presentes todas as crianças no contexto de sala de aula, assim sendo avalei os dispositivos de avaliação de vinte e cinco crianças.

3.4.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1-Pintura das velas de acordo com as cores do Material Cuisenaire.

Pretende-se que a criança pinte corretamente na sua proposta de atividade as velas com as devidas cores (associando cor/valor).

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou todas as velas de forma correta;
- Pintou algumas velas de forma correta;
- Não pintou nenhuma vela;
- Não responde.

2-Preenchimento das imagens respeitando o espaço limitado.

Pretende-se que a criança pinte as imagens (vela), preenchendo os espaços delimitados. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Preenche todas as velas respeitando o espaço;
- Preenche algumas velas respeitando o espaço;
- Não preenche a totalidade das velas e ultrapassa o espaço;
- Não responde.

3-Pintura dos bolos.

Pretende-se que a criança pinte o resto da proposta de trabalho (os bolos), apelando à sua criatividade de escolha de cores. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pintou todos os bolos;
- Pintou alguns bolos;
- Não pintou nenhum bolo;
- Não responde.

4- Apresentação

Pretende-se verificar se a criança foi cuidada na apresentação do seu trabalho. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Muito cuidada;
- Cuidada;
- Pouco cuidada.

De seguida, no Quadro 19 encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 19 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	Crítérios		Cotações
1. Pintura das velas de acordo com as cores do Material Cuisenaire	Pintou todas as velas de forma correta	5	5
	Pintou algumas velas de forma correta	2,5	
	Não pintou nenhuma vela	0	
	Não respondeu	0	
2. Preenchimento das velas respeitando o espaço limitado	Preencheu todas as velas respeitando o espaço	3	3
	Preencheu algumas velas respeitando o espaço	1,5	
	Não preencheu a totalidade das velas e ultrapassa o espaço	0,5	
3. Pintura dos bolos	Pintou todos os bolos	1	1
	Pintou alguns bolos	0,5	
	Não pintou nenhum bolo	0	
	Não respondeu	0	
4. Apresentação	Muito cuidada	1	1
	Cuidada	0,5	
	Pouco cuidada	0,2	

Seguidamente, no quadro 20, apresento a tabela/grelha referente à área do Domínio da Matemática, onde aparecem referidas as cotações dadas a cada criança em cada exercício, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 20 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Alunos	Parâmetros				1 – Pintura das velas de acordo com as cores do Material Cuisenaire				2 – Preenchimento das velas respeitando o espaço limitado				3 – Pintura dos bolos				4 – Apresentação			Cotações
	Preencheu todas as velas	Preencheu algumas velas	Não preencheu nenhuma vela	Não respondeu	Preencheu todas as velas respeitando o espaço	Preencheu algumas velas respeitando o espaço	Não preencheu a totalidade das velas e ultrapassa o espaço	Pintou todos os bolos	Pintou alguns bolos	Não pintou nenhum bolo	Não respondeu	Muito Cuidada	Cuidada	Pouco Cuidada	0 a 10 pontos					
1	5		0		3		0,5		0			1	0,5	0,2	10					
2		2,5					0,5						0,5		6,5					
3	5						1						0,2		4,5					
4	5						1						0,2		6,7					
5	5						1						0,5		6,7					
6		2,5					1						0,2		7					
7	5						1				1				4,2					
8	5						1						0,2		7,5					
9		2,5					1						0,2		6,7					
10		2,5					1						0,2		4,2					
11		2,5					1						0,5		4,2					
12	5							0,5					0,2		4,5					
13	5							0,5							6,5					
14	5						1						0,5		7					
15		2,5					1						0,2		4,2					
16		2,5					1						0,2		4,2					
17	5							0,5					0,2		6,2					
18	5						1								7					
19	5						1								7,5					
20		2,5					1				1				4,5					
21		2,5					1					0,5			4,5					
22	5						1					0,5			4					
23	5						1					0,5			7					
24		2,5					1					0,5			7					
25		2,5					1					0,5			4,5					
26	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	0,2	4,2					

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráficos (Barras e Circular), de modo, a ser possível a visualização de toda a avaliação, a fim de, ser mais fácil de realizar uma descrição/análise eficaz do mesmo (Figura 77 e 78).

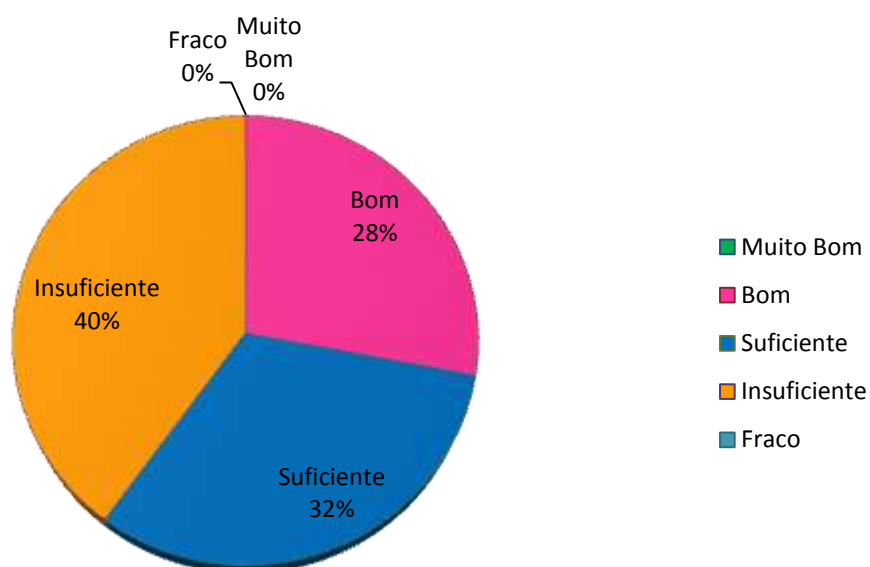


Figura 77 – Gráfico Circular de Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

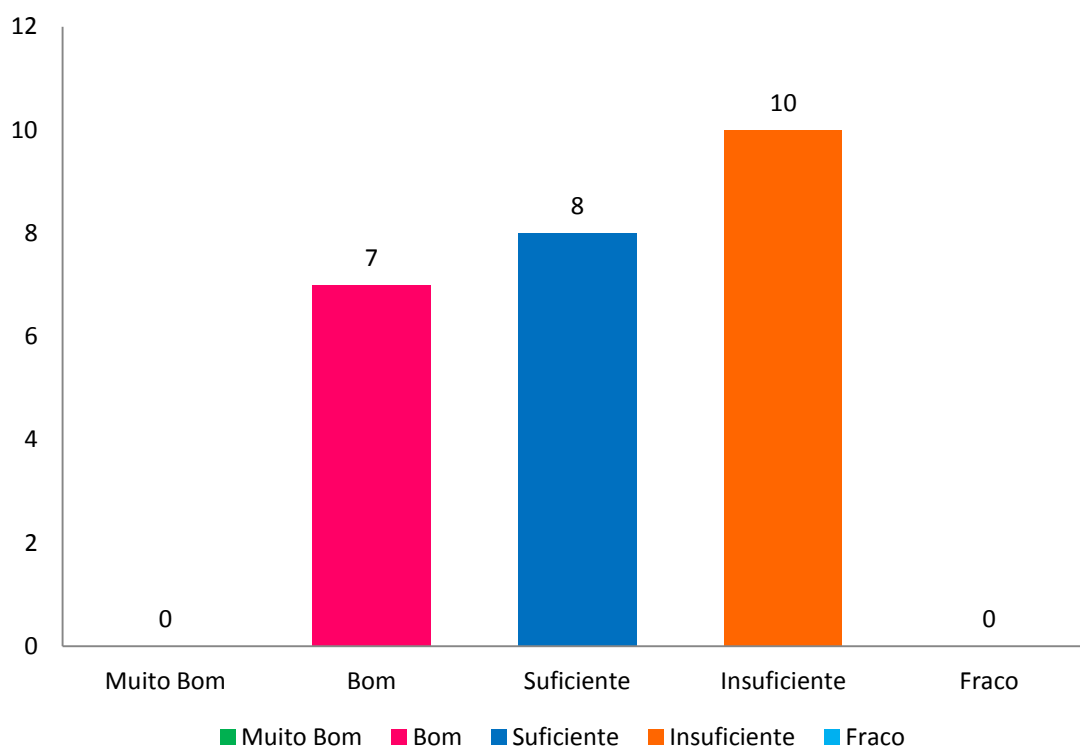


Figura 78 – Gráfico de Barras da Avaliação do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

3.4.2.Descrição/análise dos resultados obtidos na avaliação do Domínio da Matemática

No primeiro parâmetro (Pintura das velas de acordo com as cores do Material Cuisenaire),catorze crianças responderam corretamente. No entanto, onze crianças só realizaram corretamente parte do pretendido, tendo sido atribuída metade da cotação.

Os resultados referentes ao segundo parâmetro (Preenchimento das velas respeitando o espaço limitado), não foi positivo, pois podemos verificar que as vinte e cinco crianças não conseguiram realizar de forma totalmente correta o pretendido, tendo sido obtida a cotação mínima.

Relativamente ao terceiro parâmetro (Pintura dos bolos), dezanove crianças pintaram todas as imagens, obtendo a cotação máxima, por fim, cinco crianças como só pintaram algumas imagens (bolos) só obtiveram classificação de 0,5 valores.

Quanto ao quarto parâmetro (apresentação), duas crianças atingiram a cotação máxima, doze crianças obtiveram metade da cotação e, por fim, onze crianças tiveram cotação mínima.

Ao longo da proposta avaliada, posso verificar que 28% das crianças obtiveram classificação de Bom, que corresponde a sete crianças. No entanto, nenhuma criança atingiu a cotação máxima. Mesmo assim, 32% das crianças alcançaram nota de suficiente, que corresponde a oito crianças. Nesta proposta de atividade, existiu 40% de classificação negativa (insuficiente), que corresponde a 10 crianças. Não existindo por sua vez nenhuma classificação denominada de fraco; assim sendo, 4,2 valores foi a nota mais baixa existente nesta proposta de trabalho.

Assim, posso concluir que apesar deste material ser muito utilizado em sala de aula, ainda existem crianças com bastantes dificuldades em associar cor/valor. Devendo ser mais trabalhado com estas crianças em especial, para que mais tarde, seja mais fácil associarem e responderem a desafios mais pormenorizados que este material exige.

3.5. Dispositivo de avaliação: Área do Conhecimento do Mundo

Este dispositivo de avaliação refere-se a uma atividade realizada na Área do Conhecimento do Mundo. A atividade foi executada no dia 22 de junho de 2011, com as crianças do Bibe Amarelo A.

Devido ao facto de, no momento que efetuei no Ensino Pré-Escolar não ter realizado nenhum dispositivo de avaliação na Área do Conhecimento do Mundo, escolhi uma proposta de atividade que observei no meu momento de estágio, realizada pela Educadora da sala.

A proposta de atividade, encontra-se presente no **Anexo D**. Esta proposta tinha como principal objetivo a identificação e a pintura dos animais com quatro patas. Neste dia não estiveram presentes todas as crianças no contexto de sala de aula; assim sendo, avalei os dispositivos de avaliação de vinte e três crianças, sendo a turma constituída por vinte e oito elementos.

3.5.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1-Identificação e pintura dos animais com quatro patas

Pretende-se que a criança identifique corretamente na sua proposta de atividade os animais com quatro patas e que os pinte.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou e pintou todos os animais;
- Identificou e pintou alguns animais;
- Não identificou nem pintou nenhum animal;
- Não respondeu;
- Por cada resposta incorreta descontar - 0,1.

2-Preenchimento das imagens respeitando o espaço limitado.

Pretende-se que a criança pinte as imagens (animais de quatro patas), preenchendo os espaços limitados. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Preencheu todas as imagens respeitando o espaço;
- Preencheu todas imagens mas ultrapassa o espaço;
- Preencheu algumas imagens respeitando o espaço;
- Preencheu algumas imagens e ultrapassa o espaço;
- Não preencheu a totalidade da imagem e ultrapassa o espaço;
- Não responde

3- Apresentação

Pretende-se verificar se a criança foi cuidada na apresentação do seu trabalho. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Muito cuidada;
- Cuidada;
- Pouco cuidada.

De seguida, no Quadro 21 encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações atribuídas a cada critério

Quadro 21 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação e pintura dos animais com quatro patas	Identificou e pintou todos os animais	6	6
	Identificou e pintou alguns animais	3,5	
	Não identificou nem pintou nenhum animal	0	
	Não respondeu	0	
	Por cada resposta incorreta	- 0,1	
2. Preenchimento da imagem respeitando o espaço limitado	Preencheu todas as imagens respeitando o espaço	3	3
	Preencheu todas as imagens mas ultrapassa o espaço	2,5	
	Preencheu algumas imagens respeitando o espaço	2	
	Preencheu algumas imagens e ultrapassa o espaço	1,5	
	Não preencheu a totalidade da imagem e ultrapassa o espaço	0,5	
	Não respondeu	0	
3. Apresentação	Muito cuidada	1	1
	Cuidada	0,5	
	Pouco cuidada	0,2	

Seguidamente, no quadro 22, apresento a tabela/grelha referente à área do Conhecimento do Mundo, onde aparecem referidas as cotações dadas a cada criança em cada exercício, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 22 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação de Conhecimento do Mundo.

Parâmetros	1. Identificação e pintura os animais com quatro patas				2. Preenchimento da imagem respeitando o espaço limitado						3. Apresentação			Cotações	
	Identificou e pintou todos os animais	Identificou e pintou alguns animais	Não identificou nem pintou nenhum animal	Não respondeu	Por cada resposta incorreta	Preencheu todas as imagens respeitando o espaço	Preencheu todas as imagens ultrapassando o espaço	Preencheu algumas imagens respeitando o espaço	Preencheu algumas imagens ultrapassando o espaço	Não preencheu a totalidade da imagem ultrapassando o espaço	Não respondeu	Muito Cuidada	Cuidada		Pouco Cuidada
Alunos	6	3,5	0	0	-0,1	3	2,5	2	1,5	0,5	0	1	0,5	0,2	10
1	6						2,5						0,5		9
2	6						2,5			0,5			0,5		7
3	6						2,5							0,2	8,7
4	6				-0,2		2,5			0,5			0,5		9,3
5	6					3						1			10
6	6				-0,1		2,5							0,2	8,6
7	6						2,5							0,2	8,7
8	6					3						1			10
9	6				-0,1		2,5							0,2	8,6
10	6						2,5						0,5		9
11	6						2,5						0,5		9
12	6						2,5		1,5					0,2	8,7
13		3,5										1			6
14	6				-0,1		2,5						0,5		8,9
15	6					3						1			10
16	6				-0,1	3						1			9,9
17	6				-0,1		2,5						0,5		8,9
18	6						2,5							0,2	8,7
19	6						2,5							0,2	8,7
20	6				-0,1		2,5							0,2	8,6
21	6						2,5							0,2	8,7
22	6						2,5							0,2	8,7
23	6				-0,5				1,5					0,2	7,2
24	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
25	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
26	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
27	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
28	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráficos (Barras e Circular), de modo, a ser possível a visualização de toda a avaliação, a fim de, ser mais fácil de realizar uma descrição/análise eficaz do mesmo (Figura 79 e 80).

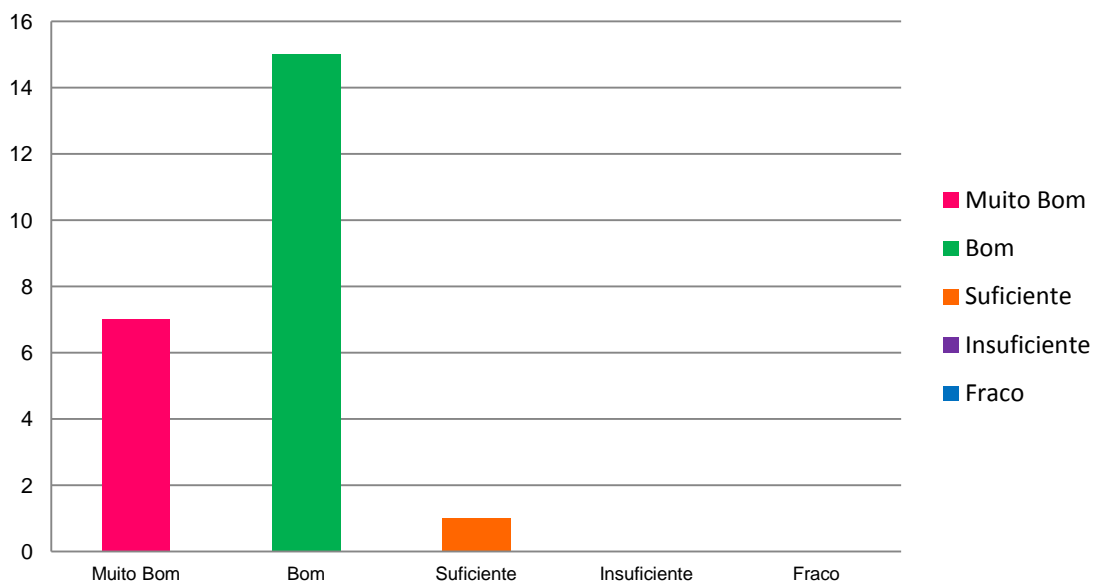


Figura 79 – Gráfico de Barras da Avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

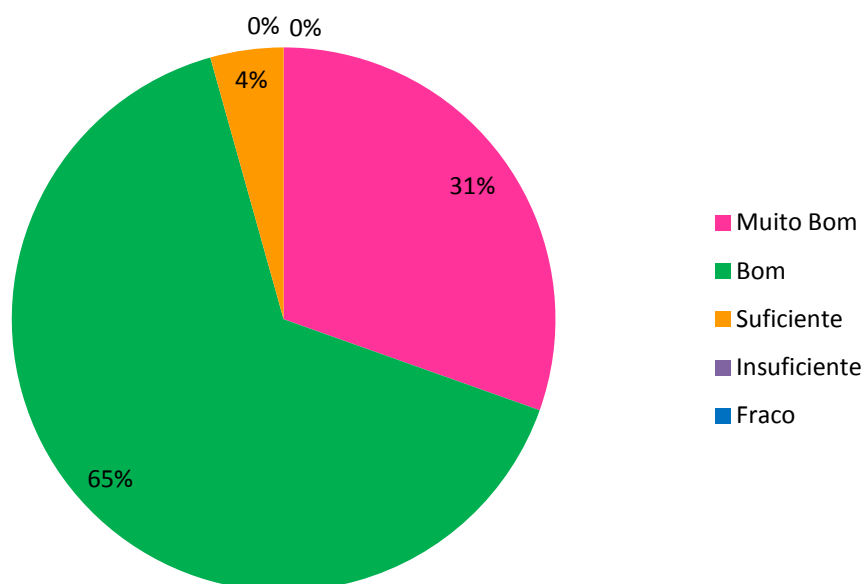


Figura 80 – Gráfico Circular de Avaliação do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

3.5.2. Descrição/análise dos resultados obtidos na avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

A grelha de avaliação que anteriormente se apresentou, foi realizada para vinte e oito crianças, mas cinco das mesmas não estiveram presentes nesse dia.

Relativamente ao primeiro parâmetro (Identificação e pintura dos animais com quatro patas), catorze crianças responderam corretamente. No entanto, uma criança só realizou corretamente parte do pretendido, tendo sido atribuída metade da cotação.

Os resultados referentes ao segundo parâmetro (Preenchimento da imagem respeitando o espaço limitado), foram positivos, pois podemos verificar que dezasseis crianças conseguiram realizar de forma totalmente correta o pretendido, mas duas crianças atingiram simplesmente metade da cotação, pois só preencheram algumas imagens e ultrapassaram o espaço, por fim, duas crianças não preencheram nada na totalidade, tendo-lhes sido atribuída a cotação mínima.

Quanto ao terceiro parâmetro (apresentação), cinco crianças atingiram a cotação máxima, sete crianças obtiveram metade da cotação e, por fim, onze crianças tiveram cotação mínima.

Ao longo da proposta avaliada, posso verificar que 31% das crianças obtiveram classificação de Muito Bom, que corresponde a sete crianças. No entanto, três crianças atingiram a cotação máxima. Mesmo assim, 65% das crianças alcançaram nota de Bom, que corresponde a quinze crianças. Nesta proposta de atividade, uma criança obteve a classificação de Suficiente, cuja cotação foi de 4%. Não existindo, por sua vez, nenhuma classificação denominada de Insuficiente e Fraco, assim sendo, seis valores foi a nota mais baixa existente nesta proposta de trabalho.

Assim, posso concluir que apesar da idade (3 anos), estas crianças tinham os conceitos pretendidos para esta atividade bem dominados. Tendo a contagem e a identificação de animais com patas, como principal objetivo.

3.6. Dispositivo de avaliação na Área de Língua Portuguesa

Este dispositivo de avaliação refere-se a uma atividade realizada na Área de Língua Portuguesa. A atividade foi executada no dia 20 de maio de 2011, com as crianças do 3.º Ano A.

A proposta de trabalho escolhida, foi realizada na minha aula programada, e encontra-se presente no **Anexo E**. Esta proposta de atividade, tinha como principal objetivo completar o poema, escrevendo corretamente a palavra que representa a conjugação de um verbo no Modo Condicional a partir de um exemplo dado.

Neste dia, não estiveram presentes todas as crianças no contexto de sala de aula (dezassete crianças), assim sendo, avalei os dispositivos de avaliação de dezasseis crianças.

3.6.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1-Completar o poema.

Pretende-se que a criança complete corretamente na sua proposta de atividade, os verbos conjugados no tempo verbal solicitado.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Completou o poema com os quatro verbos.
- Completou o poema com três verbos.
- Completou o poema com dois verbos.
- Completou o poema com um verbo.
- Não completou o poema.
- Não respondeu
- Por cada erro ortográfico descontar 0,1 décima.

2- Elaborar uma frase com o verbo conjugado no Modo pretendido.

Pretende-se que a criança crie uma frase utilizando as indicações pretendidas. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Elaborou a frase com o pretendido.
- Elaborou a frase incorretamente
- Não elaborou a frase.
- Não responde
- Cada erro ortográfico descontar 0,1 décima.

De seguida, no Quadro 23 encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 23 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa

Parâmetros	Crítérios		Cotações
1- Completar o poema.	Completou o poema com os quatro verbos	6	6
	Completou o poema com três verbos	4,5	
	Completou o poema com dois verbos	3	
	Completou o poema com um verbo.	1,5	
	Não completou o poema.	0	
	Não respondeu	0	
	Por cada erro ortográfico descontar	-0,1	
2- Elaborar uma frase com o Modo pretendido.	Elaborou a frase com o pretendido	4	4
	Elaborou a frase incorretamente	0	
	Não elaborou a frase	0	
	Não respondeu	0	
	Cada erro ortográfico descontar	-0,1	

Seguidamente, no quadro 24, apresento a tabela/grelha referente à área de Língua Portuguesa, onde aparecem referidas as cotações atribuída a cada criança em cada exercício de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 24 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa.

Alunos	1 – Completar o poema					2- Elaborar uma frase com o Modo pretendido					Cotações		
	Completou o poema com os quatro verbos	Completou o poema com três verbos	Completou o poema com dois verbos	Completou o poema com um verbo	Não completou o poema.	Não respondeu	Por cada erro ortográfico descontar	Elaborou a frase corretamente	Elaborou a frase incorretamente	Não elaborou a frase		Não respondeu	Cada erro ortográfico descontar.
1	6	4,5	3	1,5	0	0	-0,1	X	X	0	0	-0,1	10
2	6						-0,1		4			-0,1	9,9
3	6								4			-0,1	9,9
4	6								4			-0,1	9,9
5	6								4			-0,1	9,9
6	6								4			-0,1	9,9
7	6								4				10
8	6								4			-0,2	9,8
9	6								4				10
10	6						-0,1		4				9,9
11	6								4				10
12	6								4				10
13	6								4				10
14	6								4				10
15	6								4				10
16	6								4				10
17	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X		X

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráfico (Circular), de modo, a ser possível a visualização de toda a avaliação, a fim de ser mais fácil de realizar uma descrição/análise eficaz do mesmo (Figura 81).

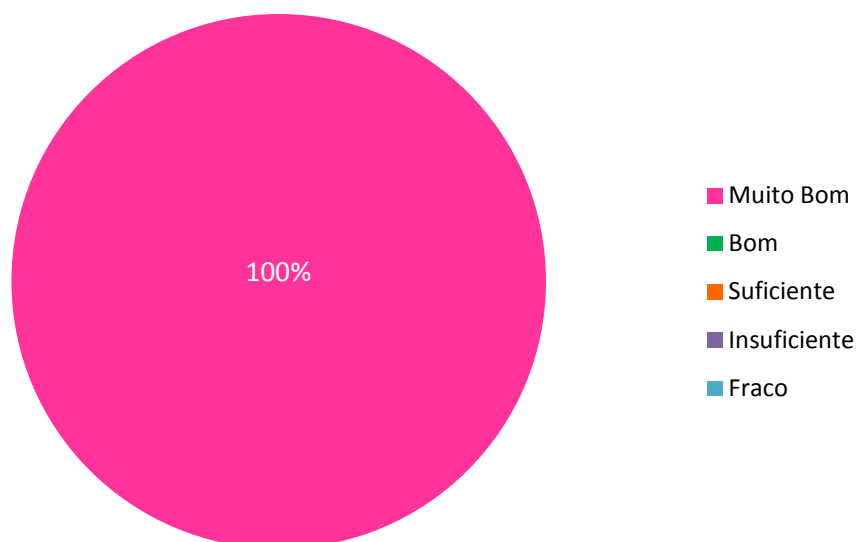


Figura 81 – Gráfico Circular de Avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Língua Portuguesa

3.6.2. Descrição/ análise dos resultados obtidos na avaliação da Área da Língua Portuguesa

Na grelha anteriormente apresentada, podemos observar que, das dezassete crianças, apenas dezasseis foram avaliadas.

No primeiro parâmetro (Completar o poema), os resultados foram muito positivos, pois podemos verificar que as dezasseis crianças conseguiram realizar corretamente o pretendido. No entanto, dois desses alunos não obtiveram a cotação máxima por terem tido erros ortográficos.

Os resultados referentes ao segundo parâmetro (Elaborar uma frase com o Modo pretendido), as dezasseis crianças voltaram a responder corretamente, mas devido aos erros ortográficos, sete crianças não tiveram cotação máxima na questão.

Após esta descrição, na avaliação total de toda a proposta de atividade, oito crianças tiveram a cotação máxima (10 valores). As restantes crianças não o obtiveram, devido à existência de erros ortográficos, pois é visível a compreensão correta da proposta elaborada.

Em suma, o conteúdo foi bem assimilado, as únicas dificuldades encontradas foram a nível da ortografia, devendo alguns alunos trabalharem este pormenor.

3.7. Dispositivo de avaliação na Área de Matemática

Este dispositivo de avaliação refere-se a uma atividade realizada na Área de Matemática. A atividade foi executada no dia 31 de maio de 2011, com as crianças do 3.º Ano A.

A proposta de trabalho escolhida foi realizada, numa manhã de aula e encontra-se presente no **Anexo F**. Esta proposta de atividade, tinha como principal objetivo a criança saber calcular o volume do cubo e do paralelepípedo. Antes da elaboração da proposta de trabalho, foram realizadas revisões das fórmulas necessárias para a execução da atividade. Neste dia estiveram presentes, todas as crianças no contexto de sala de aula, assim sendo, avalei os dispositivos de avaliação de dezassete crianças.

3.7.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1-Identificação e Cálculo do volume do tanque.

Pretende-se que a criança identifique os dados necessários e calcule corretamente na sua proposta de atividade, o volume da “figura” solicitada.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou o dado do problema.
- Não identificou o dado do problema.
- Apresentou as indicações do problema corretamente.
- Apresentou as indicações do problema de forma incompleta.
- Não apresentou as indicações do problema.
- Efetuou a operação corretamente.
- Não efetuou nenhuma operação.
- Elaborou corretamente a resposta ao problema.
- Não elaborou a resposta ao problema.
- Por cada erro ortográfico descontar 0,1 décima.

2-Identificação e Cálculo do volume da caixa de brinquedos da Constança.

Pretende-se que a criança identifique os dados necessários e calcule corretamente na sua proposta de atividade o volume da “figura” solicitada.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou os dados do problema.
- Não identificou os dados do problema.

- Apresentou as indicações do problema corretamente.
- Apresentou as indicações do problema de forma incompleta.
- Não apresentou as indicações do problema.
- Efetuou as duas operações corretamente.
- Efetuou uma operação corretamente.
- Não efetuou nenhuma operação.
- Elaborou corretamente a resposta ao problema.
- Não elaborou a resposta ao problema.
- Por cada erro ortográfico descontar 0,1 décima.

3-Identificação e Cálculo do volume de duas jarras.

Pretende-se que a criança identifique os dados necessários e calcule corretamente na sua proposta de atividade, o volume da “figura” solicitada.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou os dados do problema.
- Não identificou os dados do problema.
- Apresentou as indicações do problema corretamente.
- Apresentou as indicações do problema de forma incompleta.
- Não apresentou as indicações do problema.
- Efetuou as duas operações corretamente.
- Efetuou uma operação corretamente.
- Não efetuou nenhuma operação.
- Elaborou corretamente a resposta ao problema.
- Não elaborou a resposta ao problema.
- Por cada erro ortográfico descontar 0,1 décima.

4-Identificação e Cálculo do volume do pacote de cereais.

Pretende-se que a criança identifique os dados necessários e calcule corretamente na sua proposta de atividade, o volume da “figura” solicitada.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identificou os dados do problema.
- Não identificou os dados do problema.
- Apresentou as indicações do problema corretamente.
- Apresentou as indicações do problema de forma incompleta.
- Não apresentou as indicações do problema.

- Efetuou as duas operações corretamente.
- Efetuou uma operação corretamente.
- Não efetuou nenhuma operação.
- Elaborou corretamente a resposta ao problema.
- Não elaborou a resposta ao problema.
- Por cada erro ortográfico descontar 0,1 décima.

De seguida, no Quadro 25, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 25 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação de Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações
1- Identificação e cálculo do volume do tanque.	Identificou o dado do problema	0,2	1,5
	Não identificou o dado do problema	0	
	Apresentou as indicações do problema corretamente	0,4	
	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	0,2	
	Não apresentou as indicações do problema	0	
	Efetudou a operação corretamente	0,7	
	Não efetuou a operação	0	
	Elaborou corretamente a resposta ao problema	0,2	
	Não elaborou a resposta ao problema	0	
	Cada erro ortográfico descontar	-0,1	
2- Identificação e cálculo do volume da caixa de brinquedos da Constança.	Identificou o dado do problema	0,2	1,5
	Não identificou o dado do problema	0	
	Apresentou as indicações do problema corretamente	0,4	
	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	0,2	
	Não apresentou as indicações do problema	0	
	Efetudou as duas operações corretamente	0,7	
	Efetudou uma operação corretamente	0,35	
	Não efetuou nenhuma operação	0	
	Elaborou corretamente a resposta ao problema	0,2	
	Não elaborou a resposta ao problema	0	
Cada erro ortográfico descontar	-0,1		

3- Identificação e cálculo do volume de duas jarras.	Identificou o dado do problema	0,8	4
	Não identificou o dado do problema	0	
	Apresentou as indicações do problema corretamente	0,8	
	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	0,4	
	Não apresentou as indicações do problema	0	
	Efetuiu as duas operações corretamente	1,7	
	Efetuiu uma operação corretamente	0,85	
	Não efetuou a operação	0	
	Elaborou corretamente a resposta ao problema	0,7	
	Não elaborou a resposta ao problema	0	
	Cada erro ortográfico descontar	-0,1	
	4- Identificação e cálculo do volume da caixa de cereais.	Identificou o dado do problema	
Não identificou o dado do problema		0	
Apresentou as indicações do problema corretamente		0,6	
Apresentou as indicações do problema de forma incompleta		0,2	
Não apresentou as indicações do problema		0	
Efetuiu duas operações corretamente		1,6	
Efetuiu uma operação corretamente		0,80	
Não efetuou nenhuma operação		0	
Elaborou corretamente a resposta ao problema		0,4	
Não elaborou a resposta ao problema		0	
Cada erro ortográfico descontar		-0,1	

Seguidamente, nos quadros 26, 27, 28 e 29, apresento a tabela/grelha referente à área de Matemática, onde aparecem referidas as cotações atribuídas a cada criança em cada exercício e de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 26 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

Parâmetros	1 – Identificação e cálculo do volume do tanque										Cotações	
	Identificou o dado do problema	Não identificou o dado do problema	Apresentou as indicações do problema corretamente	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	Não apresentou as indicações do problema	Efezou a operação corretamente	Não efetuou a operação	Elaborou corretamente a resposta ao problema	Não elaborou a resposta ao problema	Cada erro ortográfico		0 a 1,5 pontos
Alunos	1	0,2	0	0,4	0,2	0	0,7	0	0,2	0	-0,1	1,5
	2	0,2		0,4	0,2		0,7		0,2			1,3
	3	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	4	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	5	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	6	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	7	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	8	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	9	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	10	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	11	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	12	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	13	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5
	14	0,2		0,4			0,7		0			1,3
	15	0,2		0,4			0,7		0			1,3
	16	0,2		0,4			0,7		0			1,3
	17	0,2		0,4			0,7		0,2			1,5

Quadro 27 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

Parâmetros	2 – Identificação e cálculo do volume da caixa de brinquedos da Constança										Cotações		
	Critérios	Identificou o dado do problema	Não identificou o dado do problema	Apresentou as indicações do problema corretamente	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	Não apresentou as indicações do problema	Efeetuou as duas operações corretamente	Efeetuou uma operação corretamente	Não efetuou nenhuma operação	Elaborou corretamente a resposta ao problema		Não elaborou a resposta ao problema	Cada erro ortográfico
Alunos		0,2	0	0,4	0,2	0	0,7	0,35	0	0,2	0	-0,1	1,5
1		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
2		0,2		0,4			0,7				0		1,3
3		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
4		0,2		0,4			0,7				0		1,3
5		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
6		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
7		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
8		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
9		0,2		0,4			0,7				0		1,3
10		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
11		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
12		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5
13		0,2			0,2		0,7			0,2			1,3
14		0,2			0,2		0,7				0		1,1
15		0,2		0,4			0,7				0		1,3
16		0,2		0,4			0,7				0		1,3
17		0,2		0,4			0,7			0,2			1,5

Quadro 28 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

Parâmetros	3 – Identificação e cálculo do volume das duas jarras											Cotações
	Identificou o dado do problema	Não identificou o dado do problema	Apresentou as indicações do problema corretamente	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	Não apresentou as indicações do problema	Efetuiu as duas operações corretamente	Efetuiu uma operação corretamente	Não efetuou nenhuma operação	Elaborou corretamente a resposta ao problema	Não elaborou a resposta ao problema	Cada erro ortográfico	
Alunos	0,8	0	0,8	0,4	0	1,7	0,85	0	0,7	0	-0,1	4
1	0,8		0,8			1,7			0,7			4
2	0,8		0,8			1,7			0,7			4
3	0,8		0,8			1,7			0,7			4
4		0	0,8			1,7			0,7			3,2
5	0,8		0,8			1,7			0,7			4
6	0,8		0,8			1,7			0,7			4
7	0,8		0,8			1,7			0,7			4
8	0,8		0,8			1,7			0,7			4
9	0,8		0,8			1,7			0,7			4
10	0,8		0,8			1,7				0		3,3
11	0,8		0,8			1,7				0		3,3
12	0,8		0,8			1,7			0,7			4
13		0	0,8			1,7				0		2,5
14	0,8		0,8			1,7			0,7			4
15		0	0,8			1,7				0		2,5
16		0	0,8			1,7				0		2,5
17		0	0,8			1,7				0		2,5

Quadro 29 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

Parâmetros	4 – Identificação e cálculo do volume da caixa de cereais											Cotações	
	Critérios	Identificou o dado do problema	Não identificou o dado do problema	Apresentou as indicações do problema corretamente	Apresentou as indicações do problema de forma incompleta	Não apresentou as indicações do problema	Efeetuou as duas operações corretamente	Efeetuou uma operação corretamente	Não efetuou nenhuma operação	Elaborou corretamente a resposta ao problema	Não elaborou a resposta ao problema		Cada erro ortográfico
Alunos		0,4	0	0,6	0,2	0	1,6	0,80	0	0,4	0	-0,1	3
1		0,4		0,6			1,6				0		2,6
2		0,4		0,6			1,6			0,4			3
3		0,4		0,6			1,6			0,4			3
4			0	0,6			1,6				0		2,2
5			0	0,6			1,6			0,4			2,6
6		0,4		0,6			1,6			0,4			3
7		0,4		0,6			1,6			0,4			3
8		0,4		0,6			1,6			0,4			3
9		0,4		0,6			1,6			0,4			3
10		0,4		0,6			1,6			0,4	0		2,6
11		0,4		0,6			1,6			0,4			3
12		0,4		0,6			1,6			0,4			3
13		0,4		0,6			1,6			0,4	0		2,6
14			0	0,6			1,6				0		2,2
15			0	0,6			1,6				0		2,2
16			0	0,6			1,6				0		2,2
17		0,4		0,6			1,6				0		2,6

Visto ter dividido as grelhas por exercícios, no fim realizei uma tabela (Quadro 30), que sintetiza todos os valores, de modo, a que a cotação total fosse mais fácil de observar.

Quadro 30 - Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

Parâmetro	1	2	3	4	Cotação
Alunos	0 a 1,5 pontos	0 a 1,5 pontos	0 a 4 pontos	0 a 3 pontos	0 a 10 pontos
1	1,5	1,5	4	2,6	9,6
2	1,3	1,3	4	3	9,6
3	1,5	1,5	4	3	10
4	1,5	1,3	3,2	2,2	8,2
5	1,5	1,5	4	2,6	9,6
6	1,5	1,5	4	3	10
7	1,5	1,5	4	3	10
8	1,5	1,5	4	3	10
9	1,5	1,3	4	2,6	9,4
10	1,5	1,5	3,3	3	9,3
11	1,5	1,5	3,3	3	9,3
12	1,5	1,5	4	3	10
13	1,5	1,3	2,5	2,6	7,9
14	1,3	1,1	4	2,2	8,6
15	1,3	1,3	2,5	2,2	7,3
16	1,3	1,3	2,5	2,2	7,3
17	1,5	1,5	2,5	2,6	8,1

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráficos (Barras e Circular), para uma melhor visualização dos resultados obtidos (Figura 82 e 83).

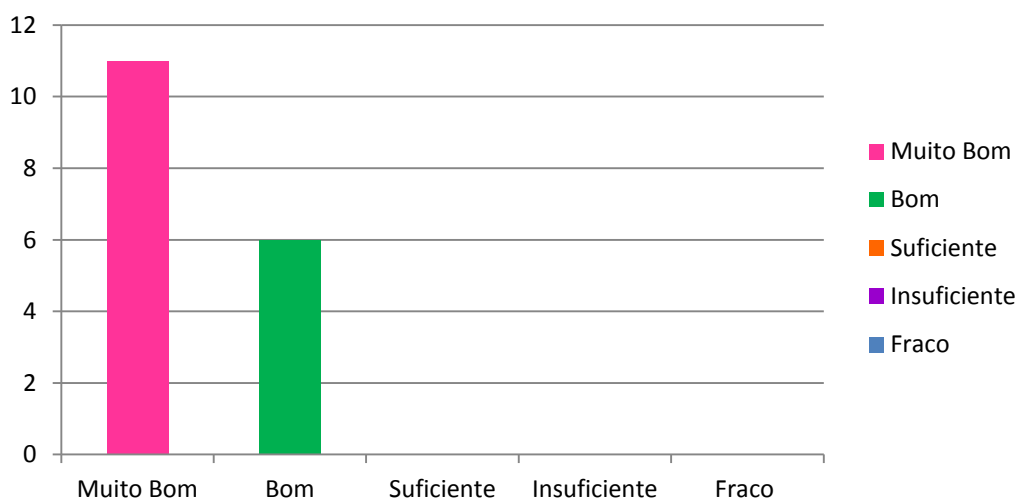


Figura 82 – Gráfico de barras de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

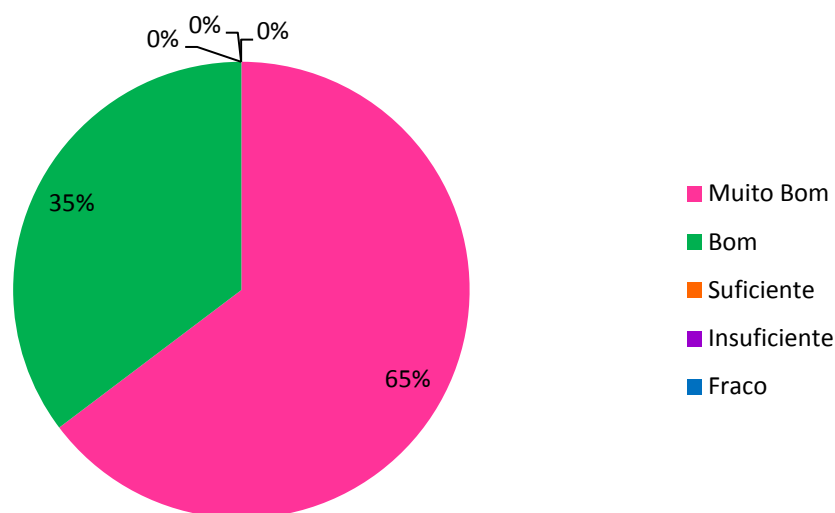


Figura 83 – Gráfico de barras de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Matemática

3.7.2. Descrição/análise dos resultados obtidos na avaliação da Área de Matemática

Na grelha anteriormente apresentada, podemos observar que todas as crianças foram avaliadas na proposta de trabalho.

No primeiro parâmetro (Identificação e cálculo do volume do tanque), os resultados foram muito positivos, pois podemos verificar que as dezassete crianças conseguiram realizar corretamente o pretendido. No entanto, quatro desses alunos não obtiveram a cotação máxima por não terem elaborado a resposta do problema.

Os resultados referentes ao segundo parâmetro (Identificação e cálculo do volume da caixa de brinquedos da Constança), as dezassete crianças voltaram a responder corretamente, mas devido à não formulação da resposta ao problema, sete crianças não obtiveram cotação máxima na questão.

Relativamente ao terceiro parâmetro (Identificação e cálculo do volume das duas jarras), os resultados foram satisfatórios, em virtude de ainda existirem alunos que não alcançaram a cotação máxima, devido ao já referido anteriormente. No entanto, onze crianças obtiveram a cotação máxima.

No quarto parâmetro (Identificação e cálculo do volume da caixa de cereais), o mesmo voltou a acontecer, no entanto, oito crianças conseguiram alcançar a cotação máxima.

Após esta descrição, na avaliação total de toda a proposta de atividade, cinco crianças tiveram a cotação máxima (10 valores). As restantes crianças, não o obtiveram devido à não elaboração das respostas alusivas aos problemas, pois é visível a compreensão correta da matéria abrangida pela proposta de trabalho.

3.6. Dispositivo de avaliação na Área de Estudo do Meio

Esta avaliação refere-se a uma atividade realizada na Área de Estudo do Meio. A atividade foi executada no dia 17 de janeiro de 2012, com as crianças do 4.º Ano A.

A proposta de trabalho escolhida, foi realizada na minha manhã de aula, e encontra-se presente no **Anexo G**. Esta proposta de atividade, tinha como principal objetivo completar identificar conceitos e características das ao longo da aula sobre o tema: “Sinalização da Costa”.

Neste dia não estiveram presentes, todas as crianças no contexto de sala de aula (dezassete crianças), assim sendo, avalei os dispositivos de avaliação de quinze crianças.

3.6.1. Descrição dos parâmetros e critérios

1-Correspondência imagem - conceito.

Pretende-se que a criança complete corretamente na sua proposta de atividade, a correspondência solicitada.

Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Ligou corretamente os três conceitos.
- Ligou corretamente os dois conceitos.
- Ligou corretamente um conceito.
- Não ligou nenhum conceito corretamente.
- Não respondeu.

2- Responder com a opção correta às questões de escolha múltipla.

Pretende-se que a criança identifique qual a opção correta de forma a responder à questão colocada. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Assinalou todas (três) as opções corretamente.
- Assinalou duas opções corretamente.
- Assinalou uma opção corretamente.
- Não responde.
- Indicou as respostas com um X conforme o solicitado.
- Não indicou as respostas conforme o solicitado.

3- Responder à questão aplicando conhecimentos já intrínsecos ou adquiridos em aula sobre o tema.

Pretende-se que a criança responda à questão colocada de forma adequada introduzindo os conceitos e aspetos apresentados em aula. Neste parâmetro, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Conhece e já subiu.
- Conhece e não subiu.
- Não conhece.
- Sabe o nome.
- Não sabe o nome.
- Não sabe o nome.
- Por cada erro ortográfico (-0,1).

De seguida, no Quadro 31, encontra-se uma tabela onde são atribuídas as cotações atribuídas a cada critério.

Quadro 31 - Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotações
1- Correspondência imagem - conceito.	Ligou corretamente os três conceitos.	4	4
	Ligou corretamente dois conceitos.	2,5	
	Ligou corretamente um conceito.	1,5	
	Não ligou nenhum conceito corretamente	0	
	Não respondeu	0	
2- Responder com a opção correta às questões de escolha múltipla.	Assinalou todas (três) as opções corretamente.	3,3	3,5
	Assinalou duas opções corretamente.	1,5	
	Assinalou uma opção corretamente.	1	
	Não assinalou nenhuma opção corretamente.	0	
	Não respondeu	0	
	Indicou as respostas com um X conforme o solicitado.	0,2	
	Não indicou as respostas conforme o solicitado.	0	
3- Responder à questão aplicando conhecimentos...	Conhece e já subiu	1	2,5
	Conhece e não subiu	0,5	
	Não conhece	0	
	Sabe o nome	1,5	
	Não sabe o nome	0	
	Por cada erro ortográfico	-0,1	

Seguidamente, nos quadros 32 e 33, apresento a tabela/grelha referente à área de Matemática, onde aparecem referidas as cotações atribuídas a cada criança em cada exercício e de acordo com, os parâmetros estabelecidos, bem como a sua representação total em cotação numérica.

Quadro 32 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	1 – Correspondência imagem - conceito.					2- Responder com a opção correta às questões de escolha múltipla						
	Ligou corretamente os três conceitos.	Ligou corretamente dois conceitos.	Ligou corretamente um conceito.	Não ligou nenhum conceito corretamente	Não respondeu	Assinalou todas (três) as opções corretamente	Assinalou duas opções corretamente.	Assinalou uma opção corretamente	Não assinalou nenhuma opção corretamente.	Não respondeu	Indicou as respostas com um X conforme solicitado	Não indicou as respostas conforme o solicitado
Alunos	4	2,5	1,5	0	0	3,3	1,5	1	0	0	0,2	0
1	4					3,3					0,2	0
2	4						1,5					0
3	4					3,3					0,2	
4	4						1,5					0
5	4					3,3					0,2	
6	4					3,3					0,2	
7	4					3,3					0,2	
8	4					3,3					0,2	
9	4					3,3					0,2	
10	4					3,3					0,2	
11	4					3,3					0,2	
12	4					3,3					0,2	
13	4					3,3					0,2	
14	4					3,3					0,2	
15	4					3,3					0,2	0
16	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
17	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 33 – Grelha de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	3- Responder à questão aplicando conhecimentos...						Cotações	
	Critérios	Conhece e já subitiu	Conhece e não subitiu	Não conhece nem subitiu	Sabe o nome	Não sabe o nome		Por cada erro ortográfico
Alunos		1	0,5	0	1,5	0	-0,1	2,5
1		1			1,5		-0,2	2,3
2				0	1,5		-0,1	1,4
3			0,5		1,5			2
4			0,5		1,5			2
5			0,5		1,5		-0,1	1,9
6		1			1,5		-0,5	2
7				0	1,5			1,5
8			0,5		1,5			2
9				0	1,5		-0,1	1,4
10				0	1,5		-0,1	1,4
11		1			1,5		-0,2	2,3
12				0	1,5			1,5
13			0,5		1,5			2
14		1			1,5			2,5
15			0,5			0		0,5
16		X	X	X	X	X	X	X
17		X	X	X	X	X	X	X

Visto ter dividido as grelhas por exercícios, no fim realizei uma tabela (Quadro 34), que sintetiza todos os valores, de modo, a que a cotação total fosse mais fácil de observar.

Quadro 34 - Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	1/2	3	Cotação
Alunos	0 a 7,5 pontos	0 a 2,5 pontos	0 a 10 pontos
1	7,5	2,3	9,8
2	5,5	1,4	6,9
3	7,5	2	9,5
4	5,5	2	7,5
5	7,5	1,9	9,4
6	7,5	2	9,5
7	7,5	1,5	9
8	7,5	2	9,5
9	7,5	1,4	8,9
10	7,5	1,4	8,9
11	7,5	2,3	9,8
12	7,5	1,5	9
13	7,5	2	9,5
14	7,5	2,5	10
15	7,5	0,5	8
16	X	X	X
17	X	X	X

De seguida, apresento os resultados obtidos em gráficos (Barras e Circular), para melhor visualização dos resultados obtidos (Figura 84 e 85)

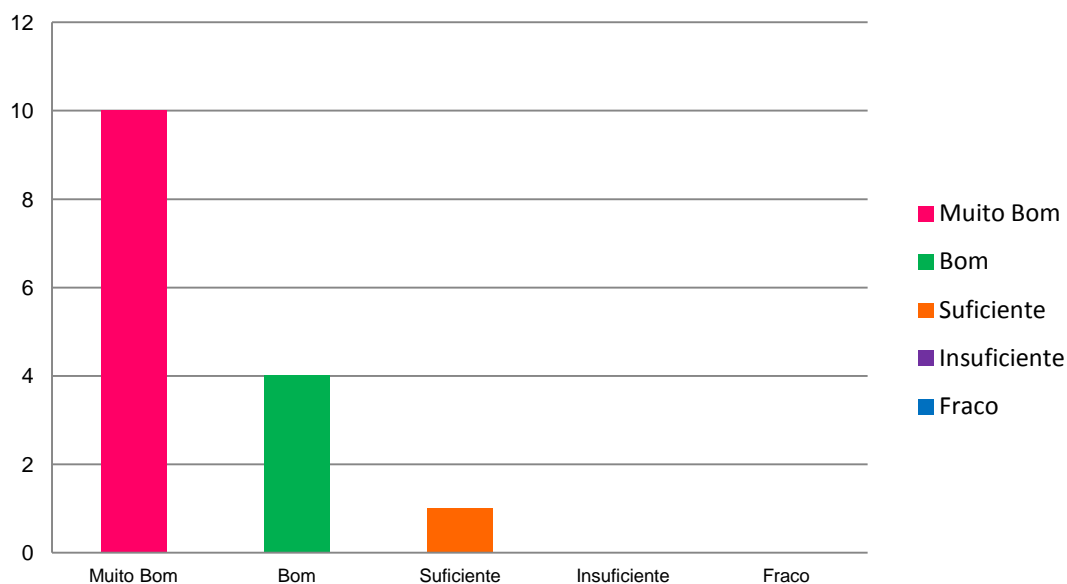


Figura 84 – Gráfico de barras de avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

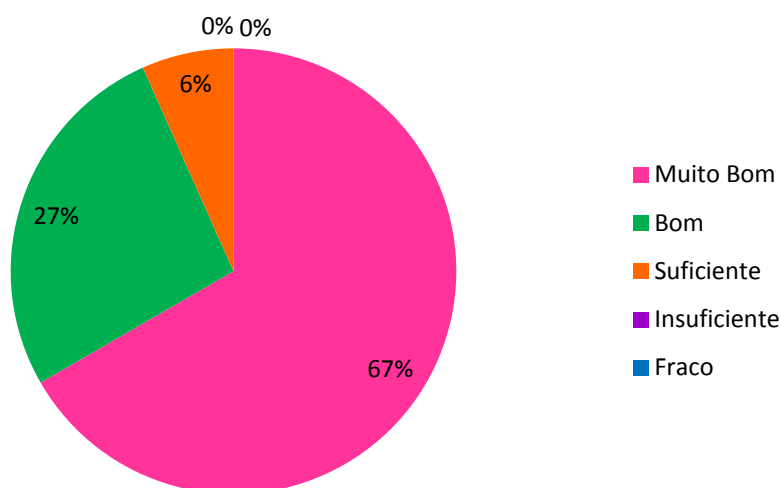


Figura 85 – Gráfico Circular de Avaliação do dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio

3.6.2. Descrição/ análise dos resultados obtidos na avaliação da Área de Estudo do Meio

Na grelha anteriormente apresentada, podemos observar que, das dezassete crianças, apenas quinze foram avaliadas.

No primeiro parâmetro (correspondência imagem-conceito), os resultados foram muito positivos, pois podemos verificar que toda a turma teve a cotação máxima. Este resultado mostra que os conceitos falados em aula foram devidamente interiorizados.

Os resultados referentes ao segundo parâmetro (responder com a opção correta às questões de escolha múltipla), a maioria responderam corretamente, existindo alguns casos em que a cotação não foi dada na totalidade, devido a falta de interpretação do enunciado.

No terceiro parâmetro só as cotações foram diferentes dos exercícios anteriormente falados. Pois este exercício regeu-se muito pelo que as crianças sabiam, ou seja, os conhecimentos que cada um tinha sobre o tema em si. No entanto, alguns tiveram nota mais baixa, também devido à existência de erros ortográficos.

Após esta descrição, na avaliação total de toda a proposta de atividade, dez crianças tiveram avaliação de Muito Bom, tendo simplesmente uma criança atingido a cotação de 10 valores. Quatro crianças atingiram a cotação de Bom, tendo assim, uma criança, a cotação de suficiente. Nesta proposta de trabalho não existiram notas negativas, o que é gratificante, pois as notas inferiores a Muito Bom só existiram devido à falta de atenção prestada pelas crianças.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

Na Escola Superior de Educação João de Deus, a Prática de Ensino Supervisionada é muito valorizada pela sua importância para nos preparar como futuros docentes, tendo por base a ligação estreita e fundamental entre a teoria e a prática. O Estágio Profissional I, II e III decorreu entre os dias 11 de outubro de 2010 e 27 de janeiro de 2012, desenvolveu-se ao longo de 3 semestres letivos consecutivos e permitiu-me o desenvolvimento de competências práticas fundamentais para um desempenho responsável, dinâmico e adequado à sala de aula.

A importância da elaboração deste relatório consistiu principalmente num olhar autocrítico em que foi possível observar, de forma objetiva, todo o trabalho elaborado e efetuado ao longo deste período de estágio e a sua reunião neste formato escrito de um Relatório de Estágio Profissional.

Ao longo do mesmo foram-se realizando reuniões pontuais em que eram produzidos *feedbacks* sobre a nossa prestação enquanto estagiários. Estes comentários foram sempre recebidos, nem sempre com a mesma satisfação uma vez que refletiam em direto e a “quente” a prestação de cada estagiário em cada momento. Umhas vezes a nossa prestação tinha sido bastante satisfatória, ainda que fosse necessário “limar algumas arestas”, outras vezes as atividades que tínhamos desenvolvido não tinham sido as mais adequadas, pelo que as professoras cooperantes e as professoras da equipa de supervisão aproveitavam esse momento para nos ajudar a refletir, a compreender e a pensar em alterar certos procedimentos para que, no futuro, as nossas aulas/atividades pudessem ser mais eficazes e adequadas.

Estes momentos foram difíceis mas determinantes para nos ajudar a evoluir, aprender e desenvolver determinadas características essenciais ao perfil de um bom Educador/Professor.

Deste modo, foi possível refletir sobre o modo de atuar enquanto estagiária e a melhor maneira de ser corrigida, não só o que foi sendo sugerido e aconselhado pelas Educadoras que foram acompanhado todo o trabalho e os Professores da Equipa de Supervisão, assim como algo que se tenha verificado como não sendo a conduta mais correta a tomar.

De acordo com Ralha- Simões e Simões (1990, citado por Galveias, 2008):

o processo de supervisão não se resume a uma mera modificação dos comportamentos ou à transmissão de conhecimentos, de procedimentos ou de atitudes, a mas proporciona condições de desenvolvimento pessoal e implementa estratégias que conduzem a uma maior eficácia do professor através da activação do seu desenvolvimento profissional (p.9).

Na prática, o meu estágio tornou-se um momento de autodescoberta. Em várias atividades houve a possibilidade de por em prática a relação teórico-prática, o que permitiu uma aprendizagem, um crescimento e um desenvolvimento profissional constante.

Como refere Mesquita (2011)

ao longo de todo o processo de formação de um professor ocorrem várias metamorfoses: alteração de comportamento; assimilação de novos conhecimentos; consagração de competências profissionais; modificação do *eu* pessoal e profissional; tudo isto perante uma sociedade que, também ela se metamorfoseia em todas as áreas do saber e em cada segundo que passa (p.42).

A Declaração de Bolonha conseguiu fazer com que o condicionamento de ensino se regulasse, de forma a que os professores pudessem ter uma maior autonomia na escolha da sua formação profissional. No seguimento do Modelo referido anteriormente, tornou-se possível realizar uma escolha mais certa. Assim sendo, escolhi frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o que possibilitou uma aquisição das duas valências de uma forma mais uniforme, coerente, rápida e eficaz.

O desafio que tinha pela frente era ambicioso, adquirir a possibilidade da dupla titularidade. Por isso foi necessário adaptar-me às diversas faixas etárias e saber planificar, conduzir, avaliar atividades para um leque de idades tão diferenciado dos 3 aos 9 anos de idade, com as respetivas particularidades em termos das Orientações Curriculares do Pré-Escolar e a Organização Curricular para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O ato de planificar é considerado um processo de pensamento que o professor deve ter antes de interagir com a turma; o modo como aborda determinado tema poderá ser fulcral no modo como a turma reage e aprende.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização” (p.26).

A planificação é uma fase de trabalho importante para o docente para que este tenha um método organizado e pensado de abordar os temas em que se propõe trabalhar.

Deste modo, o docente passa também a ter uma maior perceção do tempo disponível que tem para trabalhar. Devido a todos estes fatores, o docente obterá uma aula mais fluida e organizada, tendo a possibilidade de se alargar um pouco mais se achar necessário.

Esta planificação, previamente pensada e estudada, também tem a possibilidade de ser colocada de parte ou alterada caso seja necessário, ou simplesmente anulada caso não existam de todo condições para que o plano se desenvolva.

A avaliação tem três componentes essenciais necessárias em qualquer base de avaliação: regular o processo de ensino-aprendizagem, intervir face às dificuldades dos alunos e conduzir os alunos ao sucesso.

Segundo Bartolomeis (1999) “a avaliação no seio da actividade de aprendizagem e de produção é, portanto, uma necessidade, tanto para o professor como para os alunos” (p.39).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2002) “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo em evolução” (p.27).

Ao preparar os capítulos da planificação e dos dispositivos de avaliação, reparei que são essenciais para o desenvolvimento da atividade de um Educador/Professor e foi aqui provavelmente onde encontrei mais dificuldades. À medida que dava os primeiros passos nestas duas áreas tão importantes, fui reconhecendo através da experiência a sua utilidade e a melhor forma de ir avaliando a minha própria prestação enquanto aluna estagiária.

Tive assim oportunidade através dos trabalhos realizados pelos alunos, compreender e perceber se as atividades que tinha preparado para desenvolver certos conteúdos, capacidades/destrezas, atitudes/valores tinham sido conseguidas. Por vezes, foi necessário repetir uma ou outra proposta de trabalho, introduzindo alterações à mesma para conseguir obter melhores resultados.

O Estágio e a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional são os meios práticos de avaliação, já o relatório é um meio teórico a avaliar. Estes três componentes da avaliação serviram para que eu desenvolvesse capacidades, competências essenciais para a futura docência.

Estes cinco anos de estudo e aprendizagem tornaram possível e contribuíram para que, enquanto estagiária, fosse evoluindo de uma forma gradual, com a ajuda, apoio e supervisão dos professores, dos colegas, das professoras cooperantes, das crianças, da família e dos amigos.

O trabalho escrito constitui um ponto muito importante para a minha vida futura pois reúne várias práticas, modelos que quero seguir, fundamentação teórica que será muito útil como ponto de partida à vida de um Educador/Professor, ideias de aulas e atividades, de planos de aula, de propostas de avaliação, que poderão ser utilizadas ou servir de base para preparar novas. Agora que termino esta fase na minha vida académica apercebo-me, por um lado, o percurso que realizei, a evolução que senti,

as dificuldades vividas, as emoções sentidas e a grande certeza que é mesmo com crianças e para as crianças que quero viver e dedicar a minha vida.

2. Limitações

Ao realizar o Relatório Profissional foi possível constatar várias limitações.

Na preparação do Relatório de Profissional e, em especial na recolha de informações através das pesquisas que realizei, foi possível perceber que nem sempre foi fácil consultar em fontes primárias pelo que por vezes tive que recorrer a fontes secundárias.

O tempo também se tornou um “inimigo” durante este processo pelo que foi necessário organizar-me entre as aulas teóricas do Mestrado e o estágio, o que nem sempre se revelou uma tarefa fácil, pois a nível do Mestrado tínhamos que preparar vários trabalhos e as avaliações das unidades curriculares tomaram-me sempre muito tempo de preparação e estudo.

O facto de não ter sido possível observar muitas das aulas em que as professoras cooperantes diversificavam o material (ex. materiais manipuláveis) fez com que, tardiamente, percebesse como é que estes materiais se manipulavam em atividades educativas e quais os mais indicados para cada matéria/conteúdo.

Por fim, a tese também trouxe algumas dificuldades, nomeadamente ao nível das variadíssimas normas a ter em atenção na elaboração do trabalho escrito e de muitos dos relatos diários serem idênticos, o que obrigou a que muitas das inferências/fundamentações teóricas fossem complicadas de efetuar.

3. Novas Pesquisas

Dentro de qualquer sala de aula existe a possibilidade de se ter de trabalhar com crianças que tenham necessidades especiais ao nível da aprendizagem, da compreensão, da fala, entre muitos outros problemas. Por tudo isto, torna-se essencial que, ao nível da educação, cada Educador/Professor possa estar preparado para compreender e saber agir se, diante de si, tiver uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEES) e na Linguagem Gestual. Por isso mesmo gostaria, mais tarde, provavelmente ingressar numa especialização nesta área.

Ao nível das tecnologias de informação e comunicação gostaria de manter atualizada e informada para poder ajudar os meus futuros alunos a utilizar a tecnologia de forma adequada, segura e correta. Em particular, gostaria também de poder aprender mais um pouco sobre o quadro interativo e as suas potencialidades uma vez que estagiei em salas de aula que tinham estes quadros, mas não consegui aproveitar

da melhor forma os mesmos. Estamos sempre em constante aprendizagem, assim, a possibilidade de adquirir novos conhecimentos nas mais variadas áreas está sempre aberta e tentarei fazê-lo sempre que sentir essa necessidade.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras, Lda.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. (coord.). (2009). *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.
- Aranão, I. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papyrus.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Azeredo, M. O., Pinto, M. I. F. M., Lopes, M. C. A. (2011). *Gramática prática de português*. Lisboa: Lisboa Editora.
- Azevedo, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever. Através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, M. (2002). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Barbeiro, L. F. (1999). *Jogos de escrita*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Horizonte.
- Botas, D., O., D. (2008). *A utilização dos materiais didácticos nas aulas de matemática – Um estudo no 1.º Ciclo*. Tese de Mestrado. Universidade Aberta. Departamento de Ciências da Educação.

- Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto.
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E. M., Freitas, M. J. & Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Brasil. (1999). *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF. Secretaria de Educação Fundamental.
- Brocardo, J. (2009). (ED.). *Desenvolvendo o sentido de número – perspectivas e exigências curriculares*. APM.
- Caldeira, M.F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior João de Deus.
- Campos, L. (1994). *O computador na escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H., Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, T. R. (2002). *Padrões de comunicação na sala de aula*. In Lemos, M. S. & Carvalho, T. R. (Org). *O aluno na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Condemarin, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas Sul LDA.
- Contente, M. (1998). *Do autodicionário ao dicionário de turma informatizado*. Porto: Porto Editora. Coleção Mundo de Saberes 18.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Correia, S., Andrade, M., Alves, E. (2001). *Tecnologias da informação e da comunicação na educação*. Coimbra: Instituto de Inovação Educacional.
- Costa, I. A., & Baganha, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professor fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*. (1.ª ed.). Cascais: Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.
- David, M. J. M. (2001). *A criança e o jogo*. Lisboa: MJMD.
- Deus, M.L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lisboa: Escola Superior João de Deus.

- Diekmeyer, U. (1999). *O desenvolvimento da criança*. Lisboa: Editorial Presença
- Dinis, M. L. C. (s.d.). *O papel do trabalho de grupo no desenvolvimento pessoal e social dos alunos*. Ori. Dra. Mariana Cortez. Projecto de fim de curso apresentado à Escola Superior de Educação João de Deus para obtenção do diploma de Estudos Superiores Especializados em Desenvolvimento Pessoal e Social [CESE].
- Duarte, J. A. (2009). *O jogo e a criança*. Relatório apresentado à Escola Superior de Educação João de Deus com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na especialidade de Supervisão Pedagógica.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na Educação – O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Figueiredo, M. A.R. (2004). *Projecto curricular no jardim de infância*. Cova da Piedade: Bola de Neve – Cadernos de informação pedagógica.
- Flores, M.A. & Simão, A.M.V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de Professores: Contextos e Perspectivas*. Colecção Educação e Formação. Mangualde: Edição Pedagogo, Lda.
- Faria, M.,N. (2001) *A música, factor importante na aprendizagem*. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS
- Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação, In T. Vasconcelos (Ed.), Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, M. S. & Santos, M. R. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores – Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora. Colecção Currículo, Políticas e Práticas.
- Freitas, L. V., Freitas, C. V. (2002). *Aprendizagem cooperativa*. Porto: Asa.
- Freire, I. & Nascimento, M. J. (2007). *Pensamento e práticas disciplinares de professores*. Lisboa: Educa.
- Gesell, A. (1998). *A criança dos 0 aos 5 anos*. (3ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote. Original em inglês publicado em 1974.
- Gatti, B.A. (2002). *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Editora Plano.

- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: Asa
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. P. (1992). *A criança em acção*. (3.ªed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2004). *Formação inicial de professores: concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Piaget.
- Jesus, S. N. (2002). *Perspectivas para o bem-estar docente: uma lição de síntese*. Porto: Asa.
- Jolibert, J. (1989). *Formar crianças leitoras*. Rio Tinto: Asa.
- Jonassen, D. H. (2007). *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- Lopes, J. A. (coord).(2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância*. Lisboa: Asa
- Lopes, J. A., Velásquez, M. G., Fernandes, P. P. & Bártolo, V. N. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldades da leitura*. (1.ª ed.) Coimbra: Quarteto.
- Loureiro, M.J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Martins, L., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., Pereira, S. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.
- Martins, L., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência - Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Marujo, H. A., Neto, L. M., Perloiro, M. (2002). *A família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marujo H. A. & Neto, L. M. (2004). *Optimismo e esperança na educação*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mata, L. (2006). *Literacia familiar – Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.
- Mesquita, E. (2011). *Competências do professor – Representações sobre a formação e a profissão*. Lisboa: Edições Sílabo.

Ministério da Educação (2002). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (2.ª ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas do ensino básico – 1.º ciclo* (4.ª ed.). Lisboa: Departamento de educação básica.

Ministério da Educação (2008). *Educação especial: Manual de apoio à prática*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2009). *Programa do português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Moreira, P. (2008). *Ser professor: competências básica 1*. Porto: Porto Editora.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2004). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.

Moyles, J. R. (2002). *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Tradução: Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed.

Nierenberg, G. I. (1997). *Não errar é humano: um guia sobre a forma de aprender com os seus próprios erros, enganos e confusões*. Lisboa: Livros do Brasil.

Pacheco, J. A. & Flores, M. A. (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.

Palhares, E. & Gomes, A. (coord.). (2006). *Mat1c desafios para um novo rumo*. Braga: Universidade do Minho.

Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico*. Guia prático para professores. Lisboa: Texto Editora.

Pereira, J.D.L & Lopes, M.S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Amarante, Portugal: Edição Intervenção – APPDC.

Perrenoud, F. (1995). *Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P., Paquay, L., Altet, M., Charlier, E. (2001). *Formando professores profissionais*. (2.ª ed.). Porto Alegre: Porto Editora.

Pérez, M.R. (s.d.). *Desenho Curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Comunicação apresentada no seminário internacional: Madrid.

- Peterson, R., Felton-Collins, V. (1986). *Manual de Piaget para professores e pais: crianças na idade na descoberta: a fase pré-escolar até ao 3.º Ano*. Lisboa: Piaget.
- Piaget, J. (1975). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pinto, J. & Santos, L. (2006). *Modelos de avaliação das aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pires, M. C. (1994). *A utilização de materiais na aprendizagem matemática*. Lisboa: APM.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1989). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Educación.
- Reis, C., Adragão, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. C. (1999). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Roldão, M. C. (1987). *Gostar de História – Um desafio pedagógico*. Lisboa: Texto Editora
- Roldão, M. C. (1995). *O estudo do meio no 1.º ciclo*. Lisboa: Texto editora.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de Ciências de la Education.
- Sanchis, S. (2007). *Actividades de expressão motora na pré-escola*. Lisboa: Papa-letras. (trabalho originarem francês publicado em 2003)
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Santos, B. (2007). *Comunidade escolar e inclusão. Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Serrazina, L. (1991). *Aprendizagem da matemática: a importância da utilização de materiais*. In: NOESIS nº 21. Lisboa.

Serrazina, L. & Matos, J. M. (1988). *O Geoplano na sala de aula*. Lisboa: APM.

Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Penafiel, Portugal: Editorial Novembro.

Silveira-Botelho, T. da. (2009). *As Tecnologias de Informação e Comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Educación.

Silva Santos, A. (2000). *Educação pela arte*. Lisboa: Horizonte.

Sim- Sim, I. (2006). *O ensino da leitura: A compreensão de textos*. Lisboa: DGIDC.

Sim-Sim, I., Silva, A. C., Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Simões, M. I. S. (2006). *Relação pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. Editorial A Casa Encantada.

Sousa, A.B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação – Música e artes plástica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtiva*. Porto alegre: Editora Artmed.

Tiba, I. (2005). *Disciplina, limite na medida certa*. Portugal: Editora Pergaminho.

Vale, I. (1999). *Materiais manipuláveis na sala de aula: que se diz, o que se faz*. In: actas profMat99. Lisboa: APM.

Viana, F. L., Teixeira, M.M. (2002). *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Asa.

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: Asa.

Vieira, F. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Zabalza, M.A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil*. (3ª ed.). Porto: Edições ASA

Zabalza, M. A. (2002). *Planificações e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Webgrafia:

Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F. & Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial de professores*. Recuperado em 2009, outubro 14, de <http://docs.google.com/gview?a=v&q=cache:2cBC6qubCmcJ:www.meioclique.com/CRUP/Documentos%2520PDF/praticapedagformainicialprofs.pdf+importancia+da+pratica+pedagogica&hl=pt-PT&gl=pt&sig=AFQjCNH3mjJT0ZFRJs-Dpl3WKdReDZ0uAg>

Alves, C. & Morais, C. M. (2005). *Recursos de apoio ao processo de ensino da matemática*. Recuperado em 2011, janeiro 26, de <http://www.spce.org.pt/sem/21ca.pdf>

Bardin. (1977). Consultado em: *Análise documental*. Recuperado em 2011, fevereiro 19, de: http://books.google.pt/books?id=ktpzj_GL-woC&pg=PA122&dq=Analise+documental&hl=pt-pt&ei=vsFfTjxlsXe4ga11pDYCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CC4Q6AEwAA#v=onepage&q&f=false

Brito, I. S., Bertoso, E. B. F. (2009). *Professor – aluno no processo de ensino aprendizagem*. Recuperado em 2011, janeiro 28, de <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1142>

Carvalho, R. (2011). *Calcular de cabeça ou com a cabeça?*. Recuperado em 2011, dezembro 21, de http://www.apm.pt/files/_Conf01_4e7132d6a08f8.pdf.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (2012). Recuperado em 2012, março 2, de <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=morfossintáctica>.

Galveias, M. F. C. (2008). *Prática pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2011, fevereiro 18, de: <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1%281%29.pdf>

Guimarães, C. M. & Lopes, C. C. G. P. (2007). As práticas educativas-formativas na formação inicial do profissional de educação infantil. Recuperado em 2011, junho 25, de <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-451-04.pdf>

Leitão, M. (2009). A importância do sono. Recuperado em 2011, fevereiro 21 de <http://www.lux.iol.pt/criancas/crianca-sono-mafalda-leitao-psicologia-infantil-perturbacao-do-sono-insonias/1087710-5009.html>

Maluf, A. C. M. (s.d.). Atividades lúdicas como estratégias de ensino aprendizagem. Recuperado em 2012, março 4, de <http://pt.scribd.com/doc/6834689/ATIVIDADES-LUDICAS-COMO-ESTRATEGIAS-DE-ENSINO-E-APRENDIZAGEM>.

Ministério da Educação. (2007). Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. *Gestão do currículo na educação pré-escolar*. Recuperado em 2011, junho 22, de http://www.min-edu.pt/data/alunos/circular17_DSDC_DEPEB_2007.pdf

Ministério da Educação. (2011). Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011. *Avaliação na educação pré-escolar*. Recuperado em 2011, junho 22, de <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/pescolar/Documents/CircularAvaliacaoEPEdocumentofinal.pdf>

Ministério da Educação. (2005). Despacho Normativo n.º1/2005. Recuperado em 2011, junho 25, de http://www.ige.min-edu.pt/upload/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Desp_Norm_1_05.pdf

Ministério da Educação. (2005). Despacho Normativo n.º50/2005. Recuperado em 2011, junho 25, de http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=despacho_normativo_50_2005.pdf

Ministério da Educação. (2005). Decreto-Lei n.º6/2001 de 18 de janeiro. Recuperado em 2011, junho 25, de http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decreto_lei_6_2001.pdf

Pérez, M. R.(2003). *Uma nova maneira de planeamento na sala de aula: Modelo T*. Recuperado em 2011, abril 27, de <http://www.martinianoroman.com>

Roncuni, V. B. (2011). O brincar no contexto escolar: o recreio, a Educação Física e a sala de aula. Recuperado em 2012, março 9 de <http://www.efdeportes.com/efd154/o-brincar-no-contexto-escolar.htm>

Ruivo, I. (2006). João de Deus: Método de leitura com sentido. Recuperado em 2012, fevereiro 20, de http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documento/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf.

Santos, M. I. L. F. (2006). *A escola virtual na aprendizagem e no ensino da matemática: um estudo de caso no 12.º ano*. Recuperado em 2012, março 9 de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7221/1/Tese.pdf>

Simões, A. (1996). *Planificações*. Recuperado em 2011, março 31, de <http://www.prof2000.pt/users/folha/cino/formar/outras/planifica.htr>

Site Júnior. Recuperado em 2011, junho 17, de <Http://www.junior.te.pt>

Anexos

Anexo A

Anexo B

1- Encontra a letra "t" em cada uma das palavras.



tambor



estrela



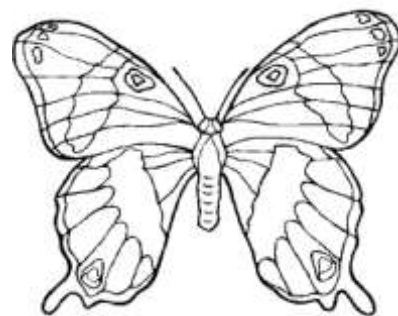
gato



telefone



ténis



borboleta

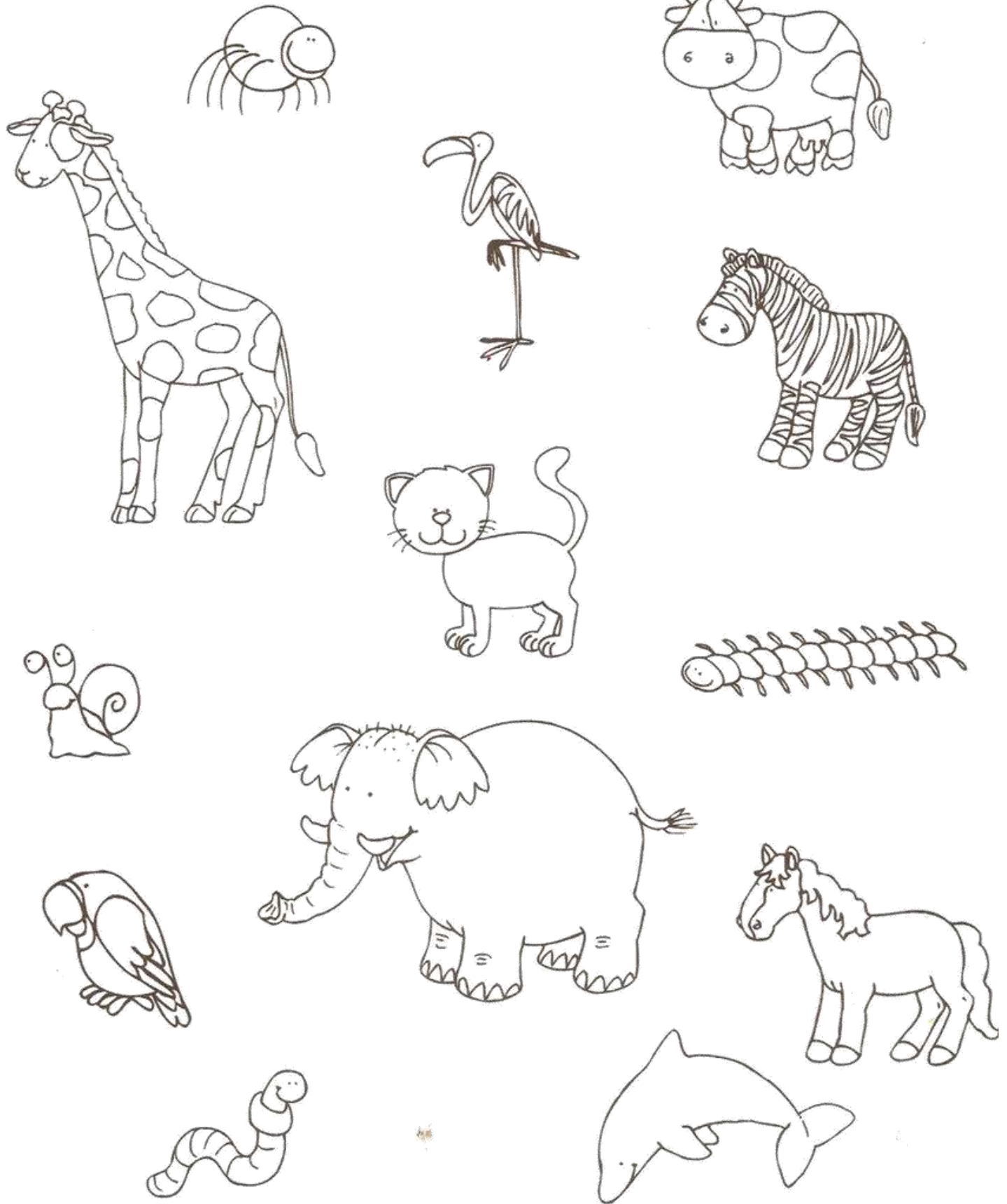
Nome: _____ Data: _____

Anexo C

Anexo D

Bibe Amarelo

1. Observa os animais relacionando-os com a classe a que pertencem.
2. Pinta os animais com quatro patas.



Nome: _____

Data: ___/___/2011

Objetivos: Realizar contagens. Desenvolver a compreensão das diferentes classes dos animais.

Anexo E

Nome: _____ Data: ___/___/___

1. Completa o seguinte poema.

Se...

Se eu tivesse dinheiro
iria conhecer o Mundo.

Se eu tivesse de viajar (gostar)
_____ de ir de avião.

Se eu viajasse com amigos (ter)
_____ companhia.

Se eu soubesse nadar (realizar)
_____ o sonho de
nadar naquelas magníficas águas.

Se eu tivesse poderes
estalava os dedos e (estar)
_____ em Cabo-Verde.



Autor desconhecido
(adaptado)

2. Cria uma frase em que apliques o presente do condicional.

Se _____

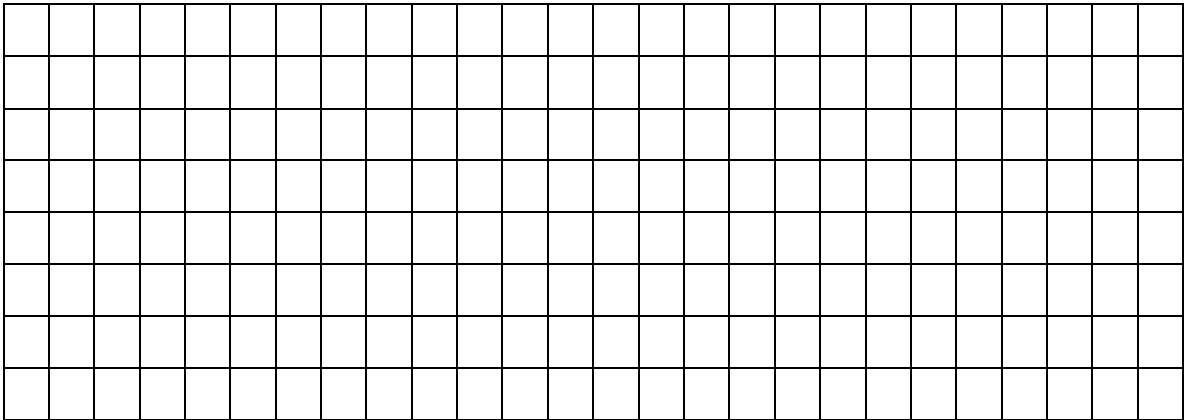


Anexo F

Nome: _____ Data: ___/___/___

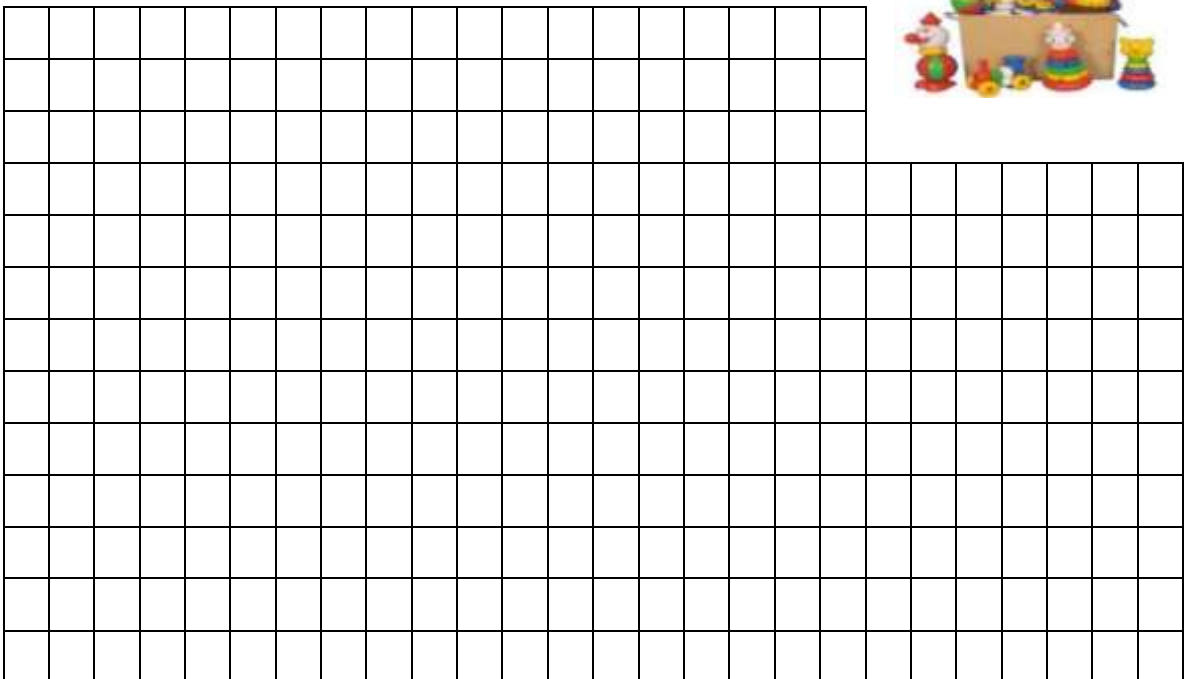
1. A D. Alice tem no seu quintal um tanque de forma cúbica, com 2m de aresta.

1.1. Qual o volume do tanque?



2. A Constança tem muitos brinquedos no seu quarto. Sabendo que para os arrumar tem uma caixa com 73cm de comprimento, 36cm de largura e 30cm de altura.

2.1. Calcula o espaço interior que tem a caixa da Constança.



Anexo G

Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

Estudo do Meio

Nome: _____ Data: _____

1. Faz a correspondência correta.



Farol

Torre com uma luz forte e móvel no seu cima, que avisa a proximidade da terra e de um porto.



Ronca

Objeto flutuante, colorido e luminoso, que marca os espaços marítimos até onde os barcos podem ir.



Bóia

Torre colocada num local à beira-mar, que produz sons fortes. Também se pode chamar sereia.

2. Responde às seguintes questões, assinalando com um X a resposta correta.

- Para que serve o Farol?
 - a) Para iluminar o céu.
 - b) Para orientar o caminho dos barcos no mar.
 - c) Para orientar as estradas.
 - d) Para iluminar as marés.

- Qual dos objetos abaixo indicados não serve para sinalizar a Costa?
 - a) Farol.
 - b) Lanterna.
 - c) Bóia.
 - d) Ronca.

• Qual a diferença entre o Farol e a Bóia de Sinalização?

- a) O aspeto físico e a localização.
- b) O aspeto físico.
- c) A localização.
- d) São iguais.

2. Conheces ou já subiste a um farol? Se sim, qual? Caso nunca tenhas tido essa oportunidade, indica um dos falados em aula.

